

RENASCER ^{DA} ESPERANÇA

Pelo Espírito
Lucius

Romance psicografado
por Sandra Carneiro



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

RENASCER DA
ESPERANÇA

Pelo Espírito lucius

Psicografia de Sandra Carneiro

vivaluz

Copyright 2004 by
VIVALUZ EDITORA ESPÍRITA LTDA
Av. Dona Gertrudes, 1076 - sala 02
Telefone: (Oxx11) 4402.2312
CEP: 12940-580 - Atibaia - SP.
vivaluz_editora@uol.com.br

Lucius (Espírito)
Renascer da Esperança / Lucius: psicografia de Sandra Carneiro.
Atibaia, SP: Vivaluz, 2004.

ISBN 85-89202-03-8

1. Espiritismo - Obras psicografadas. I. Carneiro Sandra
II Título

índices para catálogo sistemático:

1. Romance espírita: Espiritismo 133.9

4a. edição Junho 2006

8.000 exemplares

Revisão de texto: Maria Helena de Mola

Capa e projeto gráfico: SGuerra Design

Coordenação editorial: Alexandre Marques

Impressão: Lis Gráfica e Editora

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

É proibido a reprodução de parte ou totalidade dos textos sem autorização prévia do editor

Embora este romance utilize experiências verdadeiras vividas por diversas personagens, para aprendizado de todos nós, não se propõe narrar fatos históricos, não obstante revele casos que ocorreram nos primórdios do Espiritismo.

Lucius

PREFÁCIO

O encontro da alma humana com o Criador é a experiência mais profunda e uma das mais desejadas por todos nós, quer estejamos encarnados ou fora do corpo físico. Ao vasculharmos nossos mais íntimos anseios, percebemos essa necessidade, por vezes adormecida e até amortecida.

Quando a alma se abre para a luz divina, inicia a compreensão de si mesma e do Universo à sua volta. A existência ganha novo significado e pas

samos a melhor
entender nosso papel no mundo; e encontrando nosso lugar, começamos a fazer real diferença. Sentimos como se o mundo, antes acinzentado e sombrio, adquirisse brilho e cor. E o princípio da jornada de autoconhecimento e de descoberta das verdades espirituais.

O homem adia essa caminhada, iludindo-se e distraíndose com extrema facilidade; entretanto, a dor e o sofrimento o alcançam, levando-o a lutar para tirar de seu interior a angústia e o desespero. Muitos se entregam à revolta e ao desalento, desistindo da vida. Ainda assim, Deus continua esperando Sua criação acordar do torpor em que está submersa e enxergar a luz inextinguível que sempre a envolveu, sem que se desse conta. A

9

Providência se faz presente de mil modos diferentes, cuidando de nós e nos guiando.

A Doutrina Espírita, codificada e sintetizada pelo grande companheiro Allan Kardec, amplia nosso entendimento do Criador e de Suas leis, descobrindo as verdades do mundo invisível, ajudando-nos a compreender melhor nossa existência, nossa realidade interior e a realidade social a que estamos vinculados.

Em toda a história da Humanidade, Deus conduziu os acontecimentos e, amoroso e atuante, enviou socorro àqueles que se desviavam do caminho do bem e do amor, mas que a ele desejavam retomar.

Na infância do espírito humano, os ensinamentos religiosos educavam com rigor, sem admitir questionamentos, pois éramos ainda limitados para realizar raciocínios complexos. No tempo em que o homem já estava mais preparado, Deus enviou

Jesus, o espírito mais puro e perfeito que viveu sobre a Terra, para nos revelar as verdades espirituais e nos transmitir as lições morais de que tanto necessitávamos, e assim nos reaproximar do Pai. Todavia, o Mestre dos Mestres não podia desvendar mistérios que naquela etapa o homem seria incapaz de compreender.

Quando, mais amadurecida, a Humanidade viu a ciência florescer, trazendo o conhecimento de fatos antes encobertos pelo misticismo e pelas crenças da ignorância, Deus enviou a Doutrina Espírita, que, penetrando o invisível, harmoniza o homem com sua essência divina.

Através deste romance, desejamos convidar o leitor a testemunhar a experiência de homens e mulheres que enfrentaram seu destino e viram a esperança renascer em seus corações, vivendo o momento histórico em que novo alento chegava à Terra: a revelação espírita acontecia por todo o mundo.

Rogamos ao Pai que a mesma luz que um dia nos tocou, conscientizando-nos de Seu amor e Sua grandeza infinitos,

10

RENASCER. DA ESPERANÇA

possa alcançá-lo, amigo leitor, despertando-o para a magnitude da Vida da qual fazemos parte. Somos filhos de Deus e por isso imprescindíveis onde quer que estejamos.

Entreguemos o melhor que temos ao Criador, e seremos surpreendidos pela inesgotável fonte de bênçãos, sabedoria, luz e amor a que iremos nos conectar.

Lucius

Capítulo um

Era um dia frio. O vento gélido castigava o corpo cansado de Emilie, que caminhava titubeante pelas estreitas vielas de Bilbao, pequena província ao norte da Espanha.

Enxugando as lágrimas que não paravam de correr por seu rosto, ela procurava desviar os olhos da indiscrição dos viandantes. Experimentava naqueles olhares fria

curiosidade, pois sabia que ninguém se preocupava com ela. Não estavam interessados em sua dor, em seu sofrimento. Naquela hora extrema não havia sequer um braço

amigo para ampará-la. Estava cansada e absolutamente só. Enquanto andava, pensava que a vida era penosa demais para ela, oferecendo-lhe apenas amargura e desgosto

que não compreendia. Nada fazia sentido.

Seguindo com dificuldade, passou duas vezes em frente ao vendedor d

e frutas; sentiu o aroma suave das maçãs frescas e quase lhe roubou uma. Entretanto, o temor de ser descoberta era maior do que a tortura da fome. Emilie se conteve e continuou andando. Por diversas vezes parou e se virou, temendo que já estivessem atrás dela. Mas o que realmente desejava era que alguém a socorresse naquele instante.

Uma vez mais olhou para trás e se convenceu de que ninguém a perseguia. Voltou-se devagar e retomou a marcha, ator-

13

doada. Seus pensamentos eram confusos, descontrolados, e o coração lhe batia freneticamente no peito arfante. Emilie estava desesperada.

Continuou vagarosamente em direção aos limites da província. Ao se aproximar dos portões, as sentinelas a observaram de alto a baixo, mas nada fizeram, tomando-a

por mais uma mendiga. Estava maltrapilha, vestindo restos rotos das roupas que outrora usara; tinha os cabelos despenteados e embaraçados. Irreconhecível, era apenas uma sombra da jovem, bela e rica mulher que fora até poucos meses antes.

Sem maiores dificuldades, ela transpôs os limites da província. À medida que se afastava dos portões, olhava para trás com ansiedade. Embora desejasse voltar, avançava. Ainda que continuasse vacilante, a decisão estava tomada.

Já era noite quando se desviou da estrada, entrando na floresta em direção ao mar. Sempre sentira medo da floresta, especialmente à noite. Mas àquela altura

nada a deteria, estava determinada. Caminhou por entre as árvores, afastando os galhos e o mato, quase sem enxergar nada à sua frente. As lágrimas lhe caíam incessantemente

pela face. Tropeçou em um toco e foi ao chão. Permaneceu ali prostrada, chorando agoniada. Quase adormeceu entre as lágrimas, mas então, como que movida por uma

força desconhecida, lembrou-se dos acontecimentos que a haviam conduzido até ali. Levantou-se e prosseguiu. Sabia que, continuando naquela direção, chegaria ao mar.

Já era noite alta quando ouviu os primeiros sons das ondas agitadas ao pé do penhasco. Embora esgotada, não parou. Fazia dias que não comia, bebendo apenas

água. As árvores altas foram diminuindo, se espaçando, e ela pôde divisar o grande penhasco de onde se avistavam os navios que partiam para o alto-m

ar. Até onde

a vista alcançava, estendia-se o imponente penhasco; a praia se espalhava lá embaixo, aos seus pés. Emilie

14

RENASCER DA ESPERANÇA

se aproximou devagar. Seu coração batia ainda mais descompassado; a respiração era ofegante e seu corpo tremia inteiro. Exausta, faminta e sem esperança, mal conseguia caminhar. Cambaleante, foi chegando à borda do penhasco.

Observou a magnificência do lugar: o mar ao longe, a se perder no horizonte; as estrelas cintilantes acima de sua cabeça e o vento que bafejava o cheiro do mar em seu rosto. Ali já estivera diversas vezes e vivera momentos de enorme felicidade. Quantos sonhos, quantos momentos de alegria tivera naquele lugar! Quantas promessas, quantas juras de amor eterno... Emilie sentou-se e contemplou o cenário com ternura e saudade: era a última vez que o via. Queria afastar da mente todas as lembranças, esquecer o quanto havia sido feliz um dia. Agora tudo lhe fora tirado. Nada lhe restava além da dor, da revolta e do absoluto desalento.

Diante daquela imensidão, sentia-se entregue à própria sorte, sem forças para lutar. Havia tentado - refletia ela. Tentara de todas as formas lutar contra o cruel destino que a visitava. Havia buscado ajuda, pedido, implorado. Ninguém a amparara. Lutara contra a indiferença de amigos e parentes, pois todos lhe haviam virado as costas. Quer por medo ou por indiferença, não encontrara um ombro amigo, nenhum auxílio. Muito chorara pedindo socorro a Deus, mas sentia que até Ele a abandonara por completo. Melhor seria que lhe tivessem tirado a vida, logo de uma vez. Assim pensava Emilie, revoltada e desiludida, à beira do penhasco.

Agora, as estrelas desapareciam uma a uma, à medida que os primeiros raios de sol despontavam no horizonte. Logo o dia nasceria e Emilie não queria ver o alvorecer. Levantou-se devagar e caminhou para mais perto da borda. AH, recuou instintivamente. A altura sempre lhe causava vertigens. Respirou em vão, profundamente, como a buscar forças. Olhava para além

de seus pés e via o gigantesco paredão que terminava no mar. Aterrorizada, assistia ao espetáculo das ondas batendo nas rochas e pensava que lá estaria em alguns instantes: junto à espuma das águas do mar, esquecida para sempre. Sua dor teria fim; sua humilhação e sua vida, que nada mais valia, acabariam para sempre. Olhava para baixo hipnotizada, como se algo a chamasse para a queda. Avançou mais e mais, com lentidão, pé ante pé. A cada passo, despedia-se mentalmente dos que lhe eram mais queridos: primeiro do marido, depois dos pais, a quem não via há anos... Enquanto isso, mais seus pés se aproximavam da beira do penhasco. Em ilie não conseguia desgrudar os olhos das águas agitadas. Chegou enfim ao limite. Mais um passo, só um, e estaria tudo acabado. Seria, finalmente, a libertação. Respirou fundo de novo: precisava ter coragem. Olhou mais uma vez para o horizonte. O sol estava nascendo e o som das primeiras gaivotas espantava o silêncio da noite. Em ilie pensou na filha, e despediu-se dela. Era a última imagem que queria ter na mente, antes da queda: Cíntia, sua filha querida. com o pensamento nela, preparou-se para o passo fatal.

Capítulo dois

Quando Emilie ergueu o pé direito, pronta a dar o último passo, ouviu um grito abafado:

- Não, mamãe! Por favor, não faça isso!

Emilie desceu o pé e instantaneamente parou, assustada. Quase se desequilibrou, porém conseguiu se sentar. Olhou em volta procurando a filha. Onde estaria?

O que faria ali? Como teria chegado? Procurou, e não viu nada. Não havia ninguém, ela estava sozinha. "Deve ser coisa da minha cabeça - pensou -, estou amedrontada

e procuro uma forma de fugir ao que deve ser feito".

Levantou-se. Ia prosseguir, mas, antes de se pôr novamente à beira do penhasco, escutou a voz suave da filha:

- Por favor, mãezinha, não desista da vida.

Dessa vez Emilie se sentou, desatando dolorido pranto. Chorava sem entender o que se passava. Onde estava a filha querida, cuja voz doce ouvia tão nitidamente

como há pouco ouvira o som das gaiivotas?

O sol subia vagarosamente. Os tons do céu azul misturavam-se ao verde das árvores e ao esmeralda do mar. Os pássaros saudavam o amanhecer com vôos alegres.

O vento gelado

movimentava os cabelos de Emilie, como se beijasse sua face. E ela chorava e chorava.

"Será que não terei coragem, meu Deus? Preciso terminar com este sofrimento!" - angustiava-se. Continuou a chorar convulsivamente. Chorou por horas. Lembrando

a voz da filha a ressoar-lhe na mente, foi incapaz de se reerguer. com aquela voz a lhe pedir que desistisse, como continuar?

A alvorada chegou majestosa, invadindo tudo com a alegria matutina.

E Emilie, após horas de angústia e dor, exausta pela longa jornada empreendida até o

mar, abatida e faminta, adormeceu. Dormia profundamente quando alguém lhe tocou o rosto com delicadeza, afastando seus cabelos:

- Você está bem, minha jovem? Acorde, precisa de ajuda! Insistentemente a mão acariciava seu rosto e Emilie despertou devagar.

- Quem... O quê...

- O que aconteceu com você? Como está abatida, meu Deus!

- Deixe-me, quero ficar sozinha - Emilie respondeu, tentando afastar com violência a mão que afagava seu rosto.

- Não tenha medo, deixe que a ajude. Quem é você?

- Não interessa; afaste-se, por favor, quero morrer!

- Ah, então era isso que pretendia à beira do penhasco? Acabar com a vida?

- Não é da sua conta. Deixe-me, peço uma vez mais.

- De forma alguma, precisa de auxílio! Não posso abandoná-la; caso contrário, acabará por fazer o que pretendia. Não lhe darei essa alternativa. Já vi outros

que fizeram isso; ficam muito feios depois, pode acreditar. Por que vêm justo aqui, a este lugar lindo, para um ato tão triste? Vamos, levante-se. vou levar você

para minha casa. Lá poderá se alimentar e receber os cuidados de que necessita.

- Não, quero ficar aqui.

18 RENASCER. DA ESPERANÇA

- Ora, vamos, está quase morta!
- Então me deixe continuar aqui.
- Como se chama?
- Não interessa.
- Qual é seu nome?
- Como é insistente!
- Meu nome é Lucrecia. Qual é o seu?

Emilie, fraca e combalida, empenhava-se na tentativa de enxergar a mulher que a socorria. Olhou-a, finalmente. Grandes olhos pretos a observavam carinhosos

e meigos. Lucrecia era uma mulher de pele escura, quase negra. Esgotada, Emilie desfaleceu sem dizer mais nada.

Lucrecia sem demora tomou-a nos braços e, num esforço tremendo, desceu a estreita trilha que ligava o penhasco a uma pequena vila de pescadores próxima ao mar. O caminho, sinuoso e íngreme, exigia dela toda a energia. Quando chegou à praia, colocou Emilie cuidadosamente na areia, perscrutando mais uma vez seu rosto magro e sujo. Percebeu que sob aqueles traços marcados pela dor havia um semblante delicado e belo. Descansou um pouco junto de Emilie, que permanecia desacordada.

Depois, levantou-se resoluta e, carregando a moça nos braços, levou-a até sua casa e a acomodou numa cama improvisada. O marido, que à entrada limpava os peixes

que trouxera naquela madrugada, não perguntou nada. Ajudou a esposa e depois examinou a jovem que se debatia em pesadelos, falando coisas ininteligíveis. Lucrecia,

ao seu lado, procurava alimentá-la. Estava ardendo em febre.

- Pobre coitada. Quem será? Veja em que estado se encontra, Jairo!

-- É... Parece jovem. E está muito abatida...

- Abatida e desesperada, ia fazer a besteira. Graças a Deus eu apareci.

19 Lucius I SANDRA CARNEIRO

- Como assim?

- Queria se matar!

- Ela tentava se jogar?

- Não, mas ia tentar, eu sei; e depois ela mesma disse.

- Meu Deus, que tristeza pode carregar no peito a ponto de desejar tirar a própria vida? Como foi que a achou? O que deu em você para subir até o penhasco?

- Senti que precisava ir e obedeci.

Emilie continuava delirando. Pelo resto do dia e noite adentro, Lucrecia, toda bondade, permaneceu ao lado da cama, desdobrando-se em cuidados. Preparou

uma sopa forte e de quando em quando a alimentava. A noite foi longa. Emilie pedia socorro. Seus sonhos eram tormentosos, assustadores. Lucrecia pouco dormiu, buscando atender a pobre desconhecida.

Na manhã seguinte Emilie, ainda dormindo, parecia ligeiramente mais calma. Assim que o dia nasceu, Lucrecia se dedicou aos seus afazeres e vez por outra se aproximava da cama, atenciosa, preocupada com o estado da mulher que se ocorrera. Pelo meio da manhã notou que Emilie abria os olhos. Carinhosa e solícita, procurou

tranqüilizar a jovem:

- Aqui está segura, não se inquiete.
- Onde estou? Quem é...
- Fique calma; você precisa descansar, recuperar as forças. E trazendo o pão que acabara de fazer, ajudou a jovem a se sentar na cama, insistindo que comesse.

- Precisa se alimentar.
- Há muito que não como...
- Imaginei, pelo seu estado. Mas precisa se alimentar.
- Não tenho vontade... Quero morrer...
- Isso eu sei. Graças a Deus não conseguiu fazer o que pretendia. Quem é Cíntia?

Emilie arregalou os olhos, dizendo:

Como sabe de Cíntia? Quem é você? Foi enviada para me destruir, não é mesmo? Não lhe direi onde ela está. Isso jamais! Minha vida pouco vale,

pode tirá-la. Não direi onde ela está!

Calma, por favor, calma. Você repetiu esse nome diversas vezes durante o sono. Não sei quem é, mas deve ser querida, pois fala nela com preocupação e cuidado, como há pouco.

-- Falei dormindo?

.- Muito, nem imagina quanto.

- Fiz algo mais, além de falar?

Lucrécia olhou-a como se soubesse em que pensava e disse:

- Não teve forças para mais nada, ao menos por enquanto. Agora coma, precisa se alimentar.

Dessa vez Emilie ficou calada. Sentada na cama, comeu o pão embebido em leite que Lucrécia preparara. Nem sabia quando se alimentara pela última vez. Ao

terminar, Lucrécia lhe perguntou:

- Como se chama?

- Por que quer saber?

- Meu nome é Lucrécia, vivo aqui com meu marido, Jairo. Não temos filhos - ou melhor, eu tive, porém me foram tirados. Esta pequena casa é nosso refúgio.

Apesar de não termos muito, tudo o que temos dividiremos com você. Pode ficar aqui pelo tempo que precisar. É tudo muito simples, mas não há de faltar o alimento

e o teto, até que se sinta pronta para seguir com sua vida.

Lágrimas brotaram nos olhos cansados de Emilie. Sentiu-se quase entrecida pelo carinho, tão desejado, que agora só recebia de uma estranha. Enxugando as

lágrimas que lhe desciam pela face, murmurou quase sem voz:

-- Meu nome é Emilie.

- Emilie? Esse nome não me parece estranho... É da região ou de outra parte?

21

Lucius I SANDRA CARNEIRO

- Sou estrangeira neste país, mas vivo aqui há muito tempo.

- Este é um bom país, mas é preciso aprender a conviver com suas regras...

- Sim... Experimentei os seus preconceitos...

Emilie não pôde continuar. Começou a chorar convulsivamente, um pranto agoniado e dolorido.

Lucrécia abraçou-a com carinho, aconchegando-a ao peito; acariciou seus cabelos, qual terna mãe abraçando a filha. Não obstante o constrangimento de estar

nos braços de uma desconhecida, Emilie não pôde mover-se. Quando percebe

u que a jovem se acalmara, Lucrécia deitou-a, dizendo:

- Agora descanse que tenho muitos afazeres me aguardando. O trabalho não pode esperar e você deve descansar.

Emilie não respondeu. Apenas meneou a cabeça em sinal afirmativo. Lucrécia deixou o pequeno cômodo em que instalara a jovem e se dirigiu ao balcão onde trabalhava.

Ficava na área externa, em frente ao mar, e dali podia ouvir o barulho das ondas morrendo na praia.

Emilie se ajeitou na cama. Embora assustada e amargurada, a cama quente, a comida e especialmente o carinho desinteressado da desconhecida aqueciam sua alma, trazendo-lhe um bem-estar que há muito não experimentava. Adormeceu envoltiva por aquelas suaves sensações.

Mais tarde, Lucrécia acordou-a para o almoço, quando conversaram um pouco mais. Ao final, fez com que ela se deitasse novamente e repousasse. Sentia especial carinho por aquela jovem desconhecida. E algo de familiar nela a compelia a mais e mais se dedicar. Segredou ao marido, após assegurar-se de que a jovem dormia:

- É curioso, Jairo, sinto que conheço essa moça de algum lugar. Algo nela me parece extremamente familiar. Não sei o

22 RENASCER DA ESPERANÇA

que é: se o nome, Emilie, se o rosto, ou se as duas coisas, não sei... Mas ela me parece mesmo muito familiar...

- O nome dela é Emilie de quê?

- Não sei. Ela não contou e eu também não perguntei. Foi um custo faz

ê-la dizer o primeiro nome.

- E por quê? De que será que tem medo?

- Não sei... O que sei é que está assustada...

- Precisa descobrir um pouco mais, Lucrécia. Temos de saber quem amparamos em nossa casa. Você sabe bem que nos dias difíceis que vivemos, de desconfiança e perseguições, todo o cuidado é pouco.

- Sim, sem dúvida. Devemos manter total segredo sobre Emilie. Ninguém deve saber que está aqui, assim teremos tempo de averiguar melhor...

Quando Lucrecia levou o jantar para Emilie, deparou com a jovem sentada, tentando se levantar. Ao vê-la com o prato de comida, disse:

- Preciso ir embora.

- Para onde?

- Não sei. Para qualquer lugar.

- Está muito fraca, Emilie. Fique um pouco mais conosco.

- Não me sinto bem aqui parada, comendo e bebendo... Você nem sabe quem eu sou!

- Sei: você é uma jovem que precisa de ajuda... Que tem uma pessoa muito querida chamada Cíntia e que deseja muito voltar a vê-la. E sei que está fraca, tremendamente fraca. Precisa se alimentar e descansar para recuperar as forças. Coma e descanse esta noite. Amanhã, se estiver melhor, mais refeita e disposta, então concordo que parta.

Convencida, Emilie se sentou e jantou. A comida era saborosa e com eu como há muito tempo não fazia. Lucrecia teve o cuidado de preparar alimentação substancial e ao mesmo tempo leve, para readaptar o organismo debilitado da recém-chegada.

epois do jantar, Emilie procurou dormir. Demorou um pouco para se tranquilizar, mas finalmente, vencida pela exaustão que ainda a dominava, adormeceu. O sono da jovem foi por demais atormentado. Teve pesadelos que acordaram Jairo e Lucrecia.

Esta correu a acudir

a jovem, que gritava desesperada:

- Não! Por favor, não mate minha filha! Meu Deus! Cíntia!

- Calma, acorde, é só um sonho - acudia Lucrecia -, só um sonho. Acorde, vamos!

- Eles tiraram minha filha de mim!

- Calma, já passou!

- Por quê? Por que tanta maldade? Por que fizeram isso comigo?

- Calma, já passou, está tudo bem. Emilie continuava chorando:

- Quero minha filha! Quero minha vida!

- Emilie, tente se acalmar, tudo ficará bem!

- Eles tiraram minha filha, tiraram minha vida. Roubaram tudo o que eu tinha!

- Calma. Quer conversar sobre o assunto, contar o que houve?

- Dói demais...

- Então durma, descansa.

A muito custo, Lucrecia conseguiu fazê-la acalmar-se e voltar a dormir. Então, retomou para a cama pensativa: "O que terá acontecido a essa jovem? Quem será

ela?" Foi intrigada e penalizada que Lucrecia acabou por adormecer.

Enquanto dormia, seu corpo espiritual se despreendeu e caminhou até onde estava Emilie. Estacou na porta, horrorizada. Em torno da moça havia quatro entidades

espirituais em terrível estado, que sussurravam no seu ouvido. Ela tentava desvencilhar-se das criaturas, debatendo-se na cama. Eram dois homens

duas mulheres. Ao perceberem a aproximação de Lucrecia, afastaram-se ligeiramente e falaram em tom ameaçador:

- Não adianta tentar ajudá-la. Ela deve morrer. Ela tem de morrer. Merece sofrer.

Lucrecia olhou para aqueles espíritos em estado lamentável, sentindo profunda ternura por eles. Observou o rosto de cada um e depois, movida por intensa

compaixão, pediu, quase suplicante:

- Meus irmãos, quem são vocês? Por que perseguem essa moça? O que querem com ela?

-- Você não sabe o que está fazendo ao acolher uma assassina em sua casa. Ela tem de pagar. Tem de morrer!

- A justiça pertence a Deus. Se ela fez algo errado, não precisam se preocupar, irá colher as conseqüências. - E olhou para Emilie com carinho - Pelo estado

em que se encontra, acho que já está colhendo...

- Pode ter certeza de que ela vai pagar. E vai pagar caro por tudo o que nos fez sofrer. Ela nunca vai sair dessa situação, jamais! Tem de pagar! Tem de

morrer! E você está se metendo onde não deve. Está começando a atrapalhar. Nós quase conseguimos, quase!

Uma outra entidade, feminina, disse:

- Ela estava apenas a um passo, um passo do desastroso fracasso. Mas tiveram de ajudá-la!

A outra entidade feminina disse com desdém:

- Foi a filha.

- Não importa. Ela não há de escapar impune. Lucrecia insistia, generosa, buscando demover as criaturas da intenção de perturbar Emilie:

- Irmãos, de nada adianta ficarem assim, à volta dela, como moscas sobre o mel. Também precisam de ajuda. Olhem para vocês! Estão em farrapos!

Uma das mulheres afirmou:

- Não importa. Enquanto ela não se juntar a nós, não desistiremos.

Nem adianta você falar nada. Para o seu bem, é melhor que ponha essa mulher na rua. Caso contrário...

Lucrécia enfrentou com olhar firme a criatura que lhe ameaçava a tranquilidade do lar:

- Não adianta ameaçar, minha irmã. Nesta casa, acreditamos no amor e na justiça de Deus. Acreditamos em Jesus. Ele nos ensinou que devemos amar e fazer o

bem a todos, tratando-nos como verdadeiros irmãos. E assim agimos.

- Pior para você. Se insistir em ajudar essa mulher, sofrerá igualmente.

Lucrécia, sentindo-se estranhamente ligada àquelas criaturas infelizes e brutalizadas, ainda tentou conversar um pouco com elas; no entanto, intuindo que

o trabalho seria demorado e árduo, voltou para seu quarto. Colocou-se ao lado da cama, vislumbrando o corpo espiritual do esposo que, sentado, meditava. Juntou-se

a ele e permaneceram orando por longo tempo. Amanhecia quando retomaram ao corpo físico, para o novo dia que se anunciava.

Ao despertar, Lucrécia se lembrou vagamente do que vira, como se fosse apenas um sonho. Mesmo assim teve a certeza de que Emilie necessitava de socorro.

Seus problemas eram graves, muito mais graves do que ela própria conseguia perceber. Estava sendo perseguida por entidades espirituais que desejavam, ardentemente,

prejudicá-la. Levantou-se naquela manhã pedindo ajuda a Deus para que pudesse ser realmente útil.

Foi até o outro quarto, preocupada. A jovem ardia em febre. Lucrécia correu à cozinha e preparou água fria com algumas ervas, para fazer baixar a temperatura.

Colocou o emplastro na testa de Emilie e ali o deixou por algum tempo, sem obter

qualquer resultado. Quando Jairo entrou no pequeno cômodo, ela lhe pediu:

Precisa buscar um médico. Esta jovem está muito mal.

Mas não temos dinheiro, Lucrécia. Um médico vai cobrar caro!

Jairo, temos de fazer algo, ou ela vai morrer! A febre está muito alta.

- Então vou pedir ao Belisário que venha ajudar com suas orações.

- Não! Precisamos de um médico. O caso dela é grave! Vá buscar o médico e, quando chegar, eu me entendo com ele sobre o pagamento. Compro-me a fazer

uns pães, a trabalhar para ele, não sei. Traga-o. Daí veremos.

Jairo saiu sem dizer mais nada. Confiava na esposa e percebia a gravidade da situação. Decorrido algum tempo, voltava trazendo o doutor. Fora difícil encontrar

um que aceitasse ir até a pequena cabana que ficava um pouco distante da vila, numa região pobre, onde só viviam simples pescadores. Finalmente, falando em nome

de Miguel, um amigo que residia em Barcelona e tinha também negócios em Bilbao, Jairo alcançou seu intento. Por sorte, Miguel lhe falara desse conhecido médico de

Barcelona que ultimamente vinha passando temporadas na província.

Lucrécia, aflita, aguardava o marido:

- Que bom que chegaram. A febre não cede, ela está piorando.

- Este é o doutor Francisco. Minha esposa, Lucrécia, que encontrou a jovem no penhasco.

- Senhora...

- Ela está muito doente.

O médico se aproximou da cama, levando pequena maleta preta e o est

etoscópio. Sentou-se na beira da cama. Afastou os cabelos da jovem e ao ver seu rosto empalideceu, levantando-se assustado.

29 Lucius SANDRA CARNEIRO

- Não posso fazer nada.
- Como não, doutor? Ela está muito mal!
- Não posso. Não há nada que possa fazer para ajudá-la. Ele estava pálido e agia como se tivesse medo de alguma coisa.
- Mas, doutor, esta moça precisa de ajuda ou não vai resistir. O médico tentou sair do quarto, porém Lucrecia segurou-o pelo braço e lhe disse, sem pensar:
 - Não fuja do passado, enterrando o presente. Francisco olhou-a e respondeu, espantado:
 - Não sei do que está falando.
 - Nem eu tampouco, só sei que não quer dar ajuda a alguém que precisa muito. Por quê? O senhor é médico e seu trabalho é salvar vidas, não é? Se não socorrer esta moça, ela acabará morrendo! Precisa fazer algo.
- Surpreso e sem saber bem o que fazer, Francisco retomou à beira da cama. Sentou-se, tirou seus equipamentos da pequena mala e começou a examinar Emilie, sob a vigilância atenta de Lucrecia e Jairo. Por fim, fechou a maleta, dirigiu-se ao casal e entregou receita prescrevendo alguns medicamentos:
 - A senhora tem razão, é muito grave. Suspeito de pneumonia. Dêem a ela esses medicamentos. Deveria voltar amanhã para mais uma visita, mas não quero que ninguém saiba que estou ajudando.
- Jairo perguntou ao médico, hesitante:
 - Qual o problema, doutor?
 - Não sabem quem é essa jovem?
 - Não. Como disse meu marido, encontrei-a lá em cima, no penhasco. Acho que pretendia se matar no mar, & por algum motivo não conseguiu.

- Quando foi isso?
- Dois dias atrás.

30 RENASCER. DA ESPERANÇA

É... É o tempo que estão procurando por ela.

- Quem?

Familiares, médicos, policiais, entre outros.

- Por quê?

- Fugiu de uma clínica que trata de doentes mentais.

- Doentes mentais? Ela não me parece doente - disse Lucrecia, pensativa.

a.

- Não sabem mesmo quem é ela? - insistiu o médico.

- Não!

- É Emilie de Bourbon e Valença.

- Emilie de Bourbon e Valença... - Jairo procurava na memória onde ouvira aquele nome. De súbito, disse - Aquela que foi acusada de tentar matar o marido e a filha?

- Sim, isso mesmo. Tive a oportunidade de conhecê-la meses antes da tragédia.

- E é verdade tudo o que dizem sobre essa jovem?

- Conhecem a história?

Foi Lucrecia quem respondeu:

- Ouvimos alguns comentários a respeito. Entretanto, ela não nos pareceu doente mental.

- Temo que estejam acobertando uma assassina em sua casa. Precisam avisar a polícia.

Antes que ele terminasse, Lucrecia pediu energicamente:

- Não, por favor, não fale nada a ninguém. Essa moça precisa de ajuda, doutor Francisco. Ela não é criminosa, tenho certeza disso.

- Como pode estar tão certa se mal a conhece?

- Não sei, apenas sinto que ela é inocente.

Francisco hesitou e olhou para o casal, desconfiado. Todavia, intrigado, especialmente pela figura de Lucrecia, enfim respondeu:

- Por enquanto não direi nada. Se alguém me perguntar se

estive aqui, ou se sei de alguma coisa, negarei com veemência. A responsabilidade é toda de vocês. Pode ser perigoso ajudar essa moça. Ela incomodou pessoas influentes

e importantes da nossa sociedade. Lucrecia insistiu:

- Estou certa de que não fez nada.

- Como pode ter essa certeza?

- Apenas sei. O doutor poderá vir de novo amanhã, por favor?

- Só se for durante a madrugada, antes que o sol nasça. Assim será mais difícil que me vejam.

- Para nós está ótimo, aguardaremos pelo senhor ao amanhecer.

Jairo foi com o médico até a porta e perguntou:

- Quanto nos custarão essas visitas, doutor?

- Ainda não sei. Cuidarei da moça por algum tempo para ver se ela apresenta alguma melhora. No entanto, insisto que vocês a entreguem à polícia.

Ela representa
encrenca séria.

Capítulo Quatro

Lucrécia e Jairo, à porta da pequena casa, observaram o médico desaparecer trilha acima. Os dois se entreolharam sem coragem de falar, mergulhados em reflexões sobre o que deveriam fazer. Lucrécia, depois de prolongado silêncio, fitou o marido e disse:

- Nós temos de ajudá-la.

- Como poderemos?

- Ainda não sei. Apenas sinto que é o que devemos fazer. Não consigo explicar.

- Costumo confiar em suas intuições, Lucrécia, mas não acha que estamos nos arriscando demais? E se ela for mesmo doente? E se for perigosa e nos causar

algum dano? Não sei, estou preocupado.

- Confie em mim, Jairo. Não tenho dúvida de que devemos ajudá-la. Alguém me diz, aqui dentro do peito, que essa jovem precisa de nós. Do jeito que está, se

a desprezarmos agora, o que será dela?

-- O pior é que ela fugiu de um manicômio. Tem noção do que é isso? Pode ser louca! E se for? Se a polícia está à procura

dela, deve realmente ser perigosa. Como disse o médico, é uma fugitiva a quem estamos dando proteção. Seremos considerados cúmplices...

-Jairo, pense comigo: por que o médico, reconhecendo a jovem, decidiu deixá-la conosco? Não acha estranho? Se tivesse tanta certeza de sua culpa, por que concordaria em cuidar dela, mesmo em segredo?

- Não sei, pode ter ficado com pena de nós.

- Por quê? Quem somos nós, simples pescadores, para que ele nos dê qualquer tipo de importância? Não, Jairo, não creio que seja esse o motivo. Ele deve ter outra razão para ajudar Emilie. De alguma forma essa história soa esquisita, e precisamos ir com cautela. Você bem sabe que tudo o que nos acontece tem uma razão.

É preciso ler nas entrelinhas. Nunca vou ao penhasco. A bem da verdade, aquele lugar me causa calafrios. Sinto aflição assim que me aproximo. É como se ouvisse vozes, você sabe.

- E por que foi até lá naquela manhã?

- Não sei. Apesar da angústia que o lugar me causa, fui atraída para lá, sem razão aparente. E naquela manhã encontrei Emilie, desfalecida, quase morta de cansaço e fome. com certeza ela ia pular, Jairo, e algo a impediu. Depois eu cheguei. Para mim, diante de tudo o que temos aprendido, são sinais de que devemos ajudá-la.

- Muito bem, você me convenceu. Vamos ajudá-la, então, mas devemos ser muito cautelosos. Não sabemos nada sobre os fatos que envolvem a vi

da dela.

- Concordo plenamente. Sinto que se trata de uma situação complicada. Primeiro quero ganhar a confiança dela compreender bem o que se passa e depois, sim, pensamos no que fazer.

- E nenhuma palavra a ninguém sobre a presença dela aqui-

34 RENASCER. DA ESPERANÇA

-- Claro, vamos manter isso em segredo, ninguém na vila precisa saber.

-- Agora tenho de cuidar da vida, ou não teremos o que comer.

Jairo abraçou carinhosamente a esposa e a deixou com os afazeres domésticos.

Lucrécia se desdobrou o dia todo em atenções para com Emilie, que continuava delirando: dizia coisas sem sentido e por vezes Lucrécia estranhava o que ouvia.

Em seus delírios, pedia:

- Por favor, afastem-se de mim! Não se aproximem mais, por favor! Já me tiraram tudo! Não suporto mais. Vão embora, parem de me atormentar!

Lucrécia fitava Emilie, intrigada. Sabia que ela poderia estar falando com entidades espirituais, assunto que conhecia bem. Ela própria, por diversas vezes,

já fora vítima de espíritos infelizes. Somente o estudo constante e o esforço em compreender e aplicar as leis divinas a haviam levado a superar aquelas crises.

Agora tentava ajudar a jovem, que parecia ter problemas semelhantes. Cuidava carinhosamente de Emilie, falando-lhe ao ouvido palavras de incentivo:

- Eles não podem lhe fazer mal algum, Emilie. Confie em Deus, peça a ajuda a Ele!

A jovem, inconsciente, continuava atormentada, dando a impressão de nada registrar. Entretanto, Lucrecia não se poupava. Preparou diversos chás elaborados

com ervas medicinais que a fazia ingerir a todo momento. Continuava muito preocupada com seu estado de saúde, que parecia não melhorar.

No início da tarde, foi até o quarto e conferiu suas economias, para ver se poderia dispor de algo com que comprar medicamento que o médico prescrevera.

Procurou em vão: o que poupava era insignificante. Vasculhou os armários em busca de algo que pudesse vender, qualquer coisa. Ela sequer

35

Lucius I SANDRA CARNEIRO

sabia direito o que procurava, pois o casal não dispunha de objetos valiosos; viviam tão-somente do resultado da pesca,! que o marido arduamente conseguia, todos

os dias, nas águas do Atlântico. Mas Lucrecia não desistiu. Instintivamente, sem atentar para os próprios atos, revirava e remexia tudo, até que afinal encontrou,

esquecida no fundo de um baú que quase não abria, uma carta: a que recebera da mãe ao deixar sua terra natal, na esperança de uma nova vida. Lucrecia nascera em

Marrocos e deixara o país, com Jairo, fugindo de sua sorte. Na partida, a mãe colocara a carta em suas mãos, pedindo que lesse apenas quando estivesse longe. Junto

lhe entregara uma moeda antiga, que estivera na família por muitas gerações. A mãe queria que ela mantivesse o elo com suas raízes, mesmo vivendo distante. Lucrecia

não teve dúvidas. com a moeda nas mãos, fechou o baú e se levantou, decidida. "Por certo esta moeda deve ter algum valor! - pensou, entusiasmada - Se a vender bem,

conseguirei dinheiro para comprar os remédios".

Como não poderia sair enquanto o marido não chegasse, guardou a moeda no bolso do avental e prosseguiu nas tarefas,! ao mesmo tempo em que pensava: a quem

procurar para obter' um bom preço pela venda? Quando Jairo surgiu na ponta da praia arrastando a rede, Lucrecia correu até ele:

-Jairo, ela não melhora. Precisa do remédio que o doutor receitou.

- Mas se não temos dinheiro, como vamos pagar o remédio?
- Tenho isto! - mais que depressa ek tirou a moeda do bolso.
- O que é?
- Lembra-se daquela moeda que minha mãe me deu quando deixamos o Marrocos?
- Não, Lucrecia, isso não! É da sua família!
- Não temos escolha, Jairo! A moça está piorando! Precisamos fazer alguma coisa!

36 RENASCER DA ESPERANÇA

Jairo olhou-a resignado. Sabia que nada a demoveria da idéia. Continuando a caminhar, perguntou:

-- O que faço então? Quer que venda a moeda?

-- Não sei. Pensei muito, e não sei onde poderíamos obter melhor valor. Na vila, acho difícil encontrar alguém que pague. Não conheço ninguém que mexa com isso. Na província, não saberemos a quem recorrer. Se demorarmos

a obter os remédios talvez ela não sobreviva. Acho que deveria ir até o doutor e lhe pedir que fique com a moeda, em troca do remédio.

- Será que ele irá aceitar? Apesar de atender ao nosso pedido, ele me pareceu muito indiferente.

- Temos de tentar. Conte a ele sobre a origem da moeda. É um homem inteligente, da cidade grande, sabe das coisas. Acho que vai apreciar uma antigüidade.

Só precisa fazer com que se comprometa a comprar todos os remédios em troca da moeda. Sei que ele gosta dessas coisas, vai concordar.

- Como sabe que ele gosta de antigüidades? Você pouco conhece o doutor Francisco.

- Algo me diz para tentar. Afinal, que mais poderíamos fazer? Agora vá, Jairo. Largue tudo aí, as redes, os peixes, deixe tudo! Vá depressa ou a moça pode não resistir.

Sem dizer mais nada, Jairo entrou em casa e deu uma espiada em Emili e, que molhada de suor continuava delirando, febril; foi para o quarto, trocou as roupas e partiu, não sem antes prometer a Lucrécia que faria o melhor para trazer os remédios. Ele não conseguia dizer não à esposa, mesmo nas Muitas ocasiões em que não concordava com suas idéias. Na verdade, ele não podia reclamar, pois desde que a conhecera Ucrécia tinha premonições, intuições e pressentimentos. E os sonhos... O que ele mais temia eram os sonhos. Pelo menos agora, depois que eles haviam descoberto, através dos princípios espíritas, a relação entre o mundo material e o mundo

37

LUCIUS I SANDRA CARNEIRO

invisível, a mulher parecia ter mais controle e compreensão daqueles estranhos fenômenos.

Jairo foi até Bilbao procurar pelo médico. Assim que ele saiu, Emili e piorou. Debatia-se mais e mais, gritando desesperadamente:

- Não! Não façam isso! Por favor, me deixem! Lucrécia tentava acalmá-la:

- Sossegue, Emilie, tenha calma. Tudo vai dar certo. Subitamente, como que sonâmbula, Emilie abriu os olhos, fitou Lucrécia com olhar parado e disse:

- Não se meta com essa mulher! Afaste-se dela enquanto é tempo! Não o poderá ajudá-la. Ninguém pode!

Lucrécia se assustou. Até a voz parecia outra. Enchendo-se de coragem, disse:

-Jesus a protege! Fiquem longe dela!

Com voz estranhamente alterada, Emilie respondeu:

- Nunca! - e soltou uma gargalhada aterradora. Lucrécia baixou a cabeça e começou a orar. Pediu com fervor que Deus socorresse Emilie. Lágrimas desciam pela

sua face. Sem poder raciocinar, Lucrécia compreendia com o coração que a jovem estava profundamente perturbada, precisando de socorro. Sentia-se a té aliviada por entender o impulso que a movia. Estava, sem dúvida, no caminho certo. Se não recebesse ajuda, Emilie iria sucumbir.

Ao curto diálogo seguiu-se o silêncio. Enquanto orava, crescia em Lucrécia a vontade de ajudar. E mais veemente se tomava a prece. Por fim, Emilie se acalmou.

Lucrécia, então, viu pela pequena janela que estava anoitecendo. O tempo passara muito rápido. Ela se levantou e começou a preparar o jantar. Estava quase tudo pronto

quando, finalmente, Jairo chegou. A mulher olhou para ele ansiosa:

- E então? Conseguiu? Emilie está piorando.

38

RENASCER DA ESPERANÇA

-- O doutor vem aqui amanhã para vê-la.

-- Graças a Deus. É o remédio?

Jairo sorriu.

Você tinha razão. Ele gosta muito de antigüidades. Quando bateu os olhos na moeda, não conseguiu desgrudar dela. Não só saiu para comprar os remédios, como me deu comida também. Disse que ela precisa se alimentar bem, para

o tratamento dar certo. Prometeu que irá providenciar todo o remédio necessário. Acho que a moeda é mais valiosa do que pensávamos.

- Não importa, Jairo. O que interessa é que nos foi útil.

- A nós, não; a essa desconhecida.

- Vai salvar uma vida, Jairo! E nós estamos ajudando!

- Só mais uma coisa.

- O quê?

- O médico realmente não quer que ninguém saiba que está cuidando de

la.

- Conseguiu descobrir o porquê?

-- Ele afirmou que Emilie é mesmo louca e tentou matar o marido; que foi bem educada e é uma moça de boa família, mas enlouqueceu de uma hora para outra.

Ela tem uma filha chamada Cíntia, que está com a família do marido. Disse que formavam uma família feliz, antes que ela ficasse totalmente louca.

- Louca como, Jairo?
- Ele não explicou.
- Mais cedo ou mais tarde, nós iremos descobrir. Agora, o importante é que está com os remédios.

Tirando tudo da mão do marido, Lucrécia correu para o quarto e ministrou a dose inicial. A noite foi longa. De hora em hora, Lucrécia dava, alternadamente, os remédios que o médico indicara e os chás de ervas que preparava. Aos primeiros raios do alvorecer, Emilie estava um pouco mais tranqüila e a febre começava a ceder.

39

Lucius I SANDRA CARNEIRO

A partir daí, apesar de Emilie engolir os remédios com dificuldade, Lucrécia não desistia de dispensar-lhe cuidados cada vez mais atentos. Na pequena casa,

simples cabana de madeira, o vento penetrava pelas diminutas frestas e o fogão que servia para aquecê-los à noite nem sempre tinha fogo. Para protegê-la a jovem, Lucrécia

colocou algumas de suas poucas roupas de inverno sobre ela, pois sabia que o frio iria dificultar ainda mais sua recuperação.

O médico retomou na madrugada seguinte; depois de demorado exame, continuava cético em relação às possibilidades de melhora:

- O estado dela é muito grave, não creio que conseguirá resistir. Está muito fraca, o organismo não terá condição de combater a pneumonia, ainda mais nesta

época do ano. E vocês se cuidem, que essa doença é contagiosa.

- Não se preocupe, doutor, estamos tomando várias precauções.

- É bom mesmo que se cuidem - reiterou ele, sem demonstrar maior interesse pela saúde do casal.

Lucrécia conhecia muito sobre o poder curativo das ervas. Sua mãe lhe ensinara algumas receitas que ela aprimorava. Com elas vinha cuidando de si e do esposo,

pois já desconfiava que o problema da jovem fosse sério. Não esperou pela confirmação do médico. Antecipou-se, buscando na natureza toda a proteção que conhecia.

Doutor Francisco terminou seu exame, deu o remédio que trouxera consigo e disse, ao sair:

- Bom, é tudo que posso oferecer. Continuem tentando fazer a febre baixar.

- Vou cuidar dela, doutor, e estou certa de que irá melhorar.

O médico sorriu ironicamente, sem dizer nada, e partiu.

Lucrécia mostrou-se animada:

40

RENASCER. DA ESPERANÇA

-- Ela vai ficar boa, Jairo, sei que vai.

-- Você está obstinada com essa idéia, não está?

- É evidente que essa jovem precisa ser auxiliada. Não aprendemos que devemos ajudar aqueles que necessitam? Não estamos aprendendo que a caridade e a fraternidade

são práticas que temos de aplicar no nosso cotidiano? Então, homem! Você é o primeiro a defender isso em nossas reuniões. E na hora em que a oportunidade aparece,

fica em dúvida? Não podemos agir assim, Jairo. Se vemos alguém sofrendo, e está ao nosso alcance algo fazer em seu socorro, por que negar?

- Neste caso pode ser perigoso.

-Jairo, ser cristão é de certa forma viver em perigo; e ser espírita, então, nem se fale!

- Baixe a voz que o médico ainda pode estar por perto.

- Não, ele já está longe - disse Lucrécia, olhando pela porta. Jairo prosseguiu:

- Tenho conversado com algumas pessoas sobre o caso. Ela está muito encrascada.

Puxando uma cadeira para junto da cama de Emilie, a mulher indagou:

- É mesmo? E o que falam sobre ela?

- Foi pega tentando envenenar o marido e a filha, a única filha.

- Cíntia?

- Sim, parece que o nome é esse.

- Mas têm certeza de que ela estava tentando envenená-los?

- Ela havia colocado veneno no vinho e no prato que ia servir ao marido e também no refresco que daria à filha.

- E como descobriram?

- Um pouco antes de cearem, chegaram uns parentes, junto com um médico...

-- Com um médico?

41

Lucius I SANDRA CARNEIRO

- E.

- E como eles- sabiam?

- Não sei. Parece que estavam desconfiados e a pegaram em flagrante. Não havia como negar, eles tinham provas: como o marido não acreditou, levaram a bebida

a um laboratório e deram a um animal de pesquisas, que morreu horas depois de ingerir algumas doses. Continha veneno, efetivamente.

- Meu Deus, que coisa! E por que ela fazia isso?

- Parece que era uma pessoa estranha. Dizem que era adoentada, e que o melhor seria interná-la para tratamento.

- E ela, concordou?

- Não teve escolha. Coube ao marido decidir: ou a internação em clínica para doentes mentais ou a prisão comum.

- Pobre Emilie...

- Pobre do marido e da filha, Lucrécia. É o que estou tentando lhe dizer. Essa jovem está doente, mas doente da cabeça, e talvez o melhor fosse levá-la de

volta ao lugar de onde saiu.

Lucrécia meditou por instantes e então respondeu: -Jairo, esperemos que melhore. Quando recobrar a consciência, estudaremos atentamente o seu comportamento;

se acharmos alguma coisa inadequada, então concordo com você em levá-la de volta. Está bem assim? Não lhe parece justo darmos a ela uma chance?

Jairo fitou bem os brilhantes e negros olhos da esposa e perguntou:

- E se ela for realmente louca?

- Está muito fraca para fazer qualquer coisa que nos prejudique. Se agirmos com atenção e cautela, dado seu estado, nada de mal poderá fazer a nenhum de

nós. E não discutiremos mais esse assunto até ela melhorar. O que acha?

Sem poder discordar da esposa, Jairo consentiu, afinal.

A cada pequeno progresso, Lucrécia ficava satisfeita e en-

tusiasmada. Dedicava-se agora à jovem Emilie com tanto empenho como se fosse sua própria filha. E aos poucos, gradativamente, desfrutando seu desvelado carinho,

a jovem passou a apresentar indícios de melhora. Após dias de intensos cuidados, a febre diminuiu. Para Lucrécia aquilo era o maior sinal de que precisava. Já não tinha dúvida de que Emilie iria se recuperar.

Naquela manhã, em especial, ao verificar que a febre quase desaparecera, animou-se ainda mais. Os remédios estavam começando a fazer efeito.

Porém, acima

dos medicamentos estavam o amor e a dedicação de Lucrécia, bem como a oração e a leitura do Novo Testamento, que ela fazia três vezes ao dia, pedindo a proteção

de Deus para aquela vida. A fé e a determinação daquela mulher estavam sendo fundamentais na recuperação espiritual de Emilie.

Enquanto orava com carinho e desvelo, luzes suaves fluíam de seu coração, envolvendo a mente e o corpo de Emilie, que, enredado por densas e pesadas energias,

ia sendo beneficiado por aquelas emanções sutis. Embora ainda aflita e agitada, quando Lucrécia orava a jovem experimentava alívio momentâneo, o que a fortalecia mais e mais.

A muitos quilômetros dali, Cíntia custava a dormir, com imensa saudade da mãe. Não lhe haviam dito que Emilie fugira da clínica e, embora contasse apenas doze anos, estava atenta a tudo o que se passava. Mesmo sem saber da fuga, sentia-se estranhamente preocupada. Rolou na cama e antes de o sol nascer já estava de pé.

Foi com a tia que comentou, à mesa do café, a dificuldade de dormir. Filomena desconversou, autoritária:

- Cíntia, sua mãe não está bem, é natural que você se preocupe.
- Mas estou muito apreensiva. Gostaria de vê-la.
- Nem pensar. Sabe que não pode! Não admitem crianças naquele lugar!
- Não sou mais criança, tia. E estou com saudade dela!
- Sabe que seu pai não vai deixar. Sua mãe está doente, Cíntia. Quando ela melhorar, quem sabe?
- Minha mãe não está doente!
- É claro que está, ora essa! Quem é você, fedelha, mal saída das fraldas, para saber de alguma coisa? Seu pai jamais

concordaria com colocá-la no hospí... naquele lugar, se ela não precisasse de ajuda.

- Tenho certeza de que ela não está doente, tia Filomena. Vocês vão ver... - Cíntia afastou-se da mesa chorando e foi para o grande pátio que contornava a mansão.

Quando saía, Fernando entrou e sentou-se, interrogando Filomena:

- O que se passa?

- Deixe-a. Fiquemos de olho. Precisamos saber se a filha não puxou à mãe.

- Que idéia! Ela é uma menina saudável!

- Todos pensávamos que Emilie também fosse, não se lembra? E olhe agora. Que vergonha! Uma louca, uma bruxa em nossa família! Precisamos manter Cíntia longe

dela. Foi o que o bispo nos pediu. Mais que isso: disse que é fundamental para toda a família. Não devemos sequer visitá-la. Ele foi muito claro. Se deixarmos que

Cíntia a veja, sofreremos as conseqüências. Talvez tenhamos de internar as duas!

Fernando aceitou o chá que a prima lhe oferecia e a repreendeu:

- Parece esquecer que Ricardo é seu irmão e está sofrendo.

- E daí? Ele vai encontrar outra mulher. E espero que dessa vez escolha a pessoa certa, e não uma juvenzinha francesa com idéias extravagantes. Uma moça

daqui mesmo de Barcelona, de família tradicional e com profundas convicções católicas, será muito mais adequada para Ricardo. E melhor que tudo tenha acontecido

agora do que mais tarde; assim ele tem tempo para reconstruir a própria vida. E foi providencial que tivessem uma única filha. Quando se casar outra vez, meu irmão

poderá encher a casa dos filhos desse novo casamento e pronto! Não se lembrará mais de Emilie, nem quando olhar a primeira filha - que, aliás, a cada dia se parece mais com a mãe!

-- Não acho as coisas tão simples. Ele tenta disfarçar, especialmente e na presença da filha, mas está cada vez mais calado e amargurado.

-- Melhor assim. Ricardo tem mesmo de refletir para dar mo mais acertado à vida. Deus nos livre, Fernando, de ele criar mais problemas para nossa família!

Meus pais morreriam de desgosto.

Fernando sorveu já em pé o último gole de seu chá e despediu-se, apressado:

Preciso ir, tenho muito que fazer. Volto mais tarde para conversarmos com calma.

Beijou Filomena na testa e, sem esperar por qualquer comentário, saiu depressa.

Após longa caminhada, Cíntia se sentou sob frondoso arvoredor. Eram oliveiras antigas que se amontoavam nos limites do jardim da mansão. Os dias ainda estavam

menos claros naquele final de inverno e, por causa dos rigores da estação, Cíntia não podia se refazer ao sol como lhe dava tanto prazer. Aquela seria a primeira

primavera sem a presença da mãe. A esse pensamento, a menina baixou a cabeça e chorou dolorosamente.

Na mansão luxuosa e confortável, a agitação prosseguia. Filomena começava a preparar a festa tradicional que a família promovia há muito tempo. Nela se congregavam e confraternizavam a poderosa família de dom Felipe e dona Isabel de Valença e os mais ilustres e influentes membros e autoridades da Igreja Católica que vinham

de toda a Espanha. Os fortes elos que uniam aquela família e a Igreja se fortaleciam através de várias gerações e o encontro entre elas era sempre motivo de orgulho

e celebração. Mesmo parentes que haviam fixado residência em países distantes faziam questão absoluta de comparecer à festa, que se realizava anualmente. Aquela era uma

oportunidade em que a força política dos Valença se legitimava. Pessoas de prestígio na sociedade eram convidadas, e a Igreja aproveitava o momento para distribuir bênçãos e angariar a colaboração de todos.

Com força política e o apoio da Igreja, a família se mantinha poderosa. Fernando, primo de Filomena e de Ricardo havia ingressado no ministério clerical e vinha rapidamente se destacando. O tio depositava nele grande expectativa.

Dom Felipe desejava muito que alguém da própria família se tomasse um servidor da Igreja. Ricardo era afeito às questões religiosas, gostava demais das missas, às quais comparecia invariavelmente. Fora uma surpresa quando ele apresentara! Emilie à família, e uma profunda decepção. Ninguém esperava! que se envolvesse com uma jovem tão diferente deles.

Filomena ainda se lembrava do desconforto de todos! quando Ricardo a parecera com Emilie, por ocasião da festa anual. E para agravar ela era francesa: na família era consenso! que as moças francesas eram muito progressistas. E isso não agradava de forma alguma aos pais de Ricardo, orgulhosos de sua estirpe aristocrática e conservadora.

Quando Ricardo anunciara o casamento, estavam quase acostumados com a idéia de que ele realmente não se tomaria padre. Apesar disso, a escolha daquela moça continuava sendo motivo de viva contrariedade. Apesar de Emilie ter boa educação e se esforçar por ser amável com todos, não confiavam nela.

Tudo acontecera muito depressa e não houvera meio de impedir o casamento. No entanto, todos observavam avidamente as atitudes da moça, sua conduta, à procura de uma palavra, um gesto, uma frase que pudesse comprometê-la perante os rigorosos padrões da família do marido. Aparentavam tolerância, mas tanto Filomena como Isabel, ao menor deslize, prodigalizavam-lhe reprimendas e censuras.

Filomena lembrava as inúmeras vezes em que ela e a mãe haviam conversado sobre a cunhada, quando Isabel, descendo as escadas, a encontrou imersa em pensamentos:

- Bom dia, Filomena. Ermelinda, pode servir-me o desjejum!

- Mamãe, até que enfim se levantou! Estava à sua espera. Temos muito que decidir para a festa.

- Conversava exatamente sobre isso com seu pai. Deveremos tomar alguns cuidados em especial, com referência à situação daquela... você sabe.

- Nem precisa dizer. Algum sinal dela?

- Ainda não. E Cíntia, onde está?

- Caminhando lá fora.

- Nesse tempo?

- Sabe como é essa menina, mamãe.

- Temos de ficar atentas, Filomena. Ela me parece esquisita, como a mãe.

- É uma menina...

- Mas é filha dela e pode ter algum traço, alguma semelhança. Filomena fez o sinal da cruz e afirmou, dissimulando o relativo prazer que sentia ao ouvir

os receios da mãe:

- Deus me livre, mãe. Ricardo não poderia aceitar isso. Você sabe que ele adora a filha.

- Ele sabe que está sendo punido por Deus. Jamais deveria ter desistido de ser padre. Agora, minha filha, está sofrendo o castigo do Altíssimo, porque se afastou do caminho.

- Nossa! Também não é assim. Ricardo é um homem de bem. Talvez não tivesse mesmo vocação, quem sabe...

- Quem sabe? Justamente. Nunca saberemos. Sem pensar duas vezes, ele escolheu outro caminho. Agora agüente. Mas vamos esquecer um pouco os pequenos dissabores.

Quanto ao caso dessa moça, eu já sei que medidas tomar.

- De toda forma, acho que seria bom intensificar a busca.

- Sem dúvida. Já pedi a seu pai que ponha os empregados em alerta. Ela pode aparecer em qualquer lugar, a qualquer momento.

- Cíntia falou novamente nela esta manhã.

- Não se preocupe, Filomena. Se a menina nos der trabalho, vou convencer Ricardo a enviá-la para um internato. Há ótimas opções em Madri. Vai para lá e só retoma quando moça ou... melhor ainda...nem retoma. Quem sabe se tomaria uma boa freira... Não seria interessante? Ricardo se redime entregando a filha para o serviço à Igreja, o que acha?

- É uma ótima idéia, mãe. Acho que Cíntia se adaptaria bem. É uma menina sensível.

- Sensível demais, talvez. Bem, isso não importa. Se convencer Ricardo, ela não terá alternativa. Quem manda, afinal?

Filomena sorriu contrafeita. Ainda bem que a mãe não a obrigara ao serviço religioso. Embora gostasse de ir à igreja e apreciasse a religião em que nasceu, jamais desejara ser freira. Sempre pensara em se casar, ter a própria família. Como a mãe era autoritária e temida, Filomena nunca se opunha a ela; ao contrário, buscava de todas as formas corresponder-lhe aos menores desejos. Conhecendo bem suas reações quando contrariada, não queria de maneira alguma de safiá-la.

Isabel se levantou, determinada.

- Vou falar com Felipe hoje mesmo sobre esse assunto. Parece-me um excelente modo de proteger a menina de sua possível herança. E vou encontrar um meio de convencer Ricardo.

- E se ele não quiser ficar longe da filha?

- Acharemos um jeito de dobrá-lo, não é mesmo, Filomena? Nós vamos convencê-lo, como já o fizemos antes.

- Sem dúvida...

Isabel saiu da sala pouco antes de Cíntia voltar do jardim.

50

RENASCER DA ESPERANÇA

--- Está frio lá fora, Cíntia?

--- Está, tia Filomena.

- E em que pensava?

- Em minha mãe.

- Ela está num bom lugar, Cíntia. Vai ser tratada e quando melhorar retomará ao nosso convívio. Já disse isso muitas vezes.

- É que eu queria tanto vê-la... Papai não permite... Ninguém me deixa ver minha mãe...

- Cíntia, você sabe que deve obedecer, não sabe? A menina balançou a cabeça afirmativamente.

- Sua mãe vai ficar bem. Agora esqueça um pouco dela e pense em seu pai, que também precisa de você!

- Tem razão, tia. Onde ele está?

- Não chegou ainda, mas por certo vai ficar triste ao vê-la assim, chorosa. Vamos mudar essa cara! Vá se lavar e pare de chorar. Logo ele estará aqui.

Um pouco mais animada, a menina subiu as escadas para seu quarto, obedecendo à tia. Filomena, observando-a, suspirou fundo e disse:

- Pobrezinha...

Ricardo finalmente chegou, trazendo correspondências e carregado de pacotes.

- Já há cartas de confirmação, você acredita?

- Que ótimo, Ricardo. Contudo, ainda vejo uma tristeza em seu olhar...

- O que você queria? Que estivesse feliz?

•- Ao menos conformado. Melhor que seja assim...

- Alguma notícia de Em...

Filomena antecipou-se à menção do nome da cunhada:

- Nenhuma. Continuam procurando, mas até agora nada, ao menos de que tenhamos notícia.

Ricardo suspirou tentando dissimular a aflição.

51

LUCIUS I SANDRA CARNEIRO

- Ora, Ricardo, pense em sua filha. Ela precisa de você.

- Eu sei. Como ela está?

- Abatida também. Vejo em você o mesmo olhar magoado da menina. Acho que essa mulher enfeitiçou vocês...

- Ora, Filomena, cale-se! Não sabe o que está dizendo. Emilie está.. doente! Por causa disso Cíntia e eu fomos privados de sua companhia. Nossa família

está desfeita e você ainda não compreende minha tristeza?

- Mas você concordou que era melhor para ela.

- E concordo. Quem está doente precisa se tratar. E ela está gravemente doente. Jamais faria o que fez, se não estivesse. Não creio que tentasse aqui em

suã consciência.

- Será que você a conhecia direito? Talvez tenha sido sempre assim.

- Não acredito. Vivemos por um bom tempo com alegria e felicidade.

Como poderia ser doente sem que eu percebesse algum sinal?

- Vai ver então que é mesmo de família, Ricardo. Aquela avó materna.. você a conheceu?

- Não.

- Vai ver o problema aparece com o tempo. Ricardo puxou pesada cadeira, forrada de seda fina e elegante, e se sentou desolado.

- Jamais imaginaria que ela pudesse fazer aquilo... Se vocês não me socorressem, teria morrido. Como poderia supor que ela fosse capaz de colocar veneno

em minha comida e na bebida de Cíntia? Jamais! Mesmo quando vocês pediram que não comesse, gritando comigo, não pude acreditar. Só depois que o médico constatou

a presença do veneno foi que admiti o que ela fez. E a reação que ela teve, e sbravejando e berrando como louca... Estava doente... ficou doente... sei lá.

..
Filomena se levantou e abraçou o irmão.

-- Vamos, Ricardo, anime-se! Ainda bem que você e Cíntia estão vivos. E se não conseguíssemos chegar a tempo? Vocês poderiam estar mortos. Felizmente tudo acabou bem!

Nem tudo, Filomena, nem tudo. Perdi minha esposa.

- Antes ela do que a vida. Mulher você arranja outra; há muitas moças que o apreciam e adorariam tê-lo como esposo. Já a vida...

- Ainda estou muito machucado. Não consigo pensar em ninguém.

- Isso vai passar, Ricardo, não se preocupe. O importante é que ambos queiram esquecer o passado, aceitando o que aconteceu. Melhor que ela fique internada, sendo tratada.

- Como, se fugiu?

- Eles a encontrarão, não tenha dúvida. Sempre os encontram. Todos os loucos teimam em negar a loucura e gostam de fugir de sanatórios e casas de recuperação.

Mas eles já estão acostumados e os encontram onde quer que se escondam...

As fotografias dela estão espalhadas por toda parte. Não conseguirá ir muito longe.

Ricardo suspirou, pensativo. Teve a atenção atraída pela filha, que a sorrir descia a escada correndo, alegre por vê-lo:

- Papito! Que bom que chegou! Estava com saudade.
- Eu também, minha menina! Vim o mais depressa que pude!
- Não gosto de ficar longe de você, pai!
- Nem eu, minha filha, mas tinha assuntos urgentes para resolver.
- E tinha de ser você? O vovô não podia ter ido?
- Ele tinha outras coisas a fazer. Mas agora não importa! Estou aqui, não estou?

Cíntia se agarrou ao pescoço do pai, que a ergueu e girou no ar. Filomena contemplava a cena, calada, enciumada do profundo amor que os unia.

53 Lucius I SANDRA CARNEIRO

Capítulo Seis

Filomena se encontrava na biblioteca, distraída com o planejamento da festa, quando Fernando entrou pisando firme. Fechou a porta com força atrás de si:

- Por que não fui informado da fuga daquela doida?
- Calma, Fernando, está tudo certo.
- Como, Filomena? Como tudo certo? Se essa mulher encontra alguém que acredite nela, nosso plano pode ficar comprometido!
- Acalme-se, vamos. Sente-se. Quer beber algo? Fernando sentou-se,

arrumando cuidadosamente a batina, para não amassar.

Filomena finalizou o que preparava, fechou o caderno onde anotava as providências que faltavam e calmamente dirigiu-se até o primo, servindo-lhe uma xícara de chá.

- Tome, relaxe.

- Vocês deveriam ter me avisado antes. Eu saberia lidar com a questão.

- Não se preocupe, Fernando; papai já adotou todas as medidas cabíveis. Temos toda a polícia atrás dela. Vamos achá-la, não se preocupe.

55

- Mas já faz dias que ela fugiu e até agora nada! Precisamos localizá-la sem demora. Estou preocupado, sim, Filomena.

- Já disse que não há motivo para isso.

- Ela deve estar escondida em algum lugar. Deveríamos ser mais rápidos. Solta ela representa perigo...

- Olhe, Fernando, já pusemos a polícia atrás dela. Todos os padres, e todos os cantos deste país, sabem a respeito da fuga, tratamos de comunicar a todas as dioceses. Todos estão informados.

- Entretanto, nem todos conhecem os detalhes...

- Não importa, sabem que devem obedecer à Santa Mãe Igreja. Se a moça aparecer em qualquer lugar, seremos notificados. Além disso, Fernando, ninguém

lhe dará crédito. Ela não deve estar em situação de ter alguma atenção. Afinal, conseguimos dar um destaque abrangente ao ocorrido. Todos sabem. Todos os jornais

noticiaram, inclusive fora do país. Em Paris, por exemplo, sei que o caso foi amplamente divulgado. Quem seria tolo o suficiente para acobertar uma as

sassina desequilibrada,
uma bruxa? Diga-me! Por aqui, todos ainda falam do caso. Ela não terá chance, pode sossegar. Quanto a isso, estou totalmente tranqüila. Agora, vamos a assuntos mais

produtivos. Como estão os comentários sobre a festa deste ano?

- Filomena, você não tem jeito. Só pensa nessa festa!

- E há algo melhor para pensar? É o acontecimento do ano. Todos estão aqui. Além do mais, papai fica satisfeito comigo por organizar a festa com perfeição

em todos os detalhes. É bom para que ele perceba o quanto sou importante e necessária.

- Você e esse ciúme do seu irmão...

- Não é ciúme, não, Fernando, é apenas um desejo incontrolável de...

-- De...

-- De ser mais útil - completou ela, retomando ao caderno.

-- Estão animados para o evento.

-- E pensa que todos virão?

-- Não sei, estou fazendo o que sempre faço: convidando com muita antecedência e insistindo para que compareçam. Mas não sei se todos virão.

Possivelmente

este ano muitos faltem.

Filomena interrompeu suas anotações e fitou o primo:

-- Por quê? Todos saem daqui tão satisfeitos!

- Muitos estão preocupados com esse movimento que parece alastrar-se como uma praga.

- Ora, não estão sendo tomadas medidas enérgicas? Não está sendo feito tudo para impedir que essa aberração ganhe mais adeptos?

- E apesar disso, parece uma verdadeira praga: continua se espalhando e conquistando novos adeptos. Especialmente as pessoas cultas estão começando a defender

essas idéias absurdas.

- E acha que por causa disso alguns não virão? Ainda falta tanto tempo.

..
- Alguns bispos estão extremamente apreensivos com a propagação das novas idéias, você os conhece bem. Não vão admitir que aumente o número de adeptos aqui na Espanha.

- E na França, como anda esse movimento?

- Crescendo, também.

- E as autoridades da Igreja francesa, não fazem nada? -- Lá, como aqui, a Igreja vem se dedicando a conter as idéias espíritas; contudo, parece que lá as

novidades ganham força mais depressa.

- Do mesmo modo que crescem haverão de desaparecer, por certo. São idéias absurdas que não resistirão por muito tempo!

- Não sei, Filomena. Esse movimento cresce muito rápido. Preocupo-me com nosso povo, que é crente, porém aprecia o sobrenatural, o fantástico.

..
- Provaremos que são todos do diabo, como diz Sua Eminência o bispo dom Antônio. Vamos ajudar a Igreja a desmoralizar essa gente que gosta de mentiras, de fanatismos... Faremos isso por bem... ou por mal!

Fernando ficou quieto por alguns instantes, perdido em seus pensamentos. Filomena aproximou-se e, colocando as mãos sobre seus ombros, bateu neles com gentileza:

- Vamos, Fernando, não se atormente tanto. Afinal, a Igreja é sólida e há de vencer essas aberrações sem fundamento...

Fernando ergueu a cabeça e fitou a prima. Seus olhos tinham um estranho brilho quando disse:

- Uma forma de ajudar a Igreja é achar aquela maluca. Já disse e repito: temos de fazer isso!

Filomena afastou-se, parecendo entediada com a insistência do rapaz:

- Está bem, Fernando. vou pensar se há algo mais que possa ser feito. Papai está cuidando de todas as providências. Falou com todos que conhece para que tragam notícias dela. Não vejo por que nos inquietarmos mais com esse caso; ainda assim, se lhe agrada, vou pensar em alguma outra coisa que nos ajude a localizá-la.

Filomena encarou o primo, que continuava pensativo como a buscar alternativas, levantou-se de um salto e disse entusiasmada, abraçando-se ao pescoço dele e beijando-lhe a face:

- Pronto! Já tenho uma idéia brilhante, Fernando!

Ele afastou-a, segurando-lhe os ombros com as duas mãos e pediu:

- Conte logo o que pensou. Sua última idéia foi bastante audaciosa!

- Não foi só minha; foi principalmente de minha mãe. É ela que tem idéias espetaculares. Mas acho que esta poderá ajudar.

- Então fale logo.

Filomena soltou-se e andou vagorosamente em volta do primo, depois disse:

- E o que ganho se contribuir ainda mais? Fernando olhou-a fixamente ao afirmar:

- A Igreja lhe ficará ainda mais agradecida.

- Somente a Igreja?

Fernando segurou delicadamente as mãos da prima. Levou uma delas à boca, beijando-a com suavidade, enquanto seus olhos faiscavam no anseio

de abraçá-la e

beijá-la. Porém, ele apenas a fitou e respondeu:

- Uma vez mais lhe serei profundamente agradecido. Comunicarei seus esforços a titio e a dom Antônio.

Filomena puxou a mão com rispidez e perguntou, irritada:

- Só isso?

- As coisas vão se somando, minha prima, vão se somando... Mas não disse qual é sua idéia. Quero ouvi-la antes que tome qualquer atitude.

- Vou sugerir a papai que dê uma recompensa por informações sobre o paradeiro de Emilie. Quanto mais exata a informação, maior o valor da recompensa. Assim,

creio que muito em breve a levaremos de volta ao hospício.

- Brilhante, priminha. Brilhante! A idéia é fantástica. Crê que tio Felipe verá algum problema?

- Não, absolutamente. Pode ser até que já tenha ele próprio tido essa idéia. Como disse, está empenhado em localizá-la. Caso atoda não tenha pensado nisso,

acho que gostará da sugestão.

Fernando aproximou-se da prima, que agora, junto à grande janela da biblioteca, observava os extensos jardins da mansão. Abraçou-a pelas costas, dizendo:

- Nunca irei esquecer. Você me ajudou muito hoje, obrigado. Sem sequer dar a Filomena tempo de se virar, Fernando já abria a porta da biblioteca

- Espere, aonde vai?

- Depois da sua idéia brilhante para resolvermos o problema, voltarei às minhas tarefas. Tenho muito a fazer e vou dizer ao bispo que achamos uma solução.

Eles estão preocupados com outras coisas e quero estar perto para auxiliar.

Antes que Filomena pudesse detê-lo, Fernando havia saído pela porta

principal da mansão. Enquanto ele se despedia, Cíntia apareceu descendo as escadas. com

seu entusiasmo infantil, gritou:

- Tio Fernando!

Ele abraçou com carinho a filha do primo.

- Como vai a minha mocinha?

- Estou bem. Já começaram os preparativos para a festa?

- É claro que sim!

Filomena alcançou os dois e perguntou, aborrecida:

- Por que está interessada na festa, menina?

- Ora, é uma festa importante, tia.

- E quem disse que você irá participar dela? Não é festa para crianças.

- Meu pai disse que posso...

- Terei uma conversinha com seu pai. Não acho conveniente... Fernando interrompeu-a bruscamente:

- Não é hora de falarmos nisso. Ainda faltam alguns meses para a festa. Até lá, veremos; não é, Filomena?

Sem poder resistir ao olhar firme que o primo lhe dirigia, concordou:

- É claro, temos tempo. Veremos.

Ele se despediu e saiu apressado. Foi diretamente para a paróquia onde trabalhava. Sua vocação religiosa fora incentivada

desde cedo. Era uma tradição antiga da família que a cada geração um jovem fosse destinado aos serviços da Igreja. Assim, geração após geração, um dos filhos e seus jovens era preparado para isso.

Fernando gostava de ir à missa e era o primeiro a estar pronto, na porta, esperando a família. Nunca demonstrava resistência ou dificuldade para cumprir os

ensinamentos que recebia. Tinha interesse genuíno pelos assuntos da religião. Ao chegar à adolescência, sua indicação fora natural. Todos já esperavam que se tomasse um servidor da Igreja. Mas, ao contrário do que pensavam, quando recebera a notícia do pai de Filomena ele não ficara contente. Embora o atraíssem sobremaneira os temas religiosos, não desejava ser padre. Em momento algum isso lhe passara pela mente. Respeitava e admirava o trabalho dos sacerdotes, apreciava-lhes a companhia e as longas conversas de que participava na casa do tio; já ser padre era outra coisa. Assim, a indicação o deixara desesperado. Não queria de modo algum, tinha outros planos para sua vida: desejava se casar, ter filhos - ele adorava crianças -, pretendia formar seu próprio lar; além do mais, sentia forte e secreta paixão por Filomena, que desde adolescente lhe retribuía o afeto e as intenções.

Apesar de tudo, ele não pudera recusar. A pressão da família fora intensa demais e acabara convencido de que possuía a vocação sacerdotal. Ingressara no seminário e acabara envolvido por completo. Em decorrência da inclinação que desde cedo revelara, fora facilmente cativado pelos estudos e absorvido pelas questões da Igreja; e finalmente se entregara àquele ministério, com especial interesse pelas crianças desamparadas. Fernando era sincero, e abraçara a fé e o serviço a Deus buscando dar o melhor de si.

Ele regressava para a paróquia pensativo. Estava se preparando para reforçar as fileiras de padres que, enviados ao

continente americano, expandiam a força da Igreja no Novo Mundo. Enquanto esperava o momento de partir, Fernando se dedicava zeloso a suas funções, auxiliando o pároco local e o bispo de Barcelona.

No caminho, não podia deixar de se lembrar de Cíntia, pulando em seus ombros. Ainda sentia o abraço apertado e carinhoso que ela lhe dera. Aquilo o incomodava.

Sabia que a menina sofria com a separação da mãe. Apesar de ter decidido colaborar com a Igreja em tudo, e de saber que o que fizera era um bem para muitos,

a dor que causara à menina lhe oprimia o coração. Com a mãe não se preocupava. Acreditava que ela constituía mesmo um perigo para o prestígio da família até para

a própria filha; então não o comovia saber que fora um dos responsáveis pelo que lhe acontecera. Nem mesmo o sofrimento do primo o fazia sentir culpa. Ver Cíntia

entristecida era o que mais o tocava.

Fernando prosseguia meditando. Ricardo havia contribuído para aquela situação. Se desse ouvidos à família e escolhesse acertadamente procurando uma moça

com a mesma formação rigorosa, aquilo não teria acontecido. Ele não sentia pena do primo. Sua única preocupação era Cíntia. Sabia que a tia e a prima não eram exatamente

um exemplo de bondade e poderiam fazer a menina sofrer.

Ao entrar na paróquia, permanecia com o pensamento em Cíntia. Quando chegou, o padre interrompeu sua reflexão e perguntou:

-- E então alguma notícia?

-- Até o momento, não.

-- Nada? Como é possível?

-- Tomaremos outras providências. Essa moça há de aparecer, é só uma questão de tempo. Filomena me garantiu que o tio está empenhado em localizá-la e que,

de toda forma, ela

irá sugerir que se pague uma recompensa a quem vier com informações.

- É uma excelente idéia.

- Também me pareceu boa. Fiquei mais tranqüilo.

- Ainda me parece preocupado. Por quê?

- Cíntia.

- A menina?

- É. Fico pensando no quanto deve estar sofrendo sem a mãe. Elas eram muito apegadas.

- Por isso mesmo você deveria estar mais aliviado. A mãe seria, indiscutivelmente, má influência para a menina. Não percebe, Fernando? Já conversamos bastante a respeito, quando decidimos agir.

- Eu sei bem, e fico repetindo isso para mim mesmo toda vez que me pego perturbado por causa de Cíntia. Estou convencido de que a mãe acabaria por lhe fazer mal. No entanto, é inevitável. Vejo naqueles olhinhos a tristeza e sei que sente muita saudade. Por diversas vezes já a vi chorando escondida de todos. Além disso, Filomena e minha tia têm afazeres demais para dar-lhe atenção. Ela fica sozinha, sem ninguém com quem conversar. E Ricardo, embora aceite o que houve - não teve alternativa -, está desnorteado. Precisa de tempo para se acostumar com a nova situação. Procura estar com a filha, mas sua dor também é grande e ele se isola, viajando com frequência.

- Por que então você não se aproxima mais dela?

- Como?

- Leve-a para passear, conviva mais com a menina. Se está tão desejoso de vê-la receber carinho e atenção, por que não lhe dedica algum tempo extra? Além

do mais, Fernando, não será sacrifício. Sei que gosta muito de crianças.

- Acontece que meu tempo é muito restrito, quase nada restando para lazer e diversão.

O padre refletiu um pouco e disse:

- E por que não a leva quando for ao orfanato? Ela até poderia ajudar. Não disse que é uma menina meiga, doce? Então, fará bem às outras crianças. E você poderá estar mais com ela.

Um leve sorriso surgiu no rosto de Fernando. A idéia lhe agradava.

- Acha que não haverá risco em levá-la comigo? Ela é muito jovem, menina ainda; será que não se impressionará com os problemas? Digo, crianças doentes, sem pai, sem mãe, abandonadas... E tantas outras histórias...

Fernando olhou significativamente para o padre, que lhe retrucou sem hesitar:

- Ora, Fernando, das intimidades dos problemas ela não precisa participar. Dos problemas em geral é até bom que participe, assim vai conhecendo a realidade

da vida e aprende, desde cedo, a valorizar o que tem.

- Será que Ricardo concordará?

- E por que não? Você não acabou de dizer que ele passa pouco tempo com a menina?

- É, mas ela fica em casa com a avó e a tia.

O pároco bateu levemente em seu ombro e disse:

- Se houver resistência, conversarei com ele. Encontrarei um modo de convencê-lo.

Fernando apenas o fitou e se levantou, dirigindo-se ao corredor que levava aos fundos da paróquia. Sumiu corredor adentro, deixando o padre com seus fiéis;

era hora de confissões e a primeira senhora chegava.

Fernando continuou matutando na sugestão de levar Cíntia consigo para o trabalho, no orfanato que ele montara com os recursos da herança deixada pelo pai.

Com o que recebera, conseguira comprar uma casa confortável onde recebia crianças abandonadas pelos pais e outras que vinham de relações ilícitas.

tas, rejeitadas pela família ou pela sociedade. Assim, muitas jovens davam à luz naquele lugar, em um pequeno cômodo que ele construía exclusivamente para isso.

Era afastado da casa, de modo a que as crianças não percebessem o momento do parto. Ali, naquela pequena sala, inúmeras mulheres de famílias influentes traziam seus filhos ao mundo, e por força das circunstâncias ou de imposições sociais os deixavam no orfanato.

A idéia de estar mais próximo da menina o alegrava. Daquela noite, refletiu ainda uma vez sobre a solução aconselhada e, depois de decidido a adotá-la, voltou

a concentrar a atenção no novo movimento que se expandia da França e começava penetrar na Espanha. Leu no jornal sobre os últimos acontecimentos e em determinado

momento se levantou, indignado. Pegou o jornal e foi até o quarto do pároco. Bateu na porta de leve:

- Está acordado, padre?

- Sim, estou acabando de preparar o sermão de amanhã - ele respondeu, ao mesmo tempo em que abria a porta.

- Leu esta notícia?

O padre levou alguns instantes lendo o jornal, e então reagiu furioso:

- Isso é um absurdo! Um verdadeiro absurdo. Temos de fazer algo, tomar providências! Esses hereges estão ficando atrevidos!

- O que vamos fazer?

Primeiro falar com o bispo. Tenho uma idéia, mas preciso conversar com ele. Sei que conhece bem o dono do jornal. Tem influência. Vamos ver.

-- Precisamos ser cautelosos, padre. Nestes novos tempos, as pessoas estão...

- As pessoas não estão nada! O povo continua crente e fiel. São alguns hereges que vêm trazendo essas idéias, essas credi-

65 Lucius SANDRA CARNEIRO

ces perigosas, divulgando-as como constatações científicas! É um absurdo!
! Comopodem chamar isso de ciência?

- Nem posso imaginar.

Após pensar um pouco, o padre falou em tom quase cochichado:

- Como diz dom Antônio, isso é mais uma investida do demônio contra nossa fé!

E fitando Fernando, aduziu:

- Pode deixar a notícia comigo? Quero mostrá-la ao bispo.

- Claro, padre.

Continuaram ponderando os perigos que o movimento espírita, que se espalhava, representaria para eles. Já era tarde quando Fernando voltou para o quarto.

Capítulo Sete

Em Barcelona, situada a noroeste da Espanha, as opiniões eram contraditórias. Havia os que aceitavam os conceitos espíritas e os apoiavam acaloradamente.

Por causa da proximidade da fronteira com o sul da França, era fácil receber notícias do movimento, que então se propagava por todo o país. Muitos tentavam compreender os acontecimentos que envolviam as pesquisas espíritas, atingidos por inesperado interesse. Os que mais prontamente, aceitavam a revelação das verdades espirituais sentiam como se as esperassem há muito tempo. No entanto, o número de inimigos era igualmente enorme. E as discussões cresciam, fervorosas, em torno do assunto.

Miguel, um dos mais ativos e bem-sucedidos negociantes de Barcelona, era estudioso dos postulados espíritas e defensor do movimento. Para ele, os fatos espíritas eram muito mais do que uma curiosidade ou mesmo uma nova filosofia; reconhecer neles verdades inegáveis que respondiam aos mais profundos questionamentos de sua alma. Vivia em Barcelona, mas viajava a Bilbao (onde possuía pequena propriedade) com frequência, quando cuidava dos negócios ligados à pesca e reunia muitos amigos.

Naquele dia, Jairo lá estava a fim de tratar, com negociantes da região, das condições para venda de seu pescado. Bilbao, já naquela época, era um dos mais importantes portos da Espanha, por onde se escoava o farto e abundante produto da pesca nas águas do Atlântico. Dessa vez, encontrou também Miguel :

- Pois é, Miguel, estou às voltas com esse problema.

- Se Lucrecia tem tanta certeza, deve ter razão, Jairo.

- Eu sei, mas temo por nós dois. Você sabe que precisamos ter maiores cuidados lá na vila. As pessoas não são instruídas como as que residem nas grandes cidades. Já fomos agredidos uma vez. Chamaram Lucrecia de bruxa e atiraram pedras em nossa casa. Tivemos de ficar alguns dias fora e saímos escondidos durante a noite. Recordar-se disso?

- Sim, e como esqueceria? Vocês tiveram de se esconder até que as coisas se acalmassem. Lembro que enviei um de meus colaboradores de confiança para tomar conta das suas coisas. Foram dias difíceis.

- Então! O povo de lá é muito supersticioso e não consegue enxergar a realidade.

- Paciência, meu irmão. O tempo vai mostrar a verdade a todos. O progresso não pode ser freado. Ele é como uma grande onda que se forma ainda em mar alto, fazendo sentir seus reflexos aqui na praia. Embora a mudança e a renovação assustem o homem, ele acaba percebendo que é impossível conter a verdade.

- Por acreditar nisso, buscamos apaziguar aos poucos os ânimos de nossos agressores, demonstrando através de nossas atitudes que só queremos o bem de todos.

Foi e ainda é difícil.

- Houve mais ataques como aquele?

- Não, graças a Deus; ataques diretos, não. Entretanto, temos de ser cautelosos o tempo todo: cuidar do que falamos, de como agimos. E Lucrecia restringiu sua ajuda com as er-

vas ao nosso pequeno grupo de estudos. Agora, oramos reservadamente, em nosso grupo ou em casa, sempre que alguém da comunidade necessita de ajuda. Precisamos estar atentos. Sentimos como se houvesse sempre gente à espreita, esperando com termos algo de errado para nos acusar.

- E há muitos à espreita, meu irmão, muitos... Além de vizinhos, há as testemunhas invisíveis; e essas, sim, fazem maior diferença. Não se esqueça nunca disso, Jairo.

- Entende por que me preocupo com a situação? O que será de nós se alguém descobrir que acobertamos uma assassina?

- Pelo pouco que sei, ela não matou ninguém.

- É verdade; mas e se não matou só porque não houve tempo hábil? Até onde sei, foi impedida de cometer o crime.

Miguel, homem ponderado, que havia apresentado a nova doutrina a Jairo e Lucrécia, pensou por alguns instantes e, olhando nos olhos do amigo, disse:

- E se essa jovem tiver sido vítima de injúria, como você e Lucrécia? E se ela for inocente?

- Como, Miguel? Quem faria uma coisa dessas? Inventar uma mentira, para quê?

- Não sei, Jairo. Estou apenas raciocinando sobre o que você mesmo acabou de dizer. E se essa jovem for inocente? Se estiver sendo realmente cometida alguma injustiça contra ela, como foi cometida contra vocês? Como se sentiria?

- Ia querer ajudá-la! Isso não se faz!

- Então acho que, apesar do perigo a que indiscutivelmente você e Lucrécia estão expostos, é preciso tentar compreender a situação. Tenho visto muitos amigos

atacados e Injustiçados como você e Lucrécia, apenas por expressarem simpatia pelo movimento espírita.

- Quer dizer que continua acontecendo também em Barcelona?

- Continua e se acentua. Poderosos opositores têm tramado às escondidas, tentando criar todo tipo de empecilho ao crescimento e à disseminação desse abençoado movimento. Muitos têm sido discriminados e perseguidos, em pleno século das luzes e das idéias. Portanto, tenha um pouco de paciência. O objetivo de vocês é nobre e isso contará a favor dos irmãos.

Jairo não respondeu. Estava preocupado, mas a possibilidade de a jovem ser vítima de algum tipo de perseguição sensibilizou-o mais do que todas as palavras da esposa. Permaneceu calado por instantes e depois mudou de assunto, falando sobre o principal motivo que o levava à província.

Os dois amigos passaram a tarde em animada conversa com outros negociantes sobre preços e condições para a pesca, canais de escoamento e técnicas de conservação do pescado. Ao entardecer, depois de se despedirem dos demais, Jairo comentou:

- Miguel, você acha mesmo que é possível uma cilada preparada para Emilie?

- E por que não? Sabe quão poderosa é a família à qual ela pertence?

- Mais ou menos.

- Os pais do marido são donos de metade da Espanha.

- São tão poderosos assim?

- Muito. Creio que mais do que possamos imaginar. Têm muita influência em todos os setores de nossa economia. Trata-se de família tradicional, que enriquece mais e mais à medida que o tempo passa. Além disso, eles têm estreita ligação com a Igreja e já são famosos pelo apoio que, incondicionalmente, têm dado ao clero.

Para você ter uma idéia, são eles que realizam aquela famosa festa.

- Aquela festa gigantesca, que traz bispo até de Roma?
- Exatamente, meu amigo.
- Meu Deus...

Seguiam em direção à casa de Miguel, onde Jairo se hospedava sempre que ia a Bilbao, quando o primeiro comentou:

-Jairo, gostaria de passar em uma livraria; você se importaria de me acompanhar antes de irmos para casa?

- De forma alguma!

Miguel sorriu para o amigo de longa data e foram para a pequena e agradável livraria. Jairo cumprimentou com cordialidade o dono da loja, que os recebeu

pessoalmente, mas se manteve retraído. Sentiu-se sem jeito. Embora apreciase os livros, não sabia ler. Lucrecia era quem, com o pouco que sabia, lia para ambos.

Jairo procurou se distrair folheando alguns exemplares, enquanto Miguel conversava com o proprietário. Por fim, ele se despediu levando alguns livros.

Ao saírem, Miguel entregou um pacote a Jairo, dizendo:

- Este é para você e Lucrecia.

- Obrigado por esse e pelos outros que nos mandou. Têm sido de grande valia.

- Fico satisfeito! Não imagina como fico feliz em vê-los tão bem. Sou testemunha do quanto já sofreram, por isso me alegro muito quando os vejo progredindo.

Jairo sorriu, agradecido. Miguel era para eles o protetor amigo que os acolhera em um momento difícil.

Ao fugir de Marrocos, sua terra natal, traziam somente o endereço de um primo que residia em Madri e que talvez os pudesse receber. Chegando, souberam que o primo se mudara para Barcelona. com recursos mínimos, suficientes apenas para a viagem que terminaria ali, precisaram seguir muito além e economizaram até na comida. No final, depararam com a dura realidade: o primo não estava tampouco em Barcelona. Ninguém ouvira falar dele no endereço que lhes fora dado pelo senhorio da casa em Madri.

Sem ter o que comer e sem nenhum recurso, Lucrécia e Jairo ficaram na rua, em pequena viela, e tentaram achar trabalho. A dificuldade se agravava dia a dia. Buscaram ajuda nas igrejas, mas o fato de serem mulçumanos complicava tudo. Sem alimento e sem trabalho, passaram a mendigar nas esquinas. Quando estavam totalmente sem forças, a ponto de desistir de tudo, encontraram Miguel. Ele se aproximou como que atraído pelo casal maltrapilho que pedia esmolas. Ao invés de lhes dar alguma moeda e se afastar, como fazia a grande maioria, começou a conversar com eles. Ficou profundamente sensibilizado com sua história e naquele mesmo instante os tirou da rua, alojando-os em pequeno albergue próximo de sua casa. Depois, ajudou Jairo a arranjar trabalho e aos poucos tudo começou a melhorar.

Uma sólida amizade se estabeleceu entre eles. Passados alguns meses, Miguel tomou conhecimento de que Lucrecia enfrentava outras dificuldades: ela freqüentemente ouvia vozes e às vezes via pessoas mortas. Miguel, então, falou-lhes da Doutrina Espírita e de como seus ensinamentos esclareciam tais fenômenos. Participaram das primeiras reuniões de estudos espíritas, onde Lucrecia começou a compreender o que se passava com ela e como poderia utilizar aquele dom em favor de outros.

Mais tarde manifestaram o desejo de sair do albergue. Miguel lhes sugeriu que fossem para uma vila, perto da praia, pois Jairo poderia continuar trabalhando com a pesca. Mais uma vez Miguel se desdobrou em cuidados, instalando os amigos em pequena casa nas imediações de uma vila de pescadores.

Por tudo o que havia recebido de Miguel, Jairo apreciava e respeitava o amigo. com ele aprendera a essência do Espiritismo: não apenas uma nova filosofia, uma série de fenômenos maravilhosos ou um conjunto de poderes milagrosos, mas sim o cristianismo primitivo em toda a sua simplici-

dade. Ele mesmo havia presenciado inúmeras ocasiões em que Miguel levara pessoas desamparadas e doentes para a própria casa, provendo-lhes o necessário para a recuperação.

Aprendia muito com aquele amigo. Admirava-lhe cada vez mais as qualidades de amor e dedicação às criaturas carentes.

Na manhã seguinte Jairo se despediu do amigo e voltou para casa. Agora, depois de tudo o que Miguel dissera, estava com o coração mais tranqüilo.

Capítulo Oito

Quando Jairo regressou a sua pequena casa à beira-mar, Lucrecia o esperava com ansiedade. Assim que o avistou, largou tudo o que estava fazendo e correu-lhe

ao encontro.

- Que bom que chegou, querido! Jairo a abraçou com carinho.

- Sentiu saudade?

- Sabe que sempre sinto muito a sua falta, não importa por quanto tempo se ausente.

Lucrécia caminhava de braços dados com o marido. Jairo lhe entregou o pacote, um tanto tímido, envergonhado de não saber ler. Sentia uma ponta de tristeza

toda vez que via a esposa lendo. Ao receber o embrulho, ela perguntou:

- O que é isso?

- Um novo livro que Miguel comprou para nós.

- E que livro é? Não perguntou?

- Sabe como fico sem jeito com essas coisas, Lucrécia. Ela abriu o pacote e disse, exultante:

- Eu não acredito, Jairo. Que maravilha!

- O que é?

75

- Um novo livro de Allan Kardec.

- E sobre o que é o novo livro?

- Você não vai acreditar! É sobre a parte prática do rítismo, sobre a mediunidade. Não é fantástico?

- Como assim, parte prática?

- Preciso ler com calma, mas parece elucidar muito Problemas sobre os quais ainda estamos confusos.

Lucrécia abriu o livro em uma página qualquer e leu trechos. Depois disse ao marido, que aguardava curioso:

- Era o que nos faltava, Jairo. Sempre desejei entender melhor o funcionamento da mediunidade, descortinado pelas pesquisas espíritas. Estou certa de que

agora muitas de minhas dúvidas serão esclarecidas.

Ela fechou o exemplar de O Livro dos Médiuns e voltou para o marido com os olhos molhados de lágrimas. Jairo, percebeu a emoção da esposa, perguntou:

-- O que foi, Lucrécia? Qual é o problema?

- Eu tenho uma surpresa.

- O que foi?

Sem dizer nada, Lucrécia puxou-o pela mão e, passando em frente à pequena casa, conduziu-o em direção ao mar. Ao chegarem mais perto da praia, Jairo avistou

Emilie sentada bem junto da água.

- Ela está melhorando. Acho que os remédios estão dando resultado.

- Os seus remédios, você quer dizer?

- Todos eles, Jairo, especialmente o Evangelho.

Jairo olhou para a esposa com ar interrogativo, e ela prosseguiu:

- Venho orando e lendo trechos do Novo Testamento para Emilie desde que ela chegou. Nesses momentos, sinto intenso calor me envolver e percebo que ela

apresenta visível melhora.

Vendo a jovem, que permanecia observando o mar, de costas para o casal, Jairo perguntou: .

- E como ela está?

- É sobre isso que preciso conversar com você. Embora a febre tenha cedido e ela esteja melhorando, ainda não me parece bem de fato. Despertou e quis imediatamente

se levantar; está também um pouco agressiva.

- Agressiva, como?

- Ela me parece assustada e angustiada.

- Comentou algo sobre sua prisão, sua fuga?

- Claro que não, Jairo, e eu nem permitiria. Ainda está muito fraca.

Caminhei um pouco com ela, que logo se cansou e foi obrigada a parar. Assim que se sentou,

começou a chorar. Tentei conversar, mas depois achei que era melhor deixá-la só. Já faz algum tempo que está ali.

- Então não disse nada?

-Jairo, ela mal consegue andar e também não pode falar muito. Afinal, está se recuperando de uma doença que poderia tê-la matado. Como quer que já saia falando

sobre o que aconteceu?

- Temos de saber, Lucrécia. Precisamos entender o que realmente houve com ela.

Jairo fitou a esposa nos olhos e, limpando a garganta, fez-se ainda mais sério quando disse:

- Pensei muito sobre esse assunto e conversei com Miguel a respeito. Não quero ser injusto com ninguém; portanto, concordo em que descubramos a verdade,

antes de tomar qualquer atitude.

Lucrécia sorriu, abraçando o marido com evidente alegria. Antes que dissesse alguma coisa, ele a afastou ligeiramente e prosseguiu:

- Não se entusiasme tanto, eu ainda não terminei. Mesmo

ansiando ser justo, não quero nos prejudicar. Devemos descobrir o mais rápido possível o que houve: se ela é culpada ou não do que a acusam. Precisamos saber depressa,

Lucrécia, especialmente agora que ela começa a caminhar por aí. Se descobrirem que está em nossa casa, não sei o que será de nós.

- Compreendo sua preocupação, Jairo. e sei que tem razão. Por isso, estou tomando todos os cuidados. Por exemplo, depois que você partiu, notei que ela estava

melhorando e decidi mandar dizer ao médico que não iríamos mais precisar dos seus serviços. Informei que a mandaríamos para algum hospital, pois não poderíamos continuar

cuidando dela. Quando recebeu a mensagem, quis vir imediatamente, mas tive a pré-caução de deixar claro que ao ser entregue o recado ela já estaria bem longe. De

qualquer forma, acho que ele ficou aliviado. Estava louco para se ver livre.

- Por que acha isso?

- Não sei, Jairo, eu pressenti algo. Alguma coisa no olhar dele, no jeito como a tratava, como a olhava, não sei dizer com precisão.

- Então por que ajudou?

- Não sei, talvez o dinheiro...

- Não creio que seja isso. Fico muito preocupado. E se ele nos denunciar?

- Não acredito.

- E por que não? O que o impediria?

- Se desejasse, já o teria feito. Emília está aqui há mais de dez dias, tempo suficiente para que nos denunciasse. Deve haver outra razão, Jairo.

Lucrécia calou-se por instantes, e depois disse:

- Talvez ele seja muito ambicioso. Quem sabe esperasse que de onde veio aquela moeda saíssem outras...

- Pode ser, Lucrécia. Concordo plenamente com você: ele

ne pareceu extremamente ambicioso. Mais uma vez eu digo, temos de tomar cuidado.

Lucrécia assentiu, olhando o marido com ternura. A pele queimada de sol era quase negra, como a sua; os olhos igualmente negros, profundos e sinceros, revelavam muito dele. As rugas marcavam o rosto humilde e rude, habituado à dura exposição ao tempo. Lucrécia o acariciou com carinho e respeito ao dizer:

- Obrigada por confiar em mim, Jairo. Sei que depois de tudo pelo que passamos não é fácil para você. Mas sei também que não se arrependerá.

Ele apenas sorriu. Enquanto o sol se punha lentamente no horizonte, invadindo a paisagem com suas nuances douradas e formando um quadro de esplêndida beleza,

Jairo e Lucrécia observavam a jovem que, sem se mover, parecia também inebriada pelo encanto do entardecer. Ao longe, o som das gaivotas era como o lamento da natureza a se despedir do dia.

O sol se pôs e a escuridão aos poucos tomou conta da praia. Emilie se levantou devagar. Ao ficar de pé, sentiu forte vertigem e caiu. Lucrécia e Jairo correram

para socorrê-la. A mulher perguntou, enquanto a levantava:

- Está se sentindo bem, Emilie?

- Estou, foi apenas uma tontura.

Amparando-a, Lucrécia de um lado e Jairo de outro, caminhavam de volta à pequena cabana. Lucrécia, então, apresentou o esposo à jovem, que sem emoção disse:

Como vai? Sua esposa é muito forte. Ao que Jairo respondeu sem titubear:

-- Você não imagina quanto!

Seguiram devagar para o humilde casebre. Assim que entraram, Lucrécia acomodou Emilie em uma cadeira junto ao fogão. -- Aqui ficará confortável.

Emilie não disse nada. Seus olhos estavam vermelhos e as lágrimas a ainda desciam pela face alva. Jairo ameaçou perguntar algo à jovem, porém Lucrécia fez que não com a cabeça e, levando o dedo indicador aos lábios, pediu-lhe silêncio.

Enquanto Lucrécia preparava o jantar, trocando algumas palavras com Jairo sobre a viagem, Emilie permaneceu muda. De olhar perdido, parecia completamente distante. De vez em quando, lágrimas teimavam em descer dos seus olhos. Foi quando mencionaram o lugar onde residia Miguel que ela pareceu despertar de um sonho.

Fitando Jairo, indagou:

- Seu amigo vive em Barcelona?

- Sim, ele é de lá!

Fez que ia continuar, mas, como se lhe faltassem forças, silenciou outra vez. Durante o jantar Lucrécia insistia com ela para que se alimentasse:

- Preparei a sopa especialmente para você.

- Não quero comer.

- Ora, vamos, Emilie, precisa se alimentar. Já está fraca. Se não comer, como poderá melhorar?

Alterando inesperadamente a voz, Emilie berrou:

- Quem foi que disse que quero melhorar? Eu quero morrer! Foi você que se meteu na minha vida e me impediu de fazer o que devia! Queria estar morta!

- Não é verdade, Emilie - respondeu Lucrécia calmamente, pedindo com o olhar que Jairo ficasse tranqüilo. E >, continuou:

- Se realmente queria morrer, por que eu a encontrei no penhasco? Por que não se jogou?
Emilie recomeçou a chorar em desespero:
- Não pude. Eu queria, queria muito, e não consegui!
- Então não queria de verdade morrer! Levantando a voz ainda mais, ela gritava:

80

RENASCER DA ESPERANÇA

- O que você sabe de mim, da minha vida? Eu queria morrer, sim, para isso fui até o penhasco. Fugi daquele lugar pavoroso para pôr fim ao meu sofrimento mais depressa. Você não entende? Lá dentro eu ia morrer de qualquer forma. Nem posso lembrar o que faziam comigo. Melhor morrer! Por isso fugi.
Ela parou, impotente para conter as lágrimas. Depois, olhando com desespero para os dois, disse:
- Eu queria morrer, entendem? E não consegui... Como Lucrecia e Jairo se mantivessem calados, ela baixou a cabeça e se entregou a pranto convulsivo.
Lucrecia se ergueu e, abraçando-a com bondade, disse:
- Algo a impediu, não foi, minha filha? Como Emilie não respondesse, a outra insistiu:
- O que a impediu? O que foi maior do que seu desespero?
- Mi...nha... fi...lha - respondeu Emilie, com as palavras entrecortadas pelos soluços.
Lucrecia ergueu-lhe a cabeça, limpou com seu avental as lágrimas que desciam e disse suavemente:
- Mas sua filha não estava lá...
- Quando estava prestes a me atirar, bem na borda do penhasco, ouvi a voz dela me pedindo que desistisse. Ela pediu que eu não pulasse. Não pude...
- Então sua filhinha salvou sua vida. É isso?

Emilie não parava de chorar. Voltando ao seu lugar e se acomodando na cadeira, Lucrecia pediu com brandura:

- Então continue viva por ela, Emilie. Alimente-se, melhore e viva. Já que esta foi sua opção, por ela, lute um pouco mais. Precisar4 ficar forte para poder v4-la de novo.

Emilie puxou o prato de sopa bruscamente e, num supremo esfor4o para comer, murmurou:

- Nunca mais voltarei a v4-la...

81 Lucius I SANDRA CARNEIRO

- N4o diga isso, Emilie. Se o amor que as une 4 forte a ponto de ela a dist4ncia salvar sua vida, t4o certo como o dia vai amanhecer voc4s voltar4o a se encontrar. Confie em Deus, Emilie. Ele h4 de ajud4-la a reencontrar sua filha.

- Deus? Que Deus? Deus n4o existe, ou h4 muito me abandonou.

- N4o diga isso. Deus est4 sempre cuidando de n4s! - Voc4 n4o sabe o que 4 sofrimento. N4o tem id4ia da dor por que passei. Tiraram-me tudo! Tudo o que eu tinha e que me era mais precioso. Voc4 n4o pode imaginar o que 4 isso!

Lucrecia sorriu para ela e apertando a m4o de Jairo, que se mantinha quieto, disse:

- Sei muito bem o que 4 perder tudo, Emilie. Inclusive filhos. Pela primeira vez, Emilie olhou para Lucrecia com algum interesse e pensou: seria poss4vel

que aquela mulher, de sorriso tran4uilo, tivesse sofrido o que ela sofrer4?

Qual seria o seu segredo? Contudo, estava cansada demais para fazer qualquer indaga4o.

Esforçou-se o quanto pôde para dar conta do prato de sopa e, ao acabar, retomou abatida e em silêncio para a cama improvisada.

Lucrécia, percebendo que Jairo se irritara com o comportamento da jovem, sussurrou em seu ouvido:

- Tenha paciência, ela vai melhorar.

Tão logo Emilie se afastou, Jairo comentou com a esposa em tom exasperado:

- Que mal-educada! Além de não agradecer pela ajuda, ainda nos agride!

- Fale baixo, não quero que nos escute.

Como Jairo insistisse, Lucrécia puxou-o pela mão e levou para fora da casa; puseram-se a caminhar pela praia, onde fria brisa soprava. Lucrécia abraçou-se carinhosamente ao marido, procurando aquecer-se, e disse:

-

-- Entendo sua indignação, Jairo, mas ela está descontrolada e confusa; nem sequer sabe o que diz.

-- Só que isso não lhe dá o direito de falar o que bem quer...

-- É claro que não dá, porém ela está muito machucada; você consegue compreender? Perdeu tudo, e sofre especialmente por causa da filha. Conheço essa dor, Jairo. Por isso não lhe podemos cobrar nada. Emilie precisa de apoio, isso sim. Vamos dar a ela o melhor que temos. Lembre-se de que também fomos muito amparados em nossos momentos difíceis...

Todavia, ele continuava irritado com o comportamento de Emilie:

- Admiro seus sentimentos nobres para com essa moça, o que não me impede de achá-la muito arrogante! Onde já se viu? Para receber ajuda, é necessário um

pouco de humildade. Em nosso caso, que você acabou de citar, fomos receptivos e agradecidos ao Miguel pelo seu auxílio e nunca o tratamos com agressividade por causa de nossos problemas.

- Nós tínhamos uma consciência diferente, Jairo. Essa jovem ainda não se encontrou, sobretudo do ponto de vista espiritual. Como nos poderá dar o que não tem? Acha que alguém pode dar aquilo de que não dispõe?

Jairo parou para refletir, e enfim indagou:

- Então, o que faremos? Vamos deixar que nos destrata desse modo?

- Vamos dar algum tempo a ela. Tenho certeza de que irá melhorar.

- Como, se continuar com esse jeito arrogante de agir? Jairo, o toque suave de Deus no coração humano pode transformar água em fogo, ou seja, frieza em calor, indiferença em amor. Só Deus pode dissolver ódio em perdão. Para isso nos enviou Jesus: para renovar a vida das pessoas. Sei que Emilie ainda não conhece a força do amor de Jesus.

82 Lucius | SANDRA CARNEIRO

- Apesar de ser católica. Pelo que vi traz um crucifixo pendurado ao pescoço.

- Eu também notei. Mesmo assim, desconhece o poder transformador do Cristianismo. Talvez conheça na teoria, sem ter provado na prática.

Jairo seguiu ao lado da esposa, sem dizer nada. Ao retomarem, já na porta da casinha, perguntou:

- Como pode ter tanta certeza do que diz, Lucrécia?

Ela sorriu e abraçou-o ao asseverar:

- É que conheço na prática tudo aquilo em que acredito. Só isso.

Não tendo o que acrescentar, Jairo acompanhou a esposa na arrumação dos utensílios do jantar, que permaneciam sobre a mesa.

Emilie já dormia, mas seu sono era agitado. Ao terminar os afazeres, Lucrécia foi até a cama da jovem e chamou Jairo:

- Veja, toda noite é igual. Ela se debate, se remexe e só se aquieta enquanto leio o Evangelho. É incrível: ela se acalma, e quando a leitura acaba volta

a se agitar. Está perturbada...

- E você não teme que traga algo de ruim para nossa casa?

- Embora tenha meus receios, acima de tudo confio em Deus. Sei que estou fazendo o que Ele espera de mim; sinto que o Pai quer que a ajudemos. Então haverá

de nos dar proteção para conseguirmos cumprir nosso dever.

Lucrécia pegou o Novo Testamento, como tantas vezes fazia, e antes de se deitar leu um pequeno trecho à beira da cama de Emilie. Depois de sentida oração, também se deitou.

Capítulo nove

A alguns quilômetros da vila, na província, Francisco pensava em Emilie. Ficara contrariado diante do recado de Lucrécia, avisando que iriam mandá-la para longe. Tivera ímpetos de impedir que o fizessem, porém não ousara; seria muito arriscado. Sabia perfeitamente o perigo que o casal corria por ter dado proteção a

ela e não queria o mesmo para si.

No entanto, foi outra notícia recebida naquela tarde que mais o perturbou. Logo que o mensageiro de Lucrecia partiu, sua assistente falou da recompensa oferecida

para quem informasse sobre a jovem:

- Quanto estão oferecendo? - perguntou ele a Carmem.

- São duzentos pesos por informação.

- Minha nossa! Por uma só?

--É o que está escrito aqui: cada informação diferente dá direito a isso. Puxa! Estão mesmo querendo pôr as mãos nela!

Francisco desabou em sua cadeira, segurando o papel que Carmem lhe dera. Leu atentamente, e depois concordou:

-- Tem razão. Querem pôr as mãos nela, e rápido.

85

- Pobre menina - suspirou Carmem, saindo da sala do médico.

- A quem você se refere? A Cíntia?

- Não, estou falando de Emilie. É uma menina, perdida em tudo o que lhe aconteceu.

- Por que diz isso? Ela é uma mulher, já bem crescadinha.

- Era inocente demais... Será que pensou mesmo que seria aceita sem reservas por aquela família?

- Que idéia é essa, Carmem? A moça está doente, com problemas, tentou matar o marido...

- Será?

- O que está insinuando?

- Nada. Apenas sei que aquela família é muito poderosa. Emilie é to

talmente espontânea, diz tudo o que pensa, e estava com aqueles problemas que você vinha tratando.

Em seguida, olhando o médico, perguntou séria:

- O que exatamente essa moça tinha, doutor Francisco?

- Ora, Carmem, isso é segredo médico, não posso divulgar as condições de meus pacientes. Seja discreta. Ela está gravemente doente. Tinha alucinações, visões,

esses distúrbios que as doenças mentais desencadeiam. Pesquisei os antecedentes familiares, que também não são bons. Pelo que ela própria me disse, sua avó materna

apresentou problemas semelhantes. Ela está doente e seria muito bom se a encontrassem depressa.

- bom, com o estímulo dessa recompensa, creio que não demorarão a achá-la. O valor é significativo. Quem não se interessará por localizá-la, prestando um

serviço à ilustre família e ao mesmo tempo recebendo uma retribuição tão vultosa? Por certo será encontrada em breve.

O médico olhou para a assistente e ficou calado. Baixou a cabeça, rêmexendo os papéis em sua mesa. Depois, ao perceber que ela permanecia a observá-lo, disse rápido:

-- O que é isso, Carmem, ainda aí? Vamos, temos de trabalhar. Quem é o primeiro paciente?

-- É a viscondessa Delisan, daqui a meia hora.

- Então me deixe organizar meu dia. Traga minha agenda, quero confirmar todos os compromissos.

Carmem obedeceu rápido. Em alguns segundos, voltou com a agenda e

seguiram trabalhando sem tocar de novo no assunto.

Francisco saiu do consultório tarde da noite e preferiu voltar andando, para refletir. Estava indeciso. Não tinha dúvida de que poderia transformar o que sabia em dinheiro. Era só enviar um mensageiro a dom Felipe, que ele conhecia tão bem, e tudo estaria resolvido. Se fosse inteligente, conseguiria inclusive incrementar as informações, de modo a que rendessem mais.

Quando entrou em casa, estava cansado de tanto pensar. Livrou-se do casaco e dos papéis que trouxera, acendeu a lareira e se sentou em frente a ela, tendo nas mãos o folheto que fornecia detalhes sobre a recompensa. Ficou ali contemplando o crepitar do fogo que estalava de quando em quando.

O ambiente, antes frio, tomou-se suavemente aquecido. Francisco reparou uma bebida. O pensamento vagava, ainda indefinido: devia ou não comunicar o que descobrira? Por outro lado, lembrava que àquela altura Lucrecia e Jairo já teriam mandado Emilie para bem longe. Sentiu forte aperto no peito: talvez não voltasse a vê-la tão cedo...

Francisco se recostou no sofá e ficou a recordar a última em que a viu no hospício. A cena lhe veio toda à mente. Parecia escutar a voz de Emilie suplicando:

-- Tire-me daqui! Você sabe que não estou doente. Eu jamais faria tal coisa, Francisco, jamais! Você sabe que não sou agressiva. Conte-lhe minha vida inteira.

Conhece tudo o que penso; sabe que nunca, em momento algum, manifestei qual-

quer tipo de pensamento ou sentimento contra meu marido ou minha filha. Você sabe disso, Francisco, por que não me ajuda?

- Você sabe muito bem o porquê.

- Não sei, não entendo a razão. Por que não me refresca a memória?

- Não tenho nada mais a dizer.

Ele saiu do quarto e se afastou, ouvindo-a berrar:

- Pelo amor de Deus, Francisco, me ajude! Você sabe que não tenho nada! O que será de minha filha? Tem de me ajudar, pelo amor de Deus...

Aqueles gritos ainda ressoavam em sua cabeça e vinham perturbando seu sono. Depois da fuga de Emilie, sentira ligeiro alívio. Ao menos estaria livre daqueles

gritos. Só que isso não acontecera. Na noite em que Jairo o procurara, ele estava exausto das noites em que não conseguira dormir direito, despertando assustado

com os gritos da moça. Atendera ao pedido - ainda que a contragosto - porque Jairo havia buscado ajuda em nome de Miguel. Francisco não costumava fazer nenhum tipo

de concessão no valor de seus honorários médicos. Acreditava que, como estudara muito para chegar onde estava, não deveria abrir mão dos pagamentos, nem dar descontos.

Raramente, e só por solicitação de algum amigo influente, fazia um atendimento gratuito.

Ao encontrar Emilie na cama daquele casebre, quase morta, tivera dificuldade em examiná-la, primeiro porque sabia que era uma foragida considerada perigosa

e procurada pela polícia; não queria se comprometer. Contudo, Lucrecia fora tão incisiva em sua rogativa que ele não pudera negar assistência. Percebendo que a jovem

estava gravemente enferma, sentira-se ligeiramente incomodado e ao mesmo tempo aliviado, pois se livraria dela. Depois da notícia de que a jovem tinha melhorado

e ido embora, não sabia o que fazer.

Francisco tinha vontade de denunciar Emilie, Jairo e Lucrecia e encerrar a questão, engordando um pouco mais sua conta bancária. Em contrapartida, algo o impedia. Ele matutava e matutava diante da lareira sobre o motivo de ainda não ter enviado o mensageiro a Felipe.

Deu profundo suspiro, bebeu o que restava em seu copo e se deitou confortavelmente no sofá. Estava quase adormecendo, e então balbuciou:

- Emilie, Emilie, por que não cedeu? Por que foi tão correta, minha querida? Agora, vou denunciar você e aqueles que a ajudaram. É preciso, entende...

Antes de terminar a frase, foi dominado pelo cansaço e adormeceu. Com menos de duas horas de sono Francisco recebeu uma visita espiritual, que lhe pedia:

- Não conte nada sobre ela. Deixe-a, por favor. Ela precisa encontrar seu caminho.

Era Cíntia, que sussurrava baixinho ao ouvido do médico. Parecia mais velha e Francisco, cujo corpo espiritual também estava desperto, perguntou:

- Quem é você?

- Não importa. Peço apenas que a deixe livre. Já chega o que vem sofrendo. Já é suficiente.

- Não concordo. Ela merece sofrer muito mais.

-- Francisco, por favor, seja piedoso, ao menos uma vez na vida! Esse dinheiro, proveniente de algo tão aviltante, não lhe poderá fazer nenhum bem!

Ora, que bobagem! Dinheiro é dinheiro, e só me fará o bem. Mas quem é você? Seu rosto me parece familiar...

Sou uma amiga de Emilie. Ela me é muito querida, por isso peço que não lhe faça mais mal do que já fez.

Ao ouvir as últimas palavras, Francisco acordou assustado. Sentou-se no sofá, atordoado, tentando compreender o que

acontecia, pois por alguns instantes acreditou que havia alguém com ele na sala. Olhou em tomo, procurando, e não viu ninguém. Na lareira, as poucas brasas ainda

acesas anunciavam que já era muito tarde. Levantou-se, apagou-as e subiu para o quarto, preparando-se para dormir.

Ao fechar os olhos, pensou de novo em Emilie. Refletiu que talvez fosse melhor deixá-la em paz; afinal, já tinha o que merecia: estava pobre, infeliz, e perdera tudo. Virou-se de lado e pensou: "Acho que já tem o suficiente". E voltou a adormecer.

Capítulo dez

Nos arredores de Barcelona, a noite foi longa e conturbada para Fernando. O movimento espírita que surgia e atraía adeptos em diversas partes da Espanha o incomodava demais.

Na solidão de seu quarto, na quietude da noite, Fernando perdeu por completo o sono. Levantou-se, foi até a cozinha e preparou um chá quente. Em silêncio voltou ao quarto e sentado na cama sorveu gole a gole, buscando serenar os pensamentos. Contudo, várias perguntas insistiam em ocupar sua mente. Por que Deus permitia que uma seita como aquela surgisse? Por que admitia que pessoas fossem enganadas daquela forma? Ao mesmo tempo, idéias contraditórias o assaltavam. E se houvesse algo de verdade naqueles ensinamentos? E se (somente "se") pudesse haver outras verdades ainda não totalmente claras para a Igreja? E se houvesse questões a serem complementadas? E se houvesse outros elementos a conhecer?

Fernando sabia que a Igreja, com seus preceitos doutrinários, não conseguia resolver todas as angústias e dúvidas da alma humana. Sabia, por dolorosas experiências, que havia falhas. Mas essas eram sempre atribuídas a homens imperfeitos

e infiéis a Deus; jamais se podia questionar um só dogma, um só ensinamento. Não era permitido. E ele, inquieto, continuava a refletir. E se houvesse alguma verdade naqueles princípios novos? E se eles trouxessem alguma resposta?

Abruptamente se levantou, dizendo em voz alta:

- Que absurdo é esse? Como é possível que esses novos conceitos tragam algo de bom? São do demônio! Ele deve estar por aqui, querendo me iludir! Tentando se infiltrar em meus pensamentos! Saia daqui, não vou permitir que me enganem!

Incapaz de afastar da mente aqueles questionamentos, dirigiu-se resolutamente à clausura. Subindo as escadas em passo firme, exclamava:

- Não quer me deixar por bem, vai embora por mal! Haverá de chamar a atenção de nosso Senhor Jesus Cristo com minha penitência e Ele haverá de afastá-lo daqui.

Abriu a porta de pequeno cômodo, acendeu a vela que ficava na mesa e trancou a porta atrás de si. Arrancou a roupa e, agarrando o chicote que tinha pequenos pedaços de ferro nas pontas, começou a flagelar as próprias costas, em penitência. Urrava de dor enquanto dizia:

- Afaste-se de mim, que sou de Jesus! Afaste-se de mim, que sou de Jesus! Sou representante de Jesus na terra! Não me tente com idéias que não são corretas!

O sangue brotava das feridas e Fernando parecia enlouquecido, chicoteando as costas e gritando. Quando suas forças se esvaíram, junto com o sangue que corria, ajoelhou-se e de bruços na cama desmaiou.

O dia surgiu radiante e com ele o burburinho das pessoas que chegavam para a missa matinal. O pároco, impaciente, aguardava Fernando, que devia dirigir a

missa e não aparecia! Foi procurá-lo no quarto e bateu à porta:

- Fernando, que se passa, meu filho? O salão está lotado-

Como não obteve resposta, bateu novamente, e então virou a maçaneta, percebendo que estava destrancada. Entrou e viu a cama desfeita. Notou a xícara sobre a mesa. Levou-a ao nariz para identificar que tipo de bebida era aquela. Percebeu que se tratava de um chá relaxante. Pensou um pouco mais e imaginou que o jovem tivera dificuldade para dormir. Decidiu ele mesmo cuidar da missa. Depois conversaria com Fernando sobre sua irresponsabilidade.

Conduziu o ato litúrgico como de costume, mas de quando em quando pensava no rapaz. Observou ainda que faltavam alguns fiéis naquela manhã de domingo. Isso não costumava acontecer - não na missa de domingo. E assim, o padre celebrou-a entre preocupações com Fernando e com os paroquianos ausentes.

No final foi abordado por vários fiéis da comunidade, que queriam sua orientação ou aprovação para um assunto ou outro. Uma jovem tímida aproximou-se, tremendo.

- O que foi, minha filha? Algum problema?
- Preciso falar com o senhor, padre Enrico.
- Parece assustada...
- É, estou muito assustada.
- Espere que falarei com você, logo que termine de conversar com os outros. Aguarde aqui ao lado.

Após atender a longa fila de fiéis a desfilarem suas dificuldades e angústias, o padre despediu o último e se virou para a jovem, perguntando:

- E então, o que a aflige, filha?
- E minha mãe, padre. Ela pediu que não lhe dissesse nada, mas estou tão preocupada!
- O que aconteceu?

- Está desertando da fé...
- Como, desertando da fé? O que me diz?

- Ela... bem... acho melhor deixar para lá. Levantando-se, a jovem fez menção de sair; entretanto, o padre a segurou pelo braço e afirmou:
 - Não tenha medo, filha, estou aqui para ajudar. Pode me contar, sem temor, qual o problema. Que houve com sua mãe?
- A jovem ainda hesitou um pouco; depois, chorando, começou a falar:
 - Ela está se tomando espírita, padre, espírita! Está acreditando naquele monte de bobagens que o senhor falou que são horrendas! Não sei o que fazer...
- Ela está mudando...
 - Chorando convulsivamente, a jovem ansiava por ser consolada. O pároco, no entanto, ergueu-se resoluto e disse:
 - Vamos já à sua casa. Quero falar com ela agora mesmo!
 - Não, padre, por favor; ela me fez prometer que não diria nada. Não pode vir comigo! Tem de falar com ela...
 - Cale-se já! Está sob influência desses ensinamentos perniciosos. Vamos já à sua casa, antes que o estrago se faça maior. Quem sabe consigo colocar um pouco de juízo na cabeça de sua mãe. Desde que seu pai morreu, ela vem agindo de maneira estranha...
 - Não é verdade, padre. Minha mãe tem conduta impecável. Ela trabalha, se esforça, é mãe e pai para nós! Ela é íntegra! Só que agora começou a acreditar

nessas coisas...

- Ora, o que sabe você, jovem como é? Sua mãe vem se comportando de forma estranha, sim, todos me dizem isso. Não é nenhuma novidade.

- Quem diz? Não, não é verdade!

- Menina, está se descontrolando. Vamos, acalme-se. Iremos ver sua mãe a pretexto de sua ausência na missa hoje. Só isso. E aí conversarei com ela. Tenha calma.

O sacerdote já ia saindo com a jovem, então parou e lhe pediu:

- Espere aqui. vou resolver uma pequena questão e já volto.

Enquanto a jovem, de cabeça baixa, chorava baixinho, padre Enrico encarregou um auxiliar de levar mensagem ao bispo, pedindo que o encontrasse na casa daquela

família. Ao retomar de cara com Fernando, que abatido e ensanguentado se dirigia lentamente para o quarto. O padre sabia bem o que eram as noites de penitência,

por isso não disse nada. Passando por ele Fernando beijou-lhe a mão:

- Sua bênção, padre.

- Deus o abençoe, meu filho. vou visitar uma mulher que está se bandando para o lado do mal.

- Como assim?

- Está se tomando espírita. Bem aqui, em minha paróquia. É inacreditável, esse movimento estende suas garras por toda parte! Temos de tomar medidas enérgicas!

Se preciso for, vamos excomungá-la ainda hoje!

Fernando arregalou os olhos e ia dizer algo, mas não teve tempo; o padre reclamou impaciente, enquanto saía:

- Esse movimento nos esquenta a cabeça, Fernando, esse Espiritismo...

Fernando ergueu a cabeça, estufou o peito e explodiu:

- Pois que a mulher seja anatematizada! Aqueles que afrontam nossos dogmas devem pagar o preço de sua infidelidade!

O padre estranhou o tom de Fernando ao proferir aquelas palavras, uma vez que o jovem era sempre o apaziguador, aquele que pedia clemência e tolerância. Contudo,

estava com muita pressa e limitou-se a dizer:

Tenho de ir. Cuide de tudo por aqui. Se precisar de mim... O padre o chamou de leve para as costas do rapaz, recomendando:

Cuide de você e de tudo por aqui. Já é suficiente. Encontrou a jovem sentada, aguardando. Ainda chorava e, tremendo, quis saber:

95 Lucius SANDRA CARNEIRO

- Padre, o que vai acontecer com minha mãe?

- Nada que ela não queira. Não se preocupe, minha filha, você agiu bem. Tem irmãos, precisa zelar por sua família. Principalmente por ser a mais velha, deve cuidar deles...

- Só peço que nada aconteça a ela. Desejo apenas que volte a ser como sempre foi e deixe de acreditar nessas maluquices espíritas.

Sem dar maior atenção à lamúria da jovem, o padre seguiu com ela para a pequena casa. Lá chegando, encontraram a senhora na cozinha, em árdua tarefa no fogão.

Ermínia trabalhava em casa fazendo doces e compotas que vendia aos hotéis, r

estaurantes e padarias. Esse serviço garantia o sustento da família e o estudo dos filhos.

Ao avistar o padre junto com a filha, sentiu um calafrio a percorrer-lhe o corpo. Lavou as mãos e foi recebê-los à porta da cozinha:

- Padre, Mariana... Aconteceu alguma coisa?

A jovem tinha os olhos vermelhos. A mãe logo imaginou o que se passara. Mariana era a filha más velha e a mais religiosa.

- Vim visitar a família, pois senti sua falta na missa e imaginei que algo sério deveria ter ocorrido.

- Pois vamos entrar, padre.

A mãe endereçou olhar compreensivo à filha, como a pedir-lhe que se acalmasse. Ofereceu a cadeira ao padre, que se acomodou, ajeitando a batina com cuidado.

Ermínia olhou para a filha e pediu:

Mariana, vá ver seus irmãos, por favor. Faz horas que estão lá dentro e receio que estejam aprontando alguma arte.

-- A garota deve ficar.

Por favor, padre, de minha família eu cuido. Vá, Mariana.

Sem saber o que fazer, porém aliviada por poder descansar um pouco, a menina se retirou. Seguiu-se curto silêncio. O padre, limpando a garganta, começou a falar em tom grave:

-- Por que faltou à missa hoje, minha filha?

- Tive muitos afazeres, padre. Sabe que sou pai e mãe para meus filhos, desde que Carlos se foi.

- Pois é. Tem muitos afazeres, e dentre eles creio que assistir à missa é fundamental, não?

O padre a olhava fixamente nos olhos, como a querer intimidá-la. Mas Ermínia, tranqüila, respondeu:

- Deus é minha prioridade, padre.
- Pois é o que digo: a missa, a igreja.
- Não, padre. Deus, seus ensinamentos, a vida espiritual. Ao ouvir tais palavras, o padre se levantou e áspero disse:
- Vida espiritual? O que você sabe dessas coisas?
- Caso esteja mesmo interessado, padre, sente-se; vou dizer.
Sem tirar os olhos da mulher, o padre sentou-se vagarosamente. Ermínia foi até o fogão, mexendo algumas panelas e organizando rapidamente alguns vidros.

Depois retomou e ocupou uma cadeira ao lado do padre. Mentalmente, preparava-se para enfrentar a fúria que poderia surgir de suas declarações.

- Bem, padre, desde que Carlos morreu, tenho arcado com tudo em casa. O trabalho tem sido muito duro, o senhor sabe. Não me queixo disso; trabalhar nunca me assustou. É que no último ano vinha sofrendo terríveis dores na cabeça e também pelo corpo. À noite tinha pesadelos e muitas vezes acordava molhada de suor. Vinha pedindo a Deus que me amparasse, porque não podia cair doente. Quem cuidaria de meus filhos? As dores foram aumentando. Consultei o médico, e de nada adiantou. Continuei rezando, intensifiquei ainda mais meus pedidos a Deus; nada acontecia, eu só piorava. Foi aí que uma amiga me convidou a ir com ela a uma... - Ermínia hesitou um

breve segundo e então prosseguiu - a uma reunião espírita.
O padre se levantou novamente, bateu a mão com toda a força sobre a mesa e bradou:

- Isso é um absurdo! Quem é esse lobo perigoso que anda entre as ovelhas do meu aprisco?

- Ainda não terminei, padre. Gostaria que me escutasse. Ele sentou-se outra vez, mostrando crescente inquietação.

- Pois bem, resolvi aceitar. Fui com ela a essa reunião. Não é nada de mais, padre. São reuniões que falam de Jesus e esclarecem diversas questões espirituais, só isso.

- As questões espirituais estão a cargo da Igreja, não se luda. Ninguém mais na terra tem autoridade para discuti-las; somos os únicos representantes de Deus!

- A verdade, padre, é que desde que passei a frequentar essas reuniões descobri coisas novas, aprendi muito e percebi que os ensinamentos de Jesus começaram a ficar mais claros para mim; hoje os compreendo como nunca! Tem sido maravilhoso, padre, como um renascer. E além disso, minhas dores desapareciam. Sei agora que estava sob influência espiritual que me prejudicava. Minha fé em Deus cresceu sobremaneira.

- Há quanto tempo frequenta essas reuniões?

- Há uns seis meses.

- Seis meses! Seis meses de traição!

- Não tem nada a ver com traição. Estou apenas procurando alimentar minha alma com algo que a possa satisfazer.

- Então se tomou adepta desse movimento maligno? Deixou-se enredar pelas teias dessa doutrina?

Ermínia, que tentava manter-se calma, ficou séria. Não sabia ao certo o que fazer. Se assumisse sua nova fé, as conseqüências poderiam ser desastrosas. Mas

se não assumisse, que fé seria a sua? Resolveu, portanto, sustentar a verdade:

- Sim. Tomei-me espírita e posso lhe dizer que é bem diferente do que falam por aí. Não existe nada de maligno nessa doutrina!

- Chega, não quero ouvir mais nada.

-- Mas, padre, não quer que seus fiéis sejam felizes? Não é isso o mais importante?

Certamente não vou discutir com a senhora o que é ou não é importante, em termos de fé. Não tem a menor condição de discutir religião comigo, não percebe?

- Não quero discutir religião; quero apenas que entenda que o que aconteceu em minha vida é real; os fatos não foram inventados. Aplicados, esses novos conhecimentos

só trazem o bem! Clareiam a mente, fortalecem a fé em Deus e em Jesus. Só promovem o bem de todos, padre, e nos aproximam de Deus.

- Chega, já disse! Você tem uma chance: negue agora mesmo, perante mim, essa heresia. Está apostatando de sua fé e vai sofrer as consequências! Negue a fé

nessa doutrina e volte imediatamente ao aprisco da sagrada Igreja, refugie-se lá desses assédios do mal e perdão seu deslize. Agora, se não concordar, será excomungada para sempre!

Ermínia sentiu o sangue sumir-lhe da face. Seu corpo tremia. Sabia bem o que seria para ela, viúva, a excomunhão. Numa comunidade onde todos eram católicos

fervorosos, fatalmente passaria a ter dificuldades ainda maiores. Todavia, não teve tempo para mais nada. O bispo entrou, ofegante e irritado:

- Então, resolveram as coisas?

- Não, Eminência. Ermínia confirma que aderiu à nova doutrina.

Sem rodeios, o bispo perguntou à mulher: •- Diga, o que vai decidir? Se desertar, será excomungada. Ermínia, consciente de todas as implicações de sua atitude,

respondeu com voz trêmula:

Não posso negar o que houve comigo. São fatos, senhor, não posso negar a realidade.

O padre a interrompeu:

- A Igreja é a única que nos pode levar até Deus, o resto é mentira! Vai insistir nessa sua decisão?

- Não posso recuar.

- Pois bem, então não temos nada mais a conversar, nem a fazer. A partir de hoje, está excomungada. Nem você nem seus filhos devem pisar mais o solo santo

de qualquer igreja católica. E isso, obviamente, será divulgado em todos os cantos desta cidade.

O padre a fulminava com o olhar. Não aceitava que um dos membros de sua paróquia se tomasse espírita. Era demais para ele. Além de ver o movimento crescer

e espalhar-se por sua cidade, teria agora de dar explicações aos superiores.

Logo ele, que era ferrenho opositor daquele novo sistema de pensamento, se via frente

a frente com uma de suas fiéis a passar para o lado deles. A idéia o enchia de ira, que ele não disfarçava. E diante do silêncio de Ermínia, o bispo ordenou:

- Chame seus filhos. Queremos que saibam o que estamos fazendo e o porquê de nossa atitude.

Ermínia pediu:

- Não gostaria de envolvê-los nisso, não há necessidade!

- Chame-os. Eles têm o direito de saber de nossa boca o que está acontecendo.

Mariana, que do corredor ouvira tudo, entrou na cozinha:

- Pode deixar que eu chamo, mãe.

- Mariana, estava escutando a conversa?

- Depois que verifiquei que os meninos estavam bem, vim ver se precisava de mim, e não pude deixar de ouvir.

- Então chame seus irmãos - pediu o padre. Mariana saiu e em alguns segundos retomou com os quatro irmãos. Assustados, todos aguardavam em silêncio, de pé

um bem junto do outro.

O bispo se levantou e disse solenemente:

-- Meus filhos, hoje aconteceu algo muito triste a esta família. A mãe de vocês desertou da fé católica. Como todos devem saber, resolveu aderir a essa nova crença,

que em breve há de se extinguir. Pois bem, assim procedendo, não nos deixou outra escolha que não excomungar a todos vocês...

- A todos não, bispo, por que isso? Deve punir somente a mim. Meus filhos não optaram por nada, são ainda muito jovens... Quem fez essa opção fui eu...

- Mas sabe que é chefe da família e vai influenciá-los, com certeza, se é que já não o fez; portanto, não temos alternativa. Estão todos, desde agora, excomungados.

Diante do olhar perplexo dos cinco irmãos, e das lágrimas que vertiam dos olhos de Ermínia, o bispo ergueu-se dizendo ao padre:

- Vamos, temos muito a fazer. Precisamos descobrir uma forma de frear a expansão desse movimento, que nos faz ver lares como este entregues ao mal...

O padre seguiu o bispo e se retiraram. Ao cruzarem a porta, Mariana gritou, indignada:

- Mentiu para mim, padre Enrico, vai nos prejudicar a todos!

O padre não respondeu. Apenas olhou para ela e saiu. Mariana prostrou-se em pranto. Alberto, o menino mais velho compreendia um pouco do que se passava.

Aproximou-se da mãe e a abraçou. Ermínia chorava copiosamente. Sabia o que os esperava, dali em diante. Quando a informação de sua excomunhão chegasse até aqueles

que compravam seus doces, obviamente não iriam mais ajudá-la.

-- Não chore, mãe. Vamos dar um jeito em tudo, não chore, abraçou o rapaz, chorando em seus ombros. Mariana não se conformava:

-- Está vendo, mãe, no que deu sua escolha? Só vai trazer

desgraça para nossa família. Devia ter dito que não acreditava mais em nada; você teve a chance, ele avisou! Como pôde fazer isso conosco? O que vai ser de nós?

E o que vai ser da nossa alma? Vamos todos para o inferno! Para sempre!

- Não diga isso, minha filha, que vai assustar seus irmãos! Ninguém vai para o inferno por pensar diferente da Igreja.

- Claro que vai, mãe, claro que vai! Não compreende? Vamos todos para o inferno por sua causa. Por sua causa!

Mariana saiu da cozinha, chorando. Alberto ia atrás dela, quando a mãe o deteve:

- Não, Alberto, deixe que ela vá, precisa desabafar um pouco. É melhor

E olhando para os filhos menores, que nada entendiam, disse acariciando o rosto dos três:

- Não se preocupem. Vocês confiam na mamãe, não confiam?

Os meninos concordaram com a cabeça.

- Então, Jesus há de nos proteger, há de nos dar tudo aquilo de que necessitarmos. Ele nunca nos abandonará, ainda que todos nos abandonem. Jesus estará

sempre perto daqueles que confiam e buscam fazer o bem, conforme Ele ensinou.

Sem dizer mais nada, Ermínia abraçou-se fortemente a Alberto, buscando energias para continuar acreditando.

Capítulo Onze

Dom Antônio e padre Enrico seguiram para a paróquia e se trancaram em pequena sala, onde confabulavam:

- Precisamos tomar medidas eficazes contra esse movimento - afirmava o padre, enfático.

- Insistimos para que os sacerdotes, em todas as missas, realcem o perigo que essa mentira representa. E você, na missa de hoje à tarde, deverá anunciar

a excomunhão dessa família; não deixe para amanhã. Quanto mais rápida e veementemente nossas decisões forem comunicadas, mais intimidaremos possíveis iludidos.

-- Acato suas orientações, que seguiremos à risca. Entretanto, insisto que alguma atitude mais vigorosa precisa ser assumida no ato de inibir essa seita que

se alastra e - o que é pior - cresce. e um poderoso homem de negócios que se interessa por princípios, ora é um intelectual de renome e influência que a envolver

por essa dita filosofia. Em outro momento, são assim, simples, que se entregam a suas práticas bizarras... a coisa precisa ser feita, depressa...

-- Não se atormente tanto, padre. Estamos falando com as

autoridades e com todas as famílias mais poderosas. Contamos com o apoio da grande maioria, que mantém o juízo. Brevemente iremos adotar algumas ações que por certo

deterão os aventureiros. O povo tem de entender que essa é uma doutrina perigosa e perniciosa. Faremos com que entenda.

- Como se espalha tão depressa? Nunca os vejo pregando em lugar algum, tampouco difundindo seus princípios. Apenas essas reuniões...

- Mas as reuniões atraem muita gente. Alguns gostam de ver as tais mesas que giram e falam, de ouvir os barulhos que fazem e as supostas manifestações dos

mortos. As pessoas, em todos os tempos, gostam do que é mágico, sobrenatural... Acima de tudo, e mais perigosos do que os outros atrativos, estão os livros...

- Os livros?

- Sim. São os livros que vêm divulgando amplamente esses estudos diabólicos.

- Já os viu, Eminência?

- Sim, tive alguns deles em mãos. São perigosíssimos.

- E por que são tão ameaçadores, visto que se trata de uma doutrina cheia de misticismos, charlatanismos e mentiras?

- É interessante, mas os livros apresentam tamanha lucidez e clareza filosófica tal que fazem deles um perigo, padre, um grande perigo...

- E o que faremos? Como vamos combater esse movimento que penetra em todas as áreas?

- Não obstante ser a disseminação dessa doutrina através dos livros sobretudo preocupante, tenha calma. Encontraremos um jeito de acabar com eles. Continue

falando dos perigos crença, durante as missas. Não é possível que, diante das seqüências que atingem os que se deixam seduzir, muitos dêem um passo atrás.

Os dois permaneceram algum tempo imaginando alternativas a serem adotadas para precaver os fiéis dos riscos que o movimento espírita poderia acarretar. Ao se retirar

o bispo aconselhou:

-- Padre, caso essa mulher se arrependa, receba-a de volta.

-- Como? Depois de ser excomungada, não posso fazê-lo.

-- Seja generoso. O povo gosta de demonstrações de bondade. Se ela o procurar, imponha muitas penitências e a faça falar, publicamente, do engodo em que

caiu. Que ela pinte com todas as tintas as cenas horríveis que viveu. Seu testemunho poderá ajudar, se vier a se arrepender.

- Acho difícil. Viu que está firmemente decidida.

- O que acha que a faria desistir?

- Não sei.

- Pense, padre. Pense em como poderia ajudá-la a regressar ao aprisco..

E assim dizendo, o bispo partiu, deixando o padre a meditar sobre suas últimas palavras.

Após longa preparação para celebrar a missa da tarde, o pároco saiu de seu quarto à procura de Fernando. Verificou por toda parte e concluiu que o jovem

não se encontrava na paróquia. Chamando o ajudante, perguntou:

- José, onde está Fernando? Estou procurando por ele e não o acho em lugar algum. Fernando saiu logo depois do almoço e ainda não retomou.

- Disse para onde ia?

-- Não, padre. Esteve a manhã inteira em seu quarto e não almoçou. Perto das duas horas, saiu e disse apenas que não sabia quando voltaria.

O padre, contrafeito, saiu resmungando:

-- Assim as coisas vão mal. O que pensa Fernando? Tem obrigações! Não pode abandonar seu posto e sumir pelo tempo e bem entende...

O rapaz ficou observando o padre, que caminhava afobado. Baixou a cabeça e continuou preparando o material que seria utilizado nos trabalhos religiosos da tarde.

Na mansão, o relógio bateu cinco horas. Fernando estava sentado perto da janela, com uma xícara de chá nas mãos. Filomena, em silêncio, bordava toalhas para a festa. Os pensamentos do rapaz se espalhavam como as folhas que voam das árvores nas frias tardes de outono.

Filomena largou o pequeno bastidor que utilizava para bordar e encarou o primo. Sua testa franzida e seu olhar sério não a estimularam a falar; baixou a cabeça e retomou o bordado.

De repente, a casa grande e fria se encheu de movimento e de sons. Era Ricardo que chegava com Cíntia. Ela, alegre e ruidosa, contava ao pai o quanto se divertira nos brinquedos, vendo as mágicas e tudo o mais. Quando entraram na biblioteca, a menina ficou ainda mais feliz:

- Tio Fernando! Estava com saudade.

Cíntia correu para o primo, que, sem pensar duas vezes, colocou a xícara de lado e se levantou para pegá-la no colo, como costumava fazer. Então lembrou-se das feridas nas costas e se deteve.

- Que foi, tio? - perguntou a garota ao vê-lo descer os braços.

- É que não vou poder abraçar você hoje, pequenina. Estou com muita dor nas costas!

- O que houve? - perguntou ela com doçura. Quase envergonhado, Fernando olhou-a e disse:

- Bobagens de adultos, querida. Fiz alguns trabalhos mais pesados, não me cuidei adequadamente, e agora estou com dores.

- Que posso fazer para ajudar, tio? - perguntou a menina ainda mais docemente.

- Nada, apenas sente-se aqui perto de mim e me conte como foi seu dia.

Filomena mal cumprimentou o irmão e a sobrinha. Continuou bordando . Alguns minutos depois, quando Cíntia, empolgada, narrava suas aventuras da tarde, a tia disse:

- Já chega, Cíntia, está bom, já entendemos que se divertiu bastante.

Que maravilha!

Fernando reagiu:

- Ora, Filomena, deixe a menina falar. Que coisa! Conte, Cíntia. O que mais?

Cíntia ia prosseguir, porém de súbito seu rosto se apagou. O sorriso desapareceu e os olhos ficaram tristes. Sobre a mesa, ao lado da xícara de chá, ela

viu pequena notícia com a foto da mãe. Levantou-se e, antes que o pai pudesse e impedi-la, abriu o jornal e leu a matéria.

- O que é isso, pai? Estão dando dinheiro pela minha mãe?

- Não é bem isso, Cíntia; nós só queremos encontrá-la.

- E por que ninguém me disse que ela havia saído daquele lugar?

- Ela não saiu; ela fugiu, minha cara - disparou Filomena, mal-humorada.

a.

Ricardo aconchegou a filha nos braços e disse:

- Não queríamos que você ficasse triste, Cíntia, só isso.

- Não é verdade. Estão me escondendo as coisas. Onde pode estar minha mãe a esta hora? Como pode ter sumido? Onde ela está, pai?

- Não sabemos, filha, por isso estamos pedindo a colaboração de pes

soas que tenham algo a informar. Entendeu?

-- Aqui diz que ela é assassina e perigosa... Não é verdade!

-- Claro que é, Cíntia! Por que acha que... Chega, Filomena - interveio Fernando, com voz firme. E dirigiu-se à menina: Olhe, Cíntia, sua mãe está doente.

quando as pessoas, por alguma razão, ficam doentes, às ve-

107

Lucius SANDRA CARNEIRO

zes fazem coisas que não conseguem controlar. Foi isso aconteceu à sua mãe

- Como, doente? Até o dia em que a levaram de nossa casa, estava perfeitamente bem. Eu passava o tempo todo com ela e nunca vi nada de estranho!

Fernando olhou para Ricardo pedindo reforço, mas foi Filomena quem respondeu:

- Vai ver você também precisa de ajuda, por isso não percebe...

Fernando se ergueu bruscamente e pegou Cíntia pela mão.

- Vamos andar um pouco. Você gosta de caminhar pelo pátio, não gosta?

- Não quero, tio - disse a menina, mantendo o corpo imóvel e rijo, inconformada com a notícia.

- Vamos, querida, vamos conversar um pouco. Quero lhe contar algumas coisas que você gostará de saber. Fique calma, logo encontrarão sua mãe

- Ah, isso é verdade, Cíntia, vão localizar sua mãe, custe o que custar..

-- aduziu Filomena.

Fernando puxou Cíntia e conseguiu que saísse com ele da biblioteca

. Desceram as escadas imponentes da entrada da casa e ele, apertando a mão da menina, começou a conversar com ela, que agora chorava.

- Não chore, Cíntia, vão achar sua mãe.

- Por que, tio? Por que fizeram isso com ela? É uma pessoa boa, nunca fez mal a ninguém!

- Não estão fazendo nada... - tentava disfarçar Fernando, sentindo profundo mal-estar pelas palavras da menina.

- Ora, tio, por que vocês a prenderam?

- Nós?

- É, todos vocês. Você estava lá naquela noite horrível em que a levaram!

-- Foi preciso, para o seu bem e o de seu pai. E também de sua mãe, que precisava de cuidados especiais.

-- O que foi que ela fez, tio? - Cíntia estacou e fitou Fernando com firmeza.

-- Ela está descontrolada, com problemas emocionais, Cíntia; é difícil para você compreender.

- É porque ela é diferente, não é? Porque dizia coisas estranhas, tinha aquelas visões esquisitas; não é isso?

- Tudo o que se passava era sintoma da doença, dos distúrbios emocionais que estão afetando sua mãe. Recebendo o tratamento adequado ela vai melhorar; tudo vai ficar bem, você vai ver.

- Vocês pensam que me enganam, não é? Porém a verdade é mais forte do que tudo e virá à tona.

Fernando gelou ao ouvir as palavras da menina. O que significariam?

- Que verdade, Cíntia? Do que está falando?

- De tudo que tentam encobrir, por medo de enxergar. Cada vez mais espantado com o que a menina dizia, bem como com o seu tom de voz, agora alterado, Fernando

sentouse em um banco a observá-la. Cíntia calou-se e baixou a cabeça, chorando inconsolável.

O jovem padre tentou de todas as formas alegrá-la, mas percebeu que a garota sofria profundamente. Veio-lhe então à mente a idéia do pároco de levá-la ao

orfanato, e sem pensar muito convidou:

•- Quer auxiliar outras pessoas, que sofrem como sua mãe? Cíntia, pela primeira vez, ergueu os olhos e enxugando as lágrimas perguntou:

-- O quê?

-- Quer me ajudar no orfanato?

-- Posso?

109 Lucius SANDRA CARNEIRO

- Eu gostaria que me acompanhasse uma vez por semana e me ajudasse com as crianças. Muitas delas não têm mãe, Cíntia.

- Como eu, tio.

- Não, você tem sua mãe. Algumas nunca viram as mães... Seu sorriso era terno ao comentar:

- Pobrezinhas... Gostaria muito de ir, tio. Será que vou poder colaborar?

- Claro. Tem doze anos e já pode cuidar de pequenas tarefas. Há muit

o que fazer por lá. Só precisamos convencer seu pai, Cíntia. Ele não gosta muito desse tipo de trabalho. Nunca foi visitar o orfanato. Temo que não concorde, nós temos de insistir.

- Deixe que falarei com ele, sei como pedir. Quantas crianças tem o orfanato?

- Quase cinqüenta.

- Mesmo? E você cuida de tudo sozinho?

- Não conseguiria. Tenho alguns ajudantes. E como ajuda nunca é demais, será bem-vinda.

Cíntia imediatamente envolveu-se com a idéia de acompanhar Fernando em suas tarefas. Continuaram o passeio, lenta e pausadamente. Ao retornarem, a menina

estava mais aliviada e já não falava na mãe. Quando entraram e Ricardo a olhou, quase a perguntar como estava, a menina disse:

- Pai, precisamos conversar.

Puxando-o pelo braço, subiu com ele para o quarto. Fernando ainda se demorou um pouco, mas quando dom Felipe e Isabel chegaram o sobrinho estava saindo.

Cumprimentou-os, já na porta:

- Boa tarde, tio Felipe, tia Isabel.

- O que está fazendo aqui a esta hora, Fernando? tem de celebrar a missa das seis?

Fernando empalideceu. Esquecera por completo o compromisso.

-- Já estava de saída, tio.

-- Em cima da hora. A missa começa em dez minutos!

-- Já estou indo. Até logo, Filomena, até logo.

E saiu em passos rápidos. Seguiu ofegante pela estrada que ligava a propriedade do tio às terras da paróquia. Quanto mais se aproximava, menos v

ontade sentia

de rezar a missa naquela tarde. À medida que se afastava da mansão do tio, foi desacelerando os passos até andar bem devagar.

Já era noite quando chegou à igreja. A missa havia acabado e os fiéis se despediam do vigário. Fernando entrou pela porta dos fundos e foi direto para seu

quarto. No caminho encontrou José, que lhe informou, quase sussurrando:

- O padre está uma fera com você! Muito bravo!

- Eu sei. Depois vou conversar com ele.

Dirigiu-se ao seu quarto pensando que precisava achar uma boa justificativa para dar ao clérigo. Mal o silêncio se instalara no pátio da paróquia, o

uviu-o

bater à porta.

- Entre, padre.

-- Onde esteve, meu filho? Desertou de suas tarefas?

- Não, de maneira alguma. Estava tentando conversar com meu tio, pedir-lhe ajuda para impedir o avanço desse movimento que nos afronta.

Padre Enrico esboçou leve contentamento e puxando uma cadeira, próxima à cama, perguntou interessado:

-- E o que conversaram? Teve ele alguma idéia?

-- Conversamos longamente. Conteí que pouco a pouco nossos fiéis começam a aderir à nova doutrina.

Nesse momento, Fernando recordou o caso que o padre lhe contara pela manhã, e perguntou:

-- E a família que foi visitar? Como ficaram as coisas?

- Todos excomungados.
 - Todos? A família inteira?
 - É a família de Ermínia, lembra-se dela? Ficou viuva há dois anos.
 - Como não? É uma mulher dedicada... Logo ela, padre?!
 - Vê, meu filho, como o perigo está em toda parte? Fernando ficou pensativo, e então arrematou:
 - Enfim, que sejam mesmo excomungados, pois se abandonam a fé o que se há de fazer?
 - Não se trata só de abandonar a fé; estão também dando péssimo exemplo aos outros. Tenho de achar algum modo trazê-los de volta. Precisa me ajudar, Fernando.
 - Como?
 - Não sei, mas urge pensar em algo. Temos de forçar Ermínia a retornar. É muito ruim para nossa reputação junto às autoridades eclesiásticas que fôreis sob nossa responsabilidade comecem a nos deixar, aderindo a esse movimento efêmero. Durante a missa das seis notifiquei a comunidade de que toda a família foi anatematizada. Espero que isso intimide os incautos e distraídos.
 - Por certo o fato causará muitas dificuldades à família perante a comunidade.
 - Também penso assim; no entanto, precisamos intensificar essas dificuldades. Temos de estimular as pessoas a se posicionarem em relação a eles.
- Fernando refletiu um pouco, porém estava sem nenhuma vontade de pensar naquele assunto. Sentia as costas doloridas e o coração entristecido de ver o sofrimento de Cíntia. Desejando descansar o corpo e a alma, calou-se.
- O padre, ante o seu silêncio, levantou-se e quando na porta, já do lado de fora, disse:
- Pense em alguma coisa, Fernando. Sua mente é muito

criativa, sobretudo quando se trata de proteger sua família. Use agora a mesma criatividade para proteger a Igreja...

Sem responder, Fernando fechou a porta e deitou-se de bruços. Sabia bem do que o padre falava. Tinha de pensar em algo...

Capítulo Doze

Na pequena casa à beira-mar, Emilie passava os dias em silêncio, sentada na varanda, com os olhos lacrimosos e o coração amargurado. As noites continuavam agitadas. Ainda assim, gradativamente ela melhorava, sem perceber. Não notava, mas a idéia de buscar a própria morte começava a enfraquecer.

Com a justificativa de que a jovem precisava se recuperar, Lucrecia a mantinha o máximo possível escondida dentro de casa, evitando que caminhasse pelos arredores. Receava que alguém a visse e os denunciasse.

Naquela manhã, Jairo chegou da província ofegante. Mostrava-se e ainda mais preocupado:

- Veja, Lucrecia: a situação se complica.

Emilie, sentada junto ao fogão, sequer levantou a cabeça.

- O que foi, Jairo?

- Olhe você mesma.

Jairo entregou à esposa um panfleto que recebera no empório, onde o proprietário comentara minuciosamente o assunto com ele. Lucrecia empalideceu ao ler.

Olhando de relance para Emilie, perguntou:

- O que vamos fazer?

Jairo olhou sério para a jovem, que permanecia alheia tudo, e disse:

- Venho alertando que a situação é grave, Lucrécia, e você não me ouviu!

Ela encarava o marido sem saber o que dizer. Fitou Emilie que dessa vez, como se retomasse distraída de algum lugar distante, perguntou:

- O que se passa?

Jairo, em tom áspero, começou:

- O que se passa...

E antes que a mulher pudesse impedi-lo, entregou o panfleto a Emilie, que displicente se pôs a ler.

- Calma, Jairo, vamos achar uma saída - ponderou Lucrécia, preocupada com a reação da jovem.

Emilie, ao terminar de ler, pálida e quase sem voz, balbuciou:

- Esses... esses...

- Por favor, tenha calma - pediu Lucrécia, quase suplicante.

- Eles querem me destruir. Não me deixam em paz! Olhe para isto!

Vendendo-me como se fosse uma mercadoria! Eles querem acabar comigo! Não o poderei fugir para sempre. É melhor morrer do que voltar para aquele lugar, onde estava até esquecendo quem sou... Estava enlouquecendo de fato. Não vou voltar para lá! Prefiro morrer!

Levantou-se bruscamente, largou o papel e saiu correndo em direção à praia. Lucrécia foi atrás, mas Emilie andava tão depressa que era difícil alcançá-la.

A mulher dobrou o esforço ao vê-la entrar no mar, tentando ir para o fundo, cada vez mais para o fundo. Jairo vinha logo depois, preocupado com a esposa, que não

sabia nadar. Parecendo ignorar esse fato, ela entrava cada vez mais, seguindo Emilie, que já tinha água até a cintura. Uma onda mais forte a encobriu.

Emilie perdeu o equilíbrio e

caiu sob o impacto da vaga. Lucrécia correu ainda mais quando viu a jovem desaparecer sob a onda e, sem pensar, mergulhou atrás dela.

Jairo assistia a tudo estarrecido. Gritava desesperado que Lucrécia recuasse, voltasse, e em vão procurava alcançá-la. Quase sem forças, ficou completamente

surpreso ao avistá-la nadando em sua direção e trazendo Emilie agarrada por um braço, desacordada.

Lucrécia nadou até quase a praia. Jairo falava com ela, que não respondia, como se ignorasse sua presença. Colocou Emilie com gentileza sobre a areia e verificou-lhe

a respiração. Vendo que não respirava, imediatamente virou-a de bruços e começou a massagear a região do pulmão, com tal vigor que assustou Jairo.

Ele não conseguia

fazer nada; estava paralisado diante da precisão com que a esposa agia, especialmente por saber que ela desconhecia qualquer princípio de salvamento.

Após alguns fortes apertões sobre o peito, Emilie começou a tossir, expelindo a água dos pulmões, e em seguida voltou a respirar normalmente.

Lucrécia pegou-a

no colo, como a uma criança, e ainda sem dizer nenhuma palavra reconduziu-a para a pequena casa.

Lá, vestiu-lhe roupas secas e deitou-a na cama, sob muitas cobertas- Emilie, que tremia intensamente, foi aos poucos se acalmando até a dormecer. Lucrécia permaneceu ao seu lado e quando a viu dormindo sentou-se perto do fogão

para também quecer. Abaixou a cabeça e começou a tremer. Só aí olhou surpresa para Jairo, que tudo acompanhava sem dizer nada.

-- O que houve, Jairo? Não estávamos atrás de Emilie? -- Indagou, observando a jovem que dormia.

-- Você não se lembra?

-- Do quê?

-- De tudo o que se passou.

117 Lucius SANDRA CARNEIRO

- E o que se passou, afinal?

- Isso que acontece às vezes com você é realmente incrível!

- Aconteceu de novo?

- Você correu atrás de Emilie, que entrou no mar e, perdendo o equilíbrio, quase se afogou. Aliás, já estava afogada. Você mergulhou, nadou, tirou-a do mar,

socorreu-a na praia com procedimentos que nem eu conhecia, e trouxe-a nos braços até aqui. Não se recorda de nada?

- Não. É como se tivesse desmaiado. Lembro-me apenas de ter saído atrás dela pela praia.

Emilie balbuciou algumas palavras e Lucrécia correu até a beira da cama para ouvi-la:

- Por que fez isso?

- Não pode morrer, Emilie!

Lucrécia pôs-se a acariciar os cabelos e o rosto da jovem. Lágrimas desciam pela sua face, incontroláveis, enquanto a outra procurava consolá-la, dizendo:

- Emilie, querida, tenha fé. Tudo há de se resolver. Deus não vai permitir que seu sofrimento dure para sempre. Tenha confiança. Seja lá o que for que lhe

aconteceu, tenho certeza de que há pessoas que se importam com você, que a amam! Sua filha e outras pessoas! Elas amam você! Não pode desistir assim da vida, quando

há tanto a ser realizado!

- Você não entende... Eles querem me destruir - Emilie balbuciava.

- Quem, Emilie? Seus familiares?

- Não! Eles... - e a jovem gesticulava, apontando para o ar. Lucrécia olhou em volta e imediatamente percebeu que Emilie via entidades espirituais que estavam ali.

- Ninguém pode mais do que Deus, Emilie. Ele é soberano. Confie no Pai. Peça que a ajude!

- Ele não me ajudou quando eu mais precisei...

Como não? Ele a está ajudando a todo momento, você é que ainda não percebeu isso...

Os olhos de Emilie demonstravam o terror que lhe provocavam as imagens que via. Lucrécia baixou a cabeça e começou a orar, enquanto a moça apenas chorava, assustada:

-- Mestre Jesus, que nos inspiras e nos ajudas. Irmão de todas as horas, de todas as lutas. Tu que sofreste mais do que todos nós, que conheces as dores do abandono e da ingratidão, da rebeldia e do desprezo humanos, Tu que mantiveste Teus braços abertos e Teu amor distribuído para todos os que sofrem, para todos os que de Ti necessitam, dá-nos a bênção da Tua proteção nesta hora. Ampara esta irmã que sofre angustiada dor. Mostra a ela, Senhor, Teu amor infinito, e que ela possa, sob a Tua orientação, começar nova vida. Ajuda-nos, Senhor, para que possamos compreender Teus ensinamentos que são vida e luz para nossas almas.

Jairo, comovido, acompanhava a sentida oração. Ao final, lágrimas desciam pela face da mulher. Quando ergueu a cabeça, constatou que Emilie dormia sossegada.

Suspirou aliviada e olhando para Jairo, que também tinha lágrimas nos olhos, estendeu as mãos para o companheiro, que a abraçou com ternura.

Emilie dormiu durante toda a tarde e a noite inteira, acompanhada constantemente pelo carinho desvelado de Lucrecia. Na manhã seguinte, bem cedo, ao se levantar

a dona da casa a encontrou sentada na cama. Assim que a viu, a jovem perguntou:

- Quem mais esteve aqui ontem à noite? Aquelas pessoas horríveis, quem eram e o que queriam comigo?

- Como se sente, Emilie?

- Péssima!

-- Mas com a graça de Deus está viva!

-- Graças a você, mais uma vez!

-- Não, graças aos espíritos superiores que nos amparam.

118 Lucius SANDRA CARNEIRO

- Que espíritos? Do que está falando?

- Dos emissários de Jesus, que nos amam, nos assistem e nos protegem sempre.

Emilie continuou olhando para Lucrecia e ela prosseguiu;

- Eles querem o nosso bem, Emilie, somente o nosso bem.

- Quem são "eles"? Aquelas pessoas que vi aqui à noite? Vieram para me buscar, não é? Para onde foram?

- Além de você, Jairo e eu, não havia mais ninguém aqui ontem, Emilie

- Eu os vi! Eram quatro: dois homens e duas mulheres. Gritavam comigo dizendo que iam me levar embora, que iam me destruir.

- Já disse que estávamos apenas nós três aqui.
 - E o que foi aquilo que vi? Estou ficando louca? Estava delirando?
 - Provavelmente não.
 - Então quem eram?
 - Alguns irmãos que ainda não compreenderam o amor de Deus.
 - O quê?
 - Existem muitas coisas que nos acontecem para as quais não temos explicação. Como são coisas que vão além do que conhecemos, precisamos buscar outros conhecimentos que nos esclareçam esses fenômenos.
 - Que fenômenos?
- Jairo, que havia entrado na cozinha e acompanhava a conversa, respondeu:
- Você estava se afogando, Emilie, e Lucrécia, que não sabe nadar, entrou no mar e a salvou.
 - Não foi ela quem a salvou. Alguém se utilizou dela para dar socorro a você.

- Como assim? Do que estão falando?
- Lucrécia sentou-se ao lado de Emilie e disse:
- Você acredita que existem pessoas boas querendo ajudá-la?
 - Não, todos querem me destruir... - Emilie interrompeuse Pela primeira vez percebeu o quanto aquele casal a estava ajudando. Eles queriam realmente vê-la melhor. Não pôde terminar a frase. Caiu em pranto e soluçava, sentida.
 - Sei que está magoada e triste. Mas se tiver fé e paciência Deus vai

mostrar a você o que precisa saber e fazer para recomeçar sua vida.

- Deus não se importa comigo! - os soluços da jovem aumentavam com as palavras de Lucrécia.

- Claro que se importa! Ele sempre cuida de nós.

- Então por que sofro tanto? Por que tanta injustiça? Por que meu mundo desmoronou e todos que eu amava me abandonaram? Explique-me, por quê?

- Não temos todas as respostas, mas Deus sempre sabe o que faz. Preste atenção e veja como ele cuida de você! Se não fosse a intervenção divina, já estaria

morta e teria perdido a oportunidade.

- Que oportunidade? De continuar sofrendo?

- Da vida, Emilie, da vida! Você está aqui por alguma razão! Tudo em nossa vida tem um significado. Tudo o que está acontecendo a você tem um motivo que, com paciência e fé, um dia entenderemos. Deus está dando chances a você, Emilie, aproveite!

Ela suspirou profundamente e disse:

- O que posso fazer? Ele nem sequer me deixa morrer!

Lucrécia percebeu o olhar de reprovação de Jairo, mas nada acrescentou. Entregou-se aos afazeres domésticos, deixando Emilie novamente prostrada na cama.

Enquanto Lucrécia se movimentava para todo lado, cuidando da casa e ajudando o marido na limpeza do pescado,

Emilie apenas observava, calada. No final da tarde> ela se levantou da cama e caminhou até a porta. Lucrécia estava sozinha na pequena varanda; trabalhava Cantarolando suave melodia.

Emilie permaneceu encostada na porta. Sentiu o vento frio que vinha do mar e por um momento experimentou pequeno alívio, em meio às Angústias que trazia no coração. Contemplava a cena. Lucrécia, mulher simples e rude, trabalhando alegre e calma; o emudecer lindo e luminoso; as árvores que balançavam com suavidade à brisa do mar. Tudo aquilo fazia brotar em seu coração um sentimento de paz, de serenidade que há muito havia esquecido. Devagar, caminhou até Lucrécia, que ao vê-la sorriu sinceramente feliz:

-- Sente-se aqui venha. O entardecer é maravilhoso. Gosto de assistir ao pôr-do-sol, aqui da minha mesa de trabalho. É de uma beleza tão suave. .. Lembra minha terra...

Emilie sentou-se e perguntou:

- De onde você é?

-- Nasci em Marrocos, amo esta terra. Só às vezes sinto saudade do cheiro do mar que lá era diferente.

-- Então também é uma estrangeira, como eu?

-- Vê? Quanta coincidência, não, Emilie?

Lucrécia sorriu e continuou trabalhando. Emilie ficou a olhar em silêncio o sol que se punha lentamente. Lucrécia, de quando em quando, levantava sorradeira

os olhos do trabalho e notava satisfeita que a beleza da natureza fazia bem à jovem, alimentando-a de energia, ainda "ue ela não se desse conta disso.

Finalmente o sol se escondia e Lucrécia começou a limpar todos os apetrechos que usava, Arrumando-os para serem guardados. Emilie, que observava sua atividade,

quase sem perceber pôs-se a ajudá-la a guardar facas e outros talheres, acompanhando-a depois, quando iniciou a preparação do jantar.

Capítulo Treze

Nos dias que se seguiram, Emilie passou a colaborar com Lucrecia e em pequenas tarefas domésticas. Logo que acordava, via a dona da casa chegar da praia, carregando um livro. Diariamente, no mesmo horário, ela entrava com o pequeno livro nas mãos. Então o colocava numa prateleira e começava seus afazeres.

Naquela manhã, mais de um mês depois de ter sido encontrada no penhasco, Emilie estava visivelmente mais animada. Levantou-se e já arrumou a cama, do jeito que Lucrecia fazia. Preparava-se para ajudá-la com o café quando Jairo entrou, agitado e ofegante. Apavorado, dizia:

- Temos de esconder Emilie.
- Acalme-se, Jairo. O que está havendo?
- Temos de escondê-la depressa.
- Por quê?
- Estão vindo aí... A polícia, com aquele médico! •- O doutor Francisco?
- Ele mesmo. Está acompanhado de um homem todo elegante, vestindo o terno, e de outro com um uniforme que parece da polícia.

Lucrécia pensou por segundos e perguntou:

- A que distância estão da casa?

- Ainda estão descendo a encosta, mas rapidamente nos alcançarão.

Emilie chorava angustiada e já tremia, quando Lucrécia segurou suas mãos, olhou-a nos olhos e disse:

- Nada vai lhe acontecer.

- Eles vão me levar de volta para aquele lugar horrível! Vão me levar...

- Ninguém vai levar você daqui. Confie em mim. Olhe em meus olhos. Vamos, olhe.

Emilie fitou os olhos negros e profundos de Lucrécia e sentiu nova força a envolvê-la. Sem dizer nada, secou as lágrimas e perguntou, hesitante:

- O que vamos fazer?

- Vou escondê-la.

- Onde? Não temos lugar algum...

- Temos, sim. Embora vá ser muito desconfortável para você, Emilie, é um lugar em que não acredito que irão encontrá-la.

- Onde?

- Lançamos os restos de peixes em um buraco mais ou menos fundo. Ficam ali para secar e servir, depois, de adubo. Sabe onde fica o buraco?

- Sim, é atrás da casa...

- Então vá para lá imediatamente. O cheiro é forte, muito desagradável, e o lugar é apertado. Esconda-se embaixo dos restos de peixe e não faça nenhum barulho,

nem para respirar. Confie em mim. Eles não a acharão ali; é o único lugar seguro.

Levando a jovem até o pequeno quarto do casal, Lucrécia abriu a janela, escondida entre arbustos, e disse:

- Por aqui, rápido. Saia pela janela e esconda-se. A ta-

buca que cobre o buraco é leve, você consegue movê-la sozinha. E não saia de lá enquanto não for buscá-la. Está certo? Compreendeu? Não chore, não tema, por favor.

Tudo vai dar certo, Emilie, tenha fé.

O tom de voz de Lucrecia era agora suplicante; porém seus olhos, brilhantes e firmes, transmitiam algo a Emilie que a fazia obedecer. Ela balançou a cabeça

e, sem dizer nada, saiu pela janela.

Minutos depois, o médico estava na porta da cozinha, junto com outros dois homens. Lucrecia e Jairo tomavam o café da manhã, aparentando absoluta tranquilidade.

Ao vê-los, Lucrecia se levantou e saudou, cordial:

- Doutor Francisco, como está? Entre, por favor.

- Vou direto ao assunto - disse o médico olhando ansiosamente em torno, como à procura de alguém -, queremos saber o paradeiro de Emilie.

São da família dela? - interrogou Lucrecia, encarando os outros dois, muito interessada.

Onde ela está? É verdade que foi embora? - disse o médico e fixou Lucrecia, desconfiado.

Esta, controlando o tom de voz, disse suavemente:

-- De fato ela esteve aqui, mas já partiu. Encontrei a pobrezinha quase morta no alto do penhasco. Por certo ia atirarse de lá.

Enquanto detalhava como a havia encontrado, observava atenção os estranhos que acompanhavam Francisco. Um ou vivamente interessado em sua narrativa. Contudo,

o médico interveio depressa:

-- Já sabemos de tudo isso, dona... Não me recordo de seu nome...

-- Lucrecia, ao seu dispor - e estendeu a mão a um dos cavalheiros, que respondeu, apresentando-se:

1225 Lucius SANDRA CARNEIRO

- Sou Ricardo, marido de Emilie. Precisamos encontrá-la, ela não está bem.

- Percebi logo que o senhor tinha alguma ligação com a jovem.

Ricardo perguntou, intrigado:

- Como assim?

- Apenas uma impressão, nada mais.

- E então, onde ela está?

- Não está mais aqui conosco.

Foi o outro homem quem falou dessa vez:

- Olhe, minha senhora, não temos tempo para conversas. A senhora vai responder pelo que fez. Recebeu em sua casa uma assassina perigosa.

- Perdoe-me, senhor: até onde sei ela não matou ninguém; e mais ainda, eu a trouxe para cá desacordada, quase morta. Não a conhecia. Logo que chegou caiu

doente, como o doutor Francisco sabe, e só descobrimos quem era quando ele nos contou. Ao melhorar um pouco, tencionávamos enviá-la para um hospital; contudo, tão

logo foi capaz de se colocar de pé a moça quis partir. Não conseguimos segurá-la nem convencê-la a procurar ajuda.

- E por que não avisaram a polícia, se já sabiam que era uma pessoa procurada pela justiça?

- Ficamos penalizados com o estado dela; se fosse removida para um hospício, naquelas condições, certamente morreria. No dia em que mandamos o recado ao doutor

informando que iria para um hospital, ela desapareceu. Naquela tarde, quando retomamos da vila, já não estava aqui. Não sabemos para onde foi. Ainda estava muito

doente e só falava da filha...

Dando essas explicações, Lucrécia avaliava as mínimas reações de Ricardo.

-- Mesmo assim, vamos revistar tudo; não estou acreditando no que me dizem - exclamou o policial, com ar autoritário.

- Fiquem à vontade. Podem procurar onde quiserem; aliás a casa é pequena, vão verificar tudo rapidamente.

Sem responder, o policial foi até o quarto, abriu o único armário, espiou sob a cama; olhou para o teto, à procura de algum esconderijo, mas viu-se as telhas

e as pequenas fendas no telhado. Era uma casa extremamente simples.

Apesar de Ricardo guardar silêncio, Lucrécia percebia em seus olhos que ele desejava perguntar-lhe mais sobre a esposa. Francisco permanecia sentado na cadeira que

puxara, próxima ao fogão. Parecia inquieto. Logo o policial reapareceu.

- Aqui, nada. Vejamos do lado de fora. Pode haver um lugar onde ela esteja escondida.

Jairo, calado, só observava. De súbito o policial dirigiu-se a ele:

- Venha comigo. Mostre-me o que tem por aí.

Sem olhar para a esposa, ele saiu em companhia do policial. Começou mostrando o barco, que estava ancorado perto da praia.

- É seu?

- Sim. Vivo da pesca.

- E por que hoje não foi pescar?

- Porque íamos à vila, eu e minha esposa.

- Vamos até o barco.

Jairo conduziu o policial em pequeno bote até o barco. Após breve busca, retomaram. Francisco e Ricardo, agora do lado de fora da casa, esperavam pelos dois.

Ao chegarem, Ricardo disse:

-- Vamos, Pimentel. Ela não está mais aqui. Não há como escondê-la ne

ste lugar.

-- Calma, Ricardo, ainda quero examinar as imediações. Pode haver algum pequeno esconderijo para a fugitiva...

127

Lucius I SANDRA CARNEIRO

Ricardo não respondeu e evitava olhar para Lucrecia, que mantinha silêncio. Antes de prosseguir, o policial disse a ela:

- Devia estar mais preocupada. Está com problemas, minha senhora. Dar guarida a assassinos é crime. Vão ter de enfrentar as conseqüências.

- Não fizemos nada de errado. Como já disse, nem sabíamos quem era a jovem.

- E quando souberam, nada fizeram!

- Não deu tempo. Ela fugiu muito mais rápido do que imaginávamos.

- Nesse ponto Francisco interferiu, irritado:

- Chega de conversa, Pimentel, se quer achá-la precisa procurar! Tenho muito que fazer. Vamos logo com isso!

Ricardo olhou para o médico e disse:

- Se a reconheceu quando a viu, por que levou tanto tempo para me avisar? Por que não o fez de imediato?

- Assim que soube me preparei para lhe escrever, Ricardo. No entanto, tive problemas sérios na província, uma epidemia de gripe se alastrou. Houve vários

óbitos, pergunte a Pimentel. Ficou difícil avisá-lo. Mas logo que pude fui vê-lo e informar onde ela estava. Tínhamos também de ser discretos, para que não fugisse.

Seguido de Jairo, o policial procurava em todo lugar. Caminharam para longe do casebre e depois regressaram vasculhando os cantos em que era possível alguém

se esconder. Ao se aproximarem da casa, quando o oficial já se preparava para encerrar a busca, viu a tábuca cobrindo o buraco e perguntou:

- O que é isso?

- É onde jogo os restos dos peixes que limpo. Minha esposa gosta de cultivar plantas e prepara estêreo bem forte com as carcaças.
- Abra, quero ver.

128

RENASCER. DA ESPERANÇA

Jairo se abaixou, fazendo muito barulho à medida que movia a tábua. O policial acercou-se do buraco, deu uma olhada rápida; como o cheiro era insuportável, afastou-se e disse:

-- Feche! Não tem ninguém aí.

Jairo tampou o buraco e foi atrás do oficial, que ao se acercar dos outros admitiu:

- Parece que ela não está mesmo por aqui. Ricardo falou, quase sem perceber:

- Não, não está. Se estivesse, sentiria seu cheiro...

- Então vamos - afirmou Francisco, puxando Ricardo pelo braço.

- Calma, senhores, o que faremos com estes dois? Eles devem vir comigo!

Olhando ironicamente para Lucrécia, Francisco opinou:

- Tenho idéia melhor: coloque um guarda por aqui, bem na porta do casal. Se ela resolver voltar, nós a pegamos.

- Não posso deixar um de meus poucos homens aqui, dia e noite! vou notificar as autoridades e venho buscá-los para serem interrogados.

Dirigiu-se depois a Jairo e Lucrécia:

- Vocês terão de se entender com a justiça.

Estavam de partida quando Ricardo virou-se para Lucrécia e perguntou

:

- Ela disse alguma coisa a meu respeito?

Lucrécia segurou a mão do jovem e respondeu baixinho:

- Ela o ama, com certeza, e seria incapaz dos atos de que a acusam.

Ricardo puxou a mão e retrucou:

-- Devia ter pensado nisso antes de fazer o que fez! E dessa vez, sem olhar para trás, subiu a encosta com os outros dois.
Assim que desapareceram ao longe, Jairo seguiu-lhes o tra-

129 Lucius SANDRA CARNEIRO

jeto, certificando-se de que haviam partido. E foram imediatamente retirar Emilie do buraco de detritos. Puxaram a tampa e não a viram. Lucrécia chamou:

- Pode sair, Emilie, eles já foram.

Do meio de uma montanha de detritos, Emilie emergiu imunda. Puxada por Jairo e Lucrécia, conseguiu sair. Estava com odor repugnante e tossia muito. Lucrécia

ia preparar água para o banho, quando Jairo disse:

- É melhor que tome antes um banho de mar. Lucrécia conduziu a jovem até o mar e depois a amparou no banho quente e reconfortante. Só então ela teve condição de falar:

- Ricardo estava com eles, não estava? Ouvi sua voz.

- Estava. E um homem muito bonito.

- E igualmente cruel! Como pôde acreditar que eu queria fazer algo contra ele? Como pôde?

- Na maioria das vezes nos deixamos convencer pela aparência das coisas. É por isso que inumeráveis são nossos enganos. Se não procuramos a verdade, acima

de tudo, podemos nos enganar com muita facilidade. Mas pelo pouco que pude notar, ele ainda a ama.

- O quê?

- É verdade, ele ama você. Pude perceber nos seus olhos. Emilie, ao e

ncarar Lucrécia, lembrou-se do olhar confiante que a fizera crer que poderia escapar

mais uma vez, e perguntou:

- Como sabia que conseguiria escapar se me escondesse?

- Apenas sabia, sentia. Como se alguém me dissesse ao ouvido. Emilie continuou olhando fixamente para Lucrécia e por fim disse:

- Você é uma pessoa estranha, Lucrécia. Muito estranha... Enquanto repunha água pela quinta vez para tentar amenizar o odor forte que se impregnara na pele

de Emilie, ela respondeu:

.- Acho que esse é o maior elogio que ouvi de você desde que chegou aqui. Estamos progredindo! E esse cheiro que não passa...

Pela primeira vez em meses, Emilie abriu um largo sorriso e disse:

- Acho que esse cheiro não vai passar nunca mais!

Capítulo Quatorze

A família Valença estava reunida para a primeira refeição do dia. A primavera chegara e da janela da sala Cíntia observava com olhar melancólico as folhas verdes das árvores que balançavam ao sabor do vento.

Sua mente infantil não encontrava explicação para o que ocorria com a mãe, com sua família. Ela percebia que o pai também não estava feliz. Sentia, sem compreender exatamente, que Emilie estava em perigo e precisava de ajuda.

Isabel, que notara o abatimento do filho, não resistiu a comentar.

-- Vejo que está acabrunhado desde ontem, Ricardo. O que aconteceu, afinal? Encontrou ou não E... Ele fez sinal para que a mãe se calasse. Não queria que

titia sofresse; por isso pedira à família que evitasse tocar no nome de Emilie na frente dela. Isabel se conteve, visivelmente contrariada. Seguiu-se curto silêncio.

Ricardo fixou a filha, que remeexia um pedaço de pão sem comê-lo, e pediu :

-- Por favor, Cíntia, deve se alimentar. Há dias não come direito. Sua tia tem me falado de sua indisciplina às refeições.

133

Cíntia permanecia de cabeça baixa. Ricardo, sentado ao seu lado, tocou gentilmente o queixo da menina e levantou seu rosto. Viu lágrimas em seus olhos e

falou em tom suplicante:

- Minha filha, que faço com você? Está chorosa há dias!

- Deixe-me ir com tio Fernando ao orfanato. Sei que será bom para mim, pai, eu gostaria muito!

- Já expliquei que não é coisa para você, minha filha. O lugar é muito triste, cheio de crianças infelizes! Não é lugar para a princesinha do papai!

Uma

mocinha como você precisa conviver com crianças de sua condição social e não ficar enfiada num orfanato!

Nesse momento, Isabel, que ouvia calada, interveio:

- Ora, Ricardo, se a menina tem vontade, por que não a deixa ir? Que mal pode haver em conhecer o orfanato?

- Mas ela quer acompanhar Fernando todos os dias!

- Não, pai, não todos os dias, somente uma vez por semana!

- Ora, Ricardo, deixe-a ir ao menos uma vez. Quem sabe ela não tem mesmo vocação para servir...

- Isso nunca, mãe! Ela é uma menina muito inteligente e haveremos de prepará-la muito bem. Terá a educação mais primorosa que eu lhe puder proporcionar!

Isabel silenciou por um breve minuto, depois insistiu delicadamente:

- Ora, não vejo mal algum em conhecer o lugar. Ao menos visitar...

Cíntia concordou, pedindo com voz suplicante:

- Por favor, pai, isso me deixará muito feliz!

Ricardo olhou para a mãe, tentando identificar-lhe as intenções ocultas, depois para a irmã, que se mantinha cal. Examinou o pai, que parecia distante, e por fim

fixou bem rosto da filha, que continuava a suplicar com os olhos. Apesar de contrafeito, respondeu:

-- Está bem, pode conhecer o lugar. Mas quando você voltar vamos conversar sobre sua visita. E quero falar com Fernando também, conhecer melhor as intenções dele.

O assunto ainda era o mesmo quando Fernando apareceu, juntando-se aos primos e aos tios no desjejum. Assim que terminaram, Ricardo levou o primo até a biblioteca

e ali o informou de que deixaria Cíntia acompanhá-lo naquele dia. Quis saber mais sobre o orfanato e sobre as atividades que desenvolvia; Fernando explicou tudo, solícito. Ao saírem, Ricardo disse à menina:

-- Muito bem, vá com Fernando, e lembre-se: logo que voltar, quero saber tudo com detalhes.

Cíntia sorriu, concordando. Beijou o pai com carinho e saiu satisfeita em companhia de Fernando. Vendo-os afastar-se, Isabel perguntou a Ricardo:

- Agora que a sua princesinha saiu, pode me contar por que está tão caabisbaixo? Teve notícias dela?

- Tive.

Filomena ergueu a cabeça curiosa:

- E onde está, já sabe?

- Ela escapou novamente.

- Como, escapou? - indagou a irmã, fitando-o. Ricardo suspirou angustiado e por fim falou:

-- Esteve na casa de pescadores, porém foi embora. Parece que ficou gravemente doente e quase morreu.

Filomena olhou para a mãe, que também lhe endereçou ar significativo, compreendendo ambas que ele ainda se importava muito com a esposa. Felipe se interessou:

-- E esses tais que a acolheram não sabem para onde foi? Disseram que ao melhorar um pouco desapareceu. Quem são essas pessoas?

-- Gente simples, pai, pescadores.

- Sabiam que ela é uma fugitiva?

- Souberam quando Francisco a visitou.
- Então foi Francisco que a encontrou?
- Sim, foi ele quem cuidou dela e me trouxe notícias sobre seu paradeir

o.

Felipe sorriu irônico e disse com desdém:

- Esse Francisco não perde uma chance sequer de levar alguma vantagem da situação...

Ricardo ficou pensativo, e então o pai falou:

- Onde essa gente vive?
- À beira-mar, próximo a San Sebastian.

Filomena, que atentamente ouvia a conversa, perguntou:

- Quando fugiu do sanatório não conseguiu ir muito longe, não é?
- Parece que não. Contudo, agora não sabemos onde está. Filomena insistiu:

- Será que não sabem de nada mesmo? Ela deve ter dito alguma coisa sobre seus planos! Para onde poderia ter ido sem dinheiro, sem nada? Estarei tentando voltar à França?

- Precisamos encontrá-la - disse o pai. Nossa festa se aproxima, e sua mãe me chamou a atenção sobre a possibilidade de Emilie resolver vir até aqui e empanar o brilho da celebração. Mais uma coisa, Ricardo: essa gente deve pagar por ter dado proteção a uma assassina.

- Disseram que logo que souberam quem era, ela desapareceu. Não vejo a necessidade de sofrerem represálias, pai; são pessoas simples, vamos deixá-los em paz.

- De modo algum, Ricardo! Muito me surpreende você, sabendo do perigo que correu ao lado dessa mulher desequilibrada, ser complacente com aqueles que a acobertaram.

- Eles não sabiam de nada.
- Quero que sejam investigados.

-- O Delegado estará cumprindo com todos os procedimentos legais.

-- Pois muito bem, quero que me mantenha informado sobre o andamento dessas investigações. Quero ter certeza do que realmente aconteceu.

Ricardo acatou a ordem do pai e a conversa derivou para temas mais leves.

Capítulo Quinze

Naquela noite, após refazer-se do susto, Lucrecia conversava com Emilie:

-- Penso que doravante precisaremos ser mais cautelosos. A jovem perguntou, irreverente:

-- Está com medo, Lucrecia?

A amorosa mulher sorriu e disse com suavidade e ternura:

- Não é medo, e sim precaução, inteligência. Sabemos que daqui em diante estarão de olho em nós e, no mínimo, temos de redobrar os cuidados.

E precisaremos

achar a melhor Baneira de esconder você. Vamos ter de encontrar depressa a saída para protegê-la.

Emilie ficou quieta; Lucrecia virou-se do labor no fogão e perguntou:

-- Embora ainda esteja triste e magoada, você me parece ligeiramente mais disposta.

- É verdade, sinto-me um pouco mais calma, em especial depois do que você me disse a respeito de Ricardo. Talvez ele tenha tanta culpa em tudo o que aconteceu.

-- Gostaria que me contasse mais sobre o que houve,

mas somente quando se sentir preparada.

Dessa vez Emilie apenas sorriu. Lucrecia terminou de fazer o jantar

e quando Jairo chegou sentaram-se os três à pequena mesa. Lucrécia, então, informou Emilie

de que sairia naquela noite:

- Desde que você chegou, doente e fraca, estive afastada de algumas tarefas importantes para mim. Agora que está melhor, posso voltar às minhas responsabilidades.

- Que tipo de tarefas? - interessou-se Emilie.

- Tarefas espirituais.

Diante do espanto e do visível desconforto da moça, Lucrécia imediatamente procurou esclarecê-la:

-- Jairo e eu fazemos parte de um grupo que estuda assuntos ligados à espiritualidade e não tem nada a ver com qualquer prática estranha ou mística.

- O que estudam?

- Estudamos muitas questões transcendentais e, mais especialmente, os ensinamentos de Jesus.

Como Emilie se mantivesse calada e de cabeça baixa, concentrada em seu prato, Lucrécia, após breve pausa, acresceu:

- Todas as semanas nos reunimos nesse pequeno grupo e temos aprendido muito.

Emilie continuou pensativa. Jairo então mudou o tema da conversa, anunciando que precisava ir a Barcelona em breve:

- Meu plano seria ir amanhã, Lucrécia. Entretanto, não me agrada em nada largar as duas sozinhas aqui; receio que apareçam outra vez atrás de Emilie e as

peguem desprevenidas.

- Estou matutando em algum modo de mantê-la a salvo - disse a mulher

- Pense também em algum modo de nos proteger. Lucrécia, meditativa, nada respondeu. Terminou de jantar e fazia menção de se levantar quando Emilie perguntou:

-- O que exatamente estudam, Lucrécia? É algum tipo de sociedade científica? Não compreendo. Estudam também os ensinamentos de Jesus? com que intenção?

Lucrécia dirigiu significativo olhar para Jairo e então esclareceu:

- Estudamos fenômenos espirituais, Emilie. Você tem razão quanto a ser uma espécie de sociedade científica, porque de alguma forma também é isso, mas não só. Estudamos as relações do mundo espiritual com o mundo material, entende?

- Não, não entendo.

- Estudamos manifestações espirituais, mas não apenas para satisfazer nossa curiosidade.

- O que são essas manifestações?

- São espíritos que conversam conosco. Fazendo o sinal da cruz, Emilie reagiu:

- Deus me livre de tais práticas! E você vem dizer que não é magia?

- Não há nada de sobrenatural ou de fantástico nisso; o que acontece é que questões ainda desconhecidas para nós agora estão sendo reveladas.

- Lucrécia, como pode afirmar que não há nada de sobrenatural, de místico em se falar com os mortos? Além de tudo é um sacrilégio!

Há alguém de quem você goste muito, a quem tenha sido muito ligada, e que tenha partido deste mundo para a Pátria espiritual?

-- Como assim?

-- Que tenha morrido?

Emilie tomou-se subitamente séria. De seus olhos brotaram lágrimas que se avolumaram e lhe desceram pela face, ela respondeu: Minha avó, Heloíse. Morreu quando eu era adolescente.

Foi ao lado dela que passei os melhores momentos de minha vida. Era a pessoa mais doce e terna que já conheci. Um anjo. Sinto muita falta dela.

- E se eu lhe disser que talvez seja possível entrar em contato com sua avó?

- Isso é inadmissível. Os mortos devem descansar em paz! Não devemos os, não podemos perturbar-lhes o descanso sagrado! Não, jamais participarei a desse tipo de práticas...

Emilie silenciou como a se lembrar de algo. Lucrécia e Jairo respeitaram-lhe o silêncio e concluíram seus afazeres. Lucrécia aprontou-se e saiu, não sem antes recomendar ao marido que mantivesse a porta trancada e tomasse conta de Emilie.

Jairo acompanhou a esposa até certa distância e Emilie ficou a contemplá-los da janela, até a figura de Lucrécia se perder na praia. Não obstante sentir repulsa por aquele tema, diversas perguntas assaltavam-lhe a mente: "E se, admitindo-se apenas como hipótese, fosse mesmo possível falar com minha avó? E se ela pudesse falar comigo?"... "O que será que estudam nesse grupo? Como acontecem esses contatos?". Essas e outras indagações a rondavam; entretanto, buscava com vigor afastá-las e não se envolver naquele assunto.

A jovem recordou o quanto lutara, toda a sua vida, para ser considerada normal aos olhos de todos. Apesar das estranhas experiências que tinha, e sem compreender o que se passava em muitas ocasiões, tentava ignorar os fatos e agir como as pessoas normais. Guardava mágoa e ressentimento dos pais, que a recriavam e se envergonhavam dela, procurando escondê-la da família e dos amigos.

Emilie se sentou perto do fogão, que ainda tinha brasas acesas, tentando se aquecer. Ajeitou-se na cadeira e continuou pensando: "Quanto já rezei? Quantas ave-marias, quantos padre-nossos? Quantas penitências já me impuseram e a q

submeti, para tentar conter essas perturbações inexplicáveis que às vezes tenho, em que perco completamente o controle sobre mim mesma?".

Suas reflexões duraram longo tempo, até que o frio se intensificou e as brasas por fim se apagaram. Jairo, ao voltar, recolhera-se. Ela se levantou lentamente

e foi para o quarto, disposta a dormir. Antes, porém, assegurando-se de que Jairo estava mesmo deitado, procurou pelo pequeno livro que Lucrécia sempre trazia consigo

quando retomava da caminhada matinal. Era um exemplar do Novo Testamento. Abriu e folheou o volume, percebendo que havia trechos grifados. Enquanto virava as páginas,

um papel dobrado caiu de dentro do livro. Emilie abriu com cuidado a folha, já amarelada, e viu que era uma carta endereçada a Lucrécia. Num impulso leu o texto,

que lhe agradecia pelos esforços em seguir os ensinamentos do Evangelho e mencionava uma importante missão que ela devia realizar; falava também que seus filhos

estavam sendo bem cuidados, que não se preocupasse com eles. Percebeu que e nessa altura o texto estava manchado e só com muito esforço conseguia ler, como se alguém

tivesse dissipado a tinta com água.

Emilie dobrou a mensagem e a recolocou no lugar. Pensou em Cíntia, sentindo a saudade inundar-lhe o coração. Ela não tinha nenhuma certeza de que sua filha estava sendo bem cuidada.

Foi devagar para o quarto e ajeitou-se sob as cobertas, procurando proteger-se do vento frio que entrava pelas frestas. Observava as diversas fendas no teto e na parede, lembrando-se de tudo o que já havia possuído. Recordou seu quarto luxuoso na mansão em que vivera com Ricardo. Saudade, tristeza e mágoa misturavam-se em suas lembranças. Por mais que se reasse na cama, não conseguia dormir. Perguntava-se por que a sido vítima daquele complô para destruí-la. Rememorou

outra vez tudo por que havia passado, sentindo dor e ressentimento intraduzíveis invadirem-lhe a alma.

Só depois que Lucrecia regressou, silenciosa, foi que ela pôde finalmente adormecer.

Capítulo

Na manhã seguinte Emilie despertou aflita, angustiada. Assim que a viu, Lucrecia percebeu que não estava bem. Desde o café permaneceu calada, até que, pelo

meio do dia, Lucrecia lhe perguntou:

- O que a aflige tanto, Emilie? Ontem estava melhor, mas hoje vejo que pesadas energias a envolvem!

Embora notasse o carinho e a preocupação daquela mulher, Emilie falou asperamente, como quem é dominada por uma força desconhecida:

- Ora, por que não se cala? Que pretende, afinal? Lucrecia percebeu o tom de voz alterado da jovem e cautelosamente questionou:

- E por que se irrita tanto com meu interesse?

Emilie começou a sentir estranho sono se apossar dela e aos poucos tudo sumiu à sua volta. Já passara por aquilo várias vezes e lutava para manter o controle;

todavia, não tinha poder para impedir nada. Respondeu, ainda mais exasperada:

-- Ora, velha, sabe muito bem do que estou falando. O que pretende, opondo-se a nós? Já avisamos que não queremos

intromissão, que ela tem de pagar pelo que fez. Já avisamos! para se afastar dela. Só que você insiste, não é? Continua teimando em ajudá-la. Está atrapalhando nossos planos...

Lucrécia, compreendendo claramente a situação, olhou com maior ternura para Emilie, que se transfigurara: tinha os olhos arregalados e o rosto contorcido, rangendo os dentes com muita força. com suavidade na voz e profunda compaixão por aquelas entidades espirituais perturbadas, ela respondeu:

- Não percebe que me preocupo não somente com ela mas igualmente com vocês? Sei que estão sofrendo e gostaria de poder auxiliá-los. Permitam que ela me acompanhe aos estudos, e venham conosco.

- Nem pense nisso! Essa mulher de aparência delicada que está diante de seus olhos esconde um monstro de maldade sem limites... Não pense ela que nos engana, pois sabemos muito bem quem realmente é...

- Meus amigos...

- Não nos chame de amigos, porque não somos seus amigos...

- Meus irmãos, todos nós somos doentes, necessitados de amor, compreensão e perdão. Cometemos erros, que muitas vezes não percebemos, iludidos que somos pelo orgulho e pela vaidade... Entretanto, todos temos a possibilidade de recomeçar, de reconstruir. Assim como o sol nasce a cada manhã trazendo um novo dia, cheio de oportunidades, também a vida se renova trazendo outras chances para con

sertarmos nossos erros, repararmos nossas falhas...

- Chega! Já basta! Nem ela nem você se livrarão de nós facilmente.

Portanto, vamos dando o último aviso: ou desiste e a manda embora, ou vamos transformar

sua vida em um suplício!

Em face das ameaças terríveis que recebia, Lucrecia baixou

146

RENASCER DA ESPERANÇA

a cabeça e se pôs a orar, pedindo proteção a Deus, além de ajuda para Emili e para aqueles espíritos que a perseguiam. Quando ergueu a cabeça, depois da sentida

prece, Emili e a olhava assustada; a cor lhe sumira do rosto. Balbuciou, então :

.- O que... o que aconteceu?

Lucrecia notou a mudança na expressão da jovem e soube que ela não tinha noção do que sucedera:

- Você falou algumas coisas estranhas...

- O que foi que eu disse?

A bondosa Lucrecia, mesmo sob a emoção do ocorrido, procurava manter a calma e reiterou:

- Algumas coisas estranhas, só isso.

Contudo, vendo a expressão amedrontada que persistia na jovem, fitou-a e perguntou:

- É a primeira vez que sente isso? Emili e explodiu, entre lágrimas:

- Não! Isso se repete comigo desde que me conheço por gente. E horrível! Perco o controle do que está havendo, é como se de um lugar muito distante ouvisse

o que se passa em volta de mim, e não consigo dizer nada, fico como que em um sonho. Não sei o que é, nem por que acontece, mas já atrapalhou muito m

inha vida!

Lucrécia se levantou e aconchegou Emilie carinhosamente nos braços ; a moça continuava em pranto angustiado:

- Meus pais me mandaram para um convento, tão logo completei onze anos. Não queriam conviver comigo, por vergonha de ter uma filha doente. .. Era como diziam:

que eu era doente. Foram anos de tormento. Minha mãe, a cada visita, queria me convencer a me tomar freira; a madre superiora um a chamou e disse que eu não poderia, que claramente não nenhuma vocação. Ao voltar para casa, o suplício aumentou. Eu completara dezoito anos e meus pais me mantinham

147

LUCIUS SANDRA CARNEIRO

presa, sem poder sair nem me divertir, por recearem o que os outros diriam se eu tivesse outra crise.

Lucrécia permanecia abraçada à jovem, que prosseguiu compulsivamente:

- Tento me livrar desse fardo que me pesa na existência, mas nem sequer sei do que se trata. Não me creio doente pois me sinto bem e normal; só quando essas coisas acontecem, quando perco totalmente o domínio sobre mim mesma, é que fico apavorada. Nessas ocasiões fico fora de mim, e dizem que me tomo agressiva e perigosa.

Meu Deus... O que se passa comigo, Lucrécia? Estou tão cansada...

Sem responder, Lucrécia abraçou-a mais fortemente e ela continuou:

- Quando encontrei Ricardo, achei que finalmente seria feliz! Foi uma paixão incontrolável e recíproca - pelo menos é o que acredito - e nos casamos seis

meses depois de nos conhecermos. Meus pais ficaram aliviados; mal podiam crer que um homem de família tão rica e poderosa se interessara por mim àquele ponto. Dois meses depois do casamento, fiquei grávida e minha alegria parecia não ter fim. Tudo era maravilhoso. Todavia, quando Cíntia tinha cinco anos o problema reapareceu. No início, era esporádico e quase sempre estávamos apenas eu e Ricardo. Apesar de ter ficado assustado, ele não contou nada a ninguém. À medida que Cíntia crescia, o problema ia se acentuando e se tomava mais freqüente. Até que um dia tive uma crise terrível na frente de toda a família. Disseram que tentei agredir minha própria filha, àquela altura contava quase dez anos. Quando voltei a todos se mostravam apavorados e me tratavam como doente mental. Ricardo estava lívido e seu semblante era reprovado!- Minha filha chorava, com medo. Não gosto nem de lembrar. - Daquele dia em diante, minha vida transformou-se em

novamente. A mãe de Ricardo, que me recebera bem, mas com reservas, tornou-se áspera e indiferente. Ricardo exigiu que eu fizesse um tratamento com médico amigo da família. Eu sentia que era minha única alternativa, já que todos estavam se afastando de mim. Ricardo evitava sair comigo e passou a não me levar mais a festas e outras reuniões em que estivessem pessoas conhecidas ou da família.

Lucrécia, em silêncio, ouvia o desabafo que transbordava daquele coração desesperado. De quando em quando, Emilie enxugava as lágrimas que

desciam e seguia

quase indiferente, como se a outra nem estivesse ali:

- O pior ainda estava por acontecer. Todo ano eles fazem uma grande festa que reúne muitas autoridades, inclusive eclesiásticas.

Emilie fechou os olhos, como se procurasse focalizar na mente todos os pormenores daquele dia, e narrou:

- Eu despertei mais angustiada do que me era habitual. As consultas com o doutor Francisco não estavam ajudando, pois sentia desconforto junto dele. O médico,

por sua vez, garantia a Ricardo que eu precisava continuar com as sessões e também me receitara medicamentos. A princípio parecia interessado em meu problema e de

fato desejoso de auxiliar. Até aquele dia eu não sabia ao certo o que se passava. Ele chegou e foi conduzido a um quarto de hóspedes. Meu marido percebeu que eu

não estava bem e pediu que conversasse com Francisco ali mesmo, na casa. Eu relutava, porém Ricardo insistiu e acabei indo até o quarto onde o médico se instalara.

Ele me recebeu atencioso e pediu que contasse o que sentia. Enquanto ouvi a minha resposta, aproximou-se da poltrona em que me sentara, ajoelhou-se aos meus pés e tomou-me

as mãos delicadamente entre as suas; em seguida disse que eu deveria deixar Ricardo, que era infeliz no casamento e que isso estava me tomando uma pessoa doente.

Quando me levantei, assustada, segurou-me fortemente pelos ombros e afirmou que, apesar de não admitir, eu estava tão atraída por ele como ele por mim; assegurou que se eu não assumisse meus sentimentos, entregando-me a ele, não poderia experimentar alívio para meu sofrimento. Nem sei como, desvencilhei-me horrorizada, saí batendo a porta e corri para meu quarto, trancando-me lá por algumas horas. Chorava ainda, sem saber o que fazer, quando meu marido bateu e me chamou. Disse que seu primo Fernando e dom Antônio queriam conversar comigo. Eles entraram e puseram-se a rezar à minha volta. Depois o bispo sentou-se perto de mim e começou a falar. Foi aí que senti tudo sumir e novamente os ouvia a distância. Lutei como nunca. Sabia que se aquilo se repetisse estaria perdida, seria meu fim! No entanto, não pude evitar. Quando retomei, estava deitada na cama e sozinha. A porta fora trancada e passei dois dias presa no quarto. Foi humilhante!

Emilie se calou, mas continuou chorando sentida. Lucrécia a enlaçava com carinho cada vez maior. A jovem então ergueu os olhos e indagou: - Você não teme que eu seja violenta e também a ataque? Não tem medo dessa doença, ou de sei lá que coisa é, que se apossa de mim e sobre a qual não tenho o menor controle?

Lucrécia, procurando encontrar as palavras certas para não assustá-la mais, respondeu:

- Não, Emilie, não tenho medo. Conheço outros casos como o seu; você não é a única a ter esse tipo de... digamos, problema.

Emilie enxugou as lágrimas e perguntou:

- Quer dizer que sabe o que ocorre comigo?

- Conheço inúmeros casos iguais ao seu.

- E o que é isso que me arrebatava de repente e me tira o controle de meus atos? Por que ajo dessa forma? Responda -me! Ajude-me, por favor! Se souber o que é, por favor, me ajude.

A jovem ansiava por uma resposta, mas Lucrécia lhe disse:

-- Emilie, querida, sabe que tenho por você um carinho de Mãe não sabe? Já percebeu o quanto tenho tentado ajudar.

-- Emilie moveu a cabeça afirmativamente e ela prosseguiu:.

-- Então, peço que confie em mim. Quero apenas e tão -somente o seu bem e disso já dei provas. Agora, precisa confiar em mim. Nem tudo é tão simples de ser

esclarecido. Portanto, não vou conseguir explicar exatamente o que se passa com você de uma hora para outra; vai levar algum tempo.

-- Pelo menos me diga, eu estou doente? Isso tudo que sinto é uma doença mental ou alguma coisa ruim toma conta de mim?

- Nem uma coisa nem outra. Você não está doente... Não da forma como todos dizem. O fato é que somos todos doentes da alma, Emilie, desesperadamente necessitados de Deus e do Seu amor, de Jesus e dos Seus ensinamentos, para curar-nos de nossas chagas que estão dentro de nós.

Como Emilie a olhasse demonstrando não entender em absoluto do que ela falava e qual a relação de uma coisa com a outra, Lucrécia aduziu:

- Emilie, você vai compreender tudo isso, tenha calma. Se Deus a encaminhado até nós, tenha paciência e fé que tudo se esclarecerá.

Emilie segurou Lucrécia pelo braço e começou a sacudi-la freneticamente, pedindo:

-- Mas você não me responde, precisa me responder! Se souber o que tenho, não me negue socorro! Prove que gosta de mim de verdade, diga o que é que acontece

comigo! Lucrécia orava mentalmente buscando apoio, e então disse:

-- Você tem problemas espirituais, Emilie, e pode resolvê-los se realmente quiser.

Emilie soltou-a e perguntou:

151 Lucius SANDRA CARNEIRO

- Como, problemas espirituais? Estou possuída por alguma coisa ruim, é isso? É o que os padres diziam, é o que as freiras diziam; e eu rezo, peço, sem nenhum resultado!

- Calma, Emilie. Existem conhecimentos novos que elucidam fatos como esses, que ocorrem com você, e que até agora não tinham explicação. Já presenciei a solução de casos como o seu através de tratamento espiritual sério e bem conduzido.

- Do que está falando? Que conhecimentos são esses? É o tal grupo que fala com mortos? Não quero saber dessas coisas!

- E se eu disser que pode melhorar se me acompanhar a essas reuniões? Que vai encontrar ajuda?

Emilie gritou, indignada e rebelde:

- Já disse que não Vou me envolver com essas bruxarias! Prefiro morrer! Você é uma bruxa, uma louca, que acha que fala com mortos!

E sem dar à outra tempo para responder, saiu correndo em direção à praia. Lucrécia ia atrás, mas de súbito pensou que talvez fosse melhor ela ficar um pouco

sozinha; e permaneceu observando a jovem, pela pequena varanda da cozinha.

Emilie correu pela praia até quase sumir da sua visão, e então sentou-se na areia. Depois

de longo tempo se levantou e veio voltando lentamente. Lucrécia subiu a encosta para ter certeza de que sua casa não estava sendo vigiada e retomou os afazeres domésticos, entretendo-se com eles até o sol se pôr.

Já era noite quando Emilie chegou da praia, trazendo os olhos ainda vermelhos pelo choro demorado. Pouco falou durante o jantar e logo que ter

minou procurou
o refúgio da carna improvisada. Quando Lucrecia lhe desejou bom sono, pre-
parando-se para dormir, Emilie perguntou, hesitante:

- Acredita mesmo que podem me ajudar nesse tal grupo de estudos?

-- Não tenho dúvida.

-- Vou considerar a possibilidade de acompanhá-la para conhecer. Ca-
so eu concorde em ir, se não conseguirem me ajudar e explicar claramente o
que acontece

comigo, nunca mais volto!

Lucrecia, que parecia cansada, sorriu e disse:

-- Tenho certeza de que será o primeiro passo de um novo caminho.

152 Lucius SANDRA CARNEIRO

Capítulo Dezesseis

Alguns dias mais tarde, Jairo partiu para Barcelona, vários metros distante da vila em que vivia e já àquela época importante centro comercial e intelectual.

Sua proximidade fronteiras da França permitia a rápida expansão, por toda a Espanha, das novas correntes filosóficas e científicas que eclodiam incessantemente.

Jairo chegou à agitada cidade e foi direto para a casa acolhedora de Miguel, levando consigo uma mensagem espiritual recebida por Lucrecia na noite anterior,

com o intuito de que o amigo e orientador a analisasse. Era sempre uma alegria o reencontro de Jairo com aquele que era seu grande amigo e protetor.

Abraçou Miguel efusivamente

- Que bom vê-lo!

E o abraço foi retribuído com o mesmo entusiasmo:

- Eu é que fico feliz em vê-lo! Como está nossa querida Lucrecia? E Emilie, como anda?

- Lucrecia está bem. Recebeu outra mensagem interessante que trouxe para sua avaliação; talvez seja uma daquelas que convenha enviar à Sociedade

ade Espírita
de Paris. Emilie ain-

155

da está conosco. Parece um pouco melhor, menos agressiva. Entretanto, os problemas estão aumentando; já foram procurá-la em nossa casa.

Miguel guardou silêncio por instantes, depois disse:

- Apesar das dificuldades, fico satisfeito em saber que o trabalho de vocês progride a olhos vistos.

Os dois se demoraram bastante em agradável conversa. Naquela noite, Jairo participou dos estudos que se realizavam semanalmente na casa de Miguel. A reunião

se desenrolou trazendo harmonia e aprendizado para todos.

Na manhã seguinte, após acompanhar Miguel na resolução de questões que o haviam levado à cidade, Jairo confirmou ao amigo a intenção de regressar o mais

cedo possível, devido aos receios que tinha com a permanência de Emilie em sua casa. Miguel lamentou a partida breve do amigo:

- Você sempre tem um motivo para voltar apressado. Mesmo sendo uma viagem longa e cansativa, vem e retoma rapidamente. Nunca temos tempo suficiente para

conversar. Precisa vir com mais calma, trazer Lucrécia.

Jairo sorriu e disse:

- Sei que estamos devendo uma visita a você e sua irmã; assim que as coisas se acalmarem por lá, trarei Lucrécia. Será uma satisfação imensa para nós.

- Vamos ficar na expectativa dessa visita. Agora, antes de partir, gostaria que fosse comigo à livraria. Eles sempre tem alguma novidade, seja a Revista Espírita, seja um livro novo. Gostaria de enviar alguma coisa para Lucrecia.

Sem hesitar, Jairo o seguiu até a loja. Lá, recebidos pelo proprietário, amigo e simpatizante do movimento espírita, conversaram longamente sobre os últimos acontecimentos na França. Miguel entregou ao livreiro uma carta endereçada à Sociedade Espírita de Paris, junto da qual ia a mensagem

que Lucrecia recebera. Sua própria análise havia sido favorável e ele então a encaminhava para avaliação da conceituada Instituição. Por diversas vezes o livreiro se fizera mensageiro entre os dois países.

Ao solicitar novos livros para os participantes de seus estudos e também para presentear à amiga, Miguel foi informado pelo livreiro:

- Estão em falta, mas vai chegar uma grande remessa no mês que vem. É a maior que recebemos até agora, mais de trezentas publicações!

- - E vai conseguir entrar com tantos livros assim na Espanha, mesmo com a ferrenha oposição da Igreja?

- Está tudo acertado na alfândega, acho que não haverá problema.

As coisas precisam mudar, não é, Miguel? Estamos em um novo tempo: o da liberdade de pensamento.

- Que assim seja! - completou Miguel, feliz. Ao se despedirem, ele pediu a Jairo:

- Diga a Lucrecia que em breve teremos mais livros! E cuide bem dela, Jairo. Que Deus os abençoe, meu irmão!

Jairo quase não pôde responder, emocionado por tanto carinho; só con seguiu balbuciar:

- - Obrigado, Miguel; mais uma vez, obrigado.

Após uma noite inteira de viagem, Jairo chegou à província. Caminhav a por Bilbao distraído, preparando-se para seguir viagem até a vila; pensav a na esposa

e em Emilie, sozinha quando, ao se aproximar do local onde compraria o tiquete e para o trecho final da jornada, deu de cara com uma fisionomia conhecida. Era Pimentel, que sentado em um banco observava os transeuntes . Ao reconhecer

Jairo, levantou-se e cumprimentou-o, seco:

-- É o dono daquela cabana da praia, não é? O que anda fazendo por a qui? Pretendem viajar?

157 LUCIUS SANDRA CARNEIRO

- Não, em absoluto. Sou pescador, lembra-se? Tenho negócios aqui, e é comum vir a Bilbao para acertar detalhes.

- Interessante. E sua esposa, fica sozinha durante sua ausência?

- Lucrécia está acostumada a minhas pequenas viagens que nunca dur am mais do que poucos dias.

- Vocês têm filhos?

- Não; quero dizer, não aqui conosco.

- Vocês não são da Espanha: de onde são?

- De Marrocos. Lucrécia tem filhos, que ficaram por lá.

- É mesmo? E por quê?

Jairo, procurando encerrar logo a desagradável conversa, cortou radic

almente o assunto:

- Preciso ir, estou com pressa.

Pimentel, porém, segurou-o firme pelo braço e disse em tom intimidado:

- Não pense que escaparam, ouviu? Estou entrando com o pedido de abertura de inquérito contra vocês, por darem abrigo a uma assassina, e tenha certeza de

que o processo está em curso. Há grandes interessados nesse caso, pessoas muito influentes, gente muito rica. Eles querem que vocês sejam responsabilizados pelo

segundo desaparecimento dela. Nem pensem em sair daqui, ou serão perseguidos onde estiverem. Será que me entende, senhor... como é mesmo seu nome?

Jairo respondeu, enquanto puxava o braço com força:

- Meu nome é Jairo e não se preocupe, não pretendemos ir a lugar algum. Não temos culpa nenhuma, já disse. Não sabíamos quem era a jovem e quando descobrimos

ela partiu, sem nos dar tempo para mais nada. Será que não entendem?

- Meu senhor, o fato é que deram guarida a ela, e contra isso não há argumentos, não é? Bem, preciso continuai meu trabalho. Repito: não se ausentem, pois logo serão con-

convidados a vir até a delegacia prestar maiores esclarecimentos; isso se...

-- Se...?

Dependerá das pressões que vierem. Tenho orientação paara dar andamento rigoroso ao caso, conforme a lei determina em todas as suas sutilezas.

..

-- E o que isso significa?
-- Terão surpresas em breve.

Dizendo isso, retomou ao banco e à leitura do jornal, que havia deixado minutos antes.

Jairo, aturdido, comprou o bilhete de regresso, com o coração agora tomado pela angústia. O que tanto temera estava acontecendo. Sentiu o medo crescer dentro dele e ao ter em mão o bilhete foi direto à saída das carruagens. Queria desaparecer o mais rápido possível da vista daquele homem.

Entrou no carro e se acomodou, deixando-se dominar mais e mais pela angústia e pelo medo. Refletia: "O que faremos agora? Como escapar daquela gente rica e poderosa, querendo nos prejudicar? Vão descobrir que somos adeptos da Doutrina Espírita e isso complicará ainda mais nossa situação!".

A carruagem começou a andar e Jairo viu, pela janela, Pimentel na plataforma a observá-lo. Suspirou fundo e pediu mentalmente: "Deus, por favor, nos ajude!".

Já era noite quando chegou à vila. Ao se aproximar da pequena cabana, junto ao mar, encontrou Lucrécia em animada conversa com Emilie. Pela primeira vez a via sorrir e notou, ao entrar, os traços belos e delicados que emergiam daquele rosto marcado pela dor e pelo sofrimento. Percebeu que aos poucos o semblante de Emilie se transformava. Parecia estar mais suave, e ela, mais serena. Achou melhor conversar com Lucrécia em particular, pois a permanência da jovem o preocupava cada vez mais.

Entrou, cumprimentou Emilie e beijou a esposa, que o recebeu alegre:

- Como foi tudo por lá, Jairo?

- Tudo certo - respondeu, saindo do quarto, onde colocara o casaco.

Sentou-se à mesa, juntamente com Emilie, que acabava de auxiliar Lucrécia no preparo do jantar.

- E com relação à mensagem, Miguel a leu?

Jairo se lembrou da alegre companhia de Miguel e suspirou fundo, antes de responder:

- Ele gostou muito da mensagem e a enviou para Paris. Emilie ouvia a conversa com curiosidade, conservando silêncio. Lucrécia olhou para o marido e disse:

- O que há, Jairo? Algum problema sério que me esconde? Percebo que não está bem!

- Está tudo certo, Lucrécia, sinto-me apenas cansado da viagem. Afinal, ir num dia e voltar no outro é bem cansativo; mas não podia deixá-las aqui sozinhas por mais tempo.

Tentando dissimular a profunda aflição em que se encontrava, perguntou:

- E por aqui, como foram esses dois dias?

- Tranqüilos, como havia pressentido. Nada aconteceu, Jairo, ninguém a nos vigiar.

- E... por enquanto. De qualquer modo, é melhor que Emilie não coloque os pés fora da casa em hipótese alguma.

- Por que diz isso? Alguma novidade da província?

- Lembra-se da ameaça que nos fez aquele policial, não é. Então! Precisamos tomar cuidado.

- Tem toda a razão. Emilie continuará aqui dentro durante o dia, até as coisas se acalmarem. No entanto, terá de sair à noite, ao menos na próxima sexta-feira.

- Por quê? - perguntou Jairo, interessado.

-- Ela irá conosco ao grupo de estudos.

Jairo não acreditou no que ouvia. A situação iria se agravar mais! Lucrécia jamais deixaria a jovem partir. Não agora!

-- é mesmo? E por quê? - ao falar ele fitava Emilie.

A jovem se esquivou, mais do que depressa:

. Lucrécia quer que eu vá. Estou pensando; quer dizer, estou com a intenção, ainda não sei ao certo...

Lucrécia interrompeu Emilie, afirmando ao colocar o jantar sobre a mesa:

- Você vai, sim, e não se arrependerá. Tenho certeza de que se sentirá muito melhor e haverá de encontrar respostas para suas dúvidas.

- Não se empolgue tanto, Lucrécia; estou pensando, e não me pressione

Emilie, voluntariosa, fez menção de se levantar; Lucrécia suavemente tocou-lhe o braço, dizendo:

- Tudo bem, vai se quiser, se sentir vontade. Agora coma, que o jantar esfria em segundos nesse tempo frio.

Durante o jantar, Jairo esteve calado e pensativo. Lucrécia lhe fez algumas poucas perguntas sobre Miguel e a família, ao que ele respondeu quas e com monossílabos.

Emilie também permaneceu distraída. Sentia-se aflita pelo problema que a torturava desde a adolescência, porém era intensa a sua repulsa à simples ideia de ir a

um lugar onde as pessoas acreditavam falar com os mortos. Que tipo de coisas tenebrosas poderiam suceder? A que sortilégios se entregariam aquelas pessoas? Só de

Pensar nisso, Emilie sentia um calafrio descer-lhe pelas costas.

Quando se preparavam para dormir, Jairo disse à esposa:

-- Precisamos conversar.

-- O que há com você, Jairo? Está tenso e preocupado!

-- Olhe, Lucrécia, sei que está animada com as melhoras e> mas não seria melhor ela partir, já que melhorou?

- No momento em que ela está dando o primeiro passo para compreender o que de fato acontece em sua vida?

- Do que está falando?

- Emilie tem algo a realizar e creio que será dentro desse movimento novo, que se espalha em toda parte. Ela tem dons especiais que irá utilizar para contribuir

na expansão e na confirmação dos conhecimentos sobre as relações do mundo material com o mundo invisível.

- Acha mesmo?

- Não tenho mais dúvida. Já desconfiava e tive a prova hoje. Ela vem sendo dominada por irmãos menos felizes, que se manifestaram através dela

Jairo mostrou grande espanto, e perguntou:

- E o que disseram?

- O que sempre dizem nessas condições. Fizeram ameaças, gritaram que querem destruí-la. Coisas desse tipo, que não convém repetirmos.

Jairo se calou, ainda mais aturdido. Como deveria agir? Lucrécia chegou-se a ele e, enlaçando-o com carinho, pediu:

- Agora me conte, o que o está afligindo?

- Estou muito angustiado. Encontrei aquele policial que esteve aqui, junto com o médico e o marido de Emilie. Ele fez novas ameaças, Lucrécia. Disse que

iremos responder pelo que fizemos, que seremos chamados à província, que há gente muito poderosa envolvida no caso e...

- Calma, Jairo, assim você vai ficar doente! Acalme-se. Lembre-se de que nada acontece em nossa vida se Deus não permitir. Por mais que nos ameacem, por

mais que nos queiram assustar, Deus é quem comanda todas as situações. Você já provou disso, não foi?

- Sim, mas precisamos ser cautelosos. Não podemos deixar de fazer a nossa parte.

- Eu sei, você tem toda a razão. Devemos tomar uma atitude mais firme, e acho que tive uma idéia que vai ajudar. Temo pela segurança de Emilie, caso permaneça conosco.

- E o que pensou?

- Ela vai na próxima sexta-feira ao grupo de estudos. Pretendo, então, deixá-la aos cuidados de Sara, que já sabe o que aconteceu e se colocou à disposição

se precisarmos de ajuda. Penso que é melhor Emilie ficar lá por uns tempos, até decidirmos o que deve ser feito. Sara é uma amiga de total confiança e extremamente

bem intuída nas questões espirituais. Estar com ela fará bem a Emilie.

- E quanto a nós? E se realmente tentarem nos prejudicar pelo que fizemos?

- E o que fizemos, Jairo?

Lucrécia fitava o marido com ternura. Jairo não soube o que responder. Via que Emilie melhorava e que Lucrécia estava cada vez mais confiante quanto ao futuro

da jovem. E se a esposa tivesse razão? Foi ela quem respondeu:

- Não fizemos nada errado, Jairo, e você sabe disso.

- Eu sei; é essa gente que não entende!

- Nós apenas cuidamos de alguém que estava desistindo da vida. Foi só isso o que fizemos. Estamos tentando obedecer a lei eterna do Criador que nos diz para

amarmos ao nosso próximo como a nós mesmos.

A justiça dos homens é falha, Lucrécia, e você, mais do que ninguém, conhece sua fúria.

Lucrécia encarou-o com seriedade e disse:

-- Todavia, precisamos aprender a nos preocupar mais com a justiça de Deus do que com a dos homens. Por alguma razão sei que era meu dever cuidar de Emilie.

Senti isso desde primeiro momento em que a vi, e mesmo antes, quando tive o ímpeto de subir naquela manhã até o penhasco, lugar a que

163 Lucius SANDRA CARNEIRO

quase nunca vou. Sei que devemos cuidar dela e dar-lhe chance, e é o que estou tentando fazer. Se por isso tiver de pagar, que seja. Não posso desistir.

Jairo olhou a mulher, com profunda admiração pela força de caráter e pela confiança que via nela. Ainda assim, disse:

- Não sei, Lucrécia, fico muito preocupado.

- Tomaremos todas as precauções. Agora vamos descansar, porque, acima das preocupações, você deve estar muito cansado da viagem.

- Não foi a viagem que me cansou, foi aquele policial que me infernizou!

- E é precisamente o que ele quer. Agora, vamos orar juntos. Tenho certeza de que a prece nos aliviará. Venha, sente-se aqui, vamos orar.

Jairo se aproximou da esposa, que sentada na beira da cama segurou sua mão e elevou comovida prece a Deus, pedindo proteção e forças. Ao final da oração,

Jairo se sentia mais confiante.

Capítulo Dezoito

Na luxuosa mansão em Barcelona, Ricardo almoçava com a filha e a irmã. Apesar de ver Cíntia mais contente, após a visita ao orfanato, ele ainda estava contrariado.

A menina terminou de almoçar e levantou-se, dizendo educadamente:

- Tenho aula de francês agora, com licença.

- Vá, minha filha, e esforce-se para aprender! Logo que ela se afastou, Filomena comentou:

- Parece que a visita ao orfanato lhe fez bem.

- Não sei. Parece mais animada, é verdade, mas não creio que voltar com frequência ao orfanato lhe fará bem. O lugar dela é aqui, junto de nós.

- É evidente, Ricardo; só que não me parece prejudicial para ela, uma vez por semana, acompanhar Fernando. Se ela gosta...

Ricardo fixou na irmã um olhar interrogativo, e disse:

- Por que acha que fará bem a ela?

Ora, essa menina precisa se ocupar, para ver se esquece a mãe. Sofreu um trauma muito grande. E além do mais ela me parece tão sozinha, sem irmãos ou amigos com quem brincar...

Estar em companhia de outras crianças lhe fará bem, mesmo que sejam crianças carentes.

- Ainda não estou convencido a deixá-la retomar ao orfanato

- Ela me disse que você praticamente já autorizou.

- Não foi bem assim, ela é que se empolgou demais com o que eu disse.

Falei que ia pensar, só isso.

- Ela já está dando a permissão como certa. Ricardo ficou calado. Filomena se levantou e insistiu:

- Bem, de qualquer maneira, acredito que fará bem a ela. Vou até a cidade e passarei na paróquia para conversar com Fernando. Quer que pergunte algo mais

sobre o orfanato?

- Não é necessário. Eu mesmo falarei com ele.

- Alguma notícia de...

- Não, nenhuma.

- Diga-me uma coisa, Ricardo: você está chateado porque não consegue localizá-la ou porque gostaria de vê-la?

- Ora, Filomena, não seja romântica! Quero apenas que ela volte para a clínica, evitando maiores dissabores.

- É, principalmente para nossa festa.

- O que teme?

- E se resolver vir aqui, Ricardo? Já pensou nisso? E se vier até aqui, obcecada que é por você e por Cíntia?

- Até o dia da festa já a teremos encontrado; e mesmo que isso não aconteça, teremos seguranças por toda parte. Não chegará perto da filha, de forma alguma.

Isso nunca mais! Ela pôs a menina em perigo e jamais admitirei que volte a v

ê-la.

Suspirou fundo, pensando em Cíntia, que amava a mãe tão profundamente, e finalizou:

- Um dia Cíntia compreenderá; ela vai aceitar que a mãe é doente e não uma pessoa normal.

- Espero que consiga mantê-las afastadas; de fato melhor para Cíntia.

Ricardo acabou o almoço e também se retirou. Filomena foi direto à igreja. Ali, percebeu de imediato uma movimentação diferente para aquele horário do dia.

Procurou o primo, que ao saudá-la convidou:

- Olá, Filomena, vamos até o pátio interno; aqui está flutuando agitado hoje.

-- E por quê? O que se passa?

Padre Enrico está conversando com negociantes da cidade, pedindo colaboração para o caso de uma de suas ovelhas que se desgarrou do rebanho.

Sentaram-se em pequeno banco, à sombra de majestosa árvore. Filomena demonstrou espanto e curiosidade:

- Como, o que houve?

- Ela aderiu àquele movimento que se espalha como uma praga.

- É mesmo? Aqui, debaixo dos nossos olhos? Não acredito!

- Parece impossível conter a expansão dessas novas idéias!

- E o que o padre pensa fazer com essa mulher? Já foi excomungada, creio eu!

- Sim, ela e toda a família.

- Mas é claro! Isso precisa servir de lição para todos... E que outras providências serão tomadas, com relação ao caso?

- Padre Enrico quer que ela volte, pedindo perdão à igreja.

-- E como planeja fazê-lo?

- Não sei bem qual o seu intento, porém o tenho visto conversando com os donos de restaurantes, cafés e pequenas Pousadas da região.

Filomena refletiu por poucos instantes e inquiriu: " • Do que vive essa família?

A mulher é viúva e trabalha em casa para sustentar os filhos; não sei ao certo o que faz.

Foi como se Filomena falasse consigo mesma:

- Interessante, muito interessante... O que será que padre Enrico pretende?... Bem, Fernando, vamos ao assunto que me trouxe aqui. Preciso saber de uma coisa:

como foi a visita de Cíntia ao orfanato?

Fernando abriu um sorriso sincero e disse:

- Ela foi admirável; tem um jeito todo especial para lidar com as crianças. Sua habilidade me impressionou: assim que chegou começou a conversar, a brincar

com elas, e se entenderam rapidamente.

- Que ótimo! Pensa, então, que ela poderá auxiliá-lo?

- Sem dúvida. Espero que Ricardo concorde, pois acho que seria muito bom para ela também. Percebi que o tempo em que estive lá a fez esquecer os próprios problemas. Ficou alegre, parecia até feliz.

- É mesmo muito interessante, não acha, Fernando? Notando o tom irônico na voz da prima, ele questionou:

- Interessante como? No que está pensando, Filomena? A prima sorriu e explicou:

- Ora, acho que ela será a próxima escolhida para servir à Igreja. Mãe já ponderou essa possibilidade e parece que a menina tem jeito.

- Espere aí, uma coisa é ela ter jeito com crianças, gostar de colaborar; outra, muito diferente, é ter vocação para servir ao Senhor. Não estão pensando que ela possa ser...

-Admita que ela está dando todos os indícios. Se quer ajudar, se gosta de se enfiar em um orfanato com uma porção de crianças estranhas, é por que tem vocação para ser freira. Não sei por que não aprecia e apoia a idéia; afinal, será sua ajudante, priminho.

Fernando se levantou irritado:

- Vocês não têm conserto, não é, Filomena? Sempre querendo interferir na vida dos outros! E se ela não tiver Não podem forçá-la!

-- Por que não? Ela vai apreciar a reclusão, tenho certeza. E vai adorar passar a vida a serviço dos pobres.

-- Não acredito que Ricardo concorde com isso. Ele nem queria que a menina visitasse o orfanato!

-- Você sabe que temos nossos métodos de convencimento não é, Fernando? A começar pelo papai.

-- Ele já deu alguma opinião nesse sentido, ou a idéia é sua?

-- A idéia foi de dona Isabel... Mas também considero que será bom para a menina, já que ela não pode conviver com a mãe vive chorosa pelos cantos e você me diz que ficou feliz junto às criancinhas do orfanato. Então penso que é lá mesmo o lugar dela! Sem dúvida mamãe está com a razão. Se já achava a idéia boa, agora

a acho excelente!

Afastando-se da prima, de volta à paróquia, Fernando disse nspidamente:

- Pois não conte comigo para ajudá-la. E se for consultado, darei meu parecer.

Filomena segurou-o pelo braço e insistiu:

- E por que não? Ora essa, por que quer atrapalhar, se você é padre?

- Porque essas coisas precisam ser espontâneas, jamais impostas - respondeu ele, fixando-a. Enlaçando os braços nos do primo, ela perguntou: Você está infeliz,

Fernando? Está arrependido? O rapaz soltou-se da prima e disse:

-- Não, o que defendo é que a vocação tem de ser verdadeira só assim a entrega é total. Precisamos de gente comprometida com a Igreja, não per

cebemos? Estamos enfrentando ameaças a nossa fé e, se não tivermos pessoas realmente devotas, o que faremos?

-- Ora, Fernando, não seja tolo! A Igreja é uma instituição firme como uma rocha! Nada poderá abalar sua força e

sua tradição. Fique tranqüilo! Você se impressiona sem necessidade.

Fernando fitou a prima, pensando no que havia dito, e ela acrescentou:

- Reavalie sua posição com referência a Cíntia. Ser freira lhe fará bem.

- Por que deseja tanto que ela se tome freira? - indagou ele, apertando o braço da jovem.

Filomena se soltou e, já de saída, justificou:

- Quero o melhor para ela. É filha de uma mulher totalmente doente, desequilibrada. E se tiver herdado o problema da mãe? Quer que o futuro dela seja igual

ao de Emilie?

- Nem pense nisso, Filomena!

- Então, não se oponha a essa idéia que poderá ser a salvação da menina!

Sem saber o que argumentar, ele se calou. Filomena despediu-se com um aceno e saiu em direção à cidade. Fernando ficou pensativo, repassando a conversa.

Ele gostava muito de Cíntia e queria acima de tudo que a menina fosse feliz. Ao entrar encontrou o padre Enrico, que agitado disse:

- Vou sair. Fui convocado a participar de uma reunião marcada às pressas. Quero que tome conta de tudo por aqui.

- O que aconteceu, padre?

- Recebi uma mensagem pedindo que fosse com urgência à residência de dom Antônio; parece que outros bispos também estarão presentes. É uma reunião de emergência para deliberar o que fazer a respeito de notícias graves que acabam de chegar.

Depois de curto silêncio, Fernando perguntou:

- E sobre a questão de Ermínia?

- Não se preocupe, o caso está resolvido. Já tomei todas as medidas pertinentes. Tranqüilize-se.

- O senhor crê que ela voltará?

-- Se tiver juízo...

-- Como achou a solução?

-- Ele não terá mais nenhum comprador para seus produtos. O que ach

a, então, que acontecerá? Não poderá sobreviver, e terá de voltar atrás.

-- E saberá o motivo da recusa dos produtos?

-- Ora, Fernando, que importa? Preciso ir agora; tome conta de tudo e atenção aos horários das missas.

- Quando retoma?

- Tão logo as decisões sejam tomadas.

- Pode ir sossegado; cuidarei de tudo.

Assim que o padre desapareceu na carruagem, Fernando entrou cabisb
aixo. Sentia-se esgotado com toda aquela situação. Mal se refizera do prob
lema enfrentado

com Emilie e novas dificuldades com familiares pediam sua atenção. Não sab
ia como agir em relação a Cíntia. Suspirou fundo e dirigiu-se ao quarto, a
fim de se preparar

para a missa. Em breve os fiéis estariam chegando.

Cíntia conversou com o pai, insistindo que a autorizasse a ir de novo ao orfanato. Ricardo continuava reticente. Todavia, quando Fernando chegou, no horário combinado, ele não pôde deixar de notar o brilho dos olhos da filha e sua expectativa, conseguir negar-lhe aquele momento de alegria, Ricardo acabou cedendo. Cíntia

ergueu-se exultante e, puxando o primo pelas mãos, exclamou:

- Vamos, não podemos demorar!

- Calma, Cíntia, temos tempo.

- Vamos logo, não quero que meu pai desista! Sentindo a sinceridade da menina e sua prontidão em acompanhá-lo, Fernando partiu com ela sem demora. Ao chegarem,

notaram que algo incomum acontecia no orfanato.

Uma auxiliar veio encontrá-los na porta; estava angustiada e tinha as mãos manchadas de sangue:

-Padre, graças a Deus chegou! Venha depressa, duas crianças se pegaram e se machucaram. Temo que em uma delas seja grave.

Sem dizer nada, Fernando correu para dentro, assustado. Cíntia seguiu logo atrás. Ele se aproximou da criança em pior

estado, desacordada. O menino, mais velho, que a ferira mia na cama ao lado, acudido por outra ajudante. As demais crianças, em volta, olhavam preocupadas e uma delas perguntou, ao ver o rapaz:

- Ela vai morrer?

Fernando encarou o garoto que, aflito, queria saber sobre a amiga e não respondeu. Sentou-se ao lado da criança desacomodada e viu que era Samira, abrigada

no orfanato logo no começo. Ficou paralisado, aturdido, sem saber que atitude tomar. Tentava falar com a noviça, mas sentia-se totalmente despreparado para lidar

com a ocorrência. Disse, por fim:

- Assim não é possível! Vocês precisam ser mais cuidadosas; têm de prestar atenção nelas, durante minha ausência...

Não houve resposta. Cíntia, que observava calada, aproximou-se de Fernando e, tocando seus ombros, falou de maneira estranha e pouco usual:

- Fernando, não é momento de reprimendas. Devemos agir com sensateza e, mais tarde, aprender com o erro.

E, dirigindo-se à noviça:

- Por favor, tire as crianças daqui, leve-as para o pátio. A noviça olhou para Fernando, que, surpreso, concordou com um sinal de cabeça. Cíntia então pediu

ao primo:

- Vá buscar o médico que eu fico com ela. Fernando fitou-a, sem saber o que dizer. A menina explicou:

- Ela não morrerá, mas precisamos de um médico. Como Fernando continuasse hesitante, insistiu:

- Não se preocupe com o julgamento dos outros a respeito do que houve; crianças são assim mesmo e essas coisas acontecem. O importante é cuidar delas.

Vá buscar ajuda, Fernando.

Em seguida Cíntia se sentou ao lado da criança, que respirava com dificuldade. Examinou seu rosto ensanguentado tocando suavemente a testa da menina, disse:

-- Acho que quebrou o nariz.

Fernando olhava perplexo para a menina. Não entendia que estava acontecendo, nem de onde vinha aquela atitude firme e madura, que ele próprio não conseguia ter. Parecia Cíntia de súbito se transformara em uma outra pessoa. Raciocinou por um instante e percebeu que ela estava certa. Sem falar, levantou-se e preparava-se para sair. Ao se aproximar da porta voltou-se e avaliou uma vez mais o comportamento de Cíntia, que agora pedia à noviça uma bacia com água, para limpar o rosto da garota ferida. Logo depois, sentou-se ao lado do menino que gemia e, abraçando-o fortemente, disse:

- Calma, ela ficará bem.

Sem poder entender o que se passava, porém vendo que a menina tinha pleno controle da situação, Fernando saiu em busca do médico. Estava assombrado com o que presenciara, sobretudo pelas reações da juvenzinha, que se transfigurara, parecendo uma mulher adulta e experiente em lidar com aquele tipo de problema.

Quase uma hora depois, ele regressou com o médico. Cíntia estava sentada ao lado da menina, segurando sua mão. Fernando percebeu que agora parecia apenas a pequena Cíntia de sempre. Ao ver o médico e o primo, comentou:

- Ela vai ficar bem - e tranqüila se afastou da cama.

Fernando dividia a atenção entre o médico e Cíntia, que a distância e em silêncio assistia ao rápido exame. Depois o médico virou-se para Fernando e disse:

-- Ela vai ficar bem. Quebrou o nariz, foi bom que tivessem estancado a hemorragia. Foi um procedimento adequado o tampão no nariz; devo ressaltar que é bastante delicado, mas foi muito bem executado. Quem fez?

O médico olhou em tomo, esperando pela resposta da noiva auxiliar ou de Cíntia, que permaneceu calada.

Fernando perguntou à noviça:

- Foi você que fez o tampão?

- Não, foi Cíntia.

- Onde aprendeu isso, Cíntia? - ele indagou.

- Não sei. As idéias foram surgindo, uma após a outra, e apenas fui fazendo o que me vinha à mente.

Enquanto preparava os curativos adequados ao caso, o médico ouvia a conversa, curioso. Vendo o que se passava, Fernando por precaução, retomou depressa para junto da paciente.

Ao final de algumas horas, Samira estava devidamente medicada. Quando se retiraram do quarto, ela dormia. Fernando, exausto, acompanhou o médico até a saída

do orfanato e logo voltou. Sentou-se no escritório e chamou as duas auxiliares. Sem jeito de deixar a prima do lado de fora, disse:

- Venha também, Cíntia; afinal, você ajudou muito hoje. Ela, entretanto, falou com ar meigo:

- Já está na hora do jantar das crianças. Poderia servi-lo enquanto conversam.

Fernando concordou. As duas auxiliares entraram e ele, então, quis saber o que havia causado a briga das crianças. A noviça respondeu:

- Foi tudo muito rápido; nem deu tempo de ver direito. Quando me dei conta, eles já estavam brigando, com tamanho ímpeto, com tamanha raiva...

- a garota

desatou em pranto Não tive culpa, não deu tempo de fazer nada. Quando cheguei para apartar os dois, ela já estava machucada e continuava a brigar, dando pontapés

e tentando puxar o cabelo dele. Não sei o que houve, qual o motivo de tanta raiva...

- São crianças carentes, principalmente de amor; qualquer coisa poderia ter provocado a raiva entre elas. Não chore vamos. Como disse Cíntia, essas coisas

acontecem. Daqui por diante, fiquemos mais atentos para que isso nunca mais

ta dentro deste orfanato. Se alguma dessas crianças se machucar aqui, não duvido que fechem nossas portas.

A noviça soluçava, inconsolável, e Fernando continuou orientando as duas. Quando estavam saindo a auxiliar disse, tímida:

- Precisariamos ter mais gente para colaborar. O numero de crianças esta crescendo e somos somente nos duas para cuidar delas. E pouco...

- Não são tantas crianças...

- Eu sei; mesmo assim acho que precisaríamos de mais ajudantes.

- Vamos torcer para que Cíntia venha ao menos uma vez por semana.

- Como, padre, se ela própria é uma criança? Fernando encarou a auxiliar e retrucou:

- É verdade, só que uma criança que hoje nos socorreu a todos. Também não entendo, mas agiu como se nesse esse trabalho há anos...

Cíntia esperava pelo primo contando estórias para as crianças, depois de ajudar com o jantar. Fernando observou a cena por alguns instantes, enternecido

pelo carinho que ela dedicava as crianças. Aproximou-se e disse:

- Precisamos ir. Já é tarde e seu pai vai ficar muito bravo por nos atrasarmos.

Fernando, segurando a mão da menina, que apertava a sua com força, tentava compreender o que se passara ali naquele dia. Perguntou, então:

- O que aconteceu com você, Cíntia? Não tem medo de nada?

- Tenho, sim. Tenho horror a sangue, por exemplo.

- E como e que teve tanta coragem?

- Não sei. Alguma coisa me fez sentir forte, determinada, e não tive medo. Depois os pensamentos me vinham a

mente e eu falava, com aquele sentimento diferente, que nem parecia meu...

- Isso já lhe aconteceu antes?

- Não me lembro, acho que não. Por quê?

- Por nada, Cíntia. Você ajudou muito e quero lhe agradecer

- Gosto de estar com as crianças; isso me faz muito bem

- Eu sei, e gostaria que viesse sempre que possível, pois precisamos de ajuda. Só vou pedir uma coisa, e quero que confie em mim e concorde.

- Pode pedir, Fernando.

- Não conte a ninguém o que houve hoje; não com detalhes, está bem?

Nem sequer a seu pai. Passa a ser nosso segredo, certo? Se acontecer novamente, quero que me diga. Combinado?

- Está certo, será nosso segredo.

Cíntia sorriu e apertou com mais força a mão do primo. Fernando, contudo, sentia o coração aflito. Sabia que não fora um evento normal. Algo de extraordinário sucedera naquela tarde e ele não sabia explicar. Em seu coração, pressenti

a que Cíntia era uma criança especial. Ao mesmo tempo, temia pela menina. Se suspeitassem

que apresentava qualquer traço de semelhança com a mãe, iriam afastá-la, e encerrando-a em um convento, sem considerar a vontade dela e a do pai. Sabia o quanto a

tia era persuasiva e, ainda que Ricardo se opusesse, não teria forças contra dom Felipe, dona Isabel e Filomena juntos. Ele não desejava ver a menina em clausura

- não contra a vontade dela. Torturado pelos temores, decidiu que conversaria com Cíntia sobre o assunto quando ficassem a sós outra vez.

Ao chegarem à mansão encontraram Ricardo, que ciente aguardava a filha no hall de entrada. Assim que correu e abraçou-a.

- Cíntia! Estava preocupado!

- Pois não devia, se saí com Fernando!

- Disse que ela não poderia chegar tão tarde, Fernando, nós combinamos.

- Tem toda a razão, não acontecerá de novo. Tivemos um problema sério no orfanato e Cíntia nos ajudou muito.

- Não quero, sob nenhuma circunstância, que ela se atrase. Quero Cíntia aqui até as cinco horas, conforme combinamos.

- Está certo, Ricardo.

- O que houve, afinal?

Abraçada ao pai, Cíntia endereçou olhar de cumplicidade a Fernando e então começou a contar, sem dar detalhes: a briga das crianças, o médico que a socorrera..

Fernando complementou com outras informações e se despediu, regressando

logo à paróquia.

179

Lucius SANDRA CARNEIRO

Capítulo Vinte

Nos dias que antecederam aquela sexta-feira, Emilie ficou pensativa. Não podia ignorar sua curiosidade em tomo das reuniões que Lucrecia frequentava. Imaginava-se seria realmente possível receber informações sobre os que já haviam partido, pelos portais da morte, para a vida espiritual. Ao mesmo tempo, sentia

medo de participar de algo que a Igreja condenava tão veementemente. Analisava nos menores detalhes a conduta de Lucrecia e Jairo, buscando neles algo que justificasse seus temores e lhe desse motivo para não acompanhá-los naquela sexta-feira. Procurava indícios de que se entregavam a práticas macabras ou malignas. Entretanto, quanto mais procurava, mais se surpreendia com o comportamento ímpar daquele casal, que revelava em todos os atos do cotidiano serenidade e carinho, respeito e uma visão diferente da vida.

Ao examiná-los atentamente, deu-se conta dos constantes gestos de ternura presentes no convívio dos dois. Emilie se surpreendia com a atmosfera de amor que envolvia o lar singelo. E cada vez mais se deixava conquistar por aquele ambiente consolador.

Algumas vezes, quando Lucrecia não estava, ela pegava pequeno volume do Novo Testamento, guardado entre as louças e lia alguns trechos. Era só perceber sua aproximação que corria e o devolvia a seu lugar.

Na quinta-feira Emilie estava decidida a ir com o casal àquela reunião. Embora ainda abrigasse receios, refletia: "Como poderia ser algo maldito, se Lucrecia e Jairo demonstram tanto amor e tal lucidez no dia-a-dia?".

Na hora do jantar, Lucrécia falou com extrema doçura:

- Emilie, precisamos conversar.

- Algum problema? - disse a moça, mantendo os olhos fixos na dona da casa enquanto comia.

- Vai nos acompanhar à reunião? Após curto silêncio Emilie respondeu

:

- Vou, sim. Quero conhecer isso de perto.

- Ótimo! Fico muito feliz por sua decisão. Tenho certeza de que será muito bom para você.

- Como pode estar tão convicta?

- É que eu já passei por isso, e sei quanto bem me fez. Emilie tomou alguns goles de água, depois depositou o copo delicadamente sobre a mesa e disse:

- Vou apenas conhecer, Lucrécia, ver como é; se não gostar, não volto mais.

- Está certo. O importante é que dê o primeiro passo. O restante é com eles...

- Com eles quem?

Lucrécia olhou para Jairo, sem saber o que dizer, e ele, que até então se mantivera calado, respondeu:

- O pessoal que estuda conosco, ora! O resto é com eles!

Lucrécia sorriu discretamente, achando graça na resposta ágil do esposo; meditou por instantes e acrescentou:

-- Há uma outra coisa que preciso lhe dizer. Estou apreensiva com o perigo que corre aqui. Pensei muito, Emilie. Não gostaria de me afastar de você, mas creio que será melhor para todos nós.

Sem compreender, Emilie olhou assustada para Lucrecia, que prosseguiu:

- Não se assuste. Temos amigos que também vão a essas reuniões. São pessoas de nossa mais alta confiança e que nos ajudaram muito quando chegamos aqui, sem nenhum recurso.

Esta casa lhes pertence e nos deixam morar nela, sem nada pedir em troca. Como vê, são amigos de verdade. Amanhã, depois da reunião, gostaria que fosse com Sara, o esposo e a filha para a casa deles. Ali você estará mais segura.

Ninguém saberá do seu paradeiro e, como a casa fica bem retirada, será muito difícil encontrarem você. Estará protegida.

Emilie se sentiu subitamente desprotegida. Todavia, sem que ela dissesse uma só palavra, Lucrecia segurou-lhe a mão e disse:

- Irei vê-la sempre que puder e você ficará na companhia de pessoas amorosas, que poderão ajudá-la tanto como eu ou mais.

Sem responder, Emilie continuou comendo; Lucrecia percebeu as lágrimas brotarem nos olhos da jovem, que fazia força para se controlar, e insistiu:

- O que foi, Emilie? Por que essa tristeza?

- Não sei.

Será melhor para você, para sua maior proteção. Eu sei; é que... não sei explicar...

Eu entendo. Quando temos de nos adaptar a mudanças, e novamente nos adaptar, sofremos. Mas será muito bom para Você, não tenha medo.

Sem dizer mais nada, Emilie acabou o jantar e depois de ajudar Lucrecia foi em silêncio para a cama. Sentada, abraçando os joelhos, meditou longamente sobre tudo o que estava

acontecendo em sua vida: o desespero que quase a levava dar fim à própria existência; o encontro com Lucrécia e Jairo o cuidado que recebera deles; e agora aquela possibilidade de compreender o que era aquilo que a acometia desde criança. Percebeu que temia afastar-se de Lucrécia. Apesar de ser ainda uma desconhecida para ela, sentia-se ligada àquela mulher de um modo diferente, único, como jamais experimentara. E sabia que Lucrécia sentia algo semelhante.

Lembrou-se então da filha, de quanto a amava e de quanta saudade tinha. De olhos fechados, imaginou o que estaria fazendo naquele momento; lembrou vivamente seus olhos meigos, sua face delicada e rosada, suas mãozinhas carinhosas, que toda noite lhe afagavam os cabelos, quando a colocava na cama e se despedia com um beijo na testa. Ao pensar em Cíntia, não pôde conter as lágrimas nem a angústia e a aflição que a dominaram, enchendo-a de dor e de saudade; era insuportável a ausência da menina. Recordou-se depois de Ricardo, e a dor se transformou em mágoa e ressentimento.

Preso às lembranças, Emilie demorou muito a adormecer. Quando afinal caiu no sono, teve pesadelo aterrador: via-se novamente junto do precipício, e Cíntia a distância, presa pelas mãos de Ricardo, gritando e chamando por ela. Só que no sonho ela lutava para não pular e era forçada por seres que não conhecia. Quatro pessoas a seguravam pelos braços, empurrando-a. E ameaçavam: se ela fosse àquela reunião com Lucrécia, jogariam também a filha. Emilie se debatia, gritava desesperada, implorava que a soltassem. Freneticamente lutava para se desvencilhar das criaturas, sem conseguir; por fim, quando se viu à borda do penhasco, prestes a cair, gritou ainda mais desesperada. Foi aí que viu Lucrécia aproximar-se; seu rosto resplandecia em suave luz rosada e ela sem esforço soltou das criaturas, que ficaram paralisadas à sua frente.

Abriu os olhos e viu Lucrécia sentada ao seu lado, tentando

Despertá-la. Ela se sentou na cama, quase incapaz de respirar. A amiga explicou:

-- Estava tendo mais um pesadelo, Emilie. Beba um pouco de água fresca para se acalmar.

Emilie tomou a água e procurou ficar mais tranqüila. Quando pôde falar, disse:

-- Estavam me ameaçando.

- Eu sei.

-- Disseram que matarão a mim e a Cíntia, se eu for com vocês amanhã

- Tenha calma, Emilie; eles não farão nada contra você ou sua filha, confie em mim.

- Quem são eles, afinal?

- Como já lhe disse, são irmãos nossos, que ainda não aprenderam a perdoar...

- E o que têm eles a ver comigo? Por que me perseguem? Não os conheço, nunca os vi antes.

- Certamente já os viu, só que no momento não se recorda disso.

- Será que devo ir a essa reunião, Lucrécia? Estou com medo...

- E o que eles querem, Emilie: que tenha medo e desista. E por isso tenho mais certeza de que deve ir, de que algo lá a ajudará muito!

-- Por que acha que participar de uma simples reunião de estudos irá me ajudar tanto?

- É difícil explicar, mas sei por experiência. Precisa experimentar por

você mesma.

Com as mãos ainda trêmulas, Emilie segurou as de Lucrecia e pediu:

-- Então me esclareça um pouco mais; diga o que se passa comigo.

185

LUCIUS SANDRA CARNEIRO

-- Não é a primeira vez que tem pesadelos, é, Emilie?

- Não. Os pesadelos me acompanham de longa data.

- E por certo também não é a primeira vez que sonha com esses irmãos. Você não se lembra?

- Sempre sonho com pessoas à minha volta, tentando me fazer mal. Desta vez, porém, vi o olhar de raiva que me dirigiram; percebi que são dois homens e duas mulheres. É a primeira vez que os vejo tão claramente, e que consigo lembrar ao despertar. Foi terrível!

- Tenha paciência, tudo vai ficar claro, confie em mim.

- Quem são, Lucrecia, o que querem de mim?

- Por enquanto, só posso dizer que são irmãos nossos, precisando de ajuda. Mais tarde você compreenderá. Agora procure dormir novamente.

- Não quero, não consigo.

Após pensar um pouco, Lucrecia se levantou, pegou o Novo Testamento e o entregou a Emilie:

- A companhia de Jesus sempre nos auxilia, e o seu Evangelho é a m

elhor forma de lhe conhecermos os ensinamentos. Leia. Tenho certeza de que se acalmará.

Emilie pegou o pequeno livro, segurou-o com firmeza e disse:

- Você é muito boa comigo. Contudo, acho que não devo acompanhá-los amanhã. Algo me diz que não será bom para mim.

- Não percebe que é exatamente isso que eles querem?

- Eles quem? Por que não me explica de uma vez? Porque não esclarece o que se passa comigo? Acho que você não sabe, que finge saber só para me levar a essa reunião.

- Emilie, se não quiser ir conosco, não precisa; levo VOCÊ diretamente para a casa de Sara. Mas é muito difícil esclarecer tudo de uma só vez. Participar da reunião facilitará o seu entendimento. Explicar é mais complicado.

-- Acho que não devo ir...

-- Vamos ver como acorda amanhã. Tente dormir.

Deixando a jovem com o Novo Testamento, Lucrécia voltou a seu quarto e, antes de se deitar, orou pedindo ajuda a Deus. Emilie acendeu a vela que ficava à sua cabeceira e depois de ler várias páginas finalmente adormeceu.

Na manhã seguinte, mais aliviada, acordou com o pequeno livro entre as mãos.

Assim que apareceu na cozinha, Lucrécia, com o carinho habitual, perguntou:

- E então, descansou? E o Evangelho., deu para ler um pouco?

- Li só alguns trechos, pois logo adormeci. Sabe, Lucrécia, não consigo compreender direito o que poucas vezes li na Bíblia; acho bonito, mas não fica claro

para mim o que quer ensinar.

Lucrécia sorriu, sentando-se ao lado da jovem:

- É que você se atém às palavras e não à essência, ao que realmente significam. São o sentimento e o pensamento do Criador que elas querem traduzir. Veja

o Evangelho: se ficarmos presos às palavras e mesmo às histórias e parábolas, sem buscar apreender o conteúdo mais profundo das lições de Jesus, se não meditarmos

no que elas têm a ver conosco e, principalmente, se não procurarmos colocar em prática o que Ele ensinou, dificilmente conseguiremos captar o pleno sentido da mensagem

cristã. Tudo nos soará como uma bela filosofia, a menos que nos disponhamos a assimilar as poderosas verdades e os valores que, quando aplicados, podem transformar nossas vidas.

-- Emilie olhava para Lucrécia, bebendo suas palavras. Nunca ouvira ninguém falar daquele modo sobre os textos sagrados, continuou atenta, absorvendo o que

a dona da casa dizia. E Lucrécia prosseguiu:

-- Os ensinamentos de Jesus são fonte de vida, de luz para

187 Lucius SANDRA CARNEIRO

nossas almas; eles nos capacitam a encontrar o caminho a seguir, a tomar as melhores e mais sábias decisões, e podem ser aplicados a tudo em nossa existência. Jesus

foi quem nos revelou as leis imutáveis do Pai e, mais do que com as palavras, o fez com Seus atos, Seu comportamento, Sua vida. Suas lições nos consolam, nos esclarecem

e nos fazem caminhar com equilíbrio, em todas as situações. Mas é preciso que lhes penetremos o significado, não ficando apenas na superfície da palavra em si ou dando voltas em interpretações teóricas. Suas revelações são grandiosas demais para nós e por isso, se queremos compreendê-las, precisamos tentar praticar o que Ele ensinou. Só assim se tomarão vivas dentro de nós e nos ajudarão a entender a finalidade de nossa existência e a encontrar esperança para o futuro, quando não mais estivermos neste planeta.

Emilie estava encantada com o que ouvia. Mesmo sem a compreensão necessária do que ela queria dizer, as palavras de Lucrécia lhe traziam intenso bem-estar. Que fé sincera e maravilhosa demonstrava! Que lucidez naqueles breves comentários! Emilie lembrou-se de que havia conhecido uma única pessoa que falava daquela maneira: sua avó Heloíse. Então Lucrécia se calou. Depois de demorado silêncio, Emilie perguntou:

- Onde foi que aprendeu tudo isso? Você é católica, ou tem outra religião?

Lucrécia sorriu e disse:

- Como sabe, nasci em Marrocos, onde a religião oficial é o islamismo. Recebi rígida formação religiosa; havia, entretanto, questões não respondidas que insistiam em assolar-me a mente e sobretudo o coração. Casei-me e tive três filhos. Quando conheci melhor o Cristianismo, descobri nas lições do Evangelho de Jesus aquilo que estava procurando e abandonei a religião de meus pais. Foi difícil e muito doloroso, porém aquela luz que se

Acendera em meu coração não podia mais ser apagada.

Emilie estava atenta à narrativa das lembranças de Lucrécia:

-- O sacrifício foi grande: meu marido me abandonou e meus filhos m e foram tirados. Fui parar na prisão, ignorada pela família e pelos amigos. Lá conheci

Jairo. Ele, então, passou a representar tudo para mim e planejamos fugir.

Conseguimos escapar e viemos para a Espanha, na esperança de encontrar a poio em um país

católico. No entanto, duras lutas nos esperavam. Apesar de tudo, eu sentia Jesus perto de mim e sabia que Ele jamais me abandonaria.

Lágrimas desciam pela face de Lucrécia; igualmente emocionada, Emi lie acompanhava o relato. Lucrécia enxugou as lágrimas e continuou:

- Mesmo sofrendo todo tipo de privação que você possa imaginar, p ermanecemos confiantes em Deus e em Jesus. Foi aí que conhecemos Miguel. Ele nos ajudou

sem perguntar sobre nossa origem, religião, nada! Levou-nos para a própria casa e nos deu tudo de que necessitávamos. Ajudou Jairo a se iniciar na pes ca e logo que

nos viu mais fortes nos apresentou à família de Sara, que ofereceu esta ca bana para vivermos. Foi Miguel que nos fez conhecer esse movimento renovad or que se alastra

pela Europa, difundindo a chamada Doutrina dos espíritos. A princípio fi camos receosos, como você está; na verdade tínhamos muito medo, mas Migu el foi tão bom para

nos dois que acabamos tendo vontade de saber um pouco mais daquilo que el e tanto apreciava. Desde a primeira reunião de que participamos, na casa desse amigo, um

espesso véu foi

Retirado de nossos olhos espirituais; passamos a compreender os ensinainen tos de Jesus de forma diferente, viva e intensa, se atingissem intimamente nossas almas.

Tudo adquiriu e uma nova alegria preencheu nossos corações. À medida que falava, seu rosto se iluminava. Emilie quase

podia ver a luz que ele irradiava. Continuava embevecida por aquelas palavras; uma nova emoção a envolvia por completo. Lucrecia então olhou mais firme para Emilie, como se despertasse de suas lembranças, e disse:

- Será que consegue me entender, Emilie? É por isso que insisto que nos acompanhe. Se achar por bem nunca mais retomar, isso será com você. Pelo menos terá conhecido um pouco dessa doutrina libertadora e esclarecedora que é o Espiritismo.

Emilie estava confusa. Sentia-se por demais encantada com o que escutava e, não obstante os receios que persistiam, comentou:

- O que já ouvi dessa doutrina é terrível: que é do demônio, que são os seres demoníacos que se comunicam, que seus ensinamentos vêm do mal; isso me assusta muito. Já o que você está me dizendo não combina em nada com tudo o que tenho ouvido. Você me fala de amor, de compreensão e de Jesus, de maneira nova. Nunca pensei que essa religião tivesse algo a ver com Jesus. Quero conhecê-la de perto. Ainda tenho muito receio, mas não é possível que uma única visita possa me prejudicar.

Lucrecia sorriu, aproximou-se dela e abraçou-a com imensa ternura. Emilie, por sua vez, deixou-se envolver pelo gesto carinhoso. Depois, Lucrecia lhe disse:

- Estou certa de que começará a compreender muitas coisas... Estou feliz por nos acompanhar...

Capítulo Vinte e Um

Assim que anoiteceu, Jairo saiu na frente para verificar se não havia alguém à espreita. Apesar de ninguém ter sido visto, Lucrecia abraçou-se a Emilie e saíram as duas cobertas pelo mesmo casaco, parecendo uma só. Caminharam rapidamente por pequena trilha que contornava a costa. A princípio não usaram luz alguma; mais distantes da casa, Jairo acendeu uma lamparina e seguiram pela trilha. Chegaram à vila e a atravessaram em passos rápidos; do outro lado, entraram por uma ruela. Andaram quase meia hora e finalmente cruzaram o portão de uma casa, protegida por muitas árvores. Bateram. Um rosto alegre surgiu à porta e foram convidados a entrar.

Emilie examinava tudo com desconfiança e curiosidade. Após ser apresentada, ela se ajeitou na cadeira e observou Lucrecia e Jairo, que tomavam lugar na pequena mesa colocada no centro da sala.

O homem que ocupava a ponta da mesa pediu a Jairo que fizesse uma prece para o início da reunião. Jairo se levantou e ficou longo tempo sem

dizer nada. Um silêncio profundo dominou a sala. Jairo começou então a orar:

191

- Senhor, Mestre de nossas almas, de nossas vidas, vem em nosso favor nesta hora, auxiliar-nos a entender Teus ensinamentos. Ajuda-nos a viver Tuas lições.

Sabemos que tudo o que nos acontece tem a permissão do Pai, pois Seu objetivo é promover nossa evolução. Guia-nos para a compreensão dos desígnios divinos. Abençoa nossa reunião desta noite, fazendo-a de grande proveito e crescimento para todos nós. Que assim seja.

Enquanto Jairo orava, Emilie experimentou forte calor tomar todo o seu corpo. Em seguida, teve a impressão de flutuar na cadeira, como se levitasse; sentiu-se subitamente crescer, e crescer, como se sua cabeça tocasse o teto. Seu coração disparou em batimentos descompassados e suas mãos, que estavam quentes, suavam muito.

Eram sensações absolutamente inusitadas. Pensava em se levantar e sair, quando percebeu que tais sensações lhe traziam bem-estar, calma e serenidade.

Depois que Jairo se sentou, Emilie continuou mergulhada nas mesmas sensações. Observou o que se passava, agora com interesse redobrado.

As luzes, que haviam ficado apagadas durante a oração, foram acesas e, feitos alguns comentários, iniciou-se o estudo de O Livro dos Espíritos, com a leitura

de uma das questões. Emilie ouvia com atenção. De vez em quando Lucrecia a encarava e sorria, satisfeita, como se soubesse bem o que ocorria com a jovem. Emilie recebia seu olhar carinhoso, sem retribuir-lhe o sorriso.

Após o estudo e as reflexões feitas pelos sócios da pequena agremiação, o homem sentado na ponta da mesa informou a todos que passariam à parte prática da reunião. Em oração, pediu aos espíritos benfeitores que ali se encontravam, com o objetivo de orientar e ajudar o grupo em seu desenvolvimento espiritual, que se manifestassem através dos médiuns presentes. Antes de prosseguirem, Lucrecia cochichou algo no ouvi-

do do esposo, que o transmitiu a Paulo, o dirigente. Este fitou Lucrecia interrogativamente e ela, com um expressivo olhar e um menear de cabeça, pediu que a atendesse.

Paulo olhou para a audiência atenta e disse:

- Emilie, por favor, venha sentar-se conosco à mesa. Ela se surpreendeu com o convite. Ia recusar, mas uma força desconhecida a fez ficar calada. Permaneceu sentada sem saber o que fazer.

Novamente soou a voz firme do dirigente:

- Venha juntar-se a nós, minha filha. Não tenha medo. Apenas sente-se conosco e una-se a nós na concentração.

Hesitante e temerosa, ela se levantou lentamente, relutando em atender aquele pedido. Devagar atravessou o corredor e foi se encaminhando para a mesa. A

medida que se aproximava, a emoção a envolveu por completo. Seu coração se acelerou ainda mais e sentiu forte vertigem ao chegar à mesa. Sentou-se ao lado de Lucrécia.

Tão logo se acomodou, sem controlar os próprios movimentos, pegou na mesa pena e papel. Ela própria não entendia o que estava acontecendo. Seus atos eram quase involuntários, fruto de um impulso incontrolável.

Paulo, então, pediu de novo que se apagassem as luzes e orientou todos a que se ligassem mentalmente a Deus, o Criador de todas as coisas, e a Jesus, seu mensageiro supremo. Que buscassem não Pensar em mais nada, e mantivessem a disposição de colaborar com os emissários espirituais no que deveria ser transmitido naquela noite.

O pequeno grupo era coeso, revelando desejo sincero de aprender e de praticar o bem. A sala estava lotada de espíritos que ali compareciam ou para ajudar ou para igualmente aprender.

Paulo terrwnou de falar e algo surpreendente aconteceu: Emilie seguiu firme a pena, de um jeito que nunca fizera,

como se segurasse um pedaço de pau qualquer, e daquela forma totalmente desconfortável começou a escrever. Sentia a mão se mover alheia à sua vontade

e ficou assustada Olhou para Lucrécia como a pedir socorro e ela disse baixinho:

- Não tenha medo, relaxe e confie. Sem conseguir dizer mais nada, Emilie escreveu várias páginas. Os pensamentos lhe vinham um após outro; mal ela os percebia e já os havia colocado no papel. Sua mão acompanhava o fluxo das idéias, registrando-as quase como se fosse comandada por outra pessoa. Absoluto silêncio reinava no ambiente. Um sentimento suave e leve envolvia todos os presentes. Lucrécia estava emocionada, mas não permitia que sua emoção interferisse no que ali ocorria. Sempre soubera que Emilie era médium, e o fato de ela estar recebendo sua primeira mensagem a deixava inebriada de alegria. Agradecia a Deus pela vida da jovem e por ter sido instrumento para socorrê-la Ao final de quase trinta minutos, Emilie soltou a pena que rolou pela mesa e caiu no chão. Estava exausta.

Recostou-se na cadeira e permaneceu quieta.

Outra senhora sentada à mesa recebeu uma mensagem e Paulo finalizou grafando mais uma, ambas curtas. Era incomum, naquela pequena sociedade espírita, virem mensagens tão extensas como a que Emilie acabara de receber.

Quando as luzes se acenderam, Paulo pediu que as comunicações fossem lidas. A senhora leu primeiro; depois de olhar para Emilie, que parecia hesitante, ele

fez a sua leitura e, ao terminar, pediu que a jovem lesse. Ela o fixou:

- Eu recebi uma mensagem?
- Sim, você recebeu uma mensagem do mundo espiritual.
- De um espírito?
- Sim, de um espírito.
- Meu Deus! O que vai ser de mim?

- Agradecida ao Pai pela oportunidade desta noite, que há tanto aguardava rogo que Ele me ajude a expressar-me conforme necessito peço a vocês que tenham boa vontade em ouvir-me; estendo meu pedido muito especialmente a esta irmã, por intermédio de quem pôs só expressarme. Todos nós, que estamos aqui nesta noite, temos uma enorme responsabilidade para com a vida. A cada reencarnação, chegamos na terra com uma espécie de mapa da futura existência gravado em nossa alma em nossa consciência profunda. Temos um acordo com o Criador, pelo qual nos comprometemos a uma série de deveres, especialmente o de nos melhorarmos e resgatarmos nossos débitos, acertando as contas com aqueles que prejudicamos no passado. Esse mapa permanece dentro de nós e se manifesta nas circunstâncias que nos vão assinalando a jornada, mesmo contra nossa vontade, já que muitas vezes foram colocadas em nosso caminho com nossa plena aquiescência. Então, frente a esses fatos por nós próprios desejados, podemos optar por crescer e aprender, como nos propusemos antes do reencarne, ou preferir nos rebelar e ignorar as lições verdadeiras que nos cabe aprender. O materialismo nos envolve de tal maneira que, não obstante conscientes de que todos deixam esta vida um dia, agimos como se aqui fôssemos ficar eternamente. Não refletimos que teremos de partir um dia. E quando isso acontecer, meus irmãos, voltaremos com nosso mapa - que tinha como destino nosso aprimoramento interior - e prestaremos contas à nossa consciência, às leis que governam o Universo e a Deus, com quem, afinal, nos comprometemos. Nossa vida na terra é transitória e poderemos aproveitá-la muito mais e melhor se compreendermos nosso mapa interior e, pelo bom uso da vontade, nos aproximarmos de Deus buscando fazer nossa parte. Pensem, meus irmãos, o tempo de uma vida é curto. Breve muitos vocês estarão no mundo espiritual, conosco. Entretanto, a forma como chegarão dependerá de como viverem seus dias. Temos grandes deveres para com as leis divinas. Nossa vida é uma oportunidade sagrada de fazermos o que Deus espera de Seus filhos. Ele aguarda p

or nossa decisão.

Equando estamos na rota certa, a paz e a alegria são nossas companheiras . Omçam-me, meus irmãos, e aproveitem essa sagrada oportunidade. Que

Deus os ampare e abençoe. Olhem para Jesus, que está sempre ao seu lado, e caminhem para a redenção de suas almas.

HELOISE DE CHEMONIS

Ao ouvir o nome, Emilie não conseguiu controlar a emoção e se entregou a sentido pranto. Todos na sala faziam absoluto silêncio, meditando na mensagem deixada pelo espírito Heloise. Ao terminar a leitura, Paulo devolveu os papéis a Emilie, dizendo:

-- A mensagem lhe pertence, peço apenas que prepare cópia para nós. Certamente todos aqui vão querer guardá-la e lê-la de quando em quando. É um espírito esclarecido e amoroso. Conhece Heloise de Chemonis?

Emilie balançou a cabeça afirmativamente, enquanto enxugava as lágrimas.

- Conheço. Ela foi minha avó, morreu há muito tempo...
- Morreu não, minha filha, você viu que ela continua viva; só está em outro plano.
- Éramos muito unidas... Ela faleceu quando eu era muito jovem.
- Ao que parece, continuam bem próximas.

Emilie não pôde dizer mais nada. As lágrimas a dominaram e longo tempo transcorreu até que conseguisse se acalmar. Lucrecia permaneceu ao seu lado, acariciando-lhe os cabelos, quando viu que Emilie conseguira se refazer, exclamou:

-- Que lindo presente você recebeu hoje, Emilie! Que benção!

-- Não estou compreendendo nada. O que houve aqui?

Como isso foi acontecer, justo comigo? Era mesmo minha avó?

-- Você não sentiu? Pode negar a experiência que vivenciou?

Emilie olhou a amiga, intrigada, e perguntou:

-- Como sabe o que senti? Como sabia que eu iria escrever?

- Heloise me disse.

- Falou com ela?

- Ela falou comigo.

- Não entendo...

- Vamos, Emilie, precisam fechar a sala e Sara nos espera. Conversaremos no caminho. Teremos muito tempo para esclarecer suas dúvidas. Por ora, conserve

a sensação de paz e serenidade deste momento e aproveite o aprendizado.

Calada, Emilie se levantou e saiu amparada pela amiga.

Capítulo Vinte e Dois

A mente de Emilie transbordava de perguntas; estava totalmente confusa quanto à experiência que acabara de ter. Pela primeira vez, porém, admitiu que algo poderoso tomava conta dela; conscientemente percebeu que era envolvida por uma força maior, que a fazia agir.

Ao se aproximarem de Sara, a moça fez menção de indagar algo a Lucrécia, que, parecendo adivinhar-lhe os pensamentos, antecipou-se:

- Sei como se sente, Emilie. Perguntas e dúvidas inumeráveis devem estar torturando sua mente; mas tenha calma.

-- Estou com medo, Lucrécia. O que se passou comigo hoje?

-- O que achou da nossa reunião?

-- Não sei, estou assustada, confusa e com medo; ao mesmo tempo sinto uma paz, um bem-estar que não sei explicar. Está muito confuso...

-- Tenha paciência e a seu tempo tudo se esclarecerá.

Sara aguardava as duas, sorrindo carinhosa para a jovem que levaria consigo para casa. Lucrécia então disse a Emilie:

- Sara poderá esclarecer suas dúvidas; conhece muito mais do que eu e tem mais experiência. Além disso, com ela ficará segura, pois sua casa é a fastada e ninguém descobrirá onde está.

Como Emilie a olhasse entre assustada e ansiosa, ela a acalmou:

- Não se preocupe, Emilie, vou visitá-la sempre que for possível. E caso você resolva participar de nossas reuniões nos veremos todas as semanas. Todas as dúvidas que tiver, transmita a Sara; ela poderá ajudar e explicar melhor do que eu.

Pela primeira vez, Emilie abraçou Lucrecia fortemente, sentindo tristeza em afastar-se dela, que por sua vez, ao se despedir da jovem, tinha os olhos rasos

de água. Afeiçãoara-se profundamente a Emilie e era como se separar de uma filha. Sara assegurou, em tom maternal:

- Cuidarei bem dela, Lucrecia, pode ficar sossegada. E esta sua filha você poderá ver quando quiser...

- Obrigada por nos ajudar outra vez, Sara.

- Sabe que não precisa agradecer. Estamos aqui para nos auxiliar uns aos outros; se não praticarmos aquilo que aprendemos, nossos conhecimentos de nada valerão.

Fico feliz em poder contribuir.

Despediram-se e Emilie acompanhou, atordoada, os novos amigos que acabara de encontrar. Ia hesitante, olhando seguidamente para Lucrecia e Jairo, que haviam ficado para trás, ainda à porta da pequena casa que os acolhera.

O coração da moça batia descompassado. Afastava-se de uma verdadeira amiga, e somente agora se dava conta do carinho que nutria por Lucrecia. Apertou então a mensagem que trazia nas mãos e seu coração se acelerou mais. Teria mesmo sua avó Heloíse se comunicado com ela, escrevendo pela sua própria mão? Não seria aquilo uma obra maligna, como ou-

vira dizer tantas vezes, inclusive com referência ao que ela experimentava?

O padre a orientava para que rezasse mais, tivesse mais fé em Deus e afastasse os maus

pensamentos, pois o que lhe acontecia era coisa do demônio. O que acabara de ocorrer não seria também ação de enviados do mal? Emilie não sabia o que pensar. Sentiu

vontade de sair correndo dali, deixando tudo aquilo para trás. Mas voltar para onde? Sem alternativa, acompanhou Sara e Josias até agradável casinha à beira-mar,

onde residia a família. Sara acomodou Emilie em um dos quartos, junto com a filha, Suzana, não sem antes se desculpar:

- Gostaríamos de instalá-la em um quarto só para você, mas temos três filhos e a casa não é grande; Suzana, por ser a única mulher, tem o quarto mais amplo.

E uma menina doce e meiga, creio que se darão bem. Desejo que tenha o maior conforto possível enquanto estiver conosco. E saiba, desde já, que queremos que fique

o tempo que for necessário.

- Sinto-me muito constrangida por invadir assim a casa de pessoas que nada têm a ver com meus problemas.

- Somos todos irmãos, filhos do mesmo Pai, que é Deus. Hoje é você que precisa de ajuda, amanhã poderei ser eu a necessitada, ou alguém de minha família.

Portanto, não estou dando a você nada além do que gostaria igualmente de receber. Fique à vontade, está em sua casa.

Emilie sentou-se na cama que Sara lhe oferecera. Depositou o papel dobrado que trouxera e, olhando detidamente para a mensagem, disse:

--- Tenho tantas dúvidas, tantas coisas a lhe perguntar... Amanhã, Emilie. Agora descanse. Teremos muito tempo para conversar.

Emilie ainda tentou estender a conversa, mas Suzana entrou no quarto e foi logo dizendo:

201 LUCIUS SANDRA CARNEIRO

- Que bom, terei companhia... Você sabe contar histórias, Emilie?

- Emilie está cansada, filha. Deixe-a descansar, não a aborreça.

Emilie sorriu para a menina:

- Não tem importância, Sara. Você gosta de ouvir histórias, Suzana?

- Adoro!

- Eu costumava contar muitas à minha filha.

--- Com os olhos cheios de lágrimas ao recordar a filha, ela se esforçou para continuar:

- Que história gosta de ouvir?

- Qualquer uma.

Emilie sentou-se na cama de Suzana e começou uma narrativa. Sara observou em silêncio e por fim retirou-se, deixando as duas a sós.

Na manhã seguinte, Emilie despertou ainda mais apreensiva e melancólica. Sara notou seu estado de espírito e, logo que tomaram o café da manhã, perguntou:

- Você aprecia o mar, Emilie?

- Muito.

- Gostaria de caminhar um pouco pela praia? Poderemos ter tranquilidade para conversar.

Emilie animou-se e acompanhou Sara.

- Penso que gostaria de falar sobre a reunião de ontem-

- Ontem me sentia melhor; hoje amanheci com medo, ansiosa e aflita.

- Foi a primeira vez que isso ocorreu com você?

- Desse jeito, sim. Mas desde a adolescência estive às voltas com situações semelhantes; é como se tivesse dupla personalidade e a outra se apodera de mim, dizendo e fazendo o que bem quer; quando recupero o controle, nunca sei o

que houve. Tenho sofrido muito com isso. Mais recentemente, agredi minha filha e contam que tentei matar meu marido e ela. Não me lembro de nada. Dizem que coloquei veneno na comida deles, mas não é verdade, eu não fiz isso. O que aconteceu comigo?

- Emilie, você é sensitiva, é médium.

- O quê?

- Tem uma aptidão que lhe permite entrar em contato com os espíritos, com o mundo invisível.

- Isso é coisa do diabo! É um sacrilégio! Não podemos incomodar os mortos!

- Você os chamou alguma vez? Pediu que viessem? Convidou-os a fazer essa confusão em sua vida?

Emilie pensou um pouco, procurando compreender o que Sara queria dizer. Depois respondeu:

- Não, claro que não.

- E ontem, pediu à sua avó que escrevesse por seu intermédio?

- Eu não tinha a menor idéia do que se passava...

- Então, pense: como pode haver sacrilégio? Como pode estar invocando os mortos, se são eles que estão provocando você, ou se manifestando por seu intermédio?

Emilie fitou Sara e disse:

- E como pode ter tanta certeza de que são espíritos?

--- Ontem, quando sentiu vontade de escrever, notou algo de familiar? Alguma sensação agradável ou coisa parecida?

Emilie procurou recordar, depois assentiu:

--- Pensando bem, tive uma sensação doce e suave, como Sempre tinha na companhia dela...

--- Percebe? Posso discorrer aqui sobre os conhecimentos que já adquiri, que para mim não deixam dúvidas quanto à autenticidade das comunicações que acontecem por toda parte em-

tre os vivos da terra e os vivos do plano espiritual. Os espíritos estão à nossa volta, e nos influenciam muito mais do que podemos supor. Você pôde sentir por si

mesma, e isso é mais do que eu posso lhe explicar.

Emilie ficou pensativa e caminharam por um bom tempo em silêncio. Ela meditava no que Sara acabara de lhe dizer. Enfim, falou:

- Que conhecimentos são esses? A que comunicações se refere?

- Está nascendo uma nova era para a Humanidade. Uma era em que os

homens terão acesso, através dos conhecimentos espíritas, a verdades cuja busca os aflige desde o início dos tempos. Esses conhecimentos trazem respostas para as mais profundas questões da alma humana: quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

- E não é isso que a Igreja se propõe responder?

- Só que até agora não conseguiu completamente, não é mesmo?

- Mas o Espiritismo é do demônio! É isso que todos

dizem...

- O Espiritismo está calcado na moral cristã, em sua mais pura essência. E a Igreja assim o reconheceria, se estivesse atenta aos princípios ensinados por

Jesus e deles não se tivesse desviado.

- Como assim?

A Doutrina Espírita lança nova luz sobre os ensinamentos de Jesus, e é nelas alicerçada. Alguns aspectos das lições do Mestre não puderam ser inteiramente revelados

por falta de maturidade dos homens de Seu tempo, e por isso foram ditos de forma velada. Tais aspectos são agora aclarados em sua totalidade por essa doutrina que,

mais do que tudo, busca com seus Postulados a regeneração do homem e sua ligação mais estreita com o Criador -- não pelo medo das ameaças de condenação a um

ua responsabilidade na construção do próprio futuro e da presença constant e do amor divino
a ampará-lo em sua trajetória.

--- Então por que dizem tantas coisas terríveis sobre essas práticas?

--- Porque os homens têm medo.

-- Medo do quê?

--- Medo de admitir que não sabem tudo, que precisam abrir a mente e o coração para buscar entender as questões espirituais em profundidade. Temem também

o que é novo e desconhecido. A Igreja tem interesses a preservar, Emilie. Se os homens raciocinarem melhor sobre Deus e Sua criação, se discutirem e procurarem assimilar

os ensinamentos de Jesus em sentido pleno e se, acima de tudo, procurarem vivê-los, o poder e a autoridade da Igreja se enfraquecerão. Ela tem muito a perder com a expansão

da Doutrina dos Espíritos, que, repito, nada mais é do que o resgate dos valores cristãos primitivos de amor, caridade, fraternidade desinteressada e, por conseguinte,

da verdadeira espiritualidade. Esses valores, não apenas ditos, mas vividos, são poderosas forças capazes de transformar a Humanidade.

O perdão das ofensas, a caridade para com os inimigos, o amor e tudo o mais que Jesus nos ensinou são atitudes contrárias aos interesses do culto ao egoísmo

e ao orgulho que se desenvolveu na Terra, sob o olhar complacente das instituições humanas. Jesus morreu porque ameaçou interesses fundamente arraigados nos homens daquela época; a Doutrina Espírita, junto com seus seguidores, é perseguida e enxovalhada por razões semelhantes.

Em relação a todos os assuntos, minha filha, é preciso conhecer para depois criticar.

Emilie ouvia atentamente as explicações de Sara, que continuou:

- Você não precisa acreditar no que estou dizendo. Verifique por si mesma. Estude, leia, abra sua mente e compreenda. Você conta com o amparo de sua avó,

que está ao seu lado ajudando-a a enxergar com mais clareza.

- Como sabe disso?

- É que posso vê-la, Emilie.

- O quê? Pode vê-la? Como?

- Do mesmo jeito que vejo você. Posso vê-la, e igualmente a outros espíritos.

- É mesmo? Que horror! Quando isso começou?

- Desde pequena, eu tinha amigos invisíveis para os outros que conversavam comigo. De início meus pais não davam grande importância a isso, pensando que era coisa de criança fantasiosa. À medida que crescia, continuava a ver esses amigos. Quando adolescente, costumava falar com eles, mas muitos me assustavam, inclusive com ameaças. Meus pais ficaram preocupados e chamaram um sacerdote para me orientar. Foram anos difíceis: consideravam-me louca ou possuída pelo mal. Somente quando conheci a doutrina trazida pelos espíritos pude entender o que se passava comigo; daí comecei a usar essa minha capacidade especial para ajudar outras pessoas, quer de carne e osso, como eu e você, quer do mundo espiritual.

Emilie ouvia estarelecida a história de Sara; era parecidíssima com a sua! Embora com situações peculiares a cada uma, suas experiências eram similares. Então comentou:

- Lucrécia me disse que também enfrentou problema desse tipo. Na ocasião ela não quis dar detalhes.

- A história de Lucrécia é muito mais triste do que a minha. Ela perdeu tudo o que possuía, passou fome, esteve presa. Sofreu muito.

Emilie baixou a cabeça, lembrando suas dificuldades, sua dor, sua solidão, afastada de tudo e de todos; ia responder quando Sara falou:

- Sei que também sofreu muito, Lucrecia me contou. O caminho do desenvolvimento nem sempre é fácil.

Por que tanto sofrimento?

- A razão de nossas dores, de nossos sofrimentos, também encontra explicação lógica e racional na Doutrina Espírita.

Sara fez longo silêncio, depois disse:

- Acho que você já ouviu bastante, por enquanto. Agora precisamos voltar. O sol está a pino e meus afazeres me esperam. Creio que tem muito em que pensar.

Se desejar, e somente se desejar, pode conhecer mais sobre essa doutrina.

- Como?

- De vários modos: pode continuar participando de nossas reuniões e pode ler um livro que tenho em casa; ele lhe dará muitas das respostas que está procurando.

Emilie retomou a palavra; quando chegaram, disse:

- Gostaria de ler o livro de que me falou.

Sara foi buscá-lo e entregou-o a Emilie, que o pegou um tanto insegura. Espantou-se com o título - O Livro dos Espíritos - e quase o devolveu a Sara, que aconselhou:

--- Não se assuste com o nome. O Espiritismo é um movimento de lá para cá - ou seja, do invisível para o visível -, a mesma forma que a vinda de Jesus foi

um movimento do infinito amor de Deus para o homem. O livro foi todo ditado pelos espíritos e é fruto de anos de pesquisas e experiências por estudiosos, com metodologia

científica. Não se deixe intimidar por aparências ou preconceitos; vença tudo isso e encontrará o que está procurando.

--- Você ainda não me explicou o que se passa comigo desde a

adolescência, nem o que houve ontem.

207 Lucius SANDRA CARNEIRO

- Ao ler, você compreenderá. com relação à experiência
! de ontem, já disse que você é médium e tem possibilidade de estar em contato com

os dois planos da vida. Isso é uma aptidão maravilhosa, Emilie.

- Não compreendo.

- É um presente que vem acompanhado de responsabilidades.

Emilie apertou o livro nas mãos frias, esforçando-se para dissipar os receios que persistiam. Desejava descobrir a causa maior de seus sofrimentos. Então disse:

- Vou tentar.

Sara sorriu, satisfeita, e logo se entregou aos trabalhos domésticos.

Capítulo Vinte e Três

Emilie, sentada à beira-mar, contemplava o horizonte, distraída com o livro entre as mãos. Seus cabelos cor de mel esvoaçavam ao vento. Ela estava lendo a obra que Sara lhe emprestara e percebia que seus princípios eram lógicos e consistentes. Apesar de não conseguir captar-lhes toda a amplitude, reconhecia que ali havia esclarecimentos capazes de responder às questões existenciais que a afligiam; traziam luz, notadamente sobre os últimos meses de sua vida, descobrindo para ela um universo novo de conhecimentos. E devorava O Livro dos Espíritos, dedicando horas à leitura e suas páginas; só a interrompia para auxiliar Sara nas tarefas da casa. Esta, por sua vez, acompanhava satisfeita, porém discreta, o gradual envolvimento da hóspede com o conteúdo da obra.

Emilie estava entregue a um desses momentos de reflexão. Lia algumas páginas, depois fechava o livro e meditava longamente acerca do que acabara de ler. Naquele cenário de singular beleza, com o sol se pondo no horizonte, a brisa do mar insistia em alvoroçar suavemente seus cabelos e Emilie escutava o canto das gaivotas que voavam em bandos sobre a

praia, quase hipnotizada pelo murmúrio das ondas. Não percebeu que alguém se aproximava e ficou surpresa e feliz quando uma voz familiar a cumprimentou:

- Boa tarde, Emilie. Em que tanto pensa? Ergueu-se, feliz:

- Como vai, Lucrécia? Não percebi você chegar, meu pensamento estava distante.

- Deu para notar! Por duas vezes a chamei, sem resposta. Como tem passado? Fiquei preocupada a semana toda e estou ansiosa por notícias.

- Veio sozinha?

- Não, Jairo está lá dentro. - Lucrécia apontou a casa de Sara, simpática e acolhedora, em meio à vegetação - E então? Vai esta noite à reunião?

Emilie, séria, encarou a amiga e disse:

- Continuo com muitas dúvidas. Estou lendo este livro que Sara me emprestou; não posso negar que ele está mexendo comigo e me fazendo avaliar mais detidamente

tudo o que até hoje acreditei.

Lucrécia olhou o livro nas mãos de Emilie e sorriu:

- É... Esse livro realmente nos instiga; revolve o mais profundo de nossa alma, tocando o que está enraizado em nós e que na verdade não serve para nada,

embora insista em ocupar o espaço do novo, daquilo que pode realmente nos ajudar.

- É estranho... Ao mesmo tempo em que me interessa e sinto que me beneficia com a leitura, ligeiro desconforto me acomete, fico agoniada, ansiosa. Nem por

isso interrompo a leitura. Só que ainda me sinto insegura em retomar à reunião. Temo a ocorrência de situações que fujam do meu controle-

- Como passou a semana, Emilie?
- A princípio, bem; mas há dois dias sofro intensa gústia, como se algo me sufocasse, e ao acordar esta manhã

me senti profundamente triste. Pensei muito em Cíntia e uma vontade quase incontrolável de vê-la apossou-se de mim.

- Você sabe que ainda não pode procurá-la, não sabe? Não a deixarão vê-la, e certamente a enviarão de novo para o sanatório. Precisa ser cautelosa, controlando seus impulsos; aos poucos irá compreendê-los e quando os tiver sob controle estará mais preparada para ir ao encontro do seu destino.

Emilie fitava Lucrecia e intimamente acatava seus conselhos; no entanto, desabafou:

- Essa separação tem sido dolorosa demais; às vezes tenho medo de nunca mais tomar a vê-la.

- Eu sei muito bem o que está sentindo. Mas pense bem: se for à procura dela sem antes esclarecer os fatos que envolveram sua reclusão, e sem ter resolvido

totalmente seus problemas com a justiça, não permitirão que se vejam e será ainda mais doloroso para ambas. Tenha paciência e fé, Emilie. Deus nunca nos desampara.

Por mais difíceis sejam nossas provas, nossos desafios, Ele está sempre conosco e há de guiá-la pelo melhor caminho, se permitir que a conduza, se buscar sinceramente

compreender Sua vontade. Deus não quer que sofram; quer que encontremos o nosso caminho e que realizemos aquilo que viemos fazer na terra.

- Você diz isso com tanta convicção... Como sabe todas essas coisas? Leu muito, é isso?

--- De fato leio muito; aprendi o suficiente para poder ler as revistas e livros espíritas que Miguel nos envia. Contudo, o que me traz maior convicção é a vivência, a prática de todos esses Postulados. O que você está lendo não é apenas teoria, Emilie. verdades aí contidas tocaram minha alma, passei a compreender melhor minha existência, também cheia de percalços e dificuldades, e hoje tenho o muito claro para mim o sentido maior da compreensão me tem levado a aceitar os fatos e pro-

211

Lucius SANDRA CARNEIRO

curar descobrir o significado de tudo o que me acontece. Minha vida se enriqueceu de tal modo que nada mais é banal e semi importância. Por exemplo: encontrar você;

sabia que nunca vou ao penhasco, Emilie?

- E por que foi, naquele dia?

- Estava em casa, preparando os peixes que Jairo trouxera logo pela manhã, quando uma idéia surgiu em minha mente, como uma ordem: "vá até o penhasco". A

princípio não dei atenção, pois me parecia completamente fora de propósito interromper o serviço e subir ao penhasco; tinha muito o que fazer. Mas o pensamento,

ao contrário de me abandonar, tomouse a tal ponto insistente que já não podia trabalhar. Finalmente compreendi que estava recebendo um pedido de alguém, deixei tudo

e subi. Assim que a avistei, corri com medo de que não pudesse resistir; estava abatida demais. O resto você já sabe.

Emilie não dizia nada. E ela continuou:

- Percebe por que tenho tanta convicção? Não é imaginação, Emilie. Você é prova disso.

- Poderia ser coincidência...

- Acha mesmo? Provavelmente não estaria aqui agora, se eu não tivesse recebido orientação para subir a encosta e obedecido. É muito verdadeiro e

sério para
ser apenas coincidência.

- E quem acha que pediu para me ajudar?

- Não sei, são muitas as possibilidades; o que sei é que tinha de obedecer e ajudar. E foi o que fiz.

Lucrécia calou-se subitamente. Enquanto Emilie a observava, baixou a cabeça como se dormisse. Segundos depois, tomou a erguê-la com expressão grave e formal, dizendo:

- Não despreze a oportunidade, Emilie. Muitos esforços foram despendidos para que você chegasse até aqui; muito amigos espirituais trabalham a seu favor, para ajudá-la a cumprir aquilo que se propôs antes de voltar ao planeta. Muitos

aguardam para unir-se a você na tarefa que têm de realizar; eles dependem de você. Deixe de lamentar o que passou. Olhe para a frente e à sua volta: veja quanto bem e quanto amor a cercam e ponha-se em ação, minha filha. Procurar a felicidade longe de sua missão é perder a sua vida em busca de ilusão. As circunstâncias se desdobram conforme planejado e tudo se esclarecerá a seu tempo; agora, mãos à obra que precisa ser iniciada.

Emilie ouvia atentamente, quase sem respirar, sentindo forte emoção. Lucrécia baixou a cabeça de novo e quando a levantou disse:

- Tentei ajudar e achei você...

Emilie olhava surpresa para a amiga. Percebia que ela não tinha noção do que acabara de acontecer e interrompeu-a:

- Não se lembra das coisas que acabou de me dizer?

- Claro que me lembro. Estamos falando de como foi que encontrei você.

- Não, de repente você começou a falar sobre algo que tenho de fazer, que não captei direito.

Lucrécia sorriu e disse:

- Então recebemos uma visita inesperada, foi isso.

- Como assim?

- Alguém precisava transmitir-lhe alguma informação importante. Emilie, a vida é assim: há o mundo visível e o invisível, e ambos se entrelaçam e caminham

em conjunto. O que precisamos é abrir nossa mente e em especial nosso coração Para começar a compreender o invisível, que muitas vezes só é Percebido com o coração.

Você entende?

--- Acho que sim; quer dizer, um pouco... Não sei. Lucrécia fazia menção de acrescentar algo, quando Sara Careceu dizendo:

--- Está na hora de irmos. Vem conosco, Emilie?

A jovem olhou para Lucrécia, hesitante; então, recordando as palavras que há pouco escutara, disse:

- Vou.

- Ótimo, convém nos apressarmos.

Mesmo com medo e desconfiança, Emilie acompanhou Lucrécia, Jairo e a família de Sara à reunião. Desconfortável, prestou muita atenção a tudo o que diziam.

Não podia negar a beleza., a pureza daquilo que estudavam. Ainda assim, ao se despedir de Lucrécia, disse:

- Tenho muitas dúvidas. Não sei se aqui encontrarei o que procuro ou d

e que necessito.

- Tenha paciência, minha querida. Continue a ler o livro que começou. Não desanime agora, que está tão perto.

- Perto de quê?

- De compreender. Já caminhou até aqui; não desista!

- Não sei do que está falando, Lucrecia. Além do mais, tenho tantos problemas para resolver... Minha vida está destruída, nada me restou, sinto-me perdida

e sem esperança... Nem sempre consigo me concentrar na leitura...

- Eu sei que o caminho não é fácil, mas o resultado vale as agruras e os sofrimentos do percurso. E acima de tudo, Emilie, que mais pode fazer neste momento?

Muitos a procuram; recebemos ainda ontem outra visita do delegado Pimentel, que nos trouxe intimação para prestar esclarecimentos na delegacia. Estamos sendo acusados,

acho que pelo seu marido, Ricardo. É esse o nome?

Emilie fitou-a, amedrontada:

- E o que vai acontecer?

- Por ora não sabemos. Iremos depor na próxima semana e não temos ideia do que virá depois. Você não precisa se preocupar, pois está segura com Sara. Difícilmente

vão encontrar e por nosso intermédio nada saberão. Portanto, aproveite

o tempo e descubra a oportunidade que se esconde atrás de todos os problemas que está vivendo.

- Como, Lucrecia? Como posso achar alguma coisa boa em meio a tanta dor, tanto sofrimento injusto que apareceu em meu caminho?

Lucrecia acariciou a face da jovem, dizendo:

- Há tanta beleza à nossa volta, dentro de nós e naqueles que nos cercam... Procure ouvir e ver com outros olhos, Emilie. Tente compreender,

não com a mente, e sim com o coração.

Antes que Emilie pudesse responder, Jairo aproximou-se de ambas e pediu:

- Precisamos ir, Lucrécia, está muito tarde e não podemos demorar mais.

Ela se despediu de Emilie, beijando-a na face. Depois, abraçando-se ao esposo, desapareceu na trilha que os levava de volta para casa. Emilie retomou calada e pensativa.

Nos dias que se seguiram Emilie esteve compenetrada, mais e mais envolvida com a leitura do livro que recebera de Sara. A cada página, novas informações

a encantavam; o raciocínio límpido e claro, coerente e profundo, a fazia parar, fechar o livro e meditar no que lera. Por outro lado, ela se preocupava com Lucrécia,

e pediu notícias a Sara:

- Sabe se já foram interrogados?

- Não. Atendendo ao pedido de Lucrécia, temos nos mantido longe, para que não cheguem também até aqui.

-- Por que ela está fazendo isso? Por que se coloca em perigo por minha causa? Ela nem sequer me conhece direito... Sara sorriu suavemente e então disse:

Lucrécia tem bom coração e gosta muito de você, Emilie.

Eu sinto o carinho dela e não compreendo...

- Jesus nos ensinou a estender nossos braços e nossas mãos em socorro a todos aqueles que necessitam. A fraternidade e o amor ao próximo são a base de todos os ensinamentos que Ele nos trouxe.

- Seja como for, não consigo entender... Sei que ela quer me ajudar, mas está se arriscando, se expondo ao perigo por mim.

- Ela também está recebendo proteção e amparo, pode ter certeza.

- De quem? De Miguel, aquele amigo deles?

- Não só dele. Assim como Lucrécia e Jairo, todos nós temos amigos e espirituais que estão à nossa volta, sempre nos auxiliando, ainda que não possamos vê-los.

A fé é a porta que abrimos em nossos corações, que nos permite reconhecer sua presença e sua ação, quando não os enxergamos com os olhos do corpo.

- Se é como você diz, por que não impediram que o mundo desabasse sobre mim? Onde estavam eles? Onde estava Deus, que não impediu que tanta injustiça fosse

feita contra mim? Tem ideia do que passei naquele lugar para onde me mandaram? Além da dor de perder tudo, de ser afastada do que mais amo, de meu marido e minha

filha, fui humilhada, chamada de assassina. E os maus tratos? Os tratamentos que recebi não passaram de humilhação e agressão! Até fome eu passei...

Onde eles estavam, Sara, que não me ajudaram?

Emilie, com a voz embargada e lágrimas a descerem pela face, não pôde prosseguir. Sara segurou sua mão e, igualmente emocionada, disse:

- Sei que você sofreu muito e que não entende o motivo. O sofrimento faz parte de nosso mundo e acontece por todo lado. Embora sua dor seja imensa, não esqueça

que há órfãos, crianças abandonadas, doentes que sofrem em profunda solidão; pessoas pobres, sem nenhum recurso, sem ter o que co-

mer. A dor campeia em nosso planeta, em todos os lugares. E você me pergunta onde está Deus? Ele está em toda parte, estendendo seu amor sobre todos nós, em todos os momentos. Mesmo na dor, não estamos sós; legiões de espíritos enviados por Ele nos protegem e ajudam.

- Continuo a não compreender por que tanta dor.

- Essa é uma das questões que os princípios espíritas vêm responder, Emilie. Esse livro que você está lendo esclarece muitas dúvidas, mostrando de maneira

lógica a razão do sofrimento na Terra, o porquê de nossas mazelas e dores, além de nos fazer entender outras tantas questões que trazem profunda angústia à alma

humana - ao menos àqueles que sinceramente refletem sobre a realidade à sua volta.

- O que é, afinal, essa doutrina de que você e Lucrecia tanto falam? Não é essa nova e perigosa religião, cheia de mistérios e práticas bizarras, que dizem

ser artimanha do demônio para nos enganar?

- Dizem que é perigosa porque esclarece, porque ilumina a razão e nos estimula a pensar, a questionar, libertando-nos de credulidades e mentiras que e aprisionam.

- No entanto, dizem que é do mal...

- Como o mal pode vir e incentivar os homens a crer em Deus e a aceitar a lição de Jesus, fazendo aos outros aquilo que desejam para si mesmos? Como pode

estimular os homens a praticar os ensinamentos cristãos em sua essência, tornando-os melhores? Como uma doutrina perniciosa pode trazer conforto, esperança, e levar os

homens a terem mais fé em Deus?

Emilie não desgrudava os olhos de Sara, encantada pelo que dizia; ainda assim, insistiu:

--- Ouvi que muitos estão ganhando dinheiro com esses conhecimentos, fazendo previsões, adivinhações, lendo a sorte e coisas desse tipo. São mentirosos?

- Muitos são; outros, entretanto, são de fato médiuns, têm contato com os espíritos, sem compreender ainda a sublimidade da nova revelação. Não perceberam a conseqüência moral desses conhecimentos para a alma humana e, ao invés de usarem o dom sagrado que receberam de Deus com o objetivo de ajudar ao próximo, usam-no para seu próprio proveito. Alguns até ajudam mas na maioria das vezes são comandados por espíritos menos esclarecidos a quem servem, mesmo sem saber; iludidos, podem inclusive pensar que estão fazendo o bem.

- Então é possível, realmente, o contato com espíritos?

- E você ainda tem dúvida? Não recebeu a mensagem de sua avó?

- Mas não entendo direito... E como posso confiar totalmente?

- Você precisa estudar, Emilie. Está no rumo certo: continue lendo e abra seu coração. Busque a verdade sem outro propósito que não o de iluminar sua alma.

Muitos só se deixam levar pelos próprios interesses, e esse tem sido o maior obstáculo à evolução da Humanidade.

- Como assim?

- Enquanto os homens buscarem apenas e tão-somente interesses particulares e não o bem geral, haverá dor, sofrimento e escuridão para a maioria deles. Jesus

nos ensinou a colaborar sempre para o bem de todos, porém o sentido de Sua mensagem se perdeu ao longo dos séculos, sufocado por interpretações religiosas que se

voltaram para a defesa dos nobres e poderosos, que impuseram seus interesses pessoais sobre a Terra. Todavia, é chegado o momento de o homem se libertar, é hora

de os ensinamentos do Mestre retomarem a pureza com que foram transmitidos, sem outro interesse que não seja o de levar os homens até Deus, uni-los ao Cr

iador.

Emilie notou que Sara se modificara. Seus olhos brilhavam

218

RENASCER DA ESPERANÇA

e seu jeito de falar era quase luminoso. A jovem tinha perguntas que desejava fazer, mas não queria que aquele momento tão suave acabasse e não ousou dizer nada;

apenas seguiu atenta as palavras de Sara. Quando ela se calou, Emilie permaneceu algum tempo em silêncio, e enfim disse:

- Vou continuar lendo. Poderei encontrar naquele livro tudo isso de que você falou?

--Tenho outros livros e também revistas em francês; creio que isso não será problema para você, não é mesmo?

- Revistas?

- Recebemos todos os meses, de Paris, publicações que nos trazem informações sobre o que acontece com a pesquisa e o desenvolvimento dos postulados espíritas

por todo o mundo. São experiências, mensagens, e tudo o que vem sendo descoberto pelos pesquisadores.

- Pesquisadores?

- Exatamente. São muitos os que se dedicam, há anos, à pesquisa metódica dos fatos que deram início a todos os conhecimentos que chegam agora até nós.

- E como tudo começou?

Sara se levantou, foi até o quarto e retomou com uma pilha de revistas. Entregou-as a Emilie e disse:

- Está quase tudo aqui: como e por que começaram as Manifestações, estudos, reflexões, pesquisas... É melhor que conheça da fonte de onde jorra o conhecimento.

- Da fonte?

- Sim, do homem que vem trabalhando arduamente para que esses conhecimentos iluminados cheguem até nós. Ele e outros que o apoiam.
Emilie folheou as revistas e depois disse: vou ler, Sara, obrigada.
Com as revistas nas mãos, Emilie foi até o quarto em que

218 LUCIUS SANDRA CARNEIRO

dormia. Colocou-as na cabeceira da cama, pegou O Livro dos Espíritos e foi para a praia, seu lugar preferido. Protegida do vento frio por algumas árvores e envolvida em um grosso cobertor, Emilie abriu o livro. Queria encontrar naquelas páginas o que Sara lhe dissera há pouco, e em que não podia parar de pensar. Fustigada pela curiosidade, entregou-se por completo à leitura, sem temer que aqueles conhecimentos pudessem causar-lhe novas dificuldades. Ela queria descobrir, e não parou mais de ler.

Os dias corriam e Emilie passava longas horas mergulhada no livro. Sempre que tinha alguma dúvida, procurava em Sara os esclarecimentos.

Ao reencontrar a jovem para a próxima reunião, Lucrécia percebeu que e alguma coisa se modificara nela. Observou-a por toda a noite e ao terminarem os estudos se sentiu satisfeita, pois compreendeu que Emilie, finalmente, estava no caminho que tanto necessitava trilhar.

Como não houvera tempo para conversarem antes, Emilie disse à amiga:

- Estava aflita por notícias. Como foi?
- Não foi.
- Vocês não compareceram?

- Comparecemos, como não? É que havia um tumulto na delegacia e adiaram por uma semana.

Emilie suspirou:

- Então, continuamos na expectativa.

- Continuamos? Quer dizer que está preocupada?

- É claro! Preocupo-me com você e Jairo.

Jairo, que saíra junto, olhou-a surpreso. Lucrécia então falou:

- E você? Como vai? Percebo que está diferente.

- Tenho conversado muito com Sara e tenho lido também-

- Continua lendo o livro que ela lhe emprestou?

- Sim, além de umas revistas muito interessantes. ACho

que são de Allan Kardec... Nome estranho, não?

- Esse não é o nome verdadeiro dele. É um pseudônimo que utiliza para esse trabalho magnífico que aceitou realizar.

- Tenho descoberto muitas coisas, Lucrécia. Pena que não temos tido oportunidade de conversar.

- Também gostaria de estar participando das suas descobertas. E maravilhosos quando identificamos aquilo que já estava dentro de nós, sem que o notássemos.

- Mas persistem muitas dúvidas quanto ao porquê de tudo o que me aconteceu. Pelo menos já posso desconfiar de qual tenha sido a causa dos problemas que me

atormentaram por toda a vida; começo a entender, devagar, pouco a pouco.

Por outro lado, à medida que algumas coisas se desvendam, novas questões aparecem.

Lucrécia sorriu, satisfeita com o que ouvia, e abraçando-a ternamente disse:

- Tudo a seu tempo, querida. A verdade pode ofuscar. Por isso, deixe que sua mente e seu coração se preparem para aprender cada vez mais. Dia virá, acredite-me,

em que não restarão dúvidas, apenas vontade de saber mais.

Emilie retribuiu o abraço carinhoso da amiga e se despediram. Na volta para casa, Jairo comentou:

---Estou perplexo com a transformação de Emilie. Devo confessar que não acreditava que isso fosse possível, mas tenho de admitir que ela está mudando. Está

visivelmente mais animada, mais disposta. E seu repentino entusiasmo pelo movimento espírita é espantoso!

--- Não para mim, Jairo. Eu sabia que esse era o caminho dela, e por isso a colocaram no nosso. Estou muito feliz, pois sei que cumprimos nossa parte, fazendo

aquilo que deveríamos fazer. O casal prosseguiu trocando impressões sobre a maneira como o destino os unira àquela jovem desconhecida.

Capítulo Vinte e Quatro

Na mansão, Isabel descia as escadas. Da sala de jantar, onde Filomena, Ricardo, Cíntia e Felipe tomavam o café da manhã, podia-se ouvir o farfalhar ruidoso do vestido que ela usava.

Dom Felipe apenas esperou a esposa ocupar seu lugar à mesa e perguntou:

- Aonde vai tão cedo, Isabel?

Quero falar com dom Antônio. Ouvei rumores de que ele pensa em viajar para Madri bem no dia de nossa festa. É inaceitável! Vou até a cidade tentar convencê-lo.

Não pode haver algo tão importante que o afaste de nossa tradicional festa! Tenho de conversar com ele, quem sabe precisa de ajuda? Você deveria vir também! Talvez

esteja necessitando de sua cooperação, Felipe.

- Hoje não posso, tenho outros assuntos a tratar. Vá e me traga notícias. Diga ao bispo que se precisar de mim, seja por que motivo for, estarei totalmente

disponível e pronto para atendê-lo.

Isabel sorriu, satisfeita. Apressou-se a saborear o desjejum, ansiosa por resolver a questão que a preocupava.

223

Quando se levantava para sair, Filomena avisou:

- Vou com você, mãe.

- Ótimo.

Isabel despediu-se dos outros e logo saiu com a filha.

A movimentação na cidade era frenética. Viandantes cruzavam apressados de um lado ao outro, ávidos por novidades e diversões. Barcelona abrigava inúmeros núcleos filosóficos que despontavam, assim como sociedades científicas que

se dedicavam a pesquisar questões variadas. Disputas intelectuais entre personalidades eminentes da sociedade espanhola que procuravam atualizar-se frente à onda de conhecimentos e descobertas que se agigantava por todos os cantos.

Filomena acelerava o passo junto da mãe, que cumprimentava uns e se desviava de outros. Finalmente se aproximaram da igreja, onde teriam importante encontro.

Filomena perguntou:

- Tem certeza de que ele ainda está aqui, mãe?

- Claro que tenho; a reunião em sua casa terminou e ele veio para a igreja. Informei-o de nossa visita e sei que nos aguarda.

- Ele, sempre tão ocupado, às voltas com tantos problemas, terá tempo para nós?

- Estou aqui a pedido de seu pai, e sei que dom Antônio nos receberá.

Ao chegarem, viram que a porta estava entreaberta. Entraram devagar e imediatamente avistaram o bispo, conversando com dois sacerdotes sob a cúpula iluminada

pelos raios do sol, enriquecida por lindos afrescos que contavam a história de Cristo a caminho do monte da crucificação e de sua ressurreição gloriosa. Assim que

viu as senhoras, dom Antônio buscou terminar a conversa que entretinha e as saudou. Isabel, curvando-se, beijou-lhe a mão com reverência.

- Sua bênção, dom Antônio.

Filomena igualmente pediu a bênção do eclesiástico. Após os cumprimentos e rápidas informações, dom Antônio perguntou:

O que as traz aqui? O que tem tanta urgência?

Não se trata de algo muito urgente, mas como Vossa Eminência se ausenta com frequência e deverá estar viajando breve, Felipe acreditou ser imprescindível conversarmos.

Como o bispo avistasse algumas pessoas que acabavam de entrar na igreja, levantou-se e convidou:

- Acompanhem-me, senhoras. Vamos até lá dentro, onde certamente teremos maior privacidade.

Logo estavam instalados em sala ampla e agradável, com imensa biblioteca que ocupava uma parede inteira, do chão até o teto.

- Pronto, podemos prosseguir.

- Eminência, estamos bastante apreensivos com a festa deste ano.

- Por quê? Algum problema?

- Tememos que várias autoridades da Igreja não compareçam e isso seria muito ruim. Sabemos que esse novo movimento que se alastra nos inquietta a todos; é

inadmissível que pessoas inteligentes e sensatas adiram a ele, porém é o que temos verificado e muito nos vem preocupando. Sei que há pouco tiveram importante reunião para discutir esse tema.

- Sim, foi uma reunião extensa e cansativa; felizmente chegamos a bom termo. Quanto às pessoas que acaba de citar, só pode haver uma explicação: suas mentes ficam dominadas pelas forças do mal.

Filomena, até então calada, não se conteve e concordou:

- É exatamente isso, Eminência. É exatamente isso! Isabel retomou a palavra:

- Sabemos que, em particular neste ano, a Igreja está por

demais preocupada com essa situação e muitos de seus membros ainda não confirmaram presença em nossa festa. Felipe acredita que devemos estar e estreitamente unidos contra esse mal que nos ronda. Todos devem perceber que a Igreja está mais forte do que nunca e que a elite da sociedade espanhola apoia, sem restrições. cremos que é fundamental a presença de todos, dom Antônio.

O bispo meditou por segundos, depois assegurou: - Fique tranqüila. Estamos tomando as providências cabíveis e pode ter certeza de que a festa começará com grande celebração à nossa fé! Concordo com dom Felipe: quanto mais prestigiada ela for, mais manteremos nossa coesão e nossos adversários terão de temer essa força intacta. Conte com o apoio da Igreja, senhora. Diga a dom Felipe que conserve a calma. Não obstante as diversas ações que muitos padres têm promovido, tentando estancar em suas paróquias os focos de interesse por esses postulados, medidas mais severas serão adotadas. Isabel ouvia o bispo ansiosa e perguntou:

- O que pretendem fazer?

- É bom que dom Felipe saiba, para que se prepare, pois precisaremos muito da intervenção dele. Diga-lhe que teremos de conversar antes de minha viagem.

Estão vindo de Paris livros que pregam esse movimento. É grande o número de exemplares, e não podemos admitir que cheguem às mãos dos leitores.

Isabel e Filomena continuavam atentas, e a primeira garantiu:

- Faremos tudo o que for necessário para ajudar a Igreja a conter tal heresia!

- Sei que posso contar com o apoio de uma família tão respeitável! Felipe precisa intervir junto à alfândega para que esses livros sejam imediatamente encaminhados

a nós, muito embora o governo já tenha oficialmente aprovado sua liberação - essas leis modernas e progressistas estão atrapalhando a Igreja!

O bispo se levantou, andando de um lado para outro na sala visivelmente contrariado, e continuou com irritação:

-- Bons tempos aqueles em que tínhamos-- mais autoridade! Por isso valorizo tanto o apoio que recebemos de sua família!

--- E sempre poderá contar conosco, Eminência!

--- Estou certo disso. A alfândega autorizou a entrada dos livros mas queremos que dom Felipe interfira para que tão logo eles cheguem os tenham os aqui, conosco.

--- E o que farão então?

--- Na manhã do dia da festa os queimaremos, todos de uma só vez, no local onde são executados os piores criminosos de Barcelona. Será uma fogueira para os hereges! O povo compreenderá de imediato! Todos sabem muito bem o significado de um auto-de-fé! Ficarão convencidos de uma vez por todas de que essa doutrina

é veementemente condenada pela Santa Igreja! com essa ação, resolvemos vários problemas: destruímos o principal veículo de divulgação desse movimento e fazemos nossos

fiéis compreenderem com clareza o que a Igreja pensa dele, além de mostrar-lhes o que espera aqueles que a ele se associarem. Estou certo de que, ao menos na Espanha,

conseguiremos estancar a expansão desses postulados perniciosos!

- Que idéia excelente! Isabel sorriu, satisfeita. Já se levantava quando, dando a impressão de lembrar algo de repente, sentou-se outra vez e disse:

--- Só mais um assunto, Eminência.

O bispo, que começara a erguer-se, voltou a se acomodar na cadeira e aguardou.

--- Estou interessada em enviar um membro de minha família para servir à Igreja.

--- bispo sorriu, satisfeito:

227 Lucius SANDRA CARNEIRO

- Será bem-vindo. Aliás, o último foi Fernando, não?

Quem será desta vez? - e olhou para Filomena, que sem jeito disse:

- Mamãe, não acha melhor conversarmos com...

- Minha neta precisa muito da Igreja, Vossa Eminência sabe. A mãe enlouqueceu e ainda está foragida, Deus sabe se ainda está viva... A pobrezinha tem auxiliado

Fernando no orfanato e acho que já demonstra vocação. Só preciso conversar com Ricardo; visto que ele não quis dedicar-se à Igreja, como era nosso desejo, talvez

resista um pouco. Mas gostaria de contar desde já com o seu apoio no sentido de convencer Felipe. Se ele concordar, tudo ficará mais fácil.

Apesar de continuar a sorrir, o bispo mostrou-se um pouco entediado e disse:

- Como sempre, senhora Isabel, novos e abnegados servidores são bem-vindos; entretanto, temos de assegurar-nos de que essa jovem não haverá de representar

problemas. Lembrome bem da festa do ano passado e do transtorno que a mãe nos causou. Certifique-se de que a menina quer mesmo seguir esse caminho, e terá meu apoio.

Isabel ia argumentar, porém refletiu rapidamente e disse:

- Claro, tem toda a razão; não queremos problemas e sim soluções. Creia que me empenharei para que tudo se resolva.

- Diga a dom Felipe que necessito vê-lo o mais breve possível!

- Informarei nossa conversa assim que retomar.

Encerrando o encontro, o bispo se pôs em pé e se despediu das duas. Ao alcançarem a rua, Filomena, que se mantivera em silêncio, reclamou:

- Mãe, como pôde levar algo tão sério direto ao bispo? É se papai não aceitar? E não esqueça que Ricardo é totalmente contra...

--- Ora, Filomena, quanto mais ele for contra, mais terei de me esmerar nas providências a tomar. Não podemos deixar Cíntia aos cuidados exclusivos de Ricardo e muito menos solta, fazendo o que quiser. Precisamos conduzi-la pelos passos, o destino, para que ela fique bem, assim como todos nós. Ricardo se casará novamente, sem dúvida, e é meu dever assegurar que desta vez tudo dê certo.

--- Ele está envolvido com alguém? Não estou sabendo de nada!

- Ainda não, mas é só questão de tempo. E eu tenho algumas estratégias para que esse tempo seja o menor possível.

- É verdade... Além do mais, ela é tão parecida com a mãe...

Isabel parou perto da carruagem que as esperava e, olhando firme para a filha, disse:

- Entende por que temos de tomar providências? Aquela mulher nunca mais porá os pés em nossa casa, e no entanto deixou a filha, que em tudo a lembra. Precisamos agir depressa, para garantir que não haverá mais problemas...

Entraram ambas no carro e seguiram para a mansão, nas cercanias de Barcelona. Ao subirem a escadaria da entrada encontraram Fernando, que acabara de deixar

Cíntia em casa. Vendo-o apressado, Filomena segurou-o pelo braço:

-- Calma, Fernando, aonde vai com tanta pressa?

- Tenho muito trabalho, e também preciso escrever algumas cartas para reforçar o convite da festa.

-- Não se preocupe mais com a festa. Acabamos de falar com dom Antônio e a Igreja vai tomar medidas definitivas que nos tranquilizarão a todos. Quanto à

presença maciça do clero acho que tudo está equacionado; com relação aos demais, Papai já se encarregou pessoalmente. Portanto, priminho, tudo ca minha bem.

228 LUCIUS SANDRA CARNEIRO

Isabel, então, perguntou:

- E nossa jovem aprendiz, como se tem saído?

- Tem muito jeito com crianças; surpreendo-me a cada dia. Ela é um doce e sabe fazer a coisa certa. É muito atenciosa e as crianças não só a adoram, como a obedecem...

- Fico muito satisfeita que o esteja ajudando.

- Está mesmo. Nunca pensei que ela fosse contribuir tanto. A princípio o queria apenas distraí-la, porque sempre a via triste pelos cantos. Não imaginava que pudesse me auxiliar como está fazendo.

- E pena que Ricardo continue resistindo a essas visitas da menina...

Fernando sorriu e disse, entusiasmado:

- Felizmente acabei de resolver isso com ele.

- É mesmo? E como? - perguntou a prima, interessada, depois de trocar olhares com a mãe, que deixava transparecer sua satisfação.

- Tivemos uma longa conversa e convenci-o de que essas visitas semanais de Cíntia só lhe fazem bem. Não acha, tia Isabel? Não tem notado?

- Como não? Venho repetindo isso a Ricardo. Ela já acorda mais animada, mais feliz.

- É isso! Percebi que está mais entusiasmada. Conversamos muito e ele acabou por ceder. E mais: consegui que ela me acompanhe toda quarta-feira. E a cada

quinzena, também na sexta. Não é ótimo?

- Estou surpresa com seu poder de persuasão, Fernando. Quando quer, de verdade, consegue tudo o que pretende - comentou Filomena.

Fernando, em tom de secreta cumplicidade, disse:

- Acredito que é mal de família; não é, tia Isabel? Antes que ela pudesse responder, o rapaz beijou-a na

despediu-se igualmente de Filomena e desceu as escadas, sumindo no caminho que ligava a casa à paróquia em que servia. Fernando seguiu pensativo.

Meditava nas últimas

palavras que dissera à tia. Por que aquilo o incomodava? Sabia que ela estava certa, que Emilie representava ameaça para aquela comunidade e poderia ter colocado

em risco a credibilidade da família. De qualquer modo, sentia-se incomodado. Se assim não fosse, por que de quando em quando aquele desconforto aparecia e o enchia

de pesar? Procurou dissipar tais pensamentos e focar a atenção nas atividades que devia realizar ainda naquela noite.

231 LUCIUS SANDRA CARNEIRO

Capítulo Vinte e Cinco

Assim que terminou o jantar, Ricardo refugiou-se em seu quarto. Havia acabado de vender a propriedade da qual fizera seu lar, junto com Emilie e Cíntia, localizada perto da mansão dos pais. Embora a princípio resistisse à idéia, Ricardo fora convencido pela mãe de que a casa trazia recordações inúteis e dolorosas; sem saber ao certo o que pensar, ele afinal cedera.

Quando abria a porta do quarto, deteve-se e olhou para o aposento de hóspedes, onde estavam as caixas com o que haviam trazido da casa vendida

. Ricardo,

sem conseguir desfazer-se de tudo, pedira que embalassem o que restara, para selecionar com calma e avaliar o que desejaria conservar.

Foi até lá, fechou a porta e devagar, quase receoso, abriu a primeira caixa. Retirou algumas roupas de Emilie, que ainda tinham seu perfume, e levou-as até

o rosto, tocando-as com suavidade. Lágrimas brotaram de seus olhos. Ele respirou fundo, procurando controlar-se, mas não pôde impedir que as lembranças se precipitassem

uma após outra em sua mente. Recordou o primeiro encontro, em Paris. Emilie possuía uma energia e uma espontaneidade que o tinham envolvido de íme-

233

diato. Além do mais, era muito bela. Lembrou-se de como ficara inebriado pelo perfume que usava, o mesmo que sentia agora em suas roupas. Aquele primeiro contato

fora inesquecível para ele e, embora voltasse logo depois para a Espanha, não pudera mais tirá-la da cabeça. Seus olhos cor de mel o haviam acompanhado e ele tivera

de retomar para vê-la.

Agora, pesadas lágrimas lhe desciam pela face. Recolocou as roupas na caixa e então abriu outra. Tirou de dentro uma fotografia do casamento deles. Emilie

estava linda e radiante, como se aquele fosse o dia mais feliz de sua vida.

Olhou o próprio rosto na fotografia e relembrou a imensa felicidade que igualmente sentia.

Tal contentamento somente se repetira ao nascer Cíntia, alguns anos mais tarde.

Deixou a fotografia de lado e abriu outra caixa. Eram cartas dele para Emilie, do período de namoro. Pôs-se a lê-las e a rememorar a desmedida paixão que os unira. Em uma delas, contava à namorada que estava enfrentando algumas dificuldades para convencer a família a aceitar o casamento, assegurando que iria solucionar os problemas.

Após ler várias páginas, já envelhecidas pelo tempo, Ricardo ergueu os olhos e suspirou fundo: como havia sido feliz! Vieram-lhe à mente os primeiros anos do casamento, as viagens, o entusiasmo de Emilie ao conhecer os Estados Unidos; depois, o instante em que ela lhe contara que estava grávida, quando a erguera no ar, girando-a com alegria esfuziante! A gravidez, conquanto agitada, fora para os dois uma fase de aventura e sonhos. No dia do nascimento de Cíntia, ele sentira como se tivesse conquistado tudo aquilo que queria ou de que precisava na vida.

A recordação dos bons momentos o fazia voltar ao passado, como se o visse outra vez. Envolvido pela emoção, abriu todas as caixas, uma após outra, e em cada uma encontra-

va pedaços de sua história, de sua vida, de sua felicidade e de seus projetos, que agora estavam perdidos por completo.

Por fim, olhou aquelas caixas abertas e remexidas> como seus sonhos e planos, e chorou amargurado pela perda de tudo em que depositara suas esperanças. Lembrava-se de Emilie, feliz ao seu lado, mas também das crises que se tomavam cada vez mais frequentes, depois do nascimento da filha. No começo ele escondera da família, porém as crises se repetiam tanto que não pudera mais ocultar o que se passava.

Veio-lhe à memória a reação da mãe quando pela primeira vez vira Emilie com aquele comportamento estranho, gargalhando pelos corredores da mansão e depois desfalecendo entregue a torpor e sonolência incontrolláveis.

Ricardo fechou os olhos e pôde sentir novamente o chão sumir-lhe dos pés, como em seguida àquela crise. As lembranças estavam tão vivas que era como se ainda ouvisse a voz da mãe:

- Há quanto tempo isso acontece, Ricardo?

- Não sei...

- Vamos, conte-nos! Há quanto tempo?

- Desde que Cíntia nasceu, só umas poucas vezes, agora é que está ocorrendo com maior frequência...

- Temos de fazer alguma coisa! Não podemos deixar que isso continue!

- Mãe, Emilie é minha esposa e eu a amo! Telhamos paciência, por favor! vou encontrar uma forma de ajudá-la; deve haver um meio de ela melhorar!

- Sua esposa é doente, Ricardo! Deveria interná-la já em um hospício e..

- Nem pense nisso, mãe! Nunca mais repita isso, entendeu bem? Amo minha esposa e vou auxiliá-la! Custe o que custar!

- Você envergonha nossa família, Ricardo! Sabe que nenhum de nós jamais teve qualquer problema mental ou desse

tipo; contamos com toda a consideração e o respeito da Igreja e temos sido ao longo das gerações exemplo para toda a comunidade! E agora vem você e coloca no seio

de nossa família uma mulher mentalmente desequilibrada!

- Emilie não é doente! Ela está cansada, só isso. Talvez tenha sido a maternidade... É uma situação nova e pode ter influenciado, não sei. O que sei é que

ela é esposa amorosa e mãe dedicada...

Depois dessa conversa, Ricardo contratara doutor Francisco, convencendo Emilie a tratar-se com um médico de confiança da família, que tinha experiência com

pessoas que apresentavam desequilíbrios mentais. Francisco era adepto das correntes científicas que vicejavam na Europa inteira e traziam nova luz sobre esse gênero

de doenças. Embora dona Isabel insistisse para que ela fosse imediatamente recolhida a um convento, Ricardo relutava; queria que antes a esposa recebesse cuidados

médicos.

Apesar do tratamento, os problemas haviam persistido. Na festa anual, Emilie tivera uma crise grave e mais demorada, agredindo Cíntia diante de

e convidados ilustres, como alguns membros do clero. Assustara a todos, inclusive a ele próprio. Parecia-lhe estar diante de outra pessoa, e ficara apavorado. Abalado e receoso,

e admitindo que mesmo assistida ela não melhorava, Ricardo começara a considerar a hipótese de enviá-la a um mosteiro, para tratamento em reclusão.

Pouco tempo depois sobreviera a tragédia: ela tentara envenená-lo e também à filha, em sua própria casa. Fora insuportável! A evidência do perigo que a esposa

representava o impedira de fazer qualquer coisa. Na manhã seguinte, após interná-la, Isabel a acusara legalmente por tentativa de homicídio. Ricardo resistira, mas

fortemente influenciado pela mãe acabara cedendo mais uma vez. Logo a notícia se espalhara e

no dia seguinte à internação os principais jornais da Espanha divulgavam o fato.

Abalado pelas recordações, Ricardo recolocou tudo no lugar fechou as caixas e saiu do quarto, trancando a porta atrás de si. Foi até o quarto da filha e entrou, aproximando-se da cama em silêncio; observou-a a dormir com serenidade, ajeitou as cobertas e beijou-a na testa. Cíntia era o único consolo que lhe restara.

Ele estava confuso com o que acontecera, sem saber que rumo dar à própria vida. Só Cíntia lhe trazia alegria e esperança.

Voltou para seu quarto sentindo-se amargurado e traído pela vida; por que se apaixonara por uma mulher que lhe trouxera tantos problemas? A mãe o acusava de envolver a família em escândalo e já não admitia que se pronunciasse o nome de Emilie naquela casa. Por vezes ele admitia o ultraje a que expusera a família e se arrependia de a ter despresado.

Muito tarde, e ainda invadido pela emoção causada por aquelas lembranças, Ricardo adormeceu.

237 LUCIUS SANDRA CARNEIRO

Capítulo Vinte e Seis

Dias se sucediam. Emilie continuava estudando e gradualmente assimilava as lições da nova doutrina; comparecia às reuniões do grupo espírita e, ao participar delas, presenciava fenômenos que aos poucos lhe esclareciam na prática aquilo que estudava. À medida que se aprofundava nos conhecimentos, achava conforto, força e esperança para ir ao encontro do futuro; sentia energias antes desconhecidas lhe inundarem a alma. Novo alento crescia em seu coração e suplantava seus medos e inseguranças. Era a fé que se desenvolvia pouco a pouco. A aversão que aquela doutrina lhe causava foi substituída pelo interesse em conhecê-la, e em algumas semanas Emilie tinha completado a leitura do livro que Sara lhe emprestara.

Naquela tarde, conversavam animadamente quando um amigo chegou, o fegante. Sara, solícita, convidou-o a entrar e lhe deu água. Mais calmo, o rapaz começou a falar:

- Eles foram presos, estão lá na província e não vão sair até, até... Sabem-se lá quando!

Emilie empalideceu, adivinhando que se tratava de Lucrecia e Jairo. Sara a pediu:

239

- Calma, fale devagar, explique melhor.

- Jairo e Lucrecia estão na prisão. Foram depor e não sei ao certo o que houve. Recebi um recado de Jairo pedindo que orássemos por eles e informando que vão ficar presos. O que vamos fazer?

Emilie olhou para Sara, aflita; depois se levantou e resoluta disse:

- Vou até lá! Tenho de me apresentar, tenho de fazer alguma coisa para que eles sejam soltos!

Sara segurou-a pelo braço e ponderou:

- Calma, Emilie. Sei que deseja ajudar e nós também, mas temos de ser inteligentes: precisamos primeiro compreender melhor a situação, saber o que estão

sendo acusados. Do contrário, de que adiantará você se expor? Vamos investigar melhor antes de tomarmos qualquer decisão.

- E como conseguiremos mais informações?

- Temos alguns amigos em Bilbao; vamos buscar ajuda. Além do mais, temos Miguel. Apelaremos para ele.

- Miguel é aquele amigo de Jairo e Lucrecia que vive em Barcelona?

- Ele mesmo.

- Já que vive em Barcelona, não é mais difícil?

- Ele vive em Barcelona, mas tem também negócios em Bilbao, e periodicamente passa algum tempo na província; tem uma casa lá. Vamos procurá-lo.

Emilie permaneceu pensativa algum tempo; depois se desesperou por não saber o que fazer, e em prantos dizia:

- Está vendo? Está tudo desabando outra vez! Bastou que eles tivessem contato comigo para ficarem em perigo! Não deviam ter me acolhido, agora estão sofrendo por minha causa!

Sara segurou as mãos de Emilie e disse, com firmeza:

- Emilie, seu pranto, conquanto denote carinho e cuidado para com eles, não vai ajudá-los. Precisamos pedir proteção a

240

RENASCER DA ESPERANÇA

Deus e aos nossos orientadores espirituais. É natural que nossas almas sofram pelos amigos a quem tanto queremos bem; contudo, se desejamos auxiliá-los, precisamos ser fortes e agir com inteligência, coragem e bom senso. E o primeiro passo é você não se acusar; isso será inútil.

Talvez devesse me entregar logo, Sara. Quem sabe isso resolveria?

- Lucrécia fez tudo para você se fortalecer e encontrar o caminho adequado para sua vida; ela se arriscou para que você pudesse ser livre outra vez. Como

pode pensar em se entregar? Se fizer isso agora, tudo que ela enfrentou terá sido em vão. Irão prendê-la novamente, e tudo voltará a ser como antes. As suas crises,

que têm diminuído, poderão retomar e você, ainda dando os primeiros passos nesse novo entendimento, não terá forças para lutar... Não, não acredito que seja a solução.

Temos de ajudá-los, mas não por esse meio. E depois, mesmo que você se entregue, quem garante que isso fará com que os libertem? Vamos primeiro descobrir o que se passa, entrar em contato com Miguel. E assim, com maior segurança em nossas atitudes, tenho certeza de que encontraremos a melhor saída.

- Por que isso foi acontecer? Eles nunca fazem mal a ninguém, estão sempre ajudando. Por que Deus permite que isso aconteça a pessoas tão boas?

Sara limpou dos olhos as lágrimas que se formavam, dizendo:

- Por ora, não sabemos; sem dúvida existe uma razão, pois nada acontece sem um objetivo útil, Emilie. Por isso precisamos confiar na Providência divina,

que sempre está por trás de todas as situações.

- Não compreendo, Sara, não consigo aceitar!

Emilie levantou-se, soltando bruscamente suas mãos das de Sara, e correu para a praia, como se lá pudesse encontrar conforto. Na corrida desenfreada, tentava acalmar sua alma,

241 Lucius SANDRA CARNEIRO

aplar sua angústia. As lembranças de Lucrecia lhe vinham à mente: seu sorriso, suas palavras de auxílio, suas mãos a cuidar dela, alimentá-la e acariciar seu

rosto; aquelas recordações torturavam seu coração.

Depois de correr por mais de vinte minutos, sentou-se exausta na areia e, abraçando os joelhos, chorou ouvindo murmúrio do mar. Chorava baixinho quando experimentou

de súbito, uma sensação suave a envolvê-la e sentiu que alguém a observava. Ergueu o rosto devagar e então viu a figura familiar e querida que se aproximava, banhada

em luz. Emilie se assustou, mas antes que se levantasse, como era sua intenção, a doce senhora lhe disse com brandura:

- Não tenha medo, querida. Estou aqui apenas para ajudar.

- Vovó Heloíse, é você mesma? Será que não é...

- O demônio?

- Sim...

- Como pode desconfiar tanto de seus próprios sentimentos? Não me reconhece?

- É que ainda não me convenci completamente de que isso é possível...

- Emilie, há dentro de você um grande presente de Deus, que é sua sensibilidade, esse dom capaz de colocá-la em contato com os seres invisíveis.

- Mas por que, vovó? Não quero isso que você chama de dom. Só me trouxe dor e sofrimento até hoje: meus pais sempre me acharam estranha e nunca me aceitaram;

meus amigos se afastaram de mim; perdi Ricardo e quase agredi minha filha... Isso que trago comigo não é bom, não me faz bem!

- Minha querida, é que a luz brilha ao lado das trevas que ainda estão também dentro de você.

- Que trevas? Do que está falando?

- Emilie, os dois mundos, visível e invisível, material e.

espiritual, se entrelaçam o tempo todo; tocam-se a todo momento. Os dois planos da existência estão interligados, influenciando constantemente um ao outro. E tudo

é parte do grande Universo criado e regido por Deus, nosso Pai. Chegou o momento de se desvendar aos olhos dos homens que vivem na terra esse mundo invisível, com

os seres que o povoam. Embora não enxerguem esse outro plano da vida, os homens lhe sentem os efeitos; e, por ignorarem o que os provoca, atribuem-lhes causas sobrenaturais

e inexplicáveis. Por isso muitas vezes se desesperam. É chegado o tempo da compreensão maior da vida; é hora de entender os sofrimentos e perceber que os homens

podem vencê-los, transformando seu futuro. Venha comigo, Emilie, dê-me sua mão.

A jovem olhava para a entidade espiritual, que mantinha os braços estendidos, e hesitava em aceitar o convite. Bondosamente, ela insistiu:

- Dê-me sua mão, a hora da compreensão chegou também para você. Venha comigo.

- Como assim, aonde vamos?

- Vamos empreender pequena viagem por seu passado, para que você saiba a origem do que se passa em seu presente. É hora de trabalho e renovação; é hora de romper com as amarras do passado e voltar seus olhos para o futuro que a espera; é hora de assumir seu compromisso e seguir em frente.

- Que compromisso? Não entendo!

-- Todos os que vivem neste planeta têm uma missão, um compromisso a cumprir; ninguém vem para a terra sem um objetivo útil e necessário para si e para outros, que muitas vezes são muitos.

- Não compreendo.

- Venha comigo, dê-me sua mão.

Ainda vacilante, Emilie não tinha coragem de tocar aquela

242 Lucius SANDRA CARNEIRO

figura que estendia os braços em sua direção. Heloíse mou-se ainda mais e disse:

- Estou aqui para ajudá-la, como sempre estive ao seu lado. A decisão é sua: se não quiser me acompanhar, não vou obrigar. O momento chegou, você está preparada, mas precisa decidir.

Emilie continuava olhando para Heloíse, sem saber se a atendia. Ela

se calou e aguardou de olhos fechados, em silenciosa prece. Passados alguns minutos, disse:

- Pois bem, se não quer me acompanhar, nada mais posso fazer.

E aos poucos começou a se afastar da neta, que então gritou:

- Não, por favor, não vá embora! Estou cansada de sofrer. Minha vida está destruída e agora estou destruindo a de outras pessoas queridas que estão à minha

volta; não agüento mais... Será que você poderá mesmo me ajudar?

- Você pode se ajudar, Emilie, e eu estarei ao seu lado dando forças e a orientação de que necessita. Venha, dê-me sua mão:

Dessa vez, ela estendeu a mão na direção daquela mão luminosa e, quando a tocou, sentiu enorme alegria inundar-lhe a alma. Auxiliado por Heloíse, o corpo

espiritual de Emilie, já parcialmente desprendido, soltou-se por completo e ela pôde ver seu corpo físico deitado na areia, em sono profundo. Vendo-se assim, tão

nitidamente, assustou-se; a avó a acalmou:

- Está tudo bem; seu corpo está dormindo, tranqüilo e seguro, não se preocupe.

Emilie olhou com atenção e percebeu que um círculo de luz envolvia seu corpo.

- Como pode ser isso?

- Lembra-se do que tem estudado sobre o corpo material e o espiritual?

Emilie esforçou-se um pouco e então se lembrou do que havia lido acerca da natureza dos corpos material e espiritual, assim como sobre o desprendimento durante

o sono. Tudo lhe veio à mente com clareza.

Então é verdade? É tudo verdade ou estou sonhando? não será mais um de meus delírios?

--- Você não delira, Emilie, e sim entra em contato freqüente com o mundo espiritual, do mesmo jeito que acontece agora.

- Só que sempre fiz e disse coisas ruins, descontroladas ou sem sentido. Por que nunca tive antes esta sensação tranqüila e serena?

- É que agora você tem estado em contato com energias mais equilibradas, como as de Lucrécia e de Sara. Essa convivência e os estudos que tem feito estão

trazendo luz à sua mente, elevando seus pensamentos e sentimentos. Está em contato com mais amor, mais harmonia, e foi isso que nos possibilitou a aproximação, permitindo

que eu me fizesse perceptível a você.

- Quer dizer que antes andava em más companhias?

- Mais ou menos.

- E por quê? Sempre tentei agir corretamente, nunca prejudiquei ninguém!

- É verdade que vem procurando ter uma vida reta. Ainda assim, conserva hábitos de pensar e sentir que a mantêm ligada ao passado, Emilie, e a essas companhias.

- Que passado?

- Outras vidas, encarnações em que sua conduta não foi muito equilibrada, em que inimizades foram geradas.

- Como não vejo essas pessoas?

- Ainda bem, querida! No entanto, sente sua presença, mesmo sem o saber. Idéias e sentimentos de destruição, imagens menos felizes, não a assaltam muitas

vezes em um único dia?

245 LUCIUS SANDRA CARNEIRO

- Sim, inúmeras vezes. Tento afastar os pensamentos ruins, que insistem em retomar.

- Foram eles que a levaram até o penhasco, na intenção de tirar-lhe a vida.

- Eles queriam que eu morresse?

- Queriam e quase conseguiram, Emilie.

- Então somos marionetes, fantoches nas mãos de criaturas que nem sequer vemos? Isso não é justo!

- Não somos marionetes, de maneira alguma. Se estivermos ligados a essas companhias, alguma razão existirá para essa ligação. Não obstante, no

ssa vontade invariavelmente prevalece; ninguém nos obriga a nada.

Diante da aflição nos olhos da jovem, Heloíse disse:

- Não fique angustiada, tenha paciência. A compreensão vem aos poucos, dia a dia. Pronto, aqui estamos.

Emilie constatou que estavam diante da mansão em que vivia a família de Ricardo. Olhou em seguida para a avó, atônita. Ela disse:

- Entremos. Muito do seu passado está dentro desta casa; venha comigo

- Não entendo...

- Venha comigo e compreenderá.

Sem dizer mais nada, Emilie acompanhou Heloíse portas adentro.

Capítulo
Vinte e sete

Apreensiva, Emilie seguiu Heloise pelo interior da mansão. Aos olhos da moça, a residência parecia mais bonita, com cores muito vibrantes; entretanto, ela percebia certas deformações nas paredes, como se fossem maleáveis. Emocionou-se ao passar pelo hall de entrada e, principalmente, ao deparar com o cabideiro na parede e as peças de roupa do marido e da filha nele penduradas. A avó advertiu:

- Não se deixe envolver pela emoção, querida. Acalme seu coração. Venha, segure minha mão e confie em mim.

Emilie, sem compreender bem o aviso, respirou fundo, procurando dissipar o nó que se formara em seu peito, e de mão dada a Heloise continuou a caminhar. Ainda olhava para o cabideiro quando percebeu que ele se transformava lentamente e o que via agora já era um outro, de onde pendiam diversos hábitos de freiras. A moça fixou o olhar, supondo estar confundida no que via, mas a avó disse:

- O que vai ver aqui é seu passado, Emilie, apresentando-se aos seus olhos. O pretérito está escondido em nosso presente; todos trazemos dele a energia e as vibrações, que se ocultam

247

sob nossa própria indumentária carnal. Não se assuste pois. Os moradores desta mansão guardam, debaixo da aparência atual, os traços e as energias de antigas experiências vividas Emilie e Heloise prosseguiram. Subiram a escada devagar e à medida que o faziam os degraus se tomavam outros, não mais de mármore branco e sim de madeira.

Ao final da escada entraram em um quarto e Emilie surpreendeu-se ao ver uma mulher ajoelhada em atitude de oração. Aproximou-se mais e percebeu que aquela mulher vestindo hábito religioso era ela mesma. Fitou Heloise e perguntou:

- Como...sou eu e não sou eu?!

- Sim, é você. Observe.

A mulher de olhar determinado ergueu-se e em passos firmes dirigiu-se at é ampla sala. Parecia preocupada com alguma coisa; Emilie acompanhava em silêncio, tentando compreender. Ouviu quando a mulher disse:

- Façam entrar a acusada, quero falar-lhe antes que vá a julgamento.

- Sim, senhora.

Em alguns segundos surgia na sala uma jovem senhora, assustada, abraçada a três crianças. Ao se ver diante da madre, pediu em prantos:

- Por favor, liberte meus filhos. Eles são crianças, apenas criancinhas; liberte-os, por misericórdia!

- Cala-te! Sabes que toda heresia deve ser punida, não sabes?

- Mas o que têm eles com isso?

- São teus filhos, teus herdeiros. Se te preocupas tanto com eles, deverias ter pensado melhor antes de entregar-te a práticas demoníacas.

- Madre, nada fiz. Não cometi crime algum!

- Como não? Fui informada de que foste vista falando

248 RENASCER DA ESPERANÇA

com o vento e, quando interrogada, alegaste conversar com teu pai, morto há anos.

É que... eu o via, senhora, era ele. Tem me ajudado nos momentos mais difíceis. Acatando os conselhos que me dá, tenho podido alimentar meus filhinhos... Que mal há nisso? Nada fiz... Nem sequer contei a quem quer que fosse... Só meus fi

lhos o sabem...

-- Crianças são como a voz do vento, levam os rumores a todo lado. com que então insistes em dizer que tens conversado com teu pai?

A mulher hesitou, intimidada pela figura austera à sua frente; outras freiras, sentadas de ambos os lados, assistiam à inquirição que se desenrolava. Por fim, disse:

- Bem, achei que fosse ele...

- Sabes que não se pode falar com os mortos, não sabes? Eles não nos aparecem! Deus não o permite! Isso que viste é o demônio na forma de teu pai. Tens consciência disso?

Com os olhos assustados, a mulher hesitava em concordar:

- Mas como pode ser? Como pode ter me ajudado tanto?

- És cortesã?

- Não, de modo algum. Meu marido é inconstante, vem e vai embora quando bem entende. Só tenho a presença amorosa de meu pai a me orientar.

- Insistes, então?

- Não... Quer dizer, acho que posso ter me enganado, não? O que seria, madre? Por que tive essas visões? Não sei, estou confusa. A mulher que comandava o interrogatório virou-se para a imagem de Cristo crucificado, colocada no centro da sala, e permaneceu algum tempo a observá-la. Depois se virou e disse:

- És herege! Negas Cristo e te afinas com o diabo.

- Não, madre, não é verdade! Jesus é minha luz! Amo-o Profundamente!

- Porém não titubeias em entregar-te a práticas ímpias!

- Jamais me entreguei a tais práticas; apenas vi... Não! Confundi-me, por certo, madre. Tenho estado exausta. A luta tem sido árdua demais! Meus filhos precisam de mim; e ainda cuido de minha mãe, que está enferma. Cansada demais, certa mente, devo estar tendo alucinações.

A madre sorriu, dizendo:

- Conheço esse olhar; já vi muitos que vêm até aqui exatamente como tu, e alegam inocência por medo das conseqüências; depois que estão libertos, retomam às antigas práticas.

Sentou-se à mesa e, pegando a pena, escreveu sua recomendação. Ao terminar, comunicou em voz alta:

- Responderás ao Santo Ofício.

- Não, por misericórdia, não! Nada fiz, pelo amor de Deus, não!

- Enquanto aguardas, ficarás na masmorra; minha recomendação será que lá permaneças junto de teus filhos, todos eles, até que revejas verdadeiramente e tuas crenças.

A mulher ajoelhou-se em prantos, diante da madre, suplicando por misericórdia:

- Não, por favor, não, eu nada fiz! Não me entregue ao Santo Ofício, não me mande para a masmorra, não, por favor! Tenha piedade de mim e de meus filhinhos! Eles não fizeram nada. De mais a mais - disse, de cabeça baixa, olhos na terra - , trago um bebê em meu ventre. Por misericórdia, tenha piedade de nós!

A madre, de olhar altivo, comentou:

- É pena que estejas a trazer mais um herdeiro no ventre, porque este também deverá seguir o destino dos outros. No entanto, acredito que o bispo atenderá minhas recomendações e tua vida será poupada.

250 RENASCER DA ESPERANÇA

A mulher continuava chorando, desesperada. A mãe se sentou novamente, rasgou a carta que havia preparado e a reeveu; ao encerrar, levantou-se e afirmou:

- Pois bem, tens minha misericórdia; vais ao Santo Ofício e à masmorra, para que sirvas de exemplo a tantos quantos se entregam a tais crenças. Contudo, peço ao bispo que te liberte em poucos meses. Assim, poderás servir à causa do Cristo como exemplo e em breve serás libertada com teus filhos.

- Por misericórdia, meus filhos não precisam ir comigo. Por piedade, não façam isso!

A mãe, ignorando-a, retirou-se e entregou a carta a um guarda que, do lado de fora da sala, esperava orientação. Enquanto caminhava pelo corredor, de volta a seu quarto, ouvia os gritos da mulher, carregada pelos guardas, e o choro das crianças agarradas à mãe.

Emilie assistia à cena em profunda angústia; de quando em quando lançava à avó o olhar suplicante, desesperado; não queria presenciar aquilo. Helois e pedia que se acalmasse.

Quando a mãe se afastou, as duas a seguiram. A jovem então perguntou, com os olhos molhados de lágrimas:

- Sou eu mesma, vovó? Que crueldade! Que intolerância! Como fui capaz de fazer uma coisa dessas, meu Deus?

- Acreditava estar fazendo o melhor, defendendo a Igreja. Vem, ela agora ora, pedindo a Deus que a ajude. Tem receios na alma, embora acredite fazer a coisa certa.

Emilie acompanhou a avó até o quarto da mãe, que de joelhos, aos pés da imagem do Cristo crucificado, rezava insistente.

- Ela tenta calar a consciência sob muitas palavras, quase como se hipnotizasse a si própria.

Emilie observou a mulher ajoelhada diante dela, que por

Lucius | SANDRA CARNEIRO 251

fim se levantou e saiu do quarto. Fez menção de segui-la e Heloise segurou-a pelo braço, dizendo:

- Já chega, viu o suficiente; prolongar a experiência será prejudicial a você.

- E o que vai acontecer à família que acabou de sair daqui?

- A mulher por ela acusada foi ao Santo Ofício e depois à masmorra. Deveria, conforme orientação da mãe, sair em três meses, mas a recomendação foi esquecida.

A Inquisição ganhava cada vez mais força e se alastrava pela Espanha. A mãe dava tantas recomendações ao Santo Ofício que sequer se lembrava de todas elas. A família permaneceu na prisão. Ao dar à luz, a mulher desencarnou em condições lastimáveis. Alguns dias depois o bebê também morreu. Os outros três pequenos ficaram na prisão até quase adultos. A revolta lhes tomou o coração e acabaram condenados à morte pelo Santo Ofício.

- Chega, vovó, por favor, dói demais!

- Quando despertar não se lembrará dos detalhes; só o forte sentimento do dever irá prevalecer. Os membros dessa família, depois de despojados do corpo físico, uniram-se a você como ferozes inimigos. Você, como mãe, morreu pelas mãos da própria Inquisição, acusada por intrigas de opositores gratuitos, instigados por essas criaturas desencarnadas.

Emilie sentou-se e, com as mãos cobrindo o rosto, chorava cheia de amargura. Disse então:

- Como não me lembro de nada? Mesmo agora, apenas me reconheci naquela

mulher; senti que era eu, conquanto em nada ela se pareça comigo.

- Percebeu pela energia dela, Emilie, que permanece registrada em sua mais profunda consciência.

- De nada mais me recordo.

- Nem pode, Emilie. O esquecimento é sua benção, e

252 RENASCER DA ESPERANÇA

E a possibilidade do recomeço. Você vagou por muito tempo, mantida prisioneira das entidades que destruiu, até que o arrendimento verdadeiro encontrou lugar em seu

coração. Você havia reencarnado como freira para ajudar, Emilie, para socorrer seus irmãos em sofrimento; tinha conhecimento e preparo para isso. Não foi forte o

suficiente e deixou-se envolver, cedendo à pressão da religião de seu tempo, sem questionar o fundo dos preceitos que eram totalmente contrários aos deixados por

Jesus. Depois que caiu em si e compreendeu sua real situação, foi resgatada e sofreu amargamente o fracasso de sua encarnação. E mais: as vozes daqueles a quem deveria

auxiliar, e prejudicou, ecoavam em sua alma. Então, decidida a ressarcir aqueles a quem muito devia, preparou-se. Estudou, progrediu e desejou reencarnar para reparar

seus erros, desta vez, não só amparando os necessitados, como também propagando a verdade libertadora. Para tanto, foi abençoada com o dom de diversas mediunidades,

a fim de poder colaborar em tudo com o movimento espírita que ora nasce, revelação que inunda a Terra levando aos corações, de maneira esclarecida, os ensinamentos

de Jesus. É a revivescência do Evangelho em sua pureza original. Comprometeu-se com sua divulgação, Emilie.

Depois de breve pausa, Heloise prosseguiu:

- A mediunidade que traz consigo abriu possibilidade para que essa família que você tanto machucou a reencontrasse e continuasse a persegui-la. Compreende a razão

de seus sofrimentos, Emilie? Compreende que eles foram muito feridos por v

ocê, e por isso desejam revidar?

-- Meu Deus! Tudo faz sentido. Tudo se encaixa com tanta clareza que não sei nem o que dizer. Claro que compreendo: eles foram destruídos por minha causa; eu faria exatamente o que agora fazem.

Heloise aproximou-se da neta e lhe afagou com carinho

Lucius / SANDRA CARNEIRO 253

os cabelos cor de mel. Emilie entregou-se ao abraço, buscando consolação e conforto; depois perguntou:

- E eu vivia aqui mesmo, na Espanha?

- Sim, viveu aqui.

- Por que viemos ao casarão, por que teve de me traz aqui, Heloise?

- Quase todos viveram com você em sua última encarnação; de uma ou de outra maneira estão ligados e seus destinos se entrelaçam.

- Quase todos?

- Sim, quase todos.

Emilie ia perguntar mais, quando Heloise a enlaçou ternamente e disse:

- Agora vamos voltar. Você tem uma missão maravilhosa a cumprir e a oportunidade de resgatar os débitos sérios que contraiu. Não a desperdice, Emilie. O momento chegou e deve abraçar sua tarefa com resignação e determinação. A paz do dever cumprido e do resgate dos débitos a auxiliará a alçar vôo para o crescimento espiritual.

Deus é infinitamente bom e misericordioso. Embora desrespeitemos constantemente sua Lei de Amor, Ele permite a cada um reconstruir aquilo que destruiu. Aproveite a chance e siga adiante com firmeza, sem titubear! Não olhe para trás nem um só momento.

Emilie, que permanecia abraçada à avó, balançou a cabeça afirmativamente e depois, olhando nos olhos de Heloise, disse:

- Você vai me ajudar?

- Estarei sempre ao seu lado.

De braços dados, uma junto da outra, desceram as escadas e saíram da mansão. Emilie fez menção de se virar, pensando em Cíntia, mas Heloise disse:

- Vocês se encontrarão outra vez, não se preocupe. Agora não olhe mais para trás, Emilie, apenas para a frente.

254 RENASCER DA ESPERANÇA

Dessa vez, sentindo-se mais forte, Emilie acompanhou a avó no rápido regresso à praia, onde seu corpo descansava em segurança. Heloise a auxiliou a acomodar-se com suavidade ao corpo físico, que devagar despertou. Ainda sonolenta, Emilie divisou a figura terna da avó e, mesmo sem entender bem o que se passava, sorriu para a imagem que sumia lentamente.

Capítulo Vinte e oito

Enquanto a avó desaparecia, Emilie pôde perceber outras entidades, em condições deploráveis, que à meia distância lhe dirigiam improperios e ameaças. Pela primeira vez, em plena consciência, via aquelas tristes figuras. Entretanto, tomada de um novo sentimento, ela pediu a Deus que a amparasse e também àquelas criaturas.

Sentada, fitava longamente o mar e o entardecer, que se fazia majestoso e belo. Elevou o pensamento a Deus, sentindo uma leveza interior antes desconhecida, e agradeceu ao Criador pela vida. Deleitava-se com a beleza do mar, quando de súbito se lembrou de Lucrecia. Levantou-se então, decidida, com forças renovadas e intensa vontade de prosseguir, de lutar, de viver.

Voltou para a casa dos amigos que a abrigavam e os encontrou reunidos na sala. Sara abraçou-a, carinhosa:

- Estava preocupada com você, Emilie. Onde esteve?

- Algo aconteceu comigo, esta tarde: depois de caminhar até esgotar minhas energias, adormeci. Acho que sonhei com minha avó, Heloise; ela me levou a algum lugar de que não me recordo, tenho apenas fragmentos de imagens em minha memória -

257

te. Sinto que depois desse inexplicável encontro novas emoções me envolvem, como se emergissem de algum lugar dentro de mim mesma. Sei agora que estou onde deveria estar e tenho de prosseguir neste caminho em que a vida me colocou. Será que consegue me compreender, Sara?

- Posso compreendê-la, muito mais do que imagina. Agora sente-se aqui ao meu lado. Precisamos dizer-lhe algo.

Emilie percebeu que toda a família de Sara a olhava de forma diferente - seu esposo, sua filha Suzana e seus filhos Henrique e André. Acatou o pedido da amiga e sentou-se no sofá. Notou, então, que Sara tinha os olhos vermelhos, da mesma forma que o esposo.

- O que aconteceu? Algum problema? Sara segurou as mãos de Emilie e lhe disse:

- Há algo que precisa saber.

- O que foi? Por que estão assim tristes?

O silêncio se instalou na sala, e Sara hesitava ante a revelação que devia fazer. Foi Emilie que, ansiosa, insistiu:

- Por favor, estão me deixando angustiada. O que houve? É possível me contar logo? Algum problema com Lucrécia?

Sara, olhando-a firme nos olhos, apertou mais suas mãos e disse:

- Emilie, você precisa ser forte mais uma vez. Precisa sustentar-se nessa experiência maravilhosa que teve hoje e seguir seu caminho, haja o que houver.

Emilie não desviava de Sara os olhos imediatamente cheios de grossas lágrimas, que se precipitavam pela face e pingavam nas mãos unidas das duas.

- O que houve com Lucrécia? - perguntou por Emilie, pressentindo a resposta. - Está doente?

- Lucrécia passou muito mal na prisão; ninguém pode

258 RENASCER. DA ESPERANÇA

Explicar o que houve. Mas nós sabemos que nada acontece sem que a Providência Divina permita.

_ E o que houve? Onde ela está? Onde está Jairo?

__ Diante do mal-estar de Lucrécia e sem saber o que fazer eles soltaram t emporariamente a ambos.

E estão no hospital?

_ Não, Lucrécia está em casa.

Soltando-se das mãos carinhosas da amiga, Emilie se levantou dizendo:

Pois então vamos imediatamente vê-los! Precisamos ajudá-los!

- Emilie, sente-se, por favor.

- Não! Precisamos ir já!

- Há amigos nossos lá agora, e logo nos juntaremos a eles. Mas antes precis a saber que Lucrécia está realmente muito mal.

- E por que não está no hospital?

- Emilie, não há esperanças de recuperação; o médico aconselhou Jairo a dei xá-la em casa.

- Meu Deus! Não é possível! Na última vez em que a vi estava tão bem!

As lágrimas não cessavam de descer pela face de Emilie, que começava a revo ltar-se pela situação daquela que tanto a ajudara. JJe repente viu a figura doce de Lucrécia, envolvida por suave luz, entrar pela sala. Espantada, observou os outros à sua volta, buscando verificar se também a viam. Sara correspondeu com a cab eça e disse:

_ Ela veio ver-nos, em espírito.

Lucrécia, olhando melancolicamente para Emilie, falou:

_ Não se atemorize nem desanime. Nunca se esqueça de que está na terra po r uma razão; portanto, prossiga realizando e construindo, confiando em De us e apoiando aqueles que de você necessitarem. Ainda que lâminas afiadas da maldade e da inc ompreensão

a firmam, lembre-se de que somos sempre testados em que já erramos. Portanto, haja o que houver, não desista. Deus a estará amparando através de muitos mensageiros.

Aproveite oportunidade que Ele lhe concedeu e prossiga confiante!

Emilie chorava, profundamente comovida. Lucrécia aconselhou:

- Não chore, sinto intensa paz em meu coração. Deixo a terra consciente de que cumpro meus deveres para com o Criador. Embora a dor me visitasse muitas vezes, Deus, bom e misericordioso, abriu portas e mais portas de consolo e amparo, ajudando-me a cruzar a jornada com êxito. Desejo agora que Ele a proteja e fortaleça.

Lucrécia se dirigiu a Sara:

- Obrigada, querida amiga, por ter sido as mãos de Deus sobre a terra a me socorrer. Deus a abençoe.

Emilie tentou dizer alguma coisa, porém a imagem desapareceu em meio ao grupo. Ela olhou desesperada para Sara, em busca de uma explicação diferente da que já sabia.

A amiga a abraçou apertado e disse:

- Lucrécia se foi, Emilie. Agora, Jairo precisa de nós, mais do que nunca; vamos nos juntar a ele depressa.

Sem dizer nada, Emilie sentou-se e aguardou os preparativos da família. Depois saiu com eles em direção à pequena casa de Jairo. Caminharam em silêncio pela trilha

escura que os levava da vila até a casinha à beira-mar. Ao se aproximarem, perceberam intensa movimentação: alguns amigos chegavam e outros saíam. Quanto mais perto,

mais descompassado batia o coração de Emilie. Os pensamentos se atropelavam e a emoção parecia querer engoli-la. Contudo, as palavras de Lucrécia ainda ressoavam

em seus ouvidos e lhe davam forças.

Quando entraram, um amigo confirmou o que já sabiam: Lucrecia não resistira; o coração, aparentemente fraco, não

260 RENASCER DA ESPERANÇA

mais funcionava normalmente, e há cerca de duas horas havia parado por completo. Ela se fora.

Emilie caminhou devagar pela sala e entrou no pequeno quarto. Jairo acariciava o rosto inerte da esposa, sem chorar. Em suas mãos, o exemplar do Novo Testamento que tantas vezes vira Lucrecia lendo. A jovem parou à porta do quarto, sem poder mover-se ou falar. Jairo, ao vê-la, caminhou em sua direção, abraçando-a em lágrimas comovidas. Ela permaneceu parada, sem saber o que fazer, dominada pela dor e pela emoção. Jairo então estendeu-lhe o livro:

- Ela pediu que lhe entregasse o Novo Testamento; queria que ficasse com você.

Pegando o pequeno livro, Emilie sentiu-se tomada pelo desespero. Jairo disse:

- Ela a amou muito, Emilie, e desejou ardentemente que você encontrasse o caminho do bem e do amor.

Abraçada a ele, Emilie chorou sentida e longamente. A noite arrastou-se lenta; a manhã trouxe os primeiros raios do sol. Ao final da tarde, depois de realizado o funeral, Jairo se despedia de Sara e do marido, que lhe pedia:

- Venha conosco, Jairo, só por alguns dias.

- Não quero me afastar daqui. Vou ficar. Este é meu lugar.

- Apenas por alguns dias, até que se recupere do choque deste momento doloroso.

Jairo resistia. Então Emilie, pegando-o pelo braço, disse:

- Não se preocupem, vou tomar conta dele.
- Você tem de voltar com Sara, precisa continuar escondida.
- Não, Jairo. vou ficar aqui e cuidar de você; não posso deixá-lo sozinho. É o mínimo que posso fazer por Lucrécia. Não importa o que disserem, vou ficar. Mas estão à sua procura, é perigoso... Vamos enfrentar com coragem o que nos está des-

Lucius I SANDRA CARNEIRO 261

nado, não é mesmo? Não foi isso que Lucrécia nos ensinou? Deus haverá de nos amparar. Vou ficar.

Diante da firmeza com que Emilie se dispôs a ficar, os amigos sentiram que não havia nada a fazer ou falar; conformada, Sara despediu-se dela com um longo abraço.

De braço dado a Jairo, Emilie retomou silenciosa. Gostaria de dizer tantas coisas... As palavras lhe morriam na garganta e se manteve calada até regressarem à casinha.

Quando entraram, Jairo disse:

- Agradeço sua atenção, mas você não tem de ficar comigo; não tem nenhuma obrigação, Emilie.

- E quem disse que é por obrigação que desejo ficar? Sinto vontade de estar aqui, com você, perto de tudo que me trouxe de volta a esperança de viver, Jairo. Deixe-me ficar, por favor. Sei que tinha muitas resistências à minha presença aqui...

- Apenas receava por nossa segurança...

- Com toda a razão. Veja o que foi acontecer por minha causa, por minha culpa! Se não tivesse aparecido, não teria trazido meus problemas para vocês, não teriam sido presos e quem sabe Lucrécia ainda estaria aqui...

- Lucrécia tinha o coração enfraquecido. Não foi a primeira vez que se sentiu mal por causa disso; as dificuldades e experiências pelas quais passou a oprimiram muitas vezes. Ultimamente ela estava feliz como há muito não a via. Não, Emilie, não creio que tenha sido a prisão o problema; além do mais, ficamos lá pouco tempo e logo ela começou a se sentir mal.

- Talvez estivesse preocupada, com medo, e por isso teve a crise.

- Não sei, talvez não.

- Eles a maltrataram?

- Não desta vez; em Marrocos, sim, ela havia sofrido muito, enquanto esteve presa.

262 RENASCER DA ESPERANÇA

Em silêncio, Emilie pôs-se a organizar a casa, recolocando utensílios em ordem, exatamente como vira Lucrécia fazer. Jairo permaneceu longo tempo observando a jovem mover-se suavemente pela cozinha e pensou em como ela se modificara. Muito o pouco sobrara da jovem arredia e rebelde que Lucrécia recolhera à beira do penhasco; Emilie havia se transformado.

Na manhã seguinte, Jairo encontrou o café pronto e Emilie sentada perto da janela lendo o pequeno volume do Novo Testamento que ganhara. Depois de dar-lhe bom dia, ela disse, sentando-se ao seu lado na mesa:

-Jairo, não gostaria de aprender a ler? Eu poderia ensiná-lo!

Jairo a olhou surpreso, mas sem ânimo respondeu:

- Acha que depois de velho poderia aprender? Não creio.

- E por que não? Gosta dos livros espíritas, não gosta? Eles lhe serão excelente companhia, Jairo.

Sem responder, Jairo esforçou-se por se alimentar. Apesar da dor intensa que sentia pela separação da esposa, a presença de Emilie lhe trazia conforto a o coração.

Passados alguns dias, Emilie, temendo que pudessem descobri-la, foi à casa de Sara e pediu:

- Preciso de sua ajuda: quero mudar completamente minha aparência, para que eu possa permanecer em companhia de Jairo, sem despertar suspeitas. O que poderia fazer?

Pensei em cortar os cabelos, mas creio que só isso não será suficiente.

Sara tocou nos cabelos de Emilie e pensou demoradamente. Depois disse:

- Acredito que, se quer esconder-se de fato, precisa de uma mudança radical. Está mesmo disposta a passar por isso?

-- Sim, o que tem em mente?

Um tanto hesitante, Sara prosseguiu:

Podemos cortar seu cabelo e pintá-lo de preto. Depois,

Lucius I SANDRA CARNEIRO 263

podemos comprar roupas e calçados masculinos, para que se vista como homem. Acha muito complicado?

- Não, acho uma ótima idéia! Embora saiba que isso não vai impedir que me encontrem, certamente vai dificultar, para todos posso fazer-me passar por um parente que

veio fazer companhia a Jairo após a morte da esposa. Acho que pode funcionar.

- Então vamos imediatamente à ação! Venha. Sente-se aqui. Vou cortar seu cabelo exatamente como corto o de meu filho!

Emilie, sem vacilar, sentou-se e se entregou às mãos habilidosas da amiga. Sara modelou-lhe os cabelos num corte masculino. Rapidamente estava pronto. Emilie observava as mechas de cabelos que caíam e sentia subir-lhe um nó à garganta; porém

resoluta, respirou fundo e manteve-se calma. Finalmente Sara disse:

- Pronto. Acho que ficou bom.

Foi até o quarto e retomou com um espelho redondo nas mãos; depois, colocando-o diante do rosto de Emilie, perguntou:

- O que acha?

Emilie mirou-se no espelho e surpreendeu-se:

- Ficou ótimo! Estou mesmo diferente. Depois de se observar durante algum tempo, disse:

- Bem, vamos prosseguir. Tem a tinta para mudarmos a cabelo?

- Não, isso terá de esperar. André irá à província amanhã pela manhã; pedir ei a ele que traga a tinta e também algumas roupas para você. Se quiser vir amanhã à tarde, concluiremos o que começamos hoje.

Na tarde seguinte, no horário combinado, Emilie estava novamente sentada, entregando às mãos de Sara, que lhe tingiu os cabelos de negro. Ao final, o ritual do dia anterior se re-

RENASCER DA ESPERANÇA 264

petiu: Sara, com o espelho nas mãos, mostrava à jovem sua nova aparência.

Ao fitar-se, Emilie surpreendeu-se ainda mais: estava realmente mudada, com uma nova aparência, e disse:

- Acho que gosto desta cor, Sara. Pareço mais forte.

Sara sorriu, dizendo:

- Não é o cabelo que a faz mais forte. Você está crescendo, Emilie, e reencontrando toda a força que já estava dentro de você.

- Assim espero, Sara, pois sei que vou precisar muito disso. Quero minha filha de volta e vou lutar por ela. Não vou mais desistir. Os conhecimentos que venho adquirindo estão me esclarecendo muito e o Evangelho vem me dando força interior para acreditar e perseverar. Não sei ainda por onde devo começar, e por ora a guardarei a orientação que, sei, chegará no momento oportuno.

- Precisa se manter firme, aberta às orientações e com o coração cheio de esperança. É isso mesmo! Viu como você está mais forte? Nada à sua volta mudou; ou melhor, ocorreram mais problemas e dificuldades, só que agora você está diferente. Com certeza irá encontrar o que procura, e com a benção de Deus alcançará seus objetivos.

Emilie concordou sorrindo e disse:

- E as roupas, conseguiram?

- Aqui estão: duas calças e duas camisas; foi o que pudemos trazer. Assim que for possível...

- Não é necessário mais do que isso. Já posso me virar bem, o importante é que continue oculta aos olhos daqueles que me procuram. Se me encontrarem agora, não sei o que poderei fazer... Não tenho um plano claro e ficaria tudo mais difícil.
- É bom estar preparada, inclusive com mais informações sobre o que de fato aconteceu naquela noite.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 265

Emilie refletiu e ficou longo tempo em silêncio. Seu entristeceu-se, mas ela lutou intensamente para não desanimar e, levantando-se de um salto, disse:

- Você tem razão, há muito a ser feito. Obrigada mais uma vez, Sara, cada vez mais compreendo o grande carinho e a confiança que Lucrecia nutria por você! Agora, tenho de ir.

- Pensei que fosse jantar conosco!

- Não posso, Jairo está sozinho e fiquei de preparar-lh o jantar.

Sara, percebendo o carinho que Emilie manifestava pelo amigo, não insistiu mais. Emilie se despediu e, vestida com roupas masculinas, dirigiu-se à pequena casa de Jairo, à beira do mar.

Quando ele a viu entrar, espantou-se, sem reconhecê-la:

- Posso ajudá-lo em alguma coisa, rapaz?

- Não está me reconhecendo, Jairo?

- Emilie? Não reconheci você, mas a sua voz é inconfundível! O que você fez, minha filha, o que fez com seu cabelo? E que roupas são essas?

- Ora, Jairo, preciso continuar aqui sem ser reconhecida. Achei melhor tomar algumas providências que contribuam, e me parece que funcionou. Não estou mesmo irreconhecível?

- Olhando com atenção, e sobretudo depois de ouvir sua voz, fica mais fácil reconhecê-la.

- Mas a princípio não reconheceu.

- Não, a princípio não.

- Ótimo. Já é alguma coisa. Bem, vamos ao jantar. Jairo permaneceu longo tempo observando Emilie, que se movimentava pela cozinha, preparando o jantar. Lembrava-se dela, nos primeiros dias em sua casa, sem esperanças e totalmente abatida. Não era nem a sombra da jovem que tinha diante de si. Que mudança em tão pouco tempo! Fazia mais de cinco meses que chegara e as mudanças eram notórias!

266 RENASCER DA ESPERANÇA

Acompanhada de Jairo, ela continuou participando do pequeno grupo de estudos. Ao terminar O Livro dos Espíritos, leu outro, assim como devorava as revistas espíritas que Sara lhe emprestará. Deixava-se envolver pela luz que os estudos lhe traziam, compreendendo cada vez melhor o que se passara em sua vida, até

aquele momento.

Freqüentando as reuniões com sincero interesse em aprender, sentia-se mais e mais equilibrada; à medida que se deu conta de que suas crises eram influências espirituais de inimigos do pretérito, foi capaz de assimilar o fato com rapidez e, estudando mais intensamente, buscava na oração o perdão daqueles que a perseguiam; lia diariamente com especial carinho o Novo Testamento que a amiga lhe deixara. Não se separava dele nunca e, a exemplo dela, o lia todas as manhãs. Emilie sentia que os ensinamentos de Jesus nunca haviam sido tão claros para ela. Nunca as lições haviam penetrado em sua alma com tal profundidade e nunca antes tivera tanta necessidade de colocá-las em prática; o Espiritismo lhe descortinava respostas para as questões que a haviam torturado por muitos anos. Isso lhe trazia paz e serenidade, e a ajudava também a compreender a doutrina de Jesus. E agora ela enxergava que, sem praticá-la, pouco ou quase nada adiantaria tão-somente conhecê-la. Além disso, sentia lentamente brotar dentro dela novas energias que lhe traziam esperança para continuar procurando reconstruir sua vida.

Em muitas ocasiões sentia a presença ameaçadora dos antigos adversários espirituais, mas aprendeu a levá-los em oração até Deus e passou a ter maior controle sobre si mesma. As crises que a dominavam passaram a acontecer somente nas reuniões, quando então ela servia de intermediária aos espíritos esclarecidos que traziam importantes conhecimentos ao grupo, contribuindo para o crescimento de todos. Desse modo se

Lucius / SANDRA CARNEIRO 267

dava utilidade àquilo que ela tanto temera e de que fugira anos seguidos.

Enquanto aprendia, ensinava Jairo a ler. Ele se desenvia rapidamente e em pouco tempo já estava lendo sozinho as primeiras páginas de O Livro dos Espíritos. Emilie ficava satisfeita quando, caminhando pela cozinha no preparo de alguma refeição, ouvia Jairo a ler na varanda, ainda que com dificuldades, as primeira

s palavras.

Sabia quanto isso era importante para o amigo e se sentia feliz em ajudar.

268

RENASCER DA ESPERANÇA

Capítulo Vinte e nove

Sem dificuldade, Emilie incorporou o personagem que criara, fazendo-se passar por um sobrinho de Jairo, e assim o auxiliava quanto podia. Naquele dia, logo após o almoço, Jairo iria até a província negociar com compradores as condições do pescado para a temporada. Quando se sentava para almoçar, ela disse:

- Jairo, gostaria de acompanhá-lo à cidade.
- Acho muito perigoso, Emilie. Ainda há cartazes estampando seu rosto por toda parte.
- Olhe bem para mim, Jairo. Observe.
- Estou olhando.
- E não vê?
- O quê?
- Jairo, até nossos amigos demoraram a me reconhecer quando cheguei assim, de cara nova, pela primeira vez em nosso grupo de estudos. Se para eles, que convivem comigo, não foi muito simples, imagine para aqueles que não me conhecem! Acho que eu e Sara fizemos um ótimo trabalho! Não irão me reconhecer.

269

- Emilie, realmente você está bastante diferente, mas acreditar que está irreconhecível é um exagero.
- Você pensa assim porque está todo o tempo comigo e me conhece bem; já aqueles que não sabem quem sou não terão facilidade em me identificar. Além do mais, imagine se vão pensar que uma mulher fugitiva apareça andando pela cidade? Acho que a imaginação das pessoas não vai tão longe.

- Não sei, não. Creio que Lucrecia não aprovaria, e ela sabia das coisas.

Ao ouvir o nome da amiga, Emilie calou-se, pensativa. Depois disse:

- Sinto saudade. Gostaria de poder fazer mais por ela, retribuir de alguma forma tanto bem que ela me fez!

Jairo permaneceu em silêncio, olhos rasos d'água, lembrando-se da esposa com extremo carinho. Emilie insistiu:

- Vou com você!

- Por que se arriscar tanto, Emilie? Já não há risco suficiente em você ficar aqui, onde já foi procurada? O que deseja fazer na cidade? É perigoso. Deixe que o tempo passe e que a lembrança esmaça. Espere ao menos que não haja anúncios com sua foto pela província.

- Não creio que cessarão.

- Por quê?

- Você não conhece aquela família, Jairo. Eles nunca desistem. São tenazes em suas decisões.

Os dois terminaram o almoço calados e, no final, Jairo disse:

- Se nunca desistem é mais um motivo para que você não se arrisque. Por que querem tanto você de volta?

E depois de prolongado silêncio de Emilie, ele perguntou diretamente:

- Afinal, o que aconteceu naquela noite, Emilie?

- Não sei ao certo, Jairo. Ainda tenho dúvidas sobre meus

270 RENASCER DA ESPERANÇA

atos. Sei que conscientemente jamais fiz qualquer mal a Ricardo ou Cíntia

, a quem amo profundamente. Mas quando ficava sob influência espiritual daqueles que me perseguem, perdia o controle sobre mim mesma e não sabia o que fazia. Em geral, eram palavras agressivas, muitas vezes acompanhadas de gestos sensuais e lascivos.

Obviamente isso assustava muito meu marido. Apesar de me conhecer bem, não sabia qual seria minha atitude nessas circunstâncias. Uma vez, uma única vez e sem dúvida

a pior delas, Ricardo me disse que tentei agredir nossa filha. Foi quando fiquei realmente assustada e por isso penso, Jairo, que eu até possa ter feito aquilo de

que me acusam. Todavia, o que me deixa mais confusa é que naquele dia eu não tive crise alguma. Havia passado a tarde toda com Cíntia e estávamos particularmente

tranqüilas. Ricardo chegou à noite e eu supervisionei a preparação do jantar, como costumava fazer. Estávamos sentados à mesa, e Angela, nossa principal serviçal,

se preparava para nos servir o jantar. Tudo transcorreria normalmente naquele dia. Nada de estranho ou incomum. Foi quando eles chegaram.

Emilie se calou, visivelmente perturbada com as lembranças que lhe vinham à mente. Era a primeira vez, desde que tudo acontecera, que falava do assunto em detalhes.

Jairo arriscou perguntar:

- Quem?
- Isabel, Fernando e o doutor Francisco.
- Aquele que esteve aqui cuidando de você?
- Ele mesmo, Jairo.
- Mas que coincidência absurda!

Jairo ficou intrigado e atento, ouvindo Emilie, que continuou:

- Invadiram minha casa e me acusaram de estar tentando matar os dois. Seguiu-se tremendo mal-estar: pediram para analisar a comida e ninguém entendia nada. Cíntia, assustada, permaneceu muda. Ricardo levantou-se, indignado com a in-

vasão em nossa casa e querendo proteger-me, enquanto Isabel me acusava agressivamente; dizia que sempre soubera que eu era uma pessoa desequilibrada, doente, e que havia chegado ao extremo de tentar matar a própria família. Foi tudo muito rápido e confuso. Eu não conseguia falar; procurava me defender, aturdida, sem saber o que dizer, quando Isabel entrou na cozinha e voltou com um prato nas mãos; nele, uma pequena porção do assado que seria servido. Colocou-o na mesa e pediu que doutor Francisco verificasse. Ele cheirou e remexeu a comida, depois tirou do bolso um pequeno saco e dele jogou um pó sobre a carne. A cor então se alterou e ele disse que esse pó identificava determinado tipo de veneno, e portanto tinha certeza de que a comida estava envenenada. Todos me acusaram e eu não sabia o que fazer. Comecei a chorar, descontrolada, e depois me tornei agressiva, na busca desesperada de defesa. Aí não tiveram complacência: imediatamente me prenderam. Ricardo ficou paralisado olhando do prato (com a cor do alimento alterada pelo tal pó) para mim, totalmente alucinada. Levaram-me à força. Acho que me doparam, porque de súbito perdi a consciência e quando dei por mim estava presa em um quarto com grade na janela e na porta. Logo descobri que estava em um hospício. Davam-me pouca comida e os maus-tratos eram constantes. Às vezes não me deixavam dormir, torturando-me com perguntas a noite toda. Eu ficava cada vez mais fraca e confusa; esforçava-me para lembrar detalhes do ocorrido, torturando-me com a idéia de que talvez, sob os efeitos de uma crise, tivesse atentado contra a vida dos que mais amo. Só que não havia tido nenhuma crise e ficava cada vez mais confusa. Pouco depois, doutor Francisco veio me vê e disse que eu estava muito doente, que precisava de tratamento e que me tomara uma pessoa perigosa. Aquele médico me causava náuseas, eu o achava desprezível; mesmo assim, pedi

que me ajudasse, implorei, supliquei de todas as maneiras que você possa imaginar - até o ponto de concordar em ceder naquilo que por tanto tempo ele tentara, buscando me seduzir. Mas ele estava frio e insensível e me abandonou naquele lugar repugnante. Desesperada, concentrei as forças na idéia de fuga. Na primeira chance, fugi direto para o penhasco. Tencionava acabar com minha vida, dando fim ao sofrimento.

Emilie calou-se, emocionada pelas lembranças vivas de tão grande pesadelo. Jairo acariciou seus cabelos com carinho. Ela sorriu, retribuindo a compreensão do amigo, e depois disse:

- Como estava enganada, Jairo... Hoje, conhecendo através desta nova revelação o que acontece após a morte, compreendo que se tivesse posto fim à minha vida muito maior seria meu sofrimento. Graças a Deus, e somente a Ele, Lucrecia me encontrou a tempo. Se não fosse por ela, e pela voz de minha filha que ouvi nitidamente naquele dia, teria terminado com tudo.

- Que bom que essa desgraça não aconteceu! Você está aqui, viva, e com certeza irá superar todas as dificuldades.

- Sim, hoje sei que existe esperança e que tudo tem um sentido, uma explicação.

Destemida levantou-se, dizendo:

- E chega de lembranças tristes. Quero olhar para a frente, para o futuro. Encontrei alento nesses novos conhecimentos; quero aprender mais e compartilhar com outros essas boas novas.

Jairo, satisfeito, arrematou:

E vai conseguir, minha filha, vai conseguir. Lucrecia sabia que devia ajudá-la, o que custei a compreender. Agora, constatando as transformações em sua vida, começo a enxergar o que ela já vira.

Agradeço a Deus todos os dias por vocês terem me acolhido, Jairo.

Sem responder, ele tocou suavemente as mãos de Emilie,

Lucius / SANDRA CARNEIRO 273

depois se levantou e começou a se preparar para partir. Ti de estar na cidade pelo meio da tarde.

Era noite alta quando retomou. Emilie, que tentava ler para se distrair da preocupação, pôs-se de pé assim que o viu entrar.

- Jairo, você não costuma demorar tanto!

- Não pretendia me atrasar, mas as negociações entravaram e não conseguimos chegar a bom termo, tanto em preço como em conservação do transporte. Eles querem que eu passe a me responsabilizar pelo transporte daqui até Bilbao, o que será muito difícil.

Jairo se sentou mostrando profundo cansaço. Emilie o observava atentamente, ao lhe servir o jantar.

- Não sei o que fazer. Acabei deixando os compradores sem definição, pois não posso aceitar o que estão querendo e não consigo pensar em nada para propor-lhes. Enquanto não resolvermos o impasse, ficarei sem vender, a não ser o pouco que se consome aqui mesmo, na vila. Só que é tão insignificante que não poderemos comprar nem mesmo o básico; não sei o que fazer.

Ele permanecia cabisbaixo. Emilie ficou calada vendo-o comer, depois disse:

- Jairo, você não tem um amigo influente em Barcelona, que muitas vezes o ajudou?

- Sim, Miguel.

- Então, vamos até Barcelona!

- Procurar Miguel é uma boa idéia; ele é experiente e sempre consegue as melhores negociações. Parece-me a única alternativa neste momento.

- Pois está decidido: amanhã mesmo, partimos para Barcelona!

- Mas você não pode vir comigo, Emilie, já conversando isso hoje. É muito perigoso!

274 RENASCER DA ESPERANÇA

a se sentou mais perto do amigo e, tocando-lhe suaveas mãos, disse:

Aprecio seu cuidado, porém, não posso ficar aqui para resto da vida, Jairo.

Há muita coisa que preciso fazer; tenho recebido muitas orientações, você bem sabe, e além do mais

- sinto dentro de mim que há muito a ser feito. Devo aceitar o compromisso que me foi revelado pelos conhecimentos espíritas e colocar-me à disposição para fazer o que for necessário, o que estiver ao meu alcance, enfim.

Jairo acompanhava o raciocínio da jovem com extrema atenção.

- Entretanto, para que possa contribuir de alguma forma, preciso parar de me esconder, resolver minha vida, reconquistar minha liberdade, esclarecer tudo o que aconteceu, mesmo que para isso tenha de voltar à prisão e responder à justiça. Se realmente causei ou tentei causar algum mal, preciso esclarecer tudo e aí então recomeçar minha vida, assumindo minhas responsabilidades.

- Tem certeza, Emilie?

- Absoluta. Quero acompanhá-lo a Barcelona e retomar a minha história. Sei que só enfrentando meu destino poderei superar o passado. Confio que terei toda a ajuda de que necessito, não tenho mais dúvida quanto a isso.

- E pretende procurar seu marido?

-- Ainda não. Quero voltar à cidade, ver como me sinto e retomar aos poucos. Apesar de decidida, sei que ainda tenho muitas fragilidades, muitas recordações, algumas mágoas; tudo isso ainda está dentro de mim.

- Se estiver certa de que quer correr todos os riscos e fazer essa tentativa, concordo que venha comigo. Partiremos bem cedo.

Imediatamente após terminar a organização da casa, se recolheu. Estava ansiosa e custou a adormecer.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 275

Embora desejasse rever a cidade onde vivera por anos e quem sabe até reencontrar a filha, um temor indefinido rondava-lhe a mente e ela chegou a pensar se não devia aguardar mais algum tempo. Mesmo assim, ignorou seus receios e persistiu na decisão. Algo lhe dizia que deveria acompanhar Jairo e ela estava aprendendo a ouvir e respeitar seu coração, sua intuição. Finalmente adormeceu.

Antes do nascer do sol, Emilie e Jairo estavam a caminho. Ao chegarem a Bilbao, Jairo providenciou os bilhetes para a viagem até Barcelona. Emilie, vestida com roupas masculinas acabou de subir na carruagem e mal se acomodara quando ouviu uma voz conhecida:

- Pretende viajar, Jairo?

Jairo se virou e deparou com Pimentel; a figura do homem lhe causava desconforto. Refletiu por alguns instantes, depois disse:

- Vou a Barcelona, para resolver problemas de negócios, mas retomo brevemente.

- Sei... Entretanto, sabe que não pode se ausentar da cidade.

- Não pretendo me ausentar. Estive aqui disponível o tempo todo; nunca me neguei a comparecer quando solicitado. Estou à inteira disposição da justiça, delegado.

A propósito, a jovem ainda está desaparecida?

- Infelizmente. A família aumentou a recompensa por informações que levem ao seu paradeiro, e até agora nenhum fato novo nos ajudou. Por acaso ela não esteve em sua casa, ao saber da morte de sua esposa?

- Como haveria de saber da morte de minha esposa. Ela foi embora logo que e melhorou um pouco e nunca mais...

Sem esperar que Jairo terminasse, Pimentel se dirigiu à porta da carruagem e olhou para dentro. Havia duas senhoras sentadas de um lado e um jovem s ozinho do outro.

Pimentel cumprimentou

276 RENASCER DA ESPERANÇA

as duas senhoras, que conhecia, e percebendo que não vira o rapaz antes l he perguntou: Quem é você, rapaz? Nunca o vi por aqui. Emile com o coraçã o descompassado, permaneceu calada. Não imaginara o que fazer naquela situação. Num impuls o, fez sinal negativo com a cabeça, mostrando a boca, como a indicador qu e não podia falar.

Jairo apressou-se em responder:

_ Esse é Mário, um sobrinho que veio me fazer companhia assim que Lucrecí a... o senhor sabe.

_ Acho que ouvi algum comentário a respeito. E ele não fala?

_ Não. É mudo de nascença; ouve, mas não pode falar.

Veio ajudar-me com a pesca. O senhor não ignora que minha esposa, além d e ser dona de casa, ajudava-me muito com o meu trabalho.

Pimentel, desconfiado, observava Emilie. Ia fazer mais perguntas, quando s eu auxiliar chegou ofegante:

- Delegado, precisa me acompanhar. Uma briga de bar... Depressa!

Contrafeito, Pimentel argumentou com o auxiliar:

- Vá à frente, depois eu vou.

- - E gente importante, senhor, é melhor vir logo. Ainda contrariado, Pimentel cedeu à pressão, não sem antes perguntar a Jairo:

- Quando voltam?

- Em alguns dias.

_ Assim que retomar, quero falar com você. Daremos prosseguimento às investigações! Precisamos de alguma pista, algo que nos leve até a maluca! E depressa!

_ Estou à disposição!

_ Veremos. Aguardo seu regresso. Se demorar, vou em seu encalço.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 277

Sem dizer mais nada, Pimentel seguiu o auxiliar e desapareceu. Jairo acomodou a mala e também subiu. A carruagem partiu para a longa viagem. Depois de se ajeitar,

Jairo olhou para Emilie, que, pálida, conservava a cabeça baixa. Sabia que não poderia proferir uma só palavra ao longo de toda a viagem e espiava de canto de olho

as duas senhoras, que também os examinavam. Em uma das pausas da viagem, longe delas, Jairo disse a Emilie:

- Não imaginava que ele estivesse por ali tão cedo! Que homem! Dir-se-ia que está em toda parte! Parece até que adivinha!

- Adivinha ou é sugestionado, Jairo.

- É verdade! Nunca podemos nos esquecer...

- Nunca!

A viagem prosseguiu tranqüila e, com exceção do desconforto causado pelo silêncio, foi uma agradável jornada. A paisagem era exuberante. Emilie contemplava os penhascos

que se estendiam de Bilbao até San Sebastian. Em seguida, tomaram outra estrada que os conduziria a Barcelona. A emoção envolvia Emilie e lhe aper

tava o peito. Desejava muito ver a filha e pensava no que poderia fazer para ter essa oportunidade. Ansiosa, lembrava-se de Lucrecia e procurava serenar os pensamentos, buscando forças para continuar.

Horas mais tarde, quando a carruagem se aproximava de Barcelona, Emilie quase não conseguia se conter. Sentia vontade de chorar, angústia, medo...

Todas as emoções se misturavam e ela até desejou não ter acompanhado Jairo, que igualmente a observava, imaginando o que poderia estar sentindo. Sutilmente Jairo segurou sua mão, na intenção de lhe transmitir forças.

Quando a carruagem encostou, Jairo desceu primeiro e ajudou as duas senhoras. Uma delas, antes de se despedir, disse:

- Curioso, você e seu sobrinho vieram a viagem toda - e olhe que é uma longa viagem - sem se comunicar. Estranho...

278 RENASCER DA ESPERANÇA

_ Ele é muito quieto e eu também. Estamos acostumados ao silêncio, senhora, só isso. Não há nada estranho.

Boa estada em Barcelona.

Tão logo as duas senhoras se afastaram o suficiente, Emilie explodiu:

Nossa! Que coisa horrível ficar tantas horas sem falar!
Meu Deus, pensei que fosse enlouquecer!

Jairo sorriu. Foram para a casa de Miguel, passando no caminho pela livraria que Jairo conhecia. Assim que entraram, Jairo reconheceu o dono; Emilie viu que havia poucos livros espíritas nas prateleiras. Jairo lembrou-se da grande remessa que já deveria estar lá e então perguntou, após cumprimentar o proprietário:

- Os livros que estavam aguardando ainda não chegaram?

- Chegaram, mas foram confiscados.
- Confiscados? Por quê?
- Se souber por quem, logo imaginará por quê. Foi uma ordem do bispo dom Antônio.
- Como? As autoridades já não haviam liberado a entrada dos livros?
- Estavam liberados, porém a Igreja tem força junto a muitas pessoas influentes. Parece que dom Felipe interferiu, atendendo ao pedido de dom Antônio.

Emilie estremeceu ao ouvir o nome do sogro; procurou controlar-se e perguntou:

- E o que vão fazer com os livros? Trancá-los a sete chaves em algum convento?
- Muito pior, vão queimá-los onde executam os condenados.
- Não é possível! A Inquisição já acabou! Será que pretendem ressuscitá-la?
- Tem razão, é preocupante. Toda vez que a intolerância ofusca a verdade, é perigoso para a sociedade. Os livros espíritas

Lucius / SANDRA CARNEIRO 279

vêm trazendo novo conhecimento e iluminando consciência têm despertado as pessoas para a realidade espiritual e para possibilidade de melhor conduzirem suas vidas.

Mas muitos e tão interessados em calar a voz da verdade e fazer que todos permaneçam em sonolência e profundo torpor - assim o domínio é mais fácil. Os que apoiam a nova revelação estão temerosos de que uma atitude como essa fortaleça a perseguição àqueles que se interessam pelo Espiritismo.

- Perseguição?

- Sim, existe uma perseguição velada empreendida pela Igreja contra aqueles que demonstram qualquer interesse pela nova doutrina.

- O senhor conhece pessoas que tenham sido perseguidas aqui em Barcelona?

- Sei de inúmeras intrigas que já foram tramadas contra aqueles que ousaram despertar. Na maioria das vezes os adversários agem de forma sutil, para não serem acusados diretamente. Sei de pessoas que quase passam fome, desprovidas que ficam de trabalho, por interferência direta da Igreja. Outras são realmente caluniadas em sua conduta e até acusadas de atos que não praticaram.

Emilie olhou significativamente para Jairo, que de imediato adivinhou-lhe os pensamentos. Continuaram por mais algum tempo conversando sobre o perigo que rondava aqueles que se interessavam pelas descobertas espíritas. Ao se despedirem, Emilie perguntou:

- Não há nada que se possa fazer para impedir que os livros sejam destruídos?

- Há orientação vinda da Espiritualidade superior para nada fazer, apenas orar e aguardar os acontecimentos. O próprio Allan Kardec se propôs a algo fazer, interferindo junto a justiça francesa, mas foi orientado a calar-se e esperar.

280 RENASCER DA ESPERANÇA

_ E quando pretendem cometer esse ato bárbaro?

_ Amanhã pela manhã.

Ao despedir-se finalmente do livreiro, Emilie disse:

_ Amanhã estaremos lá!

- Muitos espíritas e simpatizantes comparecerão, num ato de resistência e protesto, assim como intelectuais e artistas que não aceitam o que a Igreja está fazendo.

Ao sair da livraria, Jairo e Emilie foram para a casa de Miguel. Depois da apresentação formal, falaram longamente sobre Lucrecia. Quando teve oportunidade, Emilie perguntou, referindo-se ao que estava para acontecer na manhã seguinte:

- Por que tanta resistência, Miguel? De que têm tanto medo?

- O Espiritismo incomoda porque leva as pessoas a tomarem posições, fazer escolhas, e estas trazem consequências. As pessoas preferem não conhecer para não ter de decidir. A Igreja abandonou o verdadeiro sentido dos ensinamentos de Jesus tão presentes nos primeiros séculos do Cristianismo. Os verdadeiros princípios do Mestre foram deturpados e a eles se sobrepujaram interesses de ordem material: poder e dinheiro.

Emilie respondeu, assustada:

- Não é possível! A Igreja sempre falou de Jesus!

- Falar é uma coisa, viver é outra bem diferente. Acho que é por isso que temem tanto o Espiritismo, que bem entendido e, sobretudo, vivenciado leva fundamentalmente à mudança do homem e de toda a sociedade. À medida que a Doutrina Espírita nos esclarece a respeito da imortalidade da alma e da vida que continua sempre, leva-nos a olhar para o presente sob outro ângulo, buscando o sentido de tudo o que nos acontece. A noção da preexistência da alma e dos efeitos do passado em nossa existência atual nos faz reconhecer a necessidade de transformação de nosso espírito de modo a nos tomarmos

Lucius / SANDRA CARNEIRO 281

verdadeiros cristãos; leva-nos a amar a Deus e ao próximo traduzindo esse amor em auxílio a todos os que precisam, em perdão das ofensas, em compreensão para com as dificuldades alheias. São tantos os ensinamentos puros que Jesus nos deixou e dos quais nos afastamos... Agora o Espiritismo traz a luz capaz de promover nosso

reencontro com a mensagem de Jesus e nos convida ao esforço para nos melhorarmos, para reformarmos nosso íntimo pela vivência de Suas lições. Certamente há muitos na terra e no espaço que desejam que os homens permaneçam arraigados à ignorância, presos aos preconceitos que os limitam, cépticos e materialistas, impedindo a evolução e ascensão da Humanidade.

- Apesar de tudo, haverá essa queima de livros. Isso irá atrapalhar a divulgação dos princípios espíritas, não?

- Talvez sim, talvez não. Aguardemos. O Espiritismo nasce sob a orientação de Deus e o amparo de Jesus. Confiemos na Divina Providência que tudo sabe. Vamos acompanhar o evento de perto, embora seja repugnante. Gostariam de ir conosco?

Emilie antecipou-se na resposta:

- Sem dúvida.

Os três seguiram conversando por longo tempo. Miguel mostrou a Emilie o trabalho de assistência aos aflitos e necessitados que estava desenvolvendo, o que a tocou profundamente.

282 RENASCER. DA ESPERANÇA

Capítulo

trinta

O dia amanheceu frio e nublado, como a prenunciar o ato infeliz que se havia de testemunhar.

Eram nove horas da manhã e o local já estava lotado. Havia os que ali se encontravam para apoiar a Igreja; entretanto, também acorriam em grande número curiosos e defensores da doutrina anatematizada. Aos adeptos e simpatizantes somavam-se os homens que, compreendendo o valor da liberdade de pensamento que se alastrava por

toda a Europa, não aceitavam o retrocesso que aquela agressão representava. Jornalistas, escritores, filósofos, cientistas e outros intelectuais se uniam, revoltados por presenciar o fato ignóbil, contrário a todos os modernos movimentos de independência e progresso humanos.

Em meio ao povo que se aglomerava estavam também Emilie, Jairo e Miguel junto com outros amigos. Embora Jairo a tivesse alertado para o perigo de ser reconhecida, Emilie se sentia indignada demais com o que estava para acontecer e desejava aliar-se àqueles que tinham a coragem de manifestar sua repulsa pelo gesto arbitrário e de profunda intolerância.

283

Os livros foram atirados no centro da praça: dezenas de exemplares de O Livro dos Espíritos, vários de O Livro dos Médiuns, além de inúmeras brochuras contendo mensagens e textos de diversos médiuns. Em minutos uma pequena montanha de livros, cerca de trezentos volumes, se formou e foi contomada pela multidão, que era contida por representantes da lei.

Enquanto os livros eram jogados, diferentes manifestações se faziam ouvir: alguns gritavam, apoiando o clero, outros externavam seu repúdio àquele ato.

Miguel observava tudo, circunspeto. Em pensamento orava a Deus, pedindo proteção para a doutrina que nascia. Não permitia que nenhum sentimento de rancor ou mágoa se instalasse em seu coração e procurava lembrar-se de quantos, entre os primeiros cristãos, tinham sido queimados em luta heróica pela disseminação da Boa Nova de Jesus. Pensava que mais recentemente outros crentes sinceros se haviam imolado durante os obscuros tempos da Inquisição, lutando pelos princípios do Cristianismo, sem se intimidar diante daqueles que lhe violavam a pureza. Assim refletindo, redobrava a confiança em Deus, consciente de que o Espírito de Verdade, que presidia a chegada dos conhecimentos espíritas à Terra, haveria de cuidar para que sua difusão fosse amparada e preservada.

De súbito, abriu-se um corredor em meio ao povo e dom Antônio aproximou-se e do monte de livros. Em frente a eles proferiu breve discurso, expondo a razão daquele auto-de-fé e ressaltando o perigo que tais publicações representavam. Inflamou-se em seu discurso, mas antes mesmo de terminá-lo uma vaia tímida se fez ouvir.

Sem titubear, o bispo recebeu de um dos seus auxiliares a grande tocha acesa e colocou-a em cima dos livros, que imediatamente se incendiaram. À proporção que as chamas se intensificavam, igualmente crescia a vaia, e tanto ela como as labaredas

284 RENASCER DA ESPERANÇA

se espalhavam por todos os lados. Os mais acanhados encheram-se de coragem e, quando o fogo era mais intenso, ruidosa vaia ecoava na praça, abafando por completo os aplausos.

Surpreso e receoso frente ao protesto da multidão, o bispo de Barcelona partiu em retirada. Emilie, embora comovida, buscava conter as lágrimas e refletia sobre os efeitos da intolerância. De súbito, espantou-se ao reconhecer um rosto na multidão: era Fernando, que estava entre os acompanhantes do bispo. Emilie, então, focalizou nele sua atenção e percebeu que parecia atordoado, o olhar vagando entre a fogueira, a reação do povo e a atitude do bispo. Mesmo depois que este desapareceu, o jovem se manteve diante dos livros em chamas, como que hipnotizado. De quando em quando olhava as pessoas à sua volta, e novamente se fixava na fogueira ardente. Despertou daquele torpor no instante em que um dos auxiliares da paróquia, temeroso da reação popular, puxou-o pela batina insistindo para que saísse dali. Ele finalmente aquiesceu, afastando-se da praça sob a vaia geral. Emilie não pôde deixar de acompanhar cada movimento de Fernando.

Logo que a maior parte das autoridades desapareceu, verificaram-se tentativas de apagar o fogo, o que foi impedido pelos policiais presentes. Só ao vê-l

o quase extinto,
e praticamente todos os livros queimados, é que eles deixaram a praça. A multidão, ainda tomada por forte comoção, pôde enfim se aproximar, quando nada mais havia a ser feito. Os livros estavam destruídos, e apenas algumas páginas eram identificadas. As cinzas voavam ao sabor do vento, levando para toda parte os sinais daquele auto-de-fé.

Após o fogo ter cessado por completo, a praça permanecia lotada e muitos ali ficaram sem saber o que fazer, inconformados com o que ocorrera. Aos poucos, porém, o local foi se esvaziando. Emilie, Miguel, Jairo e os outros amigos foram

Lucius / SANDRA CARNEIRO 285

dos últimos a abandoná-lo. Emilie estava entristecida chegou à casa de Miguel.

- Não fique triste, Emilie.

- É revoltante!

- Nada poderá impedir o avanço da verdade. Deus na permitiria.

- Mas queimar os livros, ameaçando aqueles que se interessam pelos princípios espíritas, já é demais!

- Isso não é nada comparado ao que se sofreu para disseminar o Cristianismo. Tenho certeza de que não impedirá o Espiritismo de crescer na Espanha.

Emilie meditou por algum tempo, depois disse:

- Gostaria de algo fazer para ajudar...

Miguel observou-a e não respondeu; ela, por sua vez, insistiu:

- Acha que eu poderia colaborar de alguma forma, Miguel? Miguel olhou-a com amabilidade e disse:

- Você certamente pode contribuir com o Espiritismo, acima de tudo porque tem na divulgação de seus princípios um grande compromisso. Todavia, desde já lhe advirto:

não espere que seja fácil. O que presenciamos hoje foi somente uma amostra do que muitos gostariam de fazer com aqueles que buscam a renovação em suas atitudes;
ainda que os frutos do trabalho sejam compensadores, a semeadura é árdua.

Emilie, em tom grave e muito séria, afirmou:

- Estou convencida de que tenho compromissos assumidos antes de reencarnar. A vida se encarregou não só de mostrar-me um novo caminho, como de reacender a esperança dentro de mim; não posso ignorar que minha existência se renova graças ao que venho aprendendo. Se não pudesse entender a razão dos meus sofrimentos, jamais me deixaria influenciar pelos ensinamentos amorosos de Jesus, revoltada como estava contra tudo e mesmo contra Deus.

286 RENASCER DA ESPERANÇA

-E até com certa razão. Como aceitar o que não se compreende?

-E agora que compreendo estou disposta a levar a outras pessoas em sofrimento a ajuda para também compreenderem, para poderem estender as mãos e pela fé raciocinada sentir as bênçãos do Criador.

-Fique tranqüila, a ocasião chegará.

- Acha que o que aconteceu hoje não irá intimidar as pessoas, Miguel?

- Talvez um pouco, no início, mas sei que o sofrimento continuará a movê-las na direção do verdadeiro auxílio.

Permaneceram por longo tempo conversando sobre as possíveis consequências do auto-de-fé. Ao entardecer, Emilie acompanhou os amigos nas atividades assistenciais que Miguel desenvolvia junto à população carente da cidade, levando alimento e remédios aos necessitados.

Ela caminhou por bairros em que jamais estivera, nos mais de quinze anos que vivera em Barcelona; sorriu e chorou com as pessoas que visitou, impr

essionada com tanto sofrimento e tantas privações. Viu crianças fracas e doentes. No entanto, quem mais a comoveu dentre todos foi uma das senhoras visitadas, que em meio aos inúmeros problemas que enfrentava comentou:

- Está tudo certo, Miguel. Deus o abençoe por tanta ajuda que nos tem dado. Sei que não devo reclamar de nada, diante de quanto o Pai me tem concedido

Baixando a cabeça, a mulher enxugou as lágrimas que desciam e acrescentou:

- Só lamento uma coisa: gostaria de poder ler para aprender mais com os livros. Fiquei sabendo do que aconteceu hoje e achei uma estupidez. Tanto conforto desperdiçado! Tantos querendo ler, e os que podem queimam os livros...

Lucius | SANDRA CARNEIRO 287

- Tenhamos fé na Providência que tudo transforma para nosso bem.

- Tenho presenciado isso a cada dia; apesar de toda a intolerância e da perseguição que venho sofrendo, Deus não me desampara...

Miguel, que notou a curiosidade de Emilie, disse:

- Nossa irmã Ermínia foi vítima da intolerância e vem lutando bravamente para manter-se fiel aos princípios que abraçou.

Emilie externou sua curiosidade:

- O que aconteceu?

- Mais tarde lhe conto o ocorrido - finalizou Miguel. Assim que se despediram de Ermínia e seus filhos, Emilie indagou:

- Como às vezes pessoas mais simples conseguem enxergar com tamanha lucidez, Miguel?

- O sentimento verdadeiro quase sempre supera as limitações intelectuais.

Emilie retomava compenetrada e envolvida na conversa que entretinha com Miguel, Jairo e os amigos que com ele seguiam todas as noites a levar alimento, medicamentos e conforto àqueles que necessitavam. A tarefa era difícil. Era preciso espalhar o benefício sem ferir as pessoas; embora a dor e a tristeza os visitassem, muitos eram orgulhosos e resistiam a receber ajuda. Normalmente eram os estrangeiros ou expatriados - como Jairo e Lucrecia - aqueles que primeiro aceitavam apoio; os demais, desconfiados e altivos, sempre suspeitavam que houvesse outros interesses por trás da doação e muitos rejeitavam o socorro. Miguel, que compreendia e amava o seu povo, era paciente e tolerante, aguardando o momento certo para estender o auxílio.

Emilie, surpresa com essa determinação no serviço ao próximo,

288 RENASCER DA ESPERANÇA

ainda não conseguia compreender os extremos cuidados Miguel. Enquanto caminhavam, ele procurava explicar-lhe o Imperativo do amor para se poder auxiliar com eficácia.

Estavam entretidos na conversa quando intensa movimentação chamou a atenção de todos. Estavam diante de largos portões abertos por onde entrava grande número de pessoas.

Jairo perguntou a Miguel:

- O que acontece aqui? Por que tanta gente?

- É a festa que os Bourbon e Valença realizam todos os anos juntamente com a Igreja. Já é uma tradição...

Emilie estacou em frente aos portões, sendo quase arrastada pelos que entravam. Havia muitos guardas à entrada da mansão. Ela começou a caminhar para a casa, como se estivesse em transe. Quando Miguel percebeu o que acontecia, correu até a jovem, agarrou-lhe o braço e puxou-a para fora, vencendo sua resistência

a. Assim que

Miguel conseguiu tirá-la do meio da multidão, o grupo se apressou em afastar-se da casa, ao passo que Emilie dizia, quase descontrolada:

- Minha filha, quero ver minha filha! Ela está tão perto! Quero vê-la, preciso vê-la, não entendem?

- Acalme-se, Emilie, tente controlar suas emoções para que elas não controlem você! Vamos, acalme-se.

Emilie parecia não escutar e insistia:

- Eu quero vê-la! Há quanto tempo, meu Deus, tenho tanta saudade!

Miguel segurou-a pelos ombros e, olhando-a com firmeza, disse:

-- Pois bem, e o que vai fazer? Enfrentar seu marido, a família, os guardas? Você viu os guardas! E então? O que irá obter? Certamente não será sua filha! Eles a colocarão de volta no hospício, Emilie. Você precisa resolver sua situação, antes que possa reencontrar sua filha.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 289

Por fim, como se despertasse, Emilie admitiu:

- Tem razão, sei que tem razão, Miguel; é que senti uma força quase incontornável me puxando para dentro.

- É claro, Emilie, muitos desejam que você fracasse!

A jovem olhou novamente para os portões abertos e viu ao longe as luzes da casa, que em dias de festa eram todas acesas. Então, voltando-se para Miguel, disse:

- Tem razão, não há nada que possa ser feito por agora. Vamos depressa, preciso sair daqui ou não poderei me conter.

Em passos rápidos e firmes, o grupo se afastou e desapareceu rumo ao centro da cidade. Emilie, com o coração descompassado, não mais ousou olhar para trás, temendo não poder controlar-se. Ela sentia como se sua mente estivesse presa àquela

casa.

Na mansão, a festa seguia com relativa tranqüilidade. Alguns comentavam a reação inesperada do povo, a vaiar o bispo, que estava indignado com aquela manifestação.

No mais, a comemoração transcorria como desejado.

No topo da escada, Isabel observava a todos. Dom Felipe conversava com o bispo e outras autoridades vindas de Roma. A dona da casa sorria, satisfeita. Tinha tudo

sob controle, e pensava: "Que diferença do ano passado! Graças a Deus minha família está protegida outra vez! Ainda bem que consegui tirar do caminho o que poderia ameaçar-nos. Agora só falta Cíntia, mas com ela será muito mais fácil!".

Filomena, que animada recebia os convidados, viu a mãe e subiu ao seu encontro:

- Tudo a contento, mamãe?

- Sim, Filomena, tudo perfeito. Todos estão aqui, e a organização da festa foi excelente. Meus parabéns! Ainda bem que tudo se encaminhou como devia e todos puderam comparecer com o que houve hoje, espero que esse mal seja estancado!

290 RENASCER DA ESPERANÇA

Sim, acho que todos entenderam a mensagem. O que me surpreendeu foram as vaias. O que significam, mãe?

- Uns poucos simpatizantes, minha filha; nada com que devamos nos preocupar. Afinal, todos têm o direito de se expressar, não é mesmo? Estamos em tempos de liberdade.

Isabel sorriu cinicamente para a filha que, captando o que a mãe desejava dizer, respondeu:

- Sim, tempos de liberdade... Bem, vou descendo que estão chegando convidados.

Isabel apreciava a festa, quando viu Fernando se afastar de um grupo em conversa animada e subir as escadas. Ao passar por ela, perguntou:

- O que tem você, Fernando? Está calado o dia todo, nem parece contente com o resultado de tudo o que foi planejado. Hoje é um dia memorável! Deveria estar feliz!

Tudo caminha bem, temos tudo novamente sob o nosso controle. O que o preocupa?

- Não sei, tia; não me sinto muito bem, acho que estou até com febre. Talvez seja uma gripe.

Isabel ajeitou o cabelo do sobrinho e disse:

- Acho que tem trabalhado muito, Fernando, deve ser isso. Quando parte para as Américas?

-- Breve.

- Quando? Tem alguma previsão?

- Não, ainda não.

- Não deveria apressar as coisas, já que esse é seu objetivo?

- Sim, mas acho que por ora sou mais útil no orfanato: muitas crianças chegando e poucos para ajudar.

- Não se atormente tanto. Por que as crianças precisam de muita gente para cuidar delas? Imponha rigorosa disciplina e faça com que os mais velhos ajudem os mais novos.

Fernando pensou por instantes e disse:

Lucius / SANDRA CARNEIRO 291

- Parece boa idéia. Todavia, além disso precisamos de pessoas que dêem a elas atenção e carinho, como faz Cíntia. Ela tem ajudado muito.

- É pena, Fernando, que não vá poder ajudá-lo por muito tempo.

- E por que não? Ricardo autorizou e a menina gosta tanto!
- Tenho outros planos para ela.
- Outros planos?
- Sim, acho que Filomena lhe contou.
- Não creio que ela tenha vocação. Apesar de nunca ter falado sobre isso, penso que não é o que quer. De mais a mais, Ricardo não concordaria.
- Ricardo fará aquilo que lhe dissermos para fazer! Não conhece seu primo? Tenho minhas formas de convencê-lo. Sei que será difícil, mas tenho planos para conseguir que concorde.
- E se Cíntia não quiser?
- E ela tem lá querer, Fernando? Essa menina precisa ficar sob a orientação rigorosa da Igreja, pois pode ter tendências ao desequilíbrio, como a mãe!

Fernando calou-se. Isabel fitou-o e perguntou:

- Sabe de alguma coisa? Ela não demonstrou nada estranho, enquanto esteve trabalhando com você no orfanato? Uma informação desse tipo me facilitaria muito as coisas.
- Claro que não, tia! É uma garota adorável, carinhosa e meiga. Todas as crianças a adoram. E é muito responsável; tem colaborado mais do que muito adulto o faria.
- Vê? Você acaba de me dar motivos para reforçar minha intenção. Pelo que me diz ela será uma ótima religiosa, totalmente dedicada.

Fernando olhou-a, irritado, e disse:

- Não concordo com isso, é um abuso! Vocês querem fazer o que bem entendem com as pessoas? E os sentimentos

dela? Só pensa em seus interesses? Não pensa no que as pessoas querem, no que é melhor para elas, em nada!

Olhe só quem fala! Quando os interesses são seus, você não age de outro modo, não é, Fernando?

- Era diferente, tia. Os interesses da família e da Igreja estavam em jogo.

- Os seus também, visto que é parte da família e da Igreja. Não seja hipócrita! E não tente atrapalhar meus planos. Essa menina vai para o convento mais rígido que eu achar. E não se fala mais no assunto!

Fernando virou-se para sair quando notou que Cíntia estava próxima a eles; pela expressão de espanto em seu rosto, percebeu que tinha ouvido a conversa. A menina não disse nada e correu para o seu quarto. Fernando encarou a tia, que comentou:

- Melhor assim. Vai fazer com que tudo aconteça mais depressa.

Sem responder, Fernando correu atrás de Cíntia, porém ao chegar ao quarto encontrou a porta trancada. Foi em vão que bateu e lhe pediu que abrisse; apenas escutou o seu choro abafado.

Depois de insistir muito, sem saber o que fazer, saiu acabrunhado pelos fundos da mansão e foi para a paróquia, abandonando a festa. Abatido e desmotivado, dirigiu-se para seu quarto.

Atordoado, sem saber com clareza o que sentia, acomodou-se na cama e tentou dormir. Lembrou-se em detalhes do comportamento de Cíntia em sua primeira visita ao orfanato.

Sem dúvida tinha atitudes estranhas, como a mãe, que no entanto só o havia auxiliado. Que força seria aquela que a tomava e a fazia agir como se dominasse questões que para ela eram desconhecidas?

Fernando meditava e meditava, sem poder identificar nada de errado no que

Cíntia havia feito. E se aquele fenômeno fosse

Lucius / SANDRA CARNEIRO 293

algo bom, algo que viesse para ajudar? Alguns santos não tinham visões, não faziam coisas estranhas também? Sem poder dormir, levantou-se e andou pela paróquia.

Parou junto a uma das imagens de Jesus e perguntou a si mesmo: "E se esse fenômeno tiverem uma explicação razoável? E se não forem maus? Meu Deus! Quanta injustiça já terá sido cometida!" Por fim ele se ajoelhou diante da imagem e pediu com sinceridade a proteção de Jesus.

Estava amanhecendo e Fernando continuava de joelhos quando ouviu barulho. Era o pároco que regressava da mansão. Ergueu-se rápido, pois não queria que o vissem acordado nem que soubessem que deixara a festa tão cedo. Trancou-se em seu quarto e de novo se ajeitou na cama. Ouviu quando o padre caminhou pelo corredor e por fim se fechou no quarto.

O silêncio voltou ao templo, porém o coração do jovem padre estava perturbado. Ele não conseguia deixar de pensar em Cíntia, e agora lembranças de Emilie lhe rondavam a mente.

294 RENASCER DA ESPERANÇA

Capítulo Trinta e um

No retomo à casa de Miguel, Emile quis saber sobre a perseguição que Ermínia sofrera, descrente de que fosse responsabilidade da Igreja seu atual estado de penúria.

Ele contou em pormenores tudo o que sabia sobre a dura vida da mulher: sua luta corajosa após a morte do marido para suprir as necessidades materiais da família,

depois a dor da excomunhão e em seguida a perda dos clientes, não restando a ninguém mais que quisesse comprar-lhe os produtos. A filha mais velha, indignada deixara

a família e desaparecera. Havia muito tempo não dava notícias e Ermínia temia que estivesse comprometendo a própria existência pela revolta que trazia dentro de si. Apesar

disso, mantinha-se fiel aos princípios espíritas que abraçara, consciente de que não poderia mais ignorá-los. Miguel e outros companheiros a estavam socorrendo;

na busca de alternativas para que ela pudesse continuar a viver com dignidade, tentavam enviar os doces que produzia - de excelente qualidade - para outros países.

Ernie ouviu o relato com atenção e depois disse:

- É impressionante o que fizeram a essa mulher! Nunca imaginei que as pessoas pudessem agir com tamanha crueldade.

~T

- Aqueles que querem a qualquer preço impor sua vontade, que se deixam dominar pelo orgulho, acabam espalhando a dor e o sofrimento para quantos não se submetem aos seus propósitos. E contra essa conduta insana que lutamos, para que o amor triunfe sobre o egoísmo e a humildade vença o orgulho. Somente assim seremos felizes.

Emilie continuou pensativa e enfim questionou:

- Será que o que aconteceu comigo na noite em que fui presa poderia ser fruto de algo semelhante?

- Não duvido de nada, Emilie. Você presenciou o que foram capazes de fazer hoje. Sim, creio que tudo é possível.

- E como vou descobrir, Miguel? Como poderei esclarecer toda essa história e libertar-me de vez daquilo de que me acusam? Preciso fazer alguma coisa, não posso ficar apenas esperando.

Então foi Miguel quem se calou e ficou pensativo. Depois, tocando suavemente o ombro dela, recomendou:

- Tenha fé e paciência, tudo tem seu tempo certo. Não adianta forçar as situações; precisamos tentar compreender o movimento natural da vida. Muitas vezes, com atitudes ansiosas, atrapalhamos planos que estão sendo muito bem conduzidos pelos nossos orientadores espirituais, nossos protetores. Devemos confiar neles e prosseguir.

Deus jamais nos desampara e, na hora certa, abre portas que pareciam definitivamente fechadas. Tenha fé, tudo será esclarecido no momento certo.

- Contudo, há certas coisas que por mais que me esforce não consigo compreender.

Miguel, sentado no sofá ao lado de Emilie, disse:

- Muitas coisas estão além da nossa capacidade atual de compreensão, por isso precisamos desenvolver a confiança. Veja: não conseguimos entender a inda o que houve hoje. Muitos se perguntam por que a Espiritualidade superior permitiu que

296 RENASCER. DA ESPERANÇA

algo assim acontecesse. Por que permitiu que a nossa doutrina de luz fosse vilipendiada dessa maneira, com seus principais instrumentos de divulgação destruídos

em praça pública, condenados diante de todos num auto-de-fé? Há alguns que e crêem que isso realmente enfraquecerá o Espiritismo e intimidará os espíritas. O que podemos responder?

Emilie e Jairo ouviam atentamente. Miguel continuou:

- Devemos esperar com fé. Recebemos instruções para nada fazer no sentido de impedir o que a Igreja e as autoridades planejavam. Que confiássemos na Providência,

pois tudo reverterá no bem de todos. E por isso creio que a Espiritualidade encontrará alguma forma de beneficiar o Espiritismo, mesmo através desse acontecimento

desagradável e negativo. O apóstolo Paulo já dizia: "Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus".

- Como, Miguel? Não consigo enxergar.

- Ainda não sabemos, mas precisamos acreditar. Eles sabem melhor do que nós e enxergam mais longe. Se confiarmos e nos mantivermos firmes e fiéis ao que nos orientam, e acima de tudo às Leis que Jesus nos revelou, as coisas serão encaminhadas para o bem de todos, inclusive o nosso.

Emilie, que estivera de corpo ereto, atenta ao que Miguel dizia, encostou-se inquieta no sofá e suspirou, dizendo: -- Ah, Miguel, quanta paciência é preciso ter!

-- Sem dúvida, paciência ativa, inteligente, é fundamental. Passaram mais algum tempo a conversar até que todos se atiraram para o descanso necessário

.

Apesar de cansada, Emilie não podia conciliar o sono, ainda sob o forte impacto das emoções daquele dia. Pensava que devia contribuir de algum modo. Lembrou-se de Fernando e de sua reação diante da fogueira. Pensou na filha e sentiu o peito apertado de saudade. Recordou Ricardo também com o co-

Lucius / SANDRA CARNEIRO 297

ração doído. Desejava ardentemente esclarecer toda a situação e recuperar sua família. Se Ricardo fora enganado, com certeza quando conhecesse a verdade a receberia de volta.

Conjeturando o que fazer para elucidar a cilada de que havia sido vítima, passou quase toda a noite acordada, só adormecendo quando já amanhecia. Ainda sonolenta, ouviu um burburinho que parecia espalhar-se pela casa toda. Levantou-se de pressa.

Ao descer, encontrou Miguel com vários amigos na sala de estar, em conversa animada. Sobre a mesa da sala repousavam diversos jornais, abertos nas manchetes relativas à ocorrência do dia anterior. Emilie, que descera assustada, percebeu que estavam todos felizes:

- O que aconteceu? Pensei que houvesse algum problema e vejo que, ao contrário, estão felizes!

- Leia isto.

Emilie sentou-se e Miguel lhe entregou um dos jornais, o mais importante da cidade; depois ela pegou outro; a seguir jornais alternativos, de sociedades científicas e filosóficas, que expunham em edição extra sua visão indignada dos fatos de 9 de outubro em Barcelona.

Emilie mal podia crer no que lia. Alguns jornais traziam um histórico do movimento espírita e alertavam quanto ao perigo da intolerância religiosa, lembrando recentes atos criminosos praticados pela Igreja. Outros apenas criticavam a atitude in

tolerante, a despeito do que o Espiritismo postulava, reiterando que a liberdade de pensamento fora uma conquista da Humanidade, que não podia agora correr riscos de retroceder.

- Miguel! Acho que não estou entendendo direito. Estão contra o que foi feito? É isso mesmo?

Após terminar a leitura de todos os jornais, Miguel disse:

- Lembra-se do que conversamos ontem? Parece que os

298 RENASCER DA ESPERANÇA

desdobramentos estão começando. A julgar pelo sentimento de indignação que percebo nessas páginas, não irão silenciar tão cedo. As barreiras haverão de cair, uma a uma! A verdade haverá de triunfar! Não disse que precisamos aprender a confiar, Emilie? Não estamos sós, essa é uma grande prova. Se o número de opositores aumenta, igualmente cresce o amparo que recebemos. Tudo o que vem pelas mãos do Criador é vitorioso!

- Inacreditável, Miguel, estou impressionada!

- Pelo que percebo, o que está acontecendo é o contrário do que a Igreja pretendia.

- Como assim? - perguntou Jairo.

- Eles pretendiam intimidar e atrapalhar a expansão do Espiritismo, mas com toda essa publicidade o que fizeram foi dar-lhe maior divulgação! E que divulgação! Não deve haver uma única pessoa em toda a cidade que não esteja falando, discutindo e, mesmo que discorde, ouvindo falar dos novos postulados. E creio que não será somente em Barcelona; a discussão deverá propagar-se pelo país. Bendita sabedoria de Kardec em obedecer aos espíritos e seguir-lhes rigorosamente as orientações!

Os amigos permaneceram por algum tempo conversando e celebrando as reperc

ussões inesperadas que a queima dos livros espíritas suscitara.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Emilie e Jairo iniciaram os preparativos para regressar. Ao vê-los a organizar a partida, um dos colaboradores assíduos de Miguel perguntou a Jairo:

- Precisam voltar tão depressa?

- Consegui que Miguel me ajudasse a solucionar os problemas com o negócio do pescado. Ele preparou uma carta que levarei aos compradores e acredito que resolverá o impasse. Temo ausentar-me por muitos dias, pois ainda respondo ao processo em Bilbao e não quero atrair-lhes mais a atenção.

- Então continuam?

Lucius / SANDRA CARNEIRO 299

- Sim, são insistentes.

Emilie acompanhava a conversa em silêncio. Pretendiam partir na manhã seguinte.

Na mansão, o dia também começou turbulento. Felipe, a filha e Ricardo tomavam o café da manhã quando Isabel desceu furiosa, jogando o jornal sobre a mesa:

- Já viu isso, Felipe? Quem esses jornalistas pensam que são? Ao invés de destacarem a festa, dedicam várias páginas ao ocorrido ontem pela manhã! É revoltante!

Você tem de fazer alguma coisa! Precisa demitir esses jornalistas!

- Isabel, acho que você não está entendendo. Deixe-me explicar melhor: todos os jornais se manifestaram contrários à queima dos livros espíritas. Não há um sequer que apoie, que traga qualquer comentário favorável! O que fazer? Demitir todos os jornalistas de Barcelona? Amanhã saberemos o que acontece no restante do país, o impacto em outras províncias. Não podemos interferir no país inteiro.

- É inaceitável! Precisamos fazer alguma coisa! Eles têm de se calar!
- É verdade, pai, esses atrevidos precisam de uma lição! Felipe suspirou fundo e disse:
- Temo que seja tarde. Parece que cometemos um erro: nós e a Igreja.
- Não é possível, Felipe!
- Os fatos falam por si, Isabel. Veja, leia! Temos de admitir que cometemos um erro estratégico! Precisamos agir com mais cautela. Parece que atacar frontalmente não foi uma boa idéia! Estou falando pelos resultados, unicamente.

Isabel tomou o café calada. Ao terminar, perguntou ao marido:

300 RENASCER DA ESPERANÇA

- E vai ficar aí, sem fazer nada? Aceitando o fracasso?
- Já avisei que preparem a carruagem e mandei pedir audiência ao bispo. Certamente devemos conversar sobre o ocorrido, para que não traga maiores conseqüências.
- Está vendo no que deu não termos tomado medidas mais enérgicas antes? Perde-se o controle da situação, precisamos ser mais firmes, Felipe! Sinto que nossa família tem sido por demais condescendente com determinadas situações perigosas.

Ela falava olhando para Ricardo, que até aquele momento estivera calado. Frente à ausência de resposta do filho, prosseguiu:

- Precisamos apoiar a Igreja de forma cada vez mais ostensiva. E fazer valer as tradições de nossa família, a fim de tomá-la totalmente invulnerável a ameaças como essa.
- Do que está falando, Isabel?

- Ricardo trouxe uma mulher mentalmente perturbada para dentro de nossa família, pondo em risco nossos princípios, nossa imagem, nossa influência!

- Pare, mãe! - explodiu Ricardo, pronto a se levantar. Isabel deteve-o, segurando-lhe fortemente o braço:

- Sente-se e me escute. Você trouxe uma mulher desequilibrada e envolvida com o diabo para dentro desta casa!

- Não é verdade!

- Não? Onde está sua doce Emilie?

- Por favor, mãe!

- Ela é uma mulher atormentada, e você sabe disso, pois quase morreu por suas mãos. E isso tudo é castigo, Ricardo, castigo de Deus.

- Por que castigo? O que foi que fiz de tão ruim, para meecer que Deus me castigue assim, tirando-me a mulher que...

Diga, continue blasfemando!

- Não é verdade, mãe!

Lucius | SANDRA CARNEIRO 301

- Deus está castigando você por ter desistido de ser padre Ricardo. Essa era sua obrigação e você desistiu; agora Deus o está punindo pela desobediência.

- Isso é ridículo! Eu não tinha vocação alguma para servir à Igreja, e não concordar com esse absurdo foi a melhor coisa que fiz. Não me sinto...

- Cale-se, Ricardo! Veja como está sua vida: um casamento fracassado, uma mulher assassina e desaparecida e uma filha...

- O que tem minha filha?

- Também está ficando mentalmente perturbada. Ela é igual à mãe.

- Não é verdade, dona Isabel, não é verdade. Cíntia é um doce de menina!
- Doçura igual à que tinha Emilie? Muito doce, tentando envenenar você e a própria filha. Preste atenção, Ricardo. Cíntia segue os passos da mãe. Está ficando cada vez mais esquisita e logo sua mente estará descontrolada, exatamente como a da mãe. E a responsabilidade será sua, toda sua.
- Pelo amor de Deus, mãe, isso não é verdade!
- Claro que é! Filomena tem acompanhado a menina e sabe que digo a verdade e. Cada vez mais quieta, mais estranha.
- Ela sente falta da mãe, é só isso.
- É muito mais do que isso, Ricardo. Só vejo um jeito de proteger sua filha.
- Qual é?
- Entregá-la a Deus, colocá-la a serviço da Igreja.
- Não, jamais!

Ricardo levantou-se, agastado; entretanto, dessa vez foi dom Felipe quem o segurou, dizendo:

- Sente-se, Ricardo. Deixe sua mãe terminar. Já chega de atos voluntariosos que só nos trazem problemas.

302 RENASCER DA ESPERANÇA

Ricardo, conquanto profundamente irritado, obedeceu. Isabel argumentou:

Não vejo outra saída, Ricardo. Ela precisa de proteção.

- Eu a protegerei! Sempre!
- Você não entende. É preciso protegê-la de si mesma. Ela terá uma vida de serviços a Deus e à comunidade. Não lhe falta vocação. Pergunte a ela. Gosta de ir ao

orfanato, de ajudar as crianças, sente-se bem naquele ambiente. Se a desviar do caminho você será duplamente responsável e culpado. Escolheu mal uma vez; agora faça a coisa certa. Deixe que a menina seja orientada e protegida.

- Entre as paredes de um convento? Longe da família, dos amigos, da vida?

- Perto de Deus!

- Prefiro-a perto de mim!

- Não poderá protegê-la, da mesma forma que não pode proteger Emilie. Elas são iguais, Ricardo. Sua esposa tem serio desequilíbrio e a menina segue o mesmo caminho.

Não percebe? Você estará contribuindo para que ela adoça. Não quis ouvir no caso de Emilie e sabe o que aconteceu. Preste atenção ao que estão fazendo com sua filha!

Ou toma uma atitude ou perderá o controle e então, a exemplo do que houve com Emilie, será muito pior!

Sem retrucar, Ricardo se levantou abruptamente e saiu da sala. Isabel dirigiu-se ao marido:

- Ricardo não quer escutar, não quer colaborar. Será pior para ele e para nós. Quando as coisas fugirem ao controle, não poderemos reclamar. Fale com ele, Felipe.

Você tem toda a autoridade, tome uma atitude. Ele precisa obedecer-nos, fazer o que é melhor para todos!

- Você me deixou muito preocupado. Se Cíntia tem tendências a se comportar como a mãe, teremos realmente de fa-

LUCIUS / SANDRA CARNEIRO 303

fazer algo. Vou pensar numa solução. Não quero que a se repita nesta casa.

- Nem eu. E precisamos agir rápido. A menina está crescendo, este é o momento. Se a enviarmos imediatamente a aceitação será mais fácil para todos,

inclusive para
ela. A sociedade passa por fortes pressões. Precisamos preservar os nossos.

Levantando-se, dom Felipe disse em tom grave:

- Não me esperem para o almoço, devo demorar.

Capítulo Trinta e dois

Assim que o marido saiu, Isabel convidou a filha a acompanhá-la até a biblioteca. Logo que entraram, pediu-lhe que fechasse a porta.

Ao ver Filomena encostar a porta ela insistiu, exasperada:

- Tranque a porta, Filomena, precisamos conversar.

A jovem obedeceu, depois se sentou e concentrou a atenção na mãe. A lareira estava acesa e o silêncio na casa era total. Filomena tomava os últimos goles de chá quente, enquanto imaginava qual seria o motivo de tal discrição. Isabel puxou a cadeira para bem perto da filha e disse:

- Quero que essa menina seja enviada o mais rápido possível a um convento, longe, bem longe daqui. E tenho idéia de como fazê-lo.

Filomena continuava atenta.

- Seu pai vai obrigar Ricardo a atendê-lo, se pudermos comprovar que a menina é igual à mãe, que também é mentalmente perturbada.

E como vamos provar isso? Nem sabemos se ela apresenta o mesmo tipo de comportamento...

305

- Não precisamos, Filomena. É inquestionável que convento fará bem não só a ela, como à nossa posição junto a Igreja, pelo fato de colocarmos a seu serviço mais

um dos nossos. Cuidaremos para que Cíntia ocupe posição de destaque na Igreja, e no futuro, adequadamente conduzida, ela igualmente será útil aos interesses da família;

até entenderá nossa atitude nossa decisão. Se por alguma razão a mãe retornar, ela estará protegida e um dia haverá de nos agradecer.

- E o que pretende fazer?

- Quero que converse com Fernando. Ele pode nos ajudar.

- Não creio, mãe. Já tentei convencê-lo a colaborar, mas ele não concorda.

- Disse isso?

- Praticamente. Não quer forçar a menina a nada. Acha que ela deve escolher o próprio destino. Não creio que possamos contar com Fernando...

Isabel sorriu, enquanto acariciava os cabelos da filha. Depois dirigiu-se até a lareira e arrumou algumas brasas, juntando-as todas. Aí se virou para a filha e disse:

- Ele também não tem escolha, Filomena. Use seu poder de persuasão.

- Como assim, mãe?

- Diga-lhe que se não confirmar para Felipe que a menina tem problemas semelhantes aos da mãe, iremos tomar público o que houve entre vocês dois.

Filomena empalideceu e se levantou, indignada.

- Isso irá comprometer a mim também, mãe! Faz muito tempo! Éramos jovens e não sabíamos o que estávamos fazendo. Fernando apenas começava o seminário... E ele nem queria...

- Fui muito compreensiva com você, não, filha?

- Sim, muito.

306 RENASCER DA ESPERANÇA

_- Então, o que está esperando? Use seu poder de persuasão. Diga a ele que estou disposta a tomar público o que houve entre vocês...

-- Mãe, por favor, são lembranças dolorosas, não quero...

-- Perdoe-me, Filomena, mas não temos escolha. Só Fernando pode nos ajudar. Seu pai não sabe do que houve entre vocês e não precisa saber. Afinal, está tudo devidamente contomado. O orfanato esconde muitos atos ilícitos, e tenho certeza de que Fernando não há de querer ver o seu passado publicamente exposto, o orfanato fechado e as pobres crianças na rua. Ele terá de nos ajudar. Convença-o!

- Mas, mãe...

Sem deixar que a filha terminasse, Isabel andou até a porta da biblioteca e d estrancou-a. Antes de abri-la, sentenciou:

- Você consegue, minha filha. Empenhe-se. Ele não terá alternativa senão concordar; não há outra opção. Ou concorda ou terá sua vida exposta.

- E eu, a minha!

- Não, querida, você saberá como impedir tamanho escândalo...

Isabel não esperou que a filha dissesse mais nada; saiu da biblioteca, fechando a porta. Filomena, sem saber o que fazer, murmurou com os dentes cerrados:

- Megera desalmada!

Ao sair, foi direto ao encontro do primo. Entretanto, chegando à paróquia notou grande alvoroço. Foi informada de que o primo saíra muito cedo, para o

orfanato.

Não obstante a vontade que teve de segui-lo até lá, Filomena não ousava colocar os pés novamente naquele lugar. Não queria ver as crianças.

Deixou recado pedindo ao primo que fosse procurá-la o mais breve possível e voltou para casa. No caminho, seu desejo era fugir, desaparecer. Naquele momento sentia ódio da mãe,

LUCIUS / SANDRA CARNEIRO 307

que mantinha absoluto domínio sobre ela. Já a havia obrigado a tomar tantas atitudes contra sua vontade... Não conseguia libertar-se dela, de seu poder. Ao mesmo tempo em que discordava de muitas de suas atitudes, sentia fascínio por Isabel. Dentro da carruagem que a reconduzia à mansão, baixou a cabeça e chorou amargurada, profundamente ressentida. Em tudo buscava agradar à mãe, até naquilo que ela reprovava, e ela nunca ficava satisfeita. Agora, tinha de remexer o doloroso passado.

Quando chegou em casa, encontrou Cíntia tomando café. Olhou-a e nem sequer a cumprimentou; subiu correndo para seu quarto. Trancou a porta e deitou-se na cama, sem ânimo para nada, ansiosa e angustiada por ter de falar com Fernando sobre algo que, sabia, lhe desagradaria muito.

Filomena esperou o dia todo pelo primo, que não atendeu ao seu recado. No final da tarde, ela desceu as escadas preparada para ir de novo atrás dele. Ao passar pela mãe, sussurrou:

- Ele não estava. vou lá outra vez.

- Muito bem, aguardo boas notícias.

Dessa vez Filomena foi informada de que o primo estava em seu quarto. Bateu e virou a maçaneta, tentando entrar, mas a porta fora trancada. Ela insistiu, batendo

com mais força:

- Fernando, sou eu.
- Não quero falar com ninguém, não me sinto bem.
- Por favor, preciso entrar.
- Hoje não. Vou à sua casa amanhã.
- É urgente, precisamos falar já!

O rapaz exasperou-se do lado de dentro:

- Não posso falar agora, Filomena, você não entende?
- É problema sério, Fernando. Nosso futuro está em jogo, nosso passado...

Fernando destrancou a porta e Filomena entrou rapidamente, tomando a tran cá-la.

308 RENASCER DA ESPERANÇA

- Está louca? Trancando a porta?
- Precisamos conversar...

Perguntou ao ver o abatimento do primo:

- O que você tem, está doente?
- Estou doente da alma! Vamos sair daqui. Não quero comentários maldosos a nosso respeito.

Levando a prima para o pátio interno, sentou-se e disse:

- Fale, qual é o grande problema?
- Fernando, temos um grave assunto familiar a resolver.

- Outro, você quer dizer? Parece que nossa família não anda muito bem, não é?

- Por que diz isso?

- Sinto que as coisas não vão tão bem como antes... Algo está mudando.

- Você está nervoso.

- Leu os jornais de hoje? Viu a tremenda repercussão que está tendo a queima de livros? Houve até alguns comentários menos nobres sobre a festa, nossa tradicional festa!

Filomena baixou a cabeça e disse:

- Acho que as pessoas estão enlouquecendo! Opor-se dessa forma à Igreja e às suas decisões...

- As coisas estão mudando, Filomena, as pessoas estão mudando. Estão pensando, refletindo, raciocinando...

- E que tem isso? Estamos fazendo o que é certo!

- Será?

-- Fernando, o que há com você?

- Não sei. Acho que erramos, Filomena, acho que estamos cometendo erros sobre erros. Sinto-me perdido e confuso... Já não tenho tanta certeza das decisões que tomei

nos últimos anos. Tantas coisas me atormentam... Inclusive nós...

- E sobre isso que vim conversar.

- E o que há para conversar?

LUCIUS / SANDRA CARNEIRO 309

- Nós precisamos colaborar com minha mãe uma vez mais.

- E o que é que dona Isabel quer desta vez?

- Ela só deseja nosso bem, como sempre.

- Será, Filomena? A mãe que induz a filha ao aborto quer mesmo o bem dela? Tenho refletido sobre isso às vezes. Você poderia ter morrido, Filomena! Como pudemos nos submeter?

- Era para nosso bem, Fernando, somente para o nosso bem. E foi bom. Veja, você tem sua vida, seguindo sua vocação. E eu tenho minha vida...

Filomena não pôde continuar.

- Vê? Você também não tem tanta convicção de que fizemos o melhor.

- Éramos muito jovens, Fernando, inexperientes. O que mais poderíamos fazer? Criar um grande escândalo na família? E a Igreja, o que haveria de fazer? Não, minha mãe estava certa, como está agora. Ela quer que Cíntia vá servir a Deus e à Igreja. E pede sua ajuda.

Fernando se levantou e, andando de um lado para outro, dizia:

- De jeito nenhum, desta vez não vou me envolver! Cíntia é que deve escolher. Não, de modo algum vou participar de mais uma mentira!

- Minha mãe quer seu auxílio para que meu pai possa convencer Ricardo a autorizar. Você tem de cooperar, Fernando.

- Não! Eu não vou colaborar com mais nenhum ato de autoritarismo de dona Isabel! Não vou! Já chega!

Sentando-se, tomou as mãos de Filomena entre as suas e disse:

- Não percebe, Filomena? Estamos nos tomando pessoas infelizes, tomando decisões sem amor, sem respeito, que estão nos levando à infelicidade... Não podemos continuar com

310 RENASCER. DA ESPERANÇA

isso, não podemos tomar outras pessoas infelizes também! Já chega o que fizemos a Emilie... Temos de parar com isso!

- Você pode até estar certo, mas não podemos fugir do nosso passado! E ele nos alcançou neste momento.

- O que quer dizer?
- Temos de ajudar minha mãe, Fernando, ou...
- Ou o quê?
- Ela vai tomar público nosso passado.
- Tia Isabel está blefando, Filomena, não percebe?
- Acho que não.
- Então acha que ela vai manchar a própria família?
- Embora seja minha mãe, ela é capaz de nos prejudicar, sim. É capaz de tudo para atingir seus objetivos. Não quero nem pensar em me indispor com minha mãe, Fernando.
- E ficaremos reféns dela pelo resto de nossas vidas? É isso que quer? Sempre que ela pretender algo, teremos de concordar ou então nossa vida será exposta? Qual é o tipo de vida que vamos ter, Filomena?

Fernando baixou a cabeça, buscando esconder as lágrimas, enquanto Filomena também chorava. Ele tocou as mãos da prima com ternura e disse:

- Filomena, que tipo de vida já temos? Não somos felizes... Como poderemos ser, da maneira como estamos agindo?
- Por favor, Fernando, você precisa colaborar... Não é muito, é só dizer que de vez em quando a menina tem comportamentos estranhos, como a mãe. É só isso. O que custa?
- Filomena, pelo amor de Deus, você não vê? Pelo que há de mais sagrado neste mundo, pelo amor que sentimos um pelo outro, não podemos continuar a mentir, a enganar!
- Não acha possível que ela seja parecida com a mãe?
- E se for, Filomena, e daí? Emília não nos fez nada. Filomena se levantou, completamente atordoada, e disse:

- Chega! Não quero ouvir mais nenhuma palavra! Emilie era uma ameaça, uma doente! Uma... uma... possuída! Fizemos o que devia ser feito, agimos corretamente.

Minha mãe sempre quis preservar nossa família! Ela quer o melhor para todos nós. Se não quer ajudar, está bem! Não poderei impedir a fúria de minha mãe! Ela é poderosa demais, você sabe! Não sei o que será de mim, e muito menos de você! Ela é influente junto à Igreja, e nem ousa imaginar as consequências disso para você...

- Estou confuso. Veja o que está ocorrendo agora, após a queima daqueles livros! As pessoas estão revoltadas. Fala-se do Espiritismo em toda parte, em todos os lugares.

É só disso que se fala, Filomena. Estou apreensivo. Acho que as coisas não saíram como esperávamos... Acho que nada está saindo como desejávamos. Precisamos repensar nossas atitudes...

Ela respirou fundo e considerou:

- Fernando, você está se deixando abalar e não está raciocinando com clareza. Nossa família apoia e serve à Igreja há séculos e continuaremos a fazê-lo, queira você ou não.

- Nós servimos à Igreja ou nos servimos dela, Filomena?

- Como assim? O que está dizendo?

- Mais nos servimos dela para nossos próprios objetivos do que servimos a ela com sinceridade.

- Não é verdade!

- Claro que é. E é isso que está acontecendo outra vez. Tia Isabel quer livrar-se de Cíntia para livrar-se de Emilie, porque não quer ninguém ameaçando o seus planos, seu domínio, e usa a Igreja. Usa, você entende?

Fernando, que segurava firmemente os ombros da prima, agora a sacudia com

o para fazê-la despertar.

- Não é verdade, não é verdade! - ela repetia.

- Você sabe que é, você sabe!

312 RENASCER DA ESPERANÇA

Filomena soltou-se do primo e correu para a saída; por um instante se virou dizendo, enquanto enxugava as lágrimas:

Você vai se arrepender, Fernando!

Sem esperar resposta, subiu na carruagem, que imediatamente partiu e desapareceu na estrada escura. Fernando não teve tempo de detê-la.

Lucius / SANDRA CARNEIRO

313

Capítulo
Trinta e três

Miguel acompanhou os amigos até a carruagem e ao se despedir disse a Emilie, com o carinho de um pai:

- Que Deus a abençoe, orientando suas decisões. Ficaremos sempre felizes em recebê-la. Envie-nos todas as mensagens que receber e as encaminharemos a Paris. Pelo teor das que já recebeu, é fácil constatar que um trabalho sério desponta de suas mãos.

- Como estou aprendendo, Miguel, sou apenas instrumento.

- Só que um instrumento precisa estar devidamente afinado e preparado. Pelo que percebo, as vicissitudes em sua vida foram parte dessa preparação.

- Sinto que o momento do trabalho se aproxima. Como disse antes, sei que

alguma tarefa me espera.

E suspirando finalizou:

- Não sei o que será de minha vida daqui para a frente. Tudo o que presenciei aqui, as convulsões que se intensificam, transformando pensamentos e atitudes, me fazem perceber que o mundo está mudando. Não é apenas minha vida

315

que está de cabeça para baixo; tudo à minha volta parece em mutação: verdades antes assumidas como absolutas são revistas; muitos passam a compreender melhor o que até então era considerado diabólico; são investigados fenômenos dos quais em período recente se acreditava que todos deveriam manter distância. Indiscutivelmente, o mundo está mudando...

Miguel sorriu, apreciando o amadurecimento da jovem que começava a entender com mais clareza as circunstâncias que marcavam aquele momento. Depois de dar um abraço carinhoso em Jairo, Miguel tirou do bolso algumas folhas de papel dobradas e as entregou ao amigo, dizendo:

- É uma mensagem de Lucrecia que recebi ontem à noite. Tem alguns recadinhos também para Emilie. Ela está bem, Jairo, e espera que continue sendo forte.

Após abraçá-lo outra vez, Jairo entrou na carruagem e Miguel disse, antes de se afastar:

- Caso precise de ajuda em relação às investigações ou a qualquer outra que sejam, não hesite em nos avisar. Estaremos aqui para o que for necessário.

Jairo sorriu, acenando para o amigo, que contemplava a carruagem a se distanciar. Quando não pôde mais divisá-lo, Jairo abriu os papéis que recebera e pôs-se a ler a singela carta que a esposa lhe enviara, rompendo, pelas mãos de Miguel, o muro que separava as duas dimensões da vida. Conforto e alegria o envolv

eram e seguiu
pela estrada sentindo na alma suave confiança.

Emilie, entretanto, não se sentia tão leve. Seus pensamentos se detinham nos últimos meses de sua vida e no quanto ela havia mudado; pensava na filha, no marido, nos pais e irmãos; lembrava-se de Lucrecia e se espantava com a força daquela mulher. Depois pensava no futuro e em como deveria conduzir sua vida: o que fazer, como resolver seus problemas. E assim, mergulhada nas

316 RENASCER DA ESPERANÇA

preocupações sobre o que lhe reservava o futuro, esteve pensativa e silenciosa por toda a viagem, que durou mais de oito horas.

Já era noite quando desceram da carruagem em Bilbao. Jairo pediu a Emilie que o aguardasse enquanto comprava os tiquetes para o último trecho da viagem. Ela procurou ocultarse dos transeuntes atrás da carruagem. Depois de algum tempo, começou a ficar inquieta; Jairo estava demorando demais. Ela foi ficando impaciente, porém sabia que deveria esperar sem se expor. De onde estava podia ver fotos suas estampadas em cartazes colados na parede externa do prédio no qual Jairo entrara para comprar os tiquetes. Finalmente, depois de longa espera, viu o amigo saindo em sua direção. Seu semblante era de apreensão e ansiedade. Antes que ela tivesse tempo de formular qualquer raciocínio, percebeu que logo atrás de Jairo vinha Pimentel, o delegado que investigava seu desaparecimento. Ela estremeceu e gelou, mas procurou manter a calma e o controle. Jairo aproximou-se devagar, tentando dar-lhe tempo para se preparar. Assim que chegou bem perto, Pimentel afirmou:

- Muito bem, moço, terá de prosseguir a viagem sozinho. Seu tio vai ficar de tido. Eu avisei que não se ausentasse da cidade. Tivemos solicitação para acelerar as investigações e Jairo é nossa principal testemunha, desde que sua esposa morreu. Encarregaram-me de interrogá-lo outra vez, surgiram novas questões, e ele não estava.

Assim, tenho ordem de prendê-lo; deverá permanecer detido até a conclusão das investigações afinal, deu proteção a uma fugitiva assassina e desequilibrada.

Ouvindo o delegado falar dela daquela maneira, Emilie ameaçou responder, dando um passo à frente. Jairo, atento, impediu o que ela estava a ponto de fazer, segurando seu braço e dizendo:

-- Não se preocupe comigo, ficarei bem. Agora vá, cuide dos meus negócios enquanto estiver por aqui, pois para isto você veio: para ajudar-me com meu trabalho. Seu pai o

Lucius / SANDRA CARNEIRO 317

enviou para me auxiliar, e o que preciso agora é que cuide dos negócios por mim.

Tirando do bolso a carta que Miguel lhe entregara, colocou-a nas mãos de Emilie e acrescentou:

- Aqui está o que fomos buscar em Barcelona. Entregue ao Sandoval; ele está esperando para fecharmos os termos da negociação nos meses de alta produção.

Colocando a carta nas mãos de Emilie, Jairo as apertou com muita força, como a pedir calma e confiança, enquanto depositava nelas os tíquetes que acabara de comprar.

Emilie ficou paralisada vendo Pimentel e Jairo descerem a rua em direção à prisão. Teve o impulso de correr até o delegado e se entregar, revelando toda a verdade;

por outro lado, ainda sentia o aperto das mãos de Jairo nas suas como a orientá-la a nada fazer. Ela nem se deu conta do tempo que ficou ali parada, indelicada.

Mesmo depois de Pimentel e Jairo desaparecerem, ela continuou parada, sem ação. Só quando sentiu alguém tocá-la e falar com ela foi que despertou do entorpecimento.

Era o cocheiro da carruagem que a sacudia pelo braço.

- Moço, moço, a carruagem vai partir, vamos! Moço! Emilie acompanhou o homem, que guardou a pequena mala de Jairo e, assim que todos se acomodaram, partiu rumo à vila. Durante a curta viagem, ia angustiada, sem saber como deveria agir.

Ao descer da carruagem, próximo à encosta, Emilie ficou parada, observando o carro desaparecer. Virou-se então para a pequena trilha que dava na praia, e na casinha de Lucrecia. Sem saber o que fazer, sentou-se sob o céu estrelado e chorou sentida. Depois de algum tempo, enxugou as lágrimas e foi para o penhasco, onde meses antes Lucrecia a encontrara.

Aproximou-se da beira do penhasco, sentindo o vento gelado que vinha do oceano. Olhou o céu e o mar, bem como as

318 RENASCER DA ESPERANÇA

fracas luzes ao longe, na pequena vila de pescadores. Sentou-se e ficou a contemplar a beleza do cenário, oprimida pela situação, entristecida pela prisão de Jairo e sem saber o que fazer de sua vida. Entretanto, ali, diante da amplitude do céu e da beleza majestosa do mar, pensou na grandeza e na sabedoria infinitas de Deus.

Mais uma vez, tudo o que tinha vivido passou pela sua mente e ela baixou a cabeça; entre lágrimas, orou agradecendo ao Criador pela oportunidade da vida e pediu que a guiasse, como o fizera até aquele momento. Novas forças brotaram em seu coração e ela se deixou envolver por elas. Levantou-se resoluta e descendeu a trilha que levava à praia.

Ao chegar na cabana, Emilie sorriu, feliz em rever a casa de Lucrecia. Guardou as roupas que estavam na mala de Jairo e se deitou. Ao despertar pela manhã, sabia exatamente o que deveria fazer. Lá pelo meio do dia foi para a casa de Sara. Apesar das circunstâncias, reencontrar aqueles amigos foi uma grande alegria. Contou-lhes, em detalhes, tudo o que se passara em Barcelona, e como o que parecia um desastre se transformava em uma grande oportunidade para o avanço do Espi

ritismo. A noite
acompanhou a família à reunião de estudos, e ali narrou a todos o que presenciara em sua viagem, além de informá-los sobre a prisão de Jairo.

Ao se despedir dos amigos, Emilie abraçou-os com extremado carinho, especialmente Sara. Embora seu coração estivesse dolorido e seu ânimo abatido, a sensação de cumprimento do dever a mantinha firme para o que pretendia fazer.

Voltou para a pequena casa e adormeceu serenamente. Na manhã seguinte, antes mesmo que o sol raiasse, ela se levantou e com o Novo Testamento nas mãos, sentada diante da janela da cozinha, de onde podia ver o mar, leu, chorou e orou, pedindo a Deus proteção e alento para o que sabia que deveria fazer. Já não tinha dúvidas.
Enquanto orava, imensa alegria invadiu seu

Lucius / SANDRA CARNEIRO 319

coração deixando-a ainda mais determinada. Quando terminou, foi até o lugar onde guardava os livros e pegou O Livro dos Espíritos depois foi ao quarto e trocou a calça e a camisa masculinas que usava por um vestido, que pertencera a Lucrecia. Ajustou-o ao corpo, pois as medidas eram bem maiores do que as suas. Colocou por fim um pesado casaco e com os dois livros nas mãos saiu, trancando a porta. Apesar de agasalhada subiu a encosta com dificuldade, sentindo o forte vento a gelar-lhe os pés, as mãos, o rosto, o corpo inteiro. Percebeu que o ar parecia mais pesado, como se oferecesse resistência concreta à sua caminhada.

O frio se intensificava cada vez mais no outono. E aquela manhã estava particularmente gélida. Sem olhar para trás, Emilie chegou ao topo da encosta e aguardou pela carruagem que por ali passava regularmente e a levaria à província; a condução logo apareceu e a jovem partiu.

Ao se aproximar da cidade, Emilie tinha o coração descompassado. Reconhecia que não estava procedendo de modo racional, mas era compelida a obedecer ao sentimento

de dever para com Jairo e Lucrécia. Sabia que as conseqüências de sua decisão eram imprevisíveis, e ao mesmo tempo pensava que nada mais a deteria

O carro parou e a moça desceu devagar. Caminhando pela rua, notava os olhares curiosos sobre ela; lembrou-se do dia em que fugira do sanatório e for a alvo de igual curiosidade. Só que desta vez ajeitou de leve os curtos cabelos e, levantando a cabeça com determinação, mirou a rua que a levaria à cadeia e avançou com passos firmes.

À medida que se acercava do antigo prédio que abrigava a delegacia e a cadeia, mais acelerado batia seu coração. Observava a construção e de alguma forma lhe parecia conhecê-la, muito embora nunca tivesse posto os pés naquele

320 RENASCER DA ESPERANÇA

prédio. Mas a impressão de que já estivera ali crescia; era como se algo em sua mente despertasse enquanto caminhava na direção do prédio.

Diante da porta de entrada, parou. Sentia como se tivesse vivido tudo aquilo antes e soubesse exatamente o que aconteceria a seguir - inclusive quem seria a pessoa que a atenderia. Permanecia envolvida pelas emoções quando, subitamente, a porta se abriu. Pimentel assustou-se ao ver a jovem e indagou, reconhecendo-a como o sobrinho de Jairo:

- O que é isso? O que quer aqui? O que faz vestindo essas roupas?

Emilie, como se despertasse, entrou na delegacia dizendo:

- Preciso falar com o senhor, com licença.

Perplexo, Pimentel afastou-se para a jovem passar. Emilie entrou na sala e, olhando para o delegado, pediu:

- Se for possível, gostaria de ver Jairo, por favor. Pimentel a acompanhou cal

ado até a cela. Ao vê-la, Jairo

levantou-se e disse, em tom de reprovação:

- O que está fazendo aqui? Deveria estar cuidando do pescado!

Emilie sorriu, ignorando a reprimenda:

- Como está, Jairo? Eles estão cuidando bem de você?

- Estou bem, não tem com que se preocupar; volte e cuide de tudo!

O tom de voz era quase suplicante, porém Emilie estava decidida. Voltando-se para Pimentel, que observava sem nada entender, disse:

- Muito bem, senhor Pimentel, pode soltar Jairo.

- O que está acontecendo aqui? Você não era mudo? Alheia às perguntas de Pimentel, ela prosseguiu:

- Ele não precisa ficar na prisão. Não tem mais nada para responder, e o senhor nada mais tem a investigar. Aqui estou

Lucius / SANDRA CARNEIRO 321

eu, Emilie de Bourbon e Valença, à sua disposição para ser inquirida, conto que solte Jairo imediatamente.

Surpreso, Pimentel pegou o papel com a fotografia e olhando para a jovem à sua frente, disse:

- Emilie?

- Estou um pouco diferente, é verdade. Minha nova vida as novas responsabilidades e necessidades me obrigaram a mudar algumas coisas, mas sou eu mesma, pode ter certeza.

E permanecendo em pé, diante de Pimentel, aduziu:

- Solte Jairo e responderei a todas as suas perguntas. E mais, farei tudo o

que quiser para cooperar. Poderá dizer que foi o senhor que me descobriu e me prendeu.

Pimentel, compreendendo bem que Emilie falava sobre o dinheiro oferecido por ela sua captura ou por informações que levassem até ela, disse, procurando controlar o espanto:

- Por que está fazendo isso?

- Lucrécia salvou minha vida. Assim que melhorei, parti. Quando soube de sua morte, retomei preocupada com Jairo e me ofereci para ajudá-lo; é o mínimo que devo àqueles que se arriscaram tanto por minha causa e tanto me ensinaram. É meu dever e quero cumpri-lo.

E, estendendo os braços unidos na direção do delegado:

- Aqui estou. Quer algemar-me? Pareço perigosa, senhor?

- Não creio ser necessário algemá-la. Quanto a soltar Jairo... Ele deve responder por dar proteção a uma...

- Ele e Lucrécia não sabiam quem eu era; souberam apenas quando o médico me atendeu; logo em seguida parti sem lhes dar tempo de tomar qualquer atitude. São pessoas simples, estrangeiros... Se o soltar, delegado, vou cooperar em tudo.

Pimentel olhou para a jovem por alguns instantes tentando perscrutar-lhe as intenções. Ela o incentivou:

- Não acha que é uma boa troca?

322 RENASCER DA ESPERANÇA

pimentel refletiu andando pela sala e então, pegando na gaveta da mesa um molho de chaves, disse:

- Muito bem, vou soltá-lo; se você não cooperar, mando prendê-lo novamente.

Está combinado.

Jairo ouviu a conversa. Pimentel abriu a cela, dizendo:

- Pode ir, por ora está livre, mas insisto que não se ausente da cidade.

Emilie aproximou-se e disse:

- Poderei responder a todas as perguntas, delegado; deixe Jairo sossegado, por favor.

Jairo saiu da cela devagar e perguntou:

- Por que fez isso, Emilie?

Ela, abraçando-o carinhosamente, explicou:

- Chegou a hora. Não posso me ocultar para sempre e sinto que o momento da verdade é agora. Preciso esclarecer os fatos que me envolveram, para poder prosseguir.

Enquanto estiver escondida, não saberei exatamente para onde dirigir meus esforços, ao passo que estando livre, com tudo claro, fico preparada para retomar o controle

de meu próprio destino. Vocês me ajudaram muito, Jairo, e jamais poderei retribuir tanto carinho.

Jairo tinha os olhos marejados. Emilie pediu:

- Não se preocupe, querido irmão. A verdade haverá de triunfar! Hoje, mais do que nunca, acredito nisso! Deus estará me amparando. Estou pronta, acredite! Ajude-me orando por mim, mas não se entristeça. Dê-me a força de que eu necessito!

Sem poder discordar, Jairo apenas respondeu: - Que Deus a abençoe, Emilie!

Abraçaram-se mais uma vez, em despedida. Pimentel devolveu a Jairo seus poucos pertences e o acompanhou até a porta. Assim que ele saiu, o delegado se virou para

Emilie, que entrara na cela que o amigo acabara de desocupar e esperava

sentada na cama, serenamente. Ele trancou a porta, dizendo:

- vou informar a seus familiares que a encontrei. Quando voltar, quero que responda a algumas perguntas.

- Conforme disse, vou cooperar em tudo, delegado. Ainda mal podendo acreditar que tinha Emilie nas mãos, Pimentel adentrou o casarão e retomou com um auxiliar, que foi até a cela observar a jovem recém-chegada. Depois de dar algumas orientações, o delegado finalizou:

- Não deixe ninguém entrar aqui enquanto eu estiver fora, entendeu? Acho que todos ignoram sua presença aqui, e quero que permaneça em sigilo até minha volta. Só então vamos decidir se aguardamos os familiares ou se tomamos o fato público imediatamente. Antes de qualquer coisa quero conversar com a moça, para verificar até onde poderá me ajudar.

Pimentel saiu e o auxiliar se sentou na cadeira do delegado; em seguida andou de um lado a outro da sala. Sua curiosidade era enorme. Após alguns momentos de indecisão, acercou-se da cela. Emilie lia o Novo Testamento. Quando o viu, levantou a cabeça e o encarou. Ele chegou mais perto e por fim, vencido pela curiosidade, perguntou:

- É mesmo a tal Emilie de Bourbon e Valença? Não se parece com a foto que está por aí.

- É que cortei e tingi os cabelos; por isso estou mudada.

- Não é só isso... Seus olhos parecem diferentes dos da foto.

- Pessoalmente tudo fica diferente. Ele pensou por instantes e disse:

- Acho que sim. Por que se entregou?

- Quero minha vida de volta e não vou conseguir se continuar fugindo.

- Bom, moça, suponho que saiba o que a espera. Emilie refletiu um pouco e sorriu, dizendo:

- Acho que ninguém sabe claramente o que encontrará

324 RENASCER DA ESPERANÇA

no futuro, por isso estou confiante. Podem aparecer surpresas boas no caminho.

- E ruins também! Tem gente importante procurando pela senhora. Estão furiosos!

- Talvez estejam, mas saberão que tudo foi um grande engano e que tive meus motivos ao fugir. Aquele lugar em que me colocaram é terrível, sabe?

- Eu posso imaginar. Ninguém por aqui gosta de passar nem perto. Só que a sua fuga fez muita gente se prejudicar. Não sei como foi que consegui escapar. Ninguém consegue...

- Para o senhor ver como as coisas muitas vezes acontecem de maneira inesperada.

Balançando a cabeça em sinal afirmativo, o jovem afastou-se dizendo:

- É... vamos esperar... vamos ver...

Cerca de uma hora mais tarde, Pimentel voltou satisfeito. Depois de pendurar o chapéu e a capa, virou-se para o auxiliar:

- Pronto! Enviei um mensageiro a Barcelona. Creio que amanhã, no mais tardar, alguém da família estará aqui.

Enquanto o rapaz o observava em silêncio, Pimentel se ajeitou confortavelmente na cadeira e, pegando papel e pena, escreveu longo texto contando, a seu modo, como chegara até a fugitiva. Tão logo terminou, foi até a cela. Emilie continuava lendo. Ele entregou-lhe o papel, dizendo:

- É dessa forma que quero comunicar sua captura. Emilie leu o texto, depois sorriu ligeiramente e assentiu:

- Por mim, tudo bem. Não me importo com o que está afirmando, desde que não prejudique Jairo. Pelo que vejo o está isentando de qualquer responsabilidade. Por mim está ótimo. Sustento sua estória.

- Excelente. Assim, vamos nos dar muito bem. Depois passou a carta ao auxiliar e disse:

Lucius / SANDRA CARNEIRO 325

- Agora quero que vá até o jornal e entregue essas informações ao Lucas; ele está ansioso por uma grande matéria. Amanhã os principais jornais da região já terão a notícia. Vá, depressa!

O assistente de Pimentel saiu e ele então, abrindo a porta da cela, pediu a Emilie que o acompanhasse a outra sala:

- Venha, preciso muito conversar com você.

Emilie seguia pouco adiante do delegado. Entraram por um longo corredor e a moça começou a se sentir angustiada. Quando chegaram a imponente porta de madeira maciça, escura e pesada, Pimentel disse:

- É aqui.

Emilie, ao invés de abrir a porta, tocou a madeira com uma das mãos e falou:

- Que porta pesada! Parece-me tão familiar... Meu Deus... que vertigem... acho que vou...

Pimentel segurou-a, batendo de leve em seu rosto, mas ela desmaiou. Ele a carregou para dentro e acomodou-a em uma das grandes cadeiras, igualmente de madeira maciça, ao redor de uma mesa retangular. Pegou um jarro com água que havia sobre

a mesa e a despejou na cabeça de Emilie, que despertou assustada:

- O que... o que houve?

- Parece que desmaiou... Ou foi algum truque? Buscando se reequilibrar, Emilie retrucou:

- Não há truque algum, foi uma vertigem.

Seguiu-se prolongado silêncio. Por fim, Pimentel sentou-se à cabeceira da mesa e disse:

- Muito bem, quero que me conte tudo; tudo o que aconteceu desde que fugiu do sanatório, detalhe por detalhe.

Emilie pôs-se a narrar: suas experiências no sanatório; o jeito como fugira, andando a esmo pelas estreitas ruelas de

326 RENASCER DA ESPERANÇA

Bilbao; depois a tentativa de suicídio... Emocionou-se muito ao contar com o a voz da filha a salvara, sem se estender em pormenores, temerosa de que o delegado a julgasse insana. Queria estar no controle de si mesma, tanto quanto pudesse.

Quando ela terminou, após quase duas horas de relato, Pimentel levantou-se e caminhou de um lado a outro da sala; daí retomou, sentou-se e ordenou:

- De novo, tudo outra vez, com todos os detalhes.

- Mas acabei de narrar tudo, estou cansada...

- Quero ouvir outra vez.

Emilie respirou profundamente, buscando concentrar-se, e reiniciou a narrativa. Quase ao final da tarde, extenuada, concluiu pela segunda vez sua história. Pimentel pediu que servissem algo para comerem.

Enquanto comiam, Emilie examinava atentamente a sala sem janelas, escura e sombria, com uma pequena porta lateral. Afirmou então a Pimentel:

- Este lugar me parece familiar, apesar de nunca o ter visitado antes.

- Dizem que há fantasmas por aqui.

- Por quê? O que tem este lugar?

- Não sabe?

- Não.

- Era uma antiga prisão utilizada pela Igreja durante a Inquisição, para interrogar os acusados. Atrás daquela porta ficava a sala para onde eram levados os mais relutantes...

Emilie estremeceu ao compreender que, de algum modo e por alguma razão, ela conhecia muito bem aquele prédio.

LUCIUS I SANDRA CARNEIRO 327

Capítulo
Trinta e quatro

Terminada a leve refeição, Pimentel disse, saindo da mesa:

- Por hoje chega. Creio que a senhora cooperou bastante e agora tenho todas as informações de que necessito para finalizar meu relatório e entregar o caso amanhã.

Emilie olhou-o sem entender e ele acrescentou:

- O melhor a fazer é descansar. Amanhã será um dia agitado. Creio que seus parentes virão para levá-la. Certamente será um dia estafante.

Buscando controlar-se, mas sentindo o coração acelerado, Emilie quis saber:

- O senhor me interrogou duas vezes; esteve comigo durante todo o dia. Qual sua conclusão? Ainda acha que sou louca ou assassina?

Pimentel olhou-a e disse, sério:

- O que acho ou deixo de achar pouco importa. A família de seu marido é muito poderosa e conduz, junto ao poder público de Barcelona, extenso processo contra a senhora.

Minha função neste caso foi localizá-la, obedecendo a ordens de meus superiores hierárquicos. Sendo assim, minha opinião

329

sequer será ouvida. Cumprir as ordens e isso me será benéfico; infelizmente nada mais posso fazer, mesmo que o deseje.

- Seja como for, eu insisto, delegado. Qual é sua opinião pessoal? O que o senhor percebeu durante o tempo em que esteve comigo?

Sem responder, Pimentel puxou a cadeira de Emilie, ajudando-a a se levantar, acompanhou-a até a pesada porta e a seguiu rumo à cela. Emilie igualmente mantinha-se

calada, sentindo o coração oprimido e inquieto. Depois de fechar a cela quando já passava pela porta que separava a sua sala do corredor onde se alojavam os presos, disse:

- Não notei na senhora nada que a pudesse desabonar. Antes que Emilie tivesse condição de falar qualquer coisa, ele fechou a porta atrás de si.

Emilie sentiu-se envolvida por receios e dúvidas. Ainda que ouvisse os transeuntes na rua, à medida que a noite ia chegando maior se fazia o silêncio. Ela, então,

foi quase subjugada pelas pesadas sensações de medo e angústia. Temia pelo dia seguinte, pois sabia que ninguém a poderia amparar naquela hora. Seus amigos não teriam poder para livrá-la. Estava só. Percebeu que os antigos receios, inseguranças e ressentimentos começavam a querer dominá-la. Olhou, então, para o pequeno exemplar do Novo Testamento que repousava sobre a cama. Pegou-o e abriu-o ao ac

aso. Leu os três últimos capítulos do Evangelho segundo Lucas, que contam em pormenores o martírio de Jesus, nas mãos de seu próprio povo e nas dos romanos. Comovida, leu trecho que relata o momento de Sua morte e a gloriosa ressurreição. Fechou o livro e apertou-o contra o peito, suspirando fundo. Sentiu-se fortalecida ao pensar que o Mestre por excelência, o enviado de Deus, puro e pleno de amor, havia sofrido todo tipo de agressões e violências. Ele havia sido realmente injustiçado pela maldade humana. E a despeito de tudo tivera forças para

330 RENASCER DA ESPERANÇA

se manter confiante no Pai, suportando o sofrimento até o final e nos legando a maior de todas as lições. Se houvesse hesitado, se tivesse permitido que o medo e a dificuldade o impedissem de cumprir a missão para a qual fora enviado, a história humana seria outra.

Pensando em Jesus, Emilie se esticou na cama dura e desconfortável. Ajeitou-se o quanto pôde e, recordando as palavras de Pimentel sobre como seria o dia seguinte, procurou serenar as emoções e dormir. Aos poucos sua mente se acalmou e ela sentiu pesada sonolência. Estava quase adormecendo quando ouviu forte rumor de vozes que se aproximavam da cela. Eram gargalhadas estrondosas.

Emilie sentou-se na cama, ainda meio atordoada. Viu então figuras apavorantes junto à cela. Eram dois homens e duas mulheres, de aparência aterradora, vestidos com farrapos que lembravam trajes antigos. Um deles balançou a porta, como se quisesse entrar. Emilie, assustada, disse:

- A porta está trancada. Quem são vocês? Exibindo largo e tenebroso sorriso, a criatura zombou:

- Não seja idiota! Podemos entrar em quase todos os lugares. Se não conseguimos entrar em sua cela, não importa; continuaremos a nos divertir a meia distância. Já que você, estupidamente, facilitou, concluiremos mais depressa aquilo que

começamos.

- Quem são vocês? O que querem comigo? Horrorizada, Emilie se perguntava como pessoas naquelas condições haviam podido entrar no prédio; contudo, estava incapaz de raciocinar com clareza. Uma das mulheres disse:

- Como se sente de novo neste lugar, só que desta vez ocupando o outro lado, o de vítima? É terrível, não? Injustiçada, acusada de algo que não cometeu! Vê como é desesperador? Espero que sofra muito, muito mesmo! Pensa que se tomou

Lucius /SANDRA CARNEIRO 331

melhor por ter se associado a esses que dizem querer ajudar? Você não é como eles, nem de longe. Seus amigos! E muitos deles se julgam melhores do que de fato são.

De qualquer forma, não poderão ajudá-la! Não agora! Você está totalmente à nossa mercê! Finalmente faremos justiça!

Emilie, embora com os pensamentos vindo em avalanche e as emoções descontroladas, acabou por perceber o que acontecia e disse:

- Quem são vocês? Por que querem me destruir? São os espíritos que vêm me perseguindo há muito tempo, não?

Dessa vez foi a outra entidade feminina que respondeu:

- Será que enfim nos reconhece? Pensou que se escondendo nessa nova vida, nesse corpo, com esse jeito de boazinha, poderia livrar-se de nós? Sabemos muito bem quem você é e vai pagar pelos crimes que cometeu!

Emilie se calou e, num esforço imenso, pediu mentalmente a Deus que a ajudasse. Depois perguntou:

- O que querem de mim?

- Que pague pelo que fez: cada dor, cada sofrimento que causou, que pague

em dobro!

Sem esperar que a mulher terminasse, um dos homens disse:

- Gosta de sua cela? Ela é bem melhor do que os lugares aos quais enviava suas vítimas.

Emilie, em oração, pedia socorro a Deus. As quatro entidades continuavam com provocações e ameaças, dizendo como a fariam sofrer daquele momento em diante. Lançavam-lhe todo tipo de improperios e acusações, porém ela se mantinha quieta, fitando-os e orando em pensamento. Incomodado com seu silêncio, o mais agressivo disse:

- Pois bem, agora prefere calar? Não vai implorar por piedade e misericórdia, como fizemos?

- Só posso dizer-lhe que a justiça pertence a Deus, meu ir-

RENASCER DA ESPERANÇA 332

- respondeu Emilie, lembrando-se de algumas experiências que tivera, em seu núcleo de estudos, com espíritos vingativos.

- Justiça! Não ouse pronunciar essa palavra. Que entende você de justiça? Pois vai pagar! Você nunca se livrará de nós!

E virando-se para os outros, chamou:

- Vamos, temos de concluir nossos planos em relação a Cíntia.

Ao ouvir o nome da filha Emilie estremeceu e, sem possibilidade de se controlar, disse:

- O que querem com ela? É só uma menina. É a mim que querem destruir, não é?

- Dupla satisfação! Destruindo as duas temos a vingança completa!

- Não, por favor! Não façam mal a minha filhinha, por favor! Vendo-a suplicar, uma das mulheres disse:

- Até que enfim implora por piedade, nem que seja pela filha. Olhando para o que parecia liderar o grupo, aduziu:

- Acho que devemos incrementar nossos planos para com a menina. Isolá-la num convento é pouco... Pensemos em algo mais interessante...

Emilie caiu em pranto, não conseguindo mais se conter. Percebia o olhar de ódio e ressentimento naqueles espíritos e temeu pela filha, de quem não poderia cuidar.

Ao vê-la em desespero, o líder disse:

- Vamos, temos inúmeras providências a tomar.

E suas imagens se desfizerem diante dos olhos de Emilie, que, sentada na cama, chorava aflita. O guarda que ficava na outra sala entrou espantado:

- O que foi? Sente-se mal?

Emilie se limitou a menear a cabeça negativamente. Chorou oculto, na ânsia de compreender o que aquelas entidades lhe haviam dito. Sem ter noção exata das razões de tal perseguição, sa-

Lucius / SANDRA CARNEIRO 333

bia, pelos conhecimentos espíritas adquiridos, que as tristes criaturas lhe cobravam algo referente ao pretérito. Estava consciente disso e sentia a culpa brotar em sua alma. Mal podia encará-los não só pelo estado em que se apresentavam, como por ter contribuído para que chegassem a ele. E apenas repetia baixinho:

- Meu Deus, me ajude e me perdoe! Ampare-me nesta hora em que devo passar por esta prova! Sei que no passado agi contra Suas leis perfeitas e por isso agora me encontro nesta situação. Proteja-me, eu peço, dê-me forças...

Era quase dia quando por fim adormeceu.

Mal amanhecera e Filomena já descia a escadaria de mármore italiano. Andava ansiosa de um lado para outro, sabendo que tinha de falar com a mãe, dar-lhe uma resposta sobre o encontro com Fernando. Ela tentara evitar aquela conversa, mas a mãe insistia e cobrava uma definição, ameaçando-a e também ao primo. Filomena foi até a cozinha, o que raramente fazia, e disse, áspera:

- Sirvam-me já o café!

Voltou à mesa e sentou-se. Estava exausta e odiava a sobrinha que a colocara naquela situação. Sentia-se igualmente indignada com Emilie por ter se intrometido naquela família, onde não era bem recebida! Distraiu-se com os próprios receios e nem notou a serviçal que, postada ao seu lado, dizia:

- Senhora Filomena, o mensageiro. Senhora Filomena... Foi tirada de seus pensamentos pela voz de Isabel, que descia as escadas:

- Pelo amor de Deus, Filomena, acorde! Se queria dormir deveria ter ficado na cama! Olhe o mensageiro!

Filomena se levantou e arrancou a carta das mãos do rapaz. Ele disse:

334 RENASCER DA ESPERANÇA

Vim de Bilbao. Cheguei ontem à noite, com orientação de trazer a carta hoje e pela manhã. É urgente. Diz respeito à mulher desaparecida.

Quando Filomena ia abrir a carta, a mãe tirou-a de suas mãos e leu. Depois disse, sorrindo:

- Finalmente a acharam, esses incompetentes! Demoraram quase dez meses, e enfim a encontraram!

Olhando para o mensageiro, ordenou:

- Acompanhe-me. vou escrever a resposta e você a leva imediatamente. Quer o essa mulher na prisão! Desta vez, uma prisão de fato, e não um hospício

!

Foi até a biblioteca e redigiu breve carta, que entregou ao mensageiro. Ao sair, toparam com Ricardo, que ofegante perguntou:

- Ela foi localizada? Isabel respondeu:

- Está na cadeia, em Bilbao. Já escrevi uma carta ao delegado dando instruções. Creio que devemos ir com o delegado de Barcelona, responsável pelo caso; assim evitaremos qualquer inconveniente.

E olhando para o mensageiro, disse:

- Vá depressa! Quero que chegue antes de nós para preparar o caminho. E reforce para esse tal Pimentel que não quero uma palavra na imprensa. Se ele se antecipar, vai perder a recompensa - da qual, aliás, faz tanta questão. Agora vá!

O rapaz já ia sair quando Ricardo segurou-o pelo braço e perguntou:

Como ela está? Está bem? Está doente?

- Eu não a vi, senhor, ninguém a viu. O delegado trancou-a na cadeia, e por mais que pedíssemos não deixou ninguém se aproximar. Disse que a família não ia querer.

Esperto esse Pimentel - disse Filomena.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 335

- Vá depressa! - insistiu Isabel.

Ricardo, visivelmente alterado, soltou o braço do jovem que num instante se pôs a caminho. Depois sentou-se à mesa, desolado. Sentia as forças desaparecerem. A mãe terminou rápido o café e todos se dirigiram à biblioteca para definir o que fariam. Ricardo, sentado quieto, ouvia a opinião dos demais. Dom Felipe de seu parecer e Isabel foi taxativa:

- Devemos mandá-la para uma prisão de alta segurança, assim ela não conseguirá mais fugir.

Ao que Ricardo interveio:

- Mãe, ela não cometeu nenhum crime. Está doente! Como mandá-la para uma prisão comum?

- Ela não matou você e Cíntia por um triz. Não vamos começar tudo isso outra vez.

- Aceitei enviá-la para o sanatório porque lá poderia ter uma chance. Quanto a trancá-la numa prisão comum, não concordo!

- E se ela fugir de novo, Ricardo? O que faremos? E se atacar alguém no sanatório? Poderá piorar ainda mais a própria situação!

- Não importa, não concordarei! Ela não é criminosa, é somente uma pessoa desequilibrada!

- Ricardo, talvez sua mãe tenha razão - disse dom Felipe.

- Não, pai, não vou admitir que a prendam como uma assassina qualquer!

- Mas é o que ela é! - interferiu Filomena.

- Fique quieta, Filomena, não se meta em minha vida!

- Você pensa que é todo-poderoso, não é, Ricardo? Não sabe nem cuidar de sua vida, de sua família!

- Do que está falando?

- Escolheu uma mulher amaldiçoada para ser sua esposa; tem uma filha que também é mentalmente perturbada...

- O que foi que disse?

336 RENASCER DA ESPERANÇA

Filomena ergueu ainda mais o rosto e continuou:

- Isso mesmo que ouviu! Cíntia é como a mãe, tem alucinações e sofre crises de desequilíbrio. É igualmente amaldiçoada!

- Cale-se, Filomena, você não sabe o que está dizendo!

- Não me calo coisa nenhuma! Você acha que pode ter tudo o que quer, não é? Não segue regras, não acata normas, e não pensa no bem desta família. Pois não vai mais ser assim! Vamos mandá-la para o convento!

Filomena gritava, descontrolada. Ricardo estava a ponto de estapeá-la, quando Isabel interveio:

- Acalme-se, Filomena, e sente-se. Sei que você sofre tentando proteger nossa família.

E olhando para dom Felipe, disse:

- Bem, senhor meu marido, creio que o seu poder de chefe desta casa está sendo contestado. Prevejo momentos difíceis para nossa família, se sua autoridade não for respeitada.

Dom Felipe, vendo sua posição ameaçada diante da esposa, que sabia autoridade e enérgica, disse:

- Eu quero ver quem haverá de me desafiar! Sei o que é melhor para todos. Sou responsável inclusive pelo que acontece ao povo desta cidade. Nossa família sempre será referência de honra e de tradição. Iremos a Bilbao e veremos em que condição se encontra Emilie; dependendo de como estiver, seguirá direto para a prisão ou enviaremos de volta ao sanatório, com reforço da segurança. Quanto à menina, quero saber qual a prova de que ela é como a mãe.

- Foi Fernando quem me disse, papai, que ela tem atitudes estranhas, como a mãe. Eu mesma presenciei vários comportamentos esquisitos da menina. Acho que precisa de ajuda, e logo!

- Pois bem, ela irá para o convento.

-- Não, pai, por favor, não faça isso! - gritava Ricardo.

- Vai ser bom para ela, Ricardo. Ficar lá por um tempo e avaliaremos sua conduta: se melhorar, poderá sair; caso contrário, servirá à Igreja e estará protegida do mal que a ronda.

- Não, pai, por favor, ela é tudo o que me resta, não faça isso!

Dom Felipe levantou-se e, abrindo a porta da biblioteca sentenciou:

- Isabel, providencie que a menina seja levada ao convento imediatamente.

- Não, pai, por favor!

- Cale-se, Ricardo! Você já nos envergonhou bastante, trazendo inúmeros problemas para dentro desta casa! Agora tenha juízo e obedeça!

Ricardo, aflito, seguiu a mãe, na esperança de que ela o ajudasse a demover o pai da idéia. Filomena ficou na biblioteca e depois que todos saíram foi até a grande janela que dava para o jardim e sorriu, satisfeita e aliviada.

338 RENASCER. DA ESPERANÇA

Capítulo

Trinta e cinco

Para Emilie, extenuada pelas últimas emoções e pela noite maldormida, o dia se arrastava. Sentada na cama, aguardava ansiosa os fatos que seu retomo haveria de desencadear.

Pouco falara com o delegado, que logo pela manhã lhe trouxera o jornal, onde se estampava a fantástica atuação da polícia de Bilbao ao localizá-la. No final da tarde ele surgiu enfurecido, pela adentro:

- Seus familiares são gente realmente difícil!

- O que houve?

- Ameaçam-me de não receber a recompensa.... Sua sogra, foi ela que mandou o mensageiro me avisar... Veja só que covarde. Não quer nenhum noticiário! Quer tudo abafado...
Por quê?

- Acho que desejam preservar o nome da família de escândalos...

- Será? E por que permitiram que sua fotografia, seu nome e especialmente sua fuga tivessem ampla divulgação? Deve haver outra razão para que busquem ocultar seu regresso. Devem ter outros planos para você, Emilie, e acredito que não sejam nada bons.

339

Emilie suspirou:

- Deus é quem sabe, Pimentel! Só peço a Ele que me ajude, me dê forças para suportar.

Pimentel olhou-a intrigado:

- Não está com medo?

- Claro que estou! Não obstante, o que posso fazer? Reconheço que tudo que nos acontece é consequência de nossos atos. Assim, que Deus me ajude a ser forte e vencer as dificuldades que, provavelmente, eu mesma ocacionei.

- Como? O que você fez?

- Não sei ao certo. O que sei é que nossas atitudes mesquinhas, aparentemente sem consequências, vão somando ao nosso redor energias densas e atraem pessoas e situações em consonância com o que projetamos.

- Que teoria complicada é essa? Do que está falando? Emilie sustentou seu

lhar por alguns instantes; depois, sem vacilar, continuou:

- São muito amplos os novos conhecimentos que estão ao nosso alcance. Isso que lhe disse é apenas um aspecto da visão que os conceitos, as pesquisas e as experiências espíritas estão trazendo para nós.

Pimentel aproximou-se da cela e baixando o tom de voz, quase num sussurro, inquiriu:

- Conhece o Espiritismo? Já participou de alguma reunião das mesas girantes? Já falou com os mortos?

Emilie esboçou leve sorriso e disse:

- Essa é a impressão que todos têm: que ser espírita e talar com os mortos; que o Espiritismo é constituído de sessões mórbidas e as pessoas que a eles se associam são supersticiosas e ignorantes. Não é nada disso. Trata-se de conceitos baseados em fatos comprovados. A relação com o invisível se dá, sim, acontece o tempo todo; e todas as pessoas, acreditem ou não

340 RENASCER DA ESPERANÇA

estão em contato com os mortos!

Fazendo o sinal da cruz, Pimentel disse:

Deus nos livre!

- É verdade, delegado, estão sendo pesquisados e estudados centenas e centenas de casos, no mundo inteiro. Médiuns que nunca se encontraram, que vivem em países diferentes, recebem mensagens semelhantes tratando de temas complexos, sobre os quais eles mesmos não têm qualquer domínio ou sequer conhecimento. É impressionante! E muitos outros fatos estão sendo estudados por pessoas sérias - social, intelectual e moralmente.

- No entanto, o que a Igreja pensa dessa religião é terrível! Diz que é o demônio que se comunica através das pessoas.

- E acha que a Igreja poderia dizer outra coisa? Delegado, o Espiritismo busca, em essência, resgatar os valores cristãos, que a própria Igreja desvirtuou ao longo dos séculos. Descortina uma enormidade de explicações sobre as lutas, as dores e os sofrimentos que fazem parte da vida de todos nós. O maior valor desse novo conjunto de ensinamentos está em levar o homem de volta a Deus, de forma racional: não mais pelo medo ou pela imposição, e sim pela vontade consciente.

Pimentel ia fazer outra pergunta, interessado que estava no desenrolar da conversa, mas o auxiliar entrou esbaforido e disse:

- Chegaram! Eles estão aqui, em sua sala.

- Os parentes de Emilie? - perguntou o delegado.

- Eles mesmos.

- Quantos são?

- Acho que cinco. E foi difícil impedir a entrada de curiosos.

- Pois reforce a vigilância. Quero todos em segurança. Olhando para Emilie, perguntou:

Está preparada?

Ela respirou fundo e inclinou a cabeça afirmativamente. Sentia o coração muito acelerado dentro do peito, o ar lhe faltava

Lucius / SANDRA CARNEIRO 341

e quase não conseguia respirar. Então, lembrou-se de Lucrecia, com seu olhar meigo e terno, e súbita serenidade apossou-se dela. Quando o delegado saiu com o auxiliar,

ela procurou compor-se o mais que pôde. Penteou os cabelos curtos, arrumou o vestido e acomodou-se na cama, pedindo forças a Deus. Enquanto orava, divisou as entidades

que a haviam abordado na noite anterior. Vinham vorazes ao seu encontro, porém algo as impediu de continuar e se conservaram a distância. Emilie v

iu uma luz aproximar-se

e dentro dela desenhar-se o rosto amigo da avó, Heloise, que a tranqüilizou:

- Tenha fé, minha querida, confie. Você não está nem estará só. As lutas sempre serão árduas. É seu destino. Mas a vitória está em suas mãos.

Emilie, sentindo paz e confiança indescritíveis, ia responder quando a imagem se desfez diante dela. Pimentel abriu a porta, seguido dos familiares da jovem. O rosto de Ricardo foi o primeiro que viu. Depois Isabel, chispando ódio em sua direção. Em seguida o sogro e mais duas pessoas que ela não conhecia. Ao vê-la, Isabel disse logo:

- Não é à-toa que demoraram a encontrá-la. Agora entendo. Está ridiculamente irreconhecível. Que humilhante!

Emilie permaneceu calada, de corpo ereto e rosto sereno. Ao vê-la Ricardo sentiu o coração disparar. Achou-a ainda mais linda com os cabelos escuros e curtos. Conteve o ímpeto de entrar na cela e abraçá-la, mantendo aparente frieza. Dom Felipe aproximou-se da grade que os separava, olhou a jovem e virou-se para o delegado, dizendo:

- É ela. Aqui está sua recompensa e uma carta autorizando o delegado de Barcelona, Endo Garcia, a transferi-la.

Sem pegar a recompensa das mãos de dom Felipe, o delegado perguntou:

- Para onde será transferida?

342 RENASCER. DA ESPERANÇA

- Para onde acharmos mais adequado. Essa moça já nos deu bastante problema.

Ricardo adiantou-se e, fitando a esposa, disse:

- Vamos levá-la para outro sanatório, mais perto de Barcelona. É mais seguro e ela terá melhor tratamento. Há médicos competentes que poderão ajudá-

la.

- Compreendo - respondeu o delegado, agora se apossando da vultosa quantidade que dom Felipe passava às suas mãos.

Emilie continuava quieta, surpreendentemente calma. Ricardo a observava, esperando reação similar à que tivera quando fora levada à força para o sanatório. Contudo, ela nada dizia e aparentava tranqüilidade. Ele estava intrigado. Quando dom Felipe se afastou um pouco, para cuidar dos detalhes burocráticos da transferência, Ricardo achegou-se sutilmente à grade e disse baixinho:

- Você está bem?

- Estou, Ricardo, não se preocupe.

Emilie acompanhava tudo como se estivesse ausente do próprio corpo, como se assistisse a um episódio do qual não fosse a principal personagem.

Dom Felipe encerrou seus acertos com Pimentel, que abriu a cela para Endo Garcia, delegado de Barcelona que viera com a família. Junto estava também um médico, que pretendiam pudesse ajudá-los, sedando Emilie em caso de necessidade. Endo entrou e algemou a moça, que estendera os braços calmamente. O médico seguia tudo pelo lado de fora da cela. Ao notar a serenidade da nora, Isabel se enfureceu interiormente. Percebia que Emilie estava equilibrada e isso a incomodava ainda mais.

Quando o policial a convidou a acompanhá-lo, a jovem solicitou:

- Por favor, gostaria que o senhor levasse meus livros. Estão ali, na cama.

LUCIUS | SANDRA CARNEIRO 343

Endo Garcia pegou os livros e entregou-os a dom Felipe; depois voltou-se para ela:

- Vamos.

Emilie respirou fundo, buscando conservar a serenidade, e os seguiu com passos firmes. Ao saírem do prédio, uma multidão aguardava e dela vinham os brados:

- Herege!

- Assassina!
Endo gritou:

- Deixem-nos passar! Abram espaço!

O tumulto era grande. Os guardas de Pimentel fizeram um cordão de isolamento, possibilitando a passagem pela multidão. Ao se aproximar da carruagem blindada por grades de proteção, Emilie avistou rostos amigos: Jairo, Sara, seu marido e filhos, e todos os companheiros do núcleo espírita que freqüentava, bem como Miguel, todos estavam ali. Vendo-os, emocionou-se profundamente e as lágrimas lhe desceram pela face. Chegou à carruagem e a colocaram para dentro. Rapidamente os cavalos foram postos em marcha. Ela ainda pôde ver os amigos e reconheceu a voz de Miguel, gritando em meio à multidão:

- Emilie, faremos tudo o que pudermos para ajudá-la, você não está sozinha!

Conseguiu sorrir para eles, agradecida pelo gesto de solidariedade e apoio. A carruagem partiu depressa e sumiu na estrada que a levaria de volta a Barcelona.

Na mansão era grande a movimentação dos serviçais. O bispo de Barcelona viera pessoalmente informar Cíntia de que naquele dia seria levada para o imponente convento que ficava alguns quilômetros da cidade. As freiras que a levariam chegariam logo em seguida, e esperavam na biblioteca quando o

344 RENASCER DA ESPERANÇA

bispo desceu com a menina, que chorava angustiada. Ao ver Filomena ao pé d

a escada, ela gritou:

- Tia Filomena, me ajude! Por favor, não quero ir a lugar nenhum!

- Calma, é para seu próprio bem. Dom Antônio não explicou tudo? Você vai ficar lá por uns tempos, para estudar, preparar-se e ver se tem o chamado de Deus para servir à Santa Madre Igreja. É um privilégio!

- Mas eu não quero ser freira, tia!

- É ainda muito jovem para saber o que é melhor para você. Não gosta de ajudar outras pessoas, como faz seu primo Fernando?

- Gosto - assentiu a garota, enxugando as lágrimas.

- Então poderá ajudar as freiras e um dia, quem sabe, até mesmo ter seu próprio orfanato.

Cíntia calou-se. Puxada pelas mãos do bispo, foi quase arrastada para a biblioteca. Alguns dos servidores mais antigos da casa, que nutriam simpatia por ela, observavam penalizados. Filomena foi também até a biblioteca e ao entrar fechou a porta. Dom Antônio apresentou Cíntia à madre superiora:

-- Aqui está a menina. Precisa ser educada com rigor, e cuidadosamente vigiada, para que não venha a ter problemas iguais aos da mãe.

Cíntia ouvia com os olhos cheios de lágrimas e o coração apertado. Queria fugir, correr dali, mas estava presa.

A madre superiora passou a mão pela sua cabeça enquanto garantia:

- Não se preocupe, Eminência, faremos o melhor. tem sido encaminhadas a nós nos últimos anos, com problemas semelhantes. Sabemos como conduzir situações como essa. Fique tranqüilo. Além do mais, a família merece toda a consideração.

Pegou então as mãos da menina, que relutava, suplicante:

- Não quero ir! Não quero ir! Por favor, tia, me ajude!

- Já disse que é para o seu bem, Cíntia! Você é impertinente! Todos aqui estamos tentando lhe dar ajuda, e parece que não quer recebê-la!

A madre procurou explicar:

- Esses casos são assim mesmo. Quanto mais relutam, mais estão sob as forças malignas, precisando de cuidados! Vamos, irmãs. Quanto antes partirmos, mais depressa essa menina será socorrida!

E agarrando as mãos de Cíntia começou a puxá-la em direção à porta da biblioteca. Ela relutava. Enrijeceu o corpo e a madre a levava com dificuldade. O bispo foi em seu auxílio e os dois, segurando um em cada mão, arrastaram a menina para fora.

Ao sair, Cíntia viu o primo, que pálido e estático assistia à cena, sem dizer nada. Ela gritou:

- Tio Fernando, me ajude! Não quero ir, por favor! Eu não quero! Por favor, me ajude!

Fernando permanecia paralisado, e a menina continuava:

- Faça alguma coisa, tio Fernando, por favor! Eu não quero ir! Eu quero meu pai!

A madre superiora e o bispo, insensíveis à resistência e à aflição da menina, arrastaram-na até a carruagem e a puseram dentro dela, com três freiras a segurá-la.

Com a situação sob controle, o bispo despediu-se das freiras e retomou à casa. Fernando, na porta, não sabia o que fazer.

Dom Antônio dirigiu-se a Filomena:

- Está feito. Diga a dom Felipe e especialmente a dona Isabel que seu pedido foi atendido. A menina receberá a proteção de que necessita. Embora esteja nervosa agora,

haverá de se adaptar à disciplina do convento.

346 RENASCER DA ESPERANÇA

Depois de se despedir de Filomena, virou-se para Fernando e disse, estendendo a mão:

- Venha ver-me assim que puder. O Novo Mundo precisa de missionários!

Fernando beijou-lhe a mão e disse:

- Sim, Eminência.

O jovem ficou-se mudo à entrada da mansão até a carruagem do bispo desaparecer. Sentia-se fraco, desolado. Os gritos de Cíntia ecoavam em sua mente e dilaceravam seu coração. Filomena estava ao seu lado. Ele, então, virou-se para ela e perguntou:

- O que foi que aconteceu, Filomena? Como convenceram Ricardo a fazer uma barbaridade dessas?

- Ricardo pouco tem a ver com isso. Foi impotente em impedir minha mãe de fazer o que era necessário.

E notando o olhar triste do primo, disse:

- Ela vai ficar bem, Fernando; está assustada, mas ficará bem.

- Você não compreende, não é? Nada lhe importa além de você mesma. Não enxerga nada, ninguém!

- Ora, Fernando, não é verdade - ela tocava suavemente as mãos do primo, que as puxou dizendo:

- Nem a mim você respeita, não se importa com o que penso nem com o que sinto. Nunca se importou! Você só pensa em satisfazer suas vontades, exatamente como sua mãe!

- Fernando, está me ofendendo!

- Por que fizeram isso com a menina? Diga!

- Você sabe muito bem. Eu tinha de tomar alguma atitude, do contrário nós dois iríamos sofrer as conseqüências. E temos muito mais a perder do que ela, que é somente uma criança.

- Cíntia é uma criança adorável, sensível e amorosa. Ela é a filha que eu gostaria de ter tido e não pude. Vê-la sofrer me entristece e atormenta. Não vou admitir!

Lucius / SANDRA CARNEIRO 347

Filomena encarou o primo com desdém e rebateu:

- E o que acha que pode fazer? Agora que o bispo assumiu diretamente a condução da questão, o caso fugiu da sua alçada. Nada mais lhe resta, a não ser me agradecer por poder continuar tranqüilo, tendo sua vida e seus planos preservados.

Fernando olhou demoradamente para a prima, depois disse, descendo as escadas:

- Vou pensar em algo. Não suporto ver a menina sofrendo assim. Não é justo!

- Afinal, o que veio fazer aqui? - perguntou Filomena, ao vê-lo sair.

- Saber notícias sobre a mãe da Cíntia, mas isso já não é importante.

- Ela foi encontrada e está a caminho da prisão - gritou a prima dessa vez.

Fernando não lhe deu mais atenção. Desceu as escadas e em passos rápidos desapareceu na trilha que levava à paróquia.

Ao perceber que não respondeu, Filomena entrou resmungando:

- Tolo!

Capítulo
Trinta e seis

Após a partida de Emilie, seus amigos se reuniram na casa de Sara, onde o ambiente era de preocupação; Jairo, em especial, mostrava-se triste e pensativo. Miguel procurou encorajá-lo:

- Vamos, Jairo, o que é isso? Anime-se!

- Não compreendo... Essa moça apareceu do nada, pondo minha vida de cabeça para baixo; ainda assim, aos poucos fui aceitando, sobretudo porque Lucrécia via algo de especial nela e até o último momento de vida me fez prometer que a apoiaria. Eu mesmo comecei a notar a transformação que se operou nela. Não há dúvida de que os princípios espíritas tiveram profundo impacto em suas atitudes, de tal maneira que ela se entregou à polícia por minha causa, depois de ter fugido em desespero. Contudo, não entendo o significado de tudo isso. Agora Emilie está de volta ao ponto de partida, ou seja, está presa outra vez. O que será de sua vida daqui por diante, Miguel?

Colocando a mão no ombro do amigo, Miguel respondeu:

- Vamos nos empenhar em ajudá-la. Contratei um advogado muito competente que a defenderá. Já começou a estudar o caso e creio que em breve me trará notícias sobre a situação no

tocante aos aspectos legais. Acima de tudo, porém, precisamos continuar o nosso trabalho e confiando em Deus. E não concordo com você, Jairo, quando diz que ela voltou ao

ponto de partida. Ela mudou, está diferente! E isso, por si só, altera toda a situação.

- Será que não errou ao se entregar? E se essa decisão tiver sido uma precipitação da parte dela?

- Não se angustie assim, Jairo. Confiemos em Deus. Lembre-se de nossa mais recente experiência, com a queima de livros! Pensávamos que poderia impedir o crescimento do Espiritismo, e veja o que de fato está havendo!

Sara, então, aproximou-se de Miguel e perguntou:

- O caso continua repercutindo a nosso favor?

- Cada vez mais. Os jornais ainda o noticiam; periódicos da França também mencionaram o ocorrido. A intolerância vem sendo combatida e reprovada. Poucos dias depois

do que aconteceu, em nosso grupo de estudos já dobrara o número de interessados em entender melhor do que trata o Espiritismo; tenho contato com outros grupos onde

o mesmo efeito se verifica. As repercussões são sentidas até na França. Nosso amigo livreiro nos disse que recebeu informações de que também lá os grupos de estudos

cresceram, e assegurou que nunca houve tantas encomendas de livros espíritas. Parece que todos querem saber o que havia nas obras queimadas. Creio que aqueles que

se deixaram dominar pela intolerância não contaram com a curiosidade das pessoas, nem com a divulgação gratuita e em grande escala que tínhamos a partir do evento.

Eles nos prestaram um grande serviço. Por isso, Jairo, devemos orar por Emília e esperar pelos acontecimentos. Os enviados de Deus, que nos orientam e auxiliam,

usam em nosso favor até o mal que supostos inimigos nos desejem fazer. Portanto, aguardemos com confiança em nossos instrutores espirituais. E vamos agir com inteligência, utilizando

350 RENASCER DA ESPERANÇA

todos os recursos disponíveis para dar conta da parte que nos cabe.

Enlaçando o amigo em forte abraço, completou: - Anime-se, Jairo, e lembre-se de que ela não está sozinha! Mais aliviado, Jairo sorriu e deixou-se envolver pela ternura dos amigos. Miguel permaneceu com eles até o fim do dia, e participou do grupo de estudos naquela noite. Na manhã seguinte, partiu para Barcelona com o firme propósito de ajudar Emilie.

A jovem estava sentada à beira da alta janela, por onde entrava o pouco de claridade que iluminava parcamente o pequeno quarto. Ela se sentia asfixiada, oprimida naquele ambiente.

A porta se abriu e o médico que a trouxera entrou, junto com um enfermeiro, perguntando:

- Como passou de ontem?

- Dentro do possível nestas circunstâncias, passei bem
- foi a resposta.

- Teve algum tipo de dificuldade para conciliar o sono?

- Muita dificuldade... Por fim, consegui cochilar e descansar um pouco.

- Sente-se fraca ou cansada agora?

- Não se preocupe, doutor, estou perfeitamente bem; dentro do possível, como já disse. É claro que me sinto triste e machucada com tudo o que está acontecendo, mas vou superar.

O médico, com sorriso irônico, concordou:

- Certamente que vai.

Em seguida determinou ao enfermeiro que aplicasse na paciente uma injeção calmante. Ao sair do quarto, informou:

- Seu antigo médico está aqui e quer vê-la,

Emilie não respondeu. Depois que o enfermeiro deixou o quarto, levantou-se e, tomou um pouco de água e voltou a se

Lucius / SANDRA CARNEIRO 351

sentar. Não a alimentavam desde que chegara. Emilie fitou a marca deixada pela agulha em seu braço e lágrimas se formaram em seus olhos. Ela sabia que outra vez tentariam enfraquecê-la, para acentuar seu desequilíbrio. Sem comida e tomando calmantes, ela ficaria mais e mais amortecida.

A porta se abriu novamente e Francisco entrou. Emilie não perdeu a serenidade; sentada à beira da janela, saudou:

- Como vai, doutor? Não me surpreendo em vê-lo. Na realidade já o esperava.

O médico se colocou bem perto de Emilie, que o olhava com firmeza; acariciou-lhe os cabelos, o rosto, e depois disse, quase sussurrando:

- O que fez com seus lindos cabelos?

- Não gosta deles escuros? Eu gostei, acho que me fazem parecer menos frágil.

Afastando-se ligeiramente, ele concordou:

- De fato, parece menos frágil. Vejo que sarou completamente da pneumonia. Você quase morreu, sabia disso?

- Obrigada por ter cuidado de mim naquela ocasião. Francisco, então, segurou suas mãos e disse:

- Tive saudade, Emilie, muita saudade. Continuo interessado em ajudá-la.

Levando as mãos de Emilie aos lábios, beijou-as várias vezes. Depois continuou:

- Só insisto que você precisa cooperar.

- Afinal, Francisco, o que você quer?

- O mesmo de antes: quero você.

Emilie se ergueu, caminhou até a mesa, tomou mais um pouco de água e, voltando-se para o médico, disse:

- Você me auxiliou em um momento grave, e serei sempre agradecida, mas nada mudou em meus sentimentos, Francisco. Apesar de tudo, ainda amo meu marido.

352 RENASCER DA ESPERANÇA

O médico se aproximou de novo, quase encostando seu rosto no dela, e provocou:

-- Onde está seu marido agora? Já a abandonou uma vez e está repetindo isso. De que adianta sua dedicação a ele? E inútil! Ricardo não retribui seu amor...

- Não importa, Francisco, meu coração ainda é dele. Embora me sinta realmente magoada com tudo o que houve, continuo tentando compreender as razões de meu marido,

Emilie se afastou do médico e voltou para junto da janela. Francisco se irritou, dizendo rispidamente:

- Persiste em relutar, não é? Poderíamos desfrutar momentos inesquecíveis.. Eu a ajudaria nesta clínica, com os médicos, atenuando as orientações que eles têm da parte de sua família. Poderia forçá-los a alimentá-la melhor, a levá-la para tomar sol. Você vai definhar aqui dentro, Emilie, até morrer. Não se iluda, sentindo-se forte. Sei que está diferente, contaram-me que está mais controlada e vejo que é verdade. Todavia, não se iluda: essa força não vai resistir por muito tempo. Em breve, sem comida e com a medicação, ficará debilitada. E aí, minha querida, não vai adiantar me pedir ajuda. Estou aqui me oferecendo para auxiliá-la. Se me recusar, será a última vez, e não mais serei piedoso.

Emilie ergueu os olhos, fitando-o, e disse intrépida:

- Como já disse, Francisco, serei eternamente grata por ter me assistido. Se em você talvez não estivesse aqui agora, mas nada tenho a lhe oferecer além de amizade, justamente como antes. Sinto muito.

O médico olhou para ela com desdém e disse:

- Não tanto quanto sentirá mais tarde.

Em seguida se levantou e saiu, sem olhar para trás. Emilie deitou-se na cama e, chorando, pediu a Deus que a amparasse, dando-lhe a força necessária para que fosse capaz de suportar tudo o que ainda estava por vir.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 353

Capítulo Trinta e sete

Na mansão, Fernando subiu as escadas a passos rápidos, erguendo levemente a batina para não atrapalhar. Assim que entrou, cumprimentou lacônico a prima e a tia e indagou:

- Onde está Ricardo? Preciso falar com ele. Foi Filomena quem respondeu:

- Calma, sente-se conosco e tome o dêsjum. Papai e Ricardo estão conversando na biblioteca e creio que vão demorar.

- Não, obrigado. Vou aguardar no jardim. Filomena segurou o primo, dizendo:

- Acalme-se, Fernando, o que você tem? Isabel se levantou, olhou-o fixamente e disse:

- Sábia sua decisão de nos apoiar com o caso de Cíntia; muito inteligente.

E afastou-se sem que o sobrinho pudesse fazer a pergunta que lhe vinha à mente. Ele então a transferiu para Filomena:

- Do que ela está falando? Eu não apoiei coisa alguma! O que você aprontou, desta vez?

- Absolutamente nada. Fiz apenas o que é certo. Não precisamos prejudicar nossa vida por causa da menina. Ela é

355

muito jovem e, de qualquer modo, acho que a situação é temporária. Ricardo não permitirá que se tome freira.

Enquanto ela falava, indignado Fernando ouvia vagamente a discussão entre Ricardo e o pai, vinda da biblioteca. O jovem padre andava de um lado para outro, sem dar muita atenção à prima. Finalmente Ricardo saiu da biblioteca, abatido. Passou por Fernando e mal o cumprimentou; subiu depressa, sem olhar para os lados.

Fernando se apressou em entrar na biblioteca para conversar com o tio. Antes que o fizesse, Filomena segurou-lhe o braço com força e alertou:

- Não me contradiga, ou mais tarde se arrependerá muito. Aturdido pela ameaça, Fernando entrou. O tio estava de saída e, quando o viu, disse:

- É bom que tenha vindo, Fernando. Quero que entregue estes livros a dom Antônio, logo que o vir. Eles estavam com Emilie, na hora em que foi presa. Um deles é um Novo Testamento e parece inofensivo. Mas este - ergueu-o e mostrou a capa ao padre - é um dos que foram queimados. Quero que o entregue ao bispo; ele saberá o que fazer. Além do mais, parece que as nossas suspeitas sobre Emilie se confir-

mam. Está mesmo desequilibrada e envolvida com essa seita...

Fernando pegou os livros e ainda tentou deter o tio:

- Preciso falar com o senhor sobre Cíntia...

Dom Felipe, entretanto, já passando pela porta da biblioteca, foi taxativo:

- Esse assunto está encerrado nesta casa. Acabei de ter a última discussão sobre ele com Ricardo, e não quero mais falar nisso. Agora preciso ir, importantes compromissos me aguardam.

Fernando, carregando os livros, saiu da casa aborrecido e voltou para a paróquia. Lá chegando, foi direto para o quarto e se trancou. Sentou-se na cama com a cabeça entre as mãos,

356 RENASCER DA ESPERANÇA

angustiado, quase desesperado, por não saber de que maneira defender Cíntia.

Aturdido, levantou-se e andou de um lado para outro. O Livro dos Espíritos estava sobre a mesa e o atraía. Procurava afastar a atenção dele e se concentrar no problema que queria resolver.

Depois de algum tempo, esgotado, sentou-se outra vez na cama, olhou demoradamente para o livro e não se conteve: folheou-o, entre temeroso e curioso. Acabou por abri-lo no início e, cedendo ao impulso, pôs-se a ler a introdução. A medida que avançava na leitura, impressionava-se com a lucidez dos pensamentos ali expressos.

Passou o dia trancado no quarto. Ao final da tarde, o auxiliar dos serviços da igreja bateu à porta:

- Padre Fernando, está quase na hora da missa. Sobressaltado, ele ergueu a cabeça e custou um pouco a responder:

- Estou quase pronto.

Após celebrar a missa e cumprimentar os fiéis, o que fez com muita dificuldade naquele dia, Fernando se trancou novamente no quarto e mergulhou no livro até altas horas. Foi só quando percebeu o cantar dos primeiros pássaros que o fechou e se deitou. Sentia-se encantado com o que acabara de ler. Entregou-se à meditação e por fim adormeceu. Logo que amanheceu, ele já estava acordado e retomava a leitura.

Assim continuou ao longo de quase duas semanas. Dividia-se entre o livro, as preocupações sobre o que fazer com a situação de Cíntia e a celebração das missas para as quais estava escalado. Naquele período, passou a fugir cada vez mais de suas obrigações. Rezava tão-somente as missas que não conseguia transferir para o encarregado da paróquia e não aceitou entrar no confessionário uma única vez. Na verdade, fugia dos fiéis.

O pároco, estranhando o comportamento do rapaz, questionou:

Lucius / SANDRA CARNEIRO 357

- Afinal, Fernando, o que acontece? Você está distante meu filho; o que o incomoda?

- Estou preocupado com Cíntia.

- Ela está sob o amparo da Igreja e não há melhor lugar para uma jovem com os problemas que ela tem.

- A que problemas se refere, padre?

- Ora, Fernando, a mãe foi enfim reconduzida ao sanatório, e não parece estar melhorando. A menina não pode se aproximar dela. Acho que a família tomou uma sábia decisão.

Fernando suspirou, concluindo que não seria entendido pelo eminente repres

entante da Igreja. Quando fez menção de se afastar, o padre o seguiu e disse:

- Por que fica tanto em seu quarto, meu filho? O que tem você?

- Estou estudando, padre. Precisamos estudar para melhor servir a Deus, não é?

Desvencilhando-se do padre, Fernando voltou a se trancar no quarto. Estava terminando de ler O Livro dos Espíritos e vinha absorvendo o conteúdo da Doutrina Espírita com clareza extraordinária. Tudo nela fazia sentido e lhe trazia a compreensão de muitas coisas que sempre questionara inutilmente em seus estudos teológicos. Ali, naquele livro, as respostas às suas maiores e mais profundas dúvidas existenciais pareciam saltar-lhe aos olhos e aliviar seu coração.

Apesar de sentir que novo horizonte se abria ao seu entendimento, Fernando estava ciente de que teria problemas sérios a enfrentar. Como poderia aceitar aqueles princípios e continuar sendo padre? Já não teria cabimento. Percebeu que na verdade jamais tivera: ele nunca desejara ser padre, apenas se sujeitara à pressão da família. Essa e muitas outras reflexões o entretinham naquela manhã, quando o padre Enrico o chamou para uma conversa.

358 RENASCER DA ESPERANÇA

- Fernando, o bispo quer vê-lo ainda hoje. -- Hoje? Mas o que é tão urgente?

-- Vou adiantar-lhe para que se prepare. Ele tem sua nomeação para a viagem às Américas e quer vê-lo sem demora.

Fernando sentiu o sangue sumir-lhe do rosto e o coração bater descompassado. O pároco, percebendo a surpresa do rapaz, tocou em seu ombro de leve, dizendo:

- É melhor se distanciar um pouco daqui, para o seu próprio bem.

Fernando andava apressado pela rua, dirigindo-se à catedral. Trazia o coração pesado e a mente agitada, à procura do caminho certo a trilhar. Sentia-se

confuso,
indeciso: já não podia prosseguir na vida que antes escolhera, porém não sabia o que seria melhor.

Diante da imensa catedral, Fernando deteve os passos. Contemplou demoradamente a construção majestosa, a cúpula que apontava em direção aos céus. Elevou então os olhos ao firmamento e pela primeira vez pensou em Deus como um ser verdadeiro, um pai generoso e bom. Baixou o olhar e observou a enorme cruz da fachada. Mentalizou a imagem de Jesus e seu coração se encheu de ternura; o Mestre nazareno nunca lhe parecera tão real e tão próximo. Até pouco tempo atrás, Jesus era para ele alguém distante, santo e inatingível; agora o sentia muito perto e percebia que efetivamente o amava. Seus olhos encheram-se de lágrimas e ele considerou que, a despeito de estar ainda perdido e confuso, encontrara Jesus de uma nova maneira, e aquele Jesus enchia seu coração de esperança. "Ele é o caminho que devo seguir!" - pensou, afinal.

De repente, foi como se tudo se encaixasse em sua vida. Ele não conseguia compreender os seus sentimentos, nem sa-

Lucius / SANDRA CARNEIRO 359

bia ao certo o que faria, e no entanto se descobriu inexplicavelmente confiante. Ergueu os ombros e, determinado, entrou na catedral à procura do bispo.

Dom Antônio recebeu-o em sua sala:

- Entre e feche a porta, Fernando.

O jovem se ajeitou na cadeira, sentindo desconforto diante da autoridade máxima da Igreja em Barcelona. Dom Antônio terminou o que escrevia, descançou a pena e olhou diretamente para Fernando, dizendo:

- Muito bem, é chegada a hora. Acho que não devemos adiar mais sua missão nas Américas. O novo continente precisa ser evangelizado e temos de fazê-lo com o máximo empenho.

Estendendo para ele um envelope fechado, continuou:

- Aqui tem as orientações: a quem deverá procurar tão logo esteja no Rio de Janeiro e suas primeiras obrigações e responsabilidades.

Fernando abriu o envelope devagar, leu todas as páginas da carta e, quando acabou, dobrou-as novamente e recolocou-as no envelope. Depois, encarando o bispo, que se mantivera calado a observá-lo, pousou o envelope sobre a mesa e disse:

- Dom Antônio, não creio que tenha realmente uma missão a ser desempenhada no Brasil. Sinto que devo continuar aqui e prosseguir com meu trabalho no orfanato. É lá o meu lugar.

- Padre Fernando, acho que não entendeu: a questão não está em discussão. Não estou aqui perguntando sua opinião. É uma ordem, e sabe que deve obedecê-la.

Fernando se levantou lentamente e respondeu:

- Não, dom Antônio, não acho que deva obedecê-la. Não mais. Até hoje fiz tudo aquilo que a Igreja me ordenou. Obedeci a todas as orientações recebidas, mesmo quando delas discordava. Busquei respeitar e defender os interesses da

360 RENASCER DA ESPERANÇA

Igreja, crendo que assim defendia os interesses de Deus na terra. Agora percebo que me enganei.

- Do que está falando?

- Vou prosseguir meu caminho, dom Antônio, só que o farei a meu modo.

E retirando a batina que lhe cobria todo o corpo, Fernando a depôs na cadeira e declarou:

- A partir de hoje, dom Antônio, não estou mais a serviço da Igreja.
- Você não sabe o que está fazendo, rapaz! Vai negar seus votos?
- Aqueles que fiz à Igreja, sim; não aqueles que fiz a Deus. vou continuar a servi-lo, encontrando uma outra forma de fazê-lo.
- Está cometendo um grave erro. Seus familiares nunca aceitarão! Ninguém em sua família jamais deixou o compromisso com a Igreja. Você sofrerá as conseqüências de seu ato.
- É possível, dom Antônio.
- Vai arrepender-se. Pegue a carta, recoloque sua batina, e eu me esforça rei para esquecer o que ouvi. Vamos, ninguém mais escutou, esqueçamos toda essa bobagem!
- Não posso, dom Antônio, não vou continuar mentindo aos outros e a mim mesmo.
- Mentindo?
- Sim, tudo tem sido mentira: a conduta de minha família e minha vocação, que nunca existiu. Além disso, há certos dogmas da Igreja com os quais não posso mais concordar...

O bispo ergueu-se enfurecido e gritou:

- Pois saia imediatamente! Não quero ouvir mais nada! Heresia! Blasfêmia! Vergonha! Você é uma vergonha para sua família! Desapareça da minha frente ou não sei o que farei com você! Anátema!

Lucius / SANDRA CARNEIRO 361

Capítulo
trinta e oito

Na paróquia, padre Enrico esperava por Fernando. Assim que o viu entrar, indagou:

- E então? Quando pretende partir?

- Hoje mesmo, padre.

- Hoje? Por que tão depressa? - e notando que o jovem estava sem a batina

- O que aconteceu com sua batina?

Fernando, a caminho do quarto enquanto conversava, respondeu:

- No lugar para onde vou, padre, certamente não vou precisar dela..

- Não compreendo. Sei que nas Américas os sacerdotes também usam batina

Fernando entrou no quarto, sempre seguido pelo pároco. Abaixou-se, pegou a mala guardada debaixo da cama e, colocando-a sobre a mesa, começou a arranjar seus pertences.

O padre não entendeu, ao ver que Fernando não punha na mala suas batinas, que permaneciam penduradas no armário.

- O que se passa, Fernando? Está contrariado por ter de partir, é isso?

363

Ele não levou mais do que vinte minutos para jogar dentro da mala tudo o que possuía. Quando terminou, respondeu:

- Não, padre, não estou contrariado. Um pouco assustado, mas feliz.

Fechou a mala e, olhando o quarto com carinho, disse:

- Estou pronto, padre. Adeus e obrigado por tudo.

O pároco, andando ao lado do rapaz, percebia que algo estava errado, sem, no entanto, imaginar o que seria.

- Adeus? Fernando, por favor, diga-me o que está acontecendo. Você me assusta!

Alcançaram a porta da paróquia e Fernando, carregando a mala, disse:

- Acho que ainda não compreendeu, não é mesmo, padre?

- Não.

- Estou deixando a Igreja.

- O quê? Está maluco? Não pode fazer isso, você já fez seus votos e... além do mais...

- Ninguém em minha família jamais fez isso antes... Eu sei, padre, eu sei, mas para tudo há uma primeira vez.

- Não pode partir assim; venha, sente-se, vamos conversar com calma - e o segurava pelo braço.

- Não há mais nada a ser dito. Que Deus o abençoe e ilumine, padre, que Deus ajude a Igreja!

Sem esperar pela resposta, Fernando saiu e desapareceu na trilha que levava ao orfanato. Lá, deixou a mala no quarto e logo trancou a porta, saindo de novo. Dessa vez, procurou uma carruagem que o conduzisse até o centro da cidade. Tinha a pressa. Sentia-se quase compelido a agir daquele modo. Ele não compreendia, mas havia enorme convicção em todos os seus atos. Enquanto a carruagem avançava, ganhando as ruas principais que desembocavam no centro, Fernando se preparava mentalmente para o que estava prestes a fazer.

364 RENASCER DA ESPERANÇA

Quando a carruagem parou em frente à delegacia, ele saltou e entrou confiante. Aproximou-se do atendente e disse:

- Preciso falar com o responsável pelo caso de Emilie de Bourbon e Valença. Tenho importantes revelações a fazer.

- Quem é o senhor? - perguntou o atendente.

- Sou primo do marido de Emilie. Por favor, é urgente! O atendente saiu e em alguns instantes retomou com o delegado Endo Garcia, que o cumprimentou:

- Olá, Fernando, em que posso ajudá-lo?

- Tenho algo relevante para contar sobre esse caso, delegado, que com certeza mudará o rumo de suas investigações e também a vida de Emilie... talvez de toda a família...

- Pois então me acompanhe.

- Emilie tem advogado de defesa?

- Sim, um renomado advogado de Tarragona esteve aqui assim que ela chegou e assumiu a defesa.

- Eu gostaria que ele participasse de nossa conversa.

- Não vejo necessidade alguma.

- O senhor conhece bem dom Felipe, não conhece? E também dona Isabel.

- Sem dúvida.

- Então entenderá, quando souber de tudo, que é indispensável a presença de um advogado.

Endo se levantou e caminhou pela sala, em silêncio; depois olhou para Fernando, intrigado:

- Mas você não tem um advogado de sua confiança?

- Prefiro que seja o mesmo que cuida do processo de Emilie.

- Está certo. vou tentar localizá-lo.

- Temos de agir depressa, delegado, muito depressa, ou não poderei contar o que sei.

As inesperadas afirmações de Fernando atiçavam a curiosidade do delegado:

- E por quê?

- Em breve a notícia se espalhará e estarão atrás de mim.

- Quem virá atrás de você? Do que está falando?

- Acabei de abandonar os votos religiosos, delegado, e uma das razões está indiretamente ligada ao que tenho para revelar. Percebe a gravidade do que vou dizer?

Encarando Fernando com seriedade, Endo respondeu:

- Sim, e vou mandar buscar o advogado imediatamente. Sei que está hospedado na casa de um tal Miguel.

O delegado saiu e logo retomou.

- Mandei buscá-lo. Deve chegar logo.

- Espero que venha depressa.

Não demorou muito para que um policial entrasse em companhia de um homem simpático. Feitas as apresentações, o delegado, Fernando e Vicente, o advogado, se fecharam em uma sala. Antes, Endo disse ao policial:

- Não quero ser interrompido!

O policial acatou prontamente a determinação. Tão logo se acomodaram os três na sala, a portas trancadas, Endo disse:

- Pois bem, pode começar. O que há de tão grave a ser revelado sobre esse caso?

- O que tenho a dizer, doutor - disse Fernando, olhando para o advogado - , não poderá ser provado facilmente. Mesmo assim, como estou diretamente envolvido, creio que meu depoimento tem força, tem peso. Participei do complô que foi armado para internar Emilie. Foi tudo forjado: ela nunca tentou matar ninguém ; nunca colocou veneno na comida do marido, nem na da filha. Foi tudo uma armação.

Os outros ouviam atentamente, e então o advogado perguntou:

- O fato é que foi encontrado veneno no prato que seria servido naquela noite. É a prova principal que a acusação tem contra ela.

366 RENASCER DA ESPERANÇA

- Não foi ela quem colocou o veneno.

- Não?! Então quem foi?

- Fui eu que coloquei o veneno.

- Você? Mas...

- Foi tudo minuciosa e longamente arquitetado.

- E por quê? Qual o motivo?

- Emilie nunca foi realmente aceita pela família. Apesar disso, no início a toleravam. Só que ela começou a ter as tais crises, ficando descontrolada e como que tomada por uma força estranha, agindo como se fosse outra pessoa. Aí a presença dela na família tomou-se uma ameaça. Imediatamente foi considerada dominada pelo demônio e desequilibrada mental. Tia Isabel estava cansada da nora, queria livrar-se dela de uma vez por todas. Contudo, afora as crises Emilie era uma mulher correta, de atitudes impecáveis. Quando o problema se agravou, minha tia pediu a Ricardo que a internasse. Ele relutou muito, pois amava a esposa. Porém as alterações de comportamento se repetiam. Minha tia temia que se espalhassem rumores a respeito e que a reputação da família fosse maculada. Na verdade tia Isabel não podia tolerar, em sua própria família, alguém com manifestações espirituais tão duramente e condenadas à época da Inquisição. Além do mais, por alguma razão que não consigo entender, penso que minha tia a temia. Ela continuou insistindo, e Ricardo resistia. Para atender a mãe e tentar removê-la da ideia da internação, Ricardo contratou doutor

Francisco para cuidar de Emilie; achava que se fosse algum tipo de perturbação nervosa o médico poderia resolver. A princípio, parecia que ela melhorava, mas depois Francisco disse a Ricardo que o problema era muito sério e que ela realmente era uma ameaça para a família, em especial para a filha. Emilie começou a piorar. As crises se tomaram mais frequentes, e as atitudes agressivas se intensificaram. Ricardo receava por ela própria e pela filha; mesmo assim,

Lucius / SANDRA CARNEIRO 367

relutava em afastá-la do convívio familiar. Percebendo que dificilmente Ricardo cederia, tia Isabel preparou o plano, envolvendo Filomena e doutor Francisco, além de mim.

Atento à narração, o advogado Vicente indagou:

- Por que aceitou participar desse plano sórdido, Fernando?

- Na ocasião também via em Emilie uma ameaça. O que acontecia com ela me cutucava por dentro. Instintivamente, suspeitava que aquilo poderia ser o indício de muitas coisas que ignorávamos, e queria que desaparecesse da minha frente. Tia Isabel e Filomena me convenceram, sem muito esforço, de que ela significava um perigo para a família e para a Igreja. Asseguraram que tinha manifestações semelhantes às das mal-afamadas reuniões das mesas girantes. Para mim foi o suficiente. Sabia que devia proteger a Igreja e esse tal Espiritismo me assustava.

- Foi só por isso que colaborou? Fernando pensou um pouco e respondeu:

- Tive motivos pessoais também, mas de menor relevância em minha decisão.

Como Endo Garcia indagasse com o olhar quais eram aqueles motivos, Fernando disse:

- Poderia expô-los, delegado, pois já não tenho nada a esconder; entretanto, em nada irão contribuir para a resolução do caso. Se houver necessidade eu contarei

sem problema algum. Agora, acreditem em mim, precisamos agir depressa.

O delegado então perguntou:

- Dom Felipe participou igualmente dessa armação?

- Não, tio Felipe foi enganado. Estou certo de que ele não sabe de nada. Apesar de severo e apegado às tradições e ao poder, meu tio não é um homem mau. Acredita que Emilie seja mentalmente perturbada e que tenha atentado contra a vida do filho e da neta, o que por si só já a transforma em inimiga da família.

368 RENASCER DA ESPERANÇA

O delegado caminhou pela sala, pensativo, depois voltou-se para Fernando:

- Então você não tem como provar o que acaba de relatar...

- Não.

- Pense, tente lembrar o que fez naquele dia. O advogado insistiu, por sua vez:

- Se deseja ajudar Emilie precisa recordar alguma coisa concreta que nos ajude a indiciar os verdadeiros responsáveis, e daí poderemos libertá-la.

Fernando baixou a cabeça tentando se concentrar, e enfim disse:

- Há um detalhe que talvez possa ajudar. Comprei o veneno naquele mesmo dia, pela manhã. Pode ser que o dono da mercearia confirme o que estou dizendo. Comprei grande quantidade de veneno de rato e ele estranhou, perguntandome por que precisava de tudo aquilo. Eu disse que a paróquia estava infestada dos detestáveis roedores, mas mesmo assim a quantidade era exagerada. E...

Fernando teve breve hesitação antes de continuar:

- Tenho também uma carta em que Filomena me lembra por que não deveria deixar de fazer o que havia combinado com minha tia. Embora seja uma ca

rta muito pessoal,
creio que eventualmente poderá ser útil. Gostaria de pedir que seu conteúdo fosse preservado da imprensa e das demais pessoas que não tenham ligação com o caso.

- Ótimo! - disse o delegado - Acho que já temos algo em que trabalhar.

- Poderão soltar Emilie? - perguntou Fernando.

- Não é tão simples, temos de obter alguma prova. E olhando para Fernando com firmeza, perguntou:

- Tem consciência do que acaba de fazer, Fernando? Sabe que ficará detido a partir de agora e poderá ser preso? Por que decidiu se entregar?

Lucius / SANDRA CARNEIRO 369

- Minhas crenças, meus valores estão diferentes. Não posso mais mentir, esconder a verdade ou manipulá-la para servir aos meus interesses. Estou consciente de que sofrerei as conseqüências; contudo, tenho a atenuante de estar confessando. Não é, doutor? - perguntou ao advogado.

- Temos um longo caminho a percorrer. Vamos ver o que conseguiremos fazer em seu favor.

- Vou atrás das evidências o mais rápido possível.

Sem demora, o delegado saiu para tomar as providências necessárias.

370 RENASCER DA ESPERANÇA

Capítulo
trinta e nove

Quando o delegado saiu da sala, Vicente disse:

- Você foi corajoso, Fernando. Tem certeza do que está fazendo?
- Certeza absoluta. Não há mais nada que possa fazer com minha vida antes de resolver os problemas que ajudei a criar.
- Pois bem - prosseguiu o advogado -, então preciso tomar as minhas providências também. Há alguém muitíssimo preocupado com este caso, que foi quem me contratou.

Fernando ergueu a cabeça e perguntou:

- Quem está pagando para defender Emile? Estou curioso.
- Chama-se Miguel, conheço-o desde a infância. Fernando pensou se o nome lhe recordava alguém, depois disse:
- Não sei de quem se trata. Mas por que ele ajuda Emilie? Que ligação tem com ela?
- Miguel é um bom homem; estende seu auxílio a todos quantos dele necessitam. Sua generosidade tem contribuído para resgatar muitas vidas quase sem esperança.

371

Despertou em Fernando o desejo de conhecer aquele homem. O advogado continuou:

- Além do mais, Miguel e Emilie são amigos. Ambos estão ligados ao Espiritismo. Miguel é defensor e militante da nova doutrina e Emilie, mais recentemente, demonstrou grande interesse por seus postulados.

Fernando repetiu baixinho, como se falasse consigo mesmo:

- Então Emilie realmente se interessa pelo assunto. Depois levantou um pouco a voz e perguntou:
- E você, doutor, o que pensa dessa novidade? Fixando os olhos nos de Fern

ando, o advogado sorriu, enquanto dobrava o casaco no braço, preparando-se para sair: -
O mesmo que você, meu jovem.

- Como sabe o que penso?

- Por que abandonou a Igreja, Fernando? Tenho certeza de que não foi somente para aliviar a consciência. Há algo muito mais forte que o moveu, e que você talvez ainda não tenha percebido.

Fernando retribuiu o sorriso e disse:

- Ou talvez eu tenha percebido e ainda não saiba bem o que fazer...

Já na porta, Vicente respondeu:

- Pode ser, mas indiscutivelmente deu o primeiro passo na direção certa.

O advogado deixou Fernando só, meditando no que haviam conversado sobre Emilie. "com que então - pensava ele - tia Isabel não se enganou. Emilie está ligada de alguma forma ao Espiritismo...".

Ao receber as informações do advogado, Miguel se entusiasmou. Queria ir imediatamente ver Emilie. O advogado o conteve:

- Acho melhor aguardar um pouco mais. Precisamos

372 RENASCER DA ESPERANÇA

comprovar as evidências que Fernando nos forneceu, para que o delegado tome junto à justiça as medidas cabíveis.

- Entendo, Vicente, acredito que esse jovem não se colocaria em tal situação se tudo não fosse verdade. Além disso, sei que Emilie precisa de ajuda. Imagino quanto está sofrendo e, sensível como é, quanto deve ter de lutar contra as sugestões negativas com que querem abatê-la e desanimá-la. Vicente olhava para ele, sem saber o que responder. Apesar de ser grande a

admiração dos princípios espíritas, não conseguia entender plenamente o que Miguel lhe dizia.

Por fim, questionou:

E se você levar a ela esperanças que não se concretizem ou que tardem a se efetivar?

- Sei que se realizarão; de qualquer modo, levarei as informações como possibilidade e não como fato. A esperança é uma luz que deve sempre brilhar dentro de nós.

Além do mais, a Providência Divina é incansável, e nunca faltará àqueles que a Ela se confiarem sinceramente e com humildade.

Vicente não disse mais nada. Miguel agradeceu ao especialista, pedindo-lhe que o mantivesse a par de todos os acontecimentos e que pleiteasse junto à justiça autorização para visitar a jovem.

O advogado se despediu e seguiu para o fórum da cidade, disposto a resolver a questão da visita. Antes que saísse, Miguel reforçara mais uma vez:

- Estarei pronto, aguardando apenas a permissão chegar às minhas mãos.

Miguel esperou ansioso. Ao entardecer, da janela da sala contemplava o belo quadro: com o sol se pondo no horizonte, o tom dourado impregnava toda a cidade. Ele

mal conseguia ficar sentado; andava de um lado para outro, impaciente, até que viu Vicente subindo rápido as escadas. Antecipou-se abrindo a porta:

Lucius / SANDRA CARNEIRO 373

- Finalmente! Conseguiu?

- Consegui a autorização e tenho mais notícias boas. Vicente entregou o documento a Miguel:

- Aqui está a autorização para a visita. O delegado já tem as evidências que o jovem mencionou. O dono da mercearia onde Fernando comprou o veneno não só confirmou a venda, como tem o dia, o horário, a quantidade adquirida e o nome do comprador, em anotações minuciosas que controlam o movimento do pequeno n

egócio. O livro está com o delegado e eu tive oportunidade de ver as informações; são exatamente as que o rapaz forneceu. A carta que ele declarou ter já está igualmente nas mãos do delegado; tomei ciência de seu conteúdo.

- Não há perigo de o delegado agir em benefício da família, protegendo-a e em detrimento de Emilie?

- Desde que você me contratou, tomei minhas precauções e investiguei antecedentes do delegado. Ele faz parte de uma família simples e humilde. Lutei muito para vencer em seu trabalho; tive de me defrontar inclusive com figuras eminentes da cidade, que tentaram impedir seu crescimento. Conhece bem seus métodos e não os aprova, apesar de respeitar as autoridades e ser por elas respeitado. Não creio que irá distorcer os fatos para prejudicar Emilie.

- Fico mais tranquilo ao saber disso. Levantando-se, Vicente o apressou:

- Agora vamos. A família também já está ciente do ocorrido e não sabemos o que pode tentar.

A viagem até a clínica durava cerca de uma hora. Assim que a carruagem encostou, os dois saltaram. Já na porta, notaram que havia tumulto e muitas pessoas se aglomeravam.

A custo abriram caminho e ao atingir o portão de entrada ouviram de um dos policiais que cuidavam da segurança do local:

- Ninguém pode entrar. As visitas estão suspensas por hoje.

374 RENASCER. DA ESPERANÇA

- Temos autorização judicial para entrar - Vicente tirou do bolso do paletó a autorização e a mostrou.

O policial olhou detidamente o papel, levou-o para dentro e depois retomou, dizendo:

- Somente o advogado.

- Temos permissão para duas pessoas e precisamos vê-la!
- Vicente objetou.

Nova verificação e veio a resposta:

- Um de cada vez. Acompanhe-me o primeiro.

Sem titubear, Miguel adiantou-se e o seguiu. Foi levado até o quarto onde a jovem fora colocada. Na porta, dois policiais faziam a vigilância. Miguel indagou ao guarda:

- Por que tantos policiais?

- O delegado pediu que se reforçasse a segurança do quarto e da clínica, para impedir qualquer pessoa de vê-la, incluindo os familiares. Somente ele próprio, o advogado dela e pessoas autorizadas judicialmente podem entrar.

Miguel entrou satisfeito. Encontrou Emilie em estado deplorável: cabelos e m desalinho, o mesmo vestido que usava ao ser presa, roupas sujas e malcheirosas. Deitada no canto da cama chorava baixinho, repetindo:

- Não vou desistir. Não sou criminosa. Não sou... Miguel se aproximou devagar, chamando-a:

- Emilie! Sou eu, Miguel.

Ao ouvir seu nome Emilie levantou a cabeça e, quando o viu, ergueu a voz, chorando:

- Miguel! Que graça dos céus é vê-lo, meu amigo!

Ele a aconchegou ao peito com o carinho de um pai, afagou-lhe os cabelos e disse:

- Se Deus permitir, Emilie, seu martírio em breve terminará.
- Como assim? - perguntou ela, afastando-se do ombro amigo.

- Acalme-se, temos muito que conversar. Percebeu o tumulto na clínica hoje?

- Notei que após o almoço todos se alvoroçaram, porém não consigo concentrar-me em nada por mais do que alguns instantes. Logo me sinto confuso. Acorrem-me pensamentos destrutivos e acusatórios. Quando me detenho a lhes dar atenção, percebo entidades assustadoras me dizendo que sou assassina e que vou morrer aqui.. . A oração tem sido meu refúgio, mas de uns dias para cá as forças estão acabando. Sinto-me sem energia para continuar. Não sei o que será de minha vida, Miguel. Tento manter vivo dentro de mim tudo o que aprendi nos últimos meses e, acima de tudo, a fé é em Deus. Penso sempre em Lucrecia e no muito que ela fez por mim. Quando cheguei aqui me sentia mais forte... Agora, tudo está ficando nebuloso. Mal consigo pensar...

- Não se aflija, Emilie. Deus está sempre conosco. Quase envergonhada por sentir-se tão frágil, Emilie disse:

- Eu sei. Deus está sempre conosco, e no entanto somos tão fracos que não conseguimos deixar que Ele fale ao nosso coração.

Com os olhos rasos de água, Emilie ia baixando a cabeça, quando Miguel lhe tocou gentilmente o queixo e a consolou:

- Não se angustie mais. Deus nunca nos abandona; porém Ele sempre age visando o bem de todos e é por isso que muitas vezes as situações se resolvem de maneira mais lenta, para que as soluções tenham maior abrangência. Precisamos compreender isso, para tomar mais intensa a chama de nossa confiança no Pai.

Vendo que Emilie se acalmara e estava atenta, ele anunciou:

- Se tudo correr bem, é provável que você deixe a clínica em breve, livre de todas as acusações.

- O que me diz, Miguel? Como?

376 RENASCER. DA ESPERANÇA

- Fernando, o primo de seu marido, entregou-se hoje à polícia, confessando ter colocado o veneno na comida naquela noite.

- Fernando? Mas... por quê? Ele sempre me pareceu uma pessoa boa...

- Não tive a oportunidade de encontrá-lo pessoalmente, mas Vicente esteve com ele. Confessou que tudo foi um plano articulado por sua sogra. Isabel contou com a ajuda da filha, de Fernando e de um médico chamado Francisco.

- Eu pressentia... Miguel, que alívio você me traz.

- Estará livre deste lugar em breve.

- Não, não é só isso. Eu tinha dúvidas de que pudesse ter feito aquilo... Então, sou inocente! Graças a Deus!

Mais uma vez, Emilie abraçou Miguel, sem conseguir controlar as lágrimas de alívio que rolavam pela sua face. O amigo esperou que ela se acalmasse e continuou:

- Que Deus a fortaleça, Emilie. Siga firme em seus propósitos. Lembre-se sempre de que nada é fruto do acaso. Todas as ocorrências de nossas vidas, sejam positivas

ou negativas, são efeitos de nossos atos, presentes ou pretéritos, de nossas escolhas - o que significa que para ter boa colheita precisamos cuidar do que semeamos.

De fato, creio que tudo o que lhe aconteceu proporcionou a você a oportunidade de se encontrar consigo mesma e com o sentido maior de sua vida. Ser médium, com o seu grau de sensibilidade, é uma dádiva, que também implica sério compromisso e responsabilidade de servir a Humanidade. Os médiuns devem ser mensageiros entre os céus e a terra e Deus concede a eles a possibilidade de servir, resgatando pesados débitos através do trabalho incessante pelo bem do próximo.

Mantendo os olhos fixos em Miguel, a jovem perguntou:

- Pelo que está dizendo, também acredita que eu tenha um trabalho a ser feito.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 377

- O que você sente?

- Não sei. O que mais quero neste momento é resolver minha situação, sair deste lugar e voltar a ser livre.

- Muito justo seu desejo, Emilie. Entretanto, nunca se esqueça de que muitos estão cativos de suas ilusões, embora pareçam livres para a maioria das pessoas, igualmente iludidas. Só a verdade nos liberta.

E levantando-se, disse:

- Tenho de ir. Vicente precisa orientá-la quanto ao seu procedimento de agora em diante. Continuaremos ao seu lado, Emilie.

Ela se esforçou por sorrir, ao agradecer:

- Que Deus o abençoe, Miguel. Nunca poderei retribuir todo o bem que me fez. Obrigada, meu amigo.

- Somos apenas mensageiros a serviço do Bem. Miguel se despediu e saiu. Alguns minutos depois, Vicente entrou e demorou-se longo tempo orientando-a e informando-a quanto às próximas ações a serem adotadas.

378 RENASCER. DA ESPERANÇA

Capítulo
quarenta

Assim que o advogado saiu e Emilie se viu de novo sozinha, pôs-se a refletir sobre a imensa misericórdia de Deus e a forma surpreendente como o Pai age muitas vezes.

Ela jamais poderia imaginar que justamente Fernando seria o instrumento da Espiritualidade para libertá-la.

Naquela noite não conseguiu conciliar o sono, lembrando cada experiência que vivera, desde que a fatalidade se abatera sobre sua vida. Recordou-se de Ricardo e, com muito carinho, de Cíntia. Sobretudo, as palavras de Miguel não lhe saíam da mente. "Afinal - pensava - de que adiantaria enfrentar tanto sofrimento, tantas dificuldades, se não houvesse um objetivo?" O que deveria fazer quando tudo estivesse esclarecido? Como, então, conduziria a própria vida? No curso da fria madrugada, em diversos momentos a mágoa e o ressentimento por Isabel e Filomena tentaram dominá-la; todavia, inspirada no exemplo altruísta de Lucrecia, afastava-os conscientemente e buscava emitir apenas amor, evitando pensar naqueles que lhe haviam causado tantas dores.

A partir daquela noite, Emilie concentrou-se ainda mais em si mesma. Meditava seriamente sobre a continuidade de seu

379

aprendizado e as decisões que deveria assumir quando deixasse a clínica. A cada dia sua ansiedade aumentava. Vicente deixara claro que sua saída dependeria do andamento das investigações. A lembrança de Cíntia a enchia de ternura e mais do que nunca desejava vê-la; a saudade da filha a torturava. Seu consolo era a ideia de que muito em breve estaria livre.

Três dias haviam se passado desde a visita de Vicente. Naquela madrugada, enquanto seu corpo dormia, Emilie recebeu a visita inesperada da filha, trazida pelas mãos de Heloise. Acariciando o rosto da mãe, ela dizia:

- Só mais um pouco de paciência, mamãe, e tudo se esclarecerá. Seja forte e confie em Deus. Lembre-se de que Ele nunca nos abandonou, nem por um só instante.

Banhada em lágrimas, Emilie tentava conversar com a filha, sem conseguir. Sua emoção era enorme. Percebia que a menina, apesar de tão jovem, compreendia os acontecimentos até melhor do que ela própria. Sentindo o carinho da filha e o amparo de Heloise, deixou-se envolver pelas suaves e renovadoras energias que de ambas emanavam. Antes de se despedirem, quando já amanhecia, Heloise, com ar de extrema seriedade, olhou Emilie nos olhos e disse:

- É hora de irmos. Hoje você deixará a clínica e estará finalmente livre dessa provação. Agora, Emilie, mais do que nunca, precisa estar atenta para não perder o ensejo que recebeu. A Providência permitiu a dor como instrumento para que você pudesse chegar à sua verdadeira missão na terra, ao motivo pelo qual aqui está. Sabe que tem débitos a reparar e que tem trabalho assumido perante a Espiritualidade superior, que, sob o comando do Espírito de Verdade, deflagrou as luzes abençoadas da Doutrina Espírita por toda parte. Não consinta que o sofrimento tenha sido em vão, descuidando-se de cumprir aquilo que veio realizar. Devo alertá-la de que, se falhar, deverá repetir a lição,

380 RENASCER. DA ESPERANÇA

seja nesta ou em outra encarnação. Não deixe que isso aconteça, querida. Aproveite e oportunamente, ainda que ela traga muitos espinhos aparentes. Lembre-se de que na vida colhemos aquilo que semeamos; portanto, Emilie, semeie sem cessar o bem, o amor, a luz, mesmo que em alguns momentos sinta as mãos feridas pelos espinhos. Não desista jamais; persevere e bem depressa colherá a paz do dever cumprido. E por certo novas alegrias a esperam no futuro. Cíntia estará a seu lado; este consolo você terá. Tenha fé e prossiga confiante.

Mais uma vez Heloise a abraçou com ternura. Emilie, fortemente envolvida pela emoção e banhada pelas lágrimas, não tinha condição de dizer nada. Depois foi Cíntia quem a abraçou, assegurando:

- Em breve estaremos juntas novamente.

Logo, ambas desapareceram em meio a luzes suaves, enquanto os primeiros raios do sol entravam pela pequena janela. Emilie despertou com o coração acelerado, tentando lembrar o que se passara. Ainda tinha o rosto molhado de lágrimas, e compreendeu que de fato recebera a visita da avó e da filha.

Embora estivesse cansada e quase sem se alimentar por vários dias, sentiu que novas forças a invadiam. Levantou-se e caminhou lentamente pelo pequeno aposento, procurando reter as palavras da avó. Desejou ter papel e pena para poder registrar aquilo importante recado; como não dispunha desses instrumentos, repetia baixo o que podia lembrar, para fixar a lição na memória.

Estava compenetrada no exercício quando a porta do quarto se abriu e Miguel entrou, sorridente.

- Miguel! Que faz aqui tão cedo, meu amigo?

- Vim buscá-la.

- Buscar-me?

- Sim, Emilie. Você está livre.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 381

Emilie agarrou-se ao pescoço do amigo:

- Não sei o que dizer! Esperei tanto por este momento, Miguel!

De repente, o semblante de Emilie se fez sério. Miguel, estranhando, perguntou:

- Que foi? Não está feliz?

- Claro que estou, como poderia não estar? Tenho desejado tanto e por tanto tempo a chegada deste momento!... É que...

Emilie calou-se. Miguel insistiu:

- O que a preocupa? Se estiver com medo de retomar à mansão, tranquilize seu coração. Por ora vamos para minha casa, onde poderá ficar pelo tempo que quiser. Diante dos fatos, e tendo em vista que seu marido vive na casa dos que são acusados pelo que lhe aconteceu, as autoridades entendem que seria inconveniente seu retomo ao convívio da família, ao menos por enquanto.

- Realmente não gostaria de voltar àquela casa tão cedo. Não é isso que me preocupa.

Emilie sentou-se na cama, respirou fundo, procurando organizar as idéias, e depois, erguendo os olhos cor de mel que brilhavam intensamente, disse:

- Alguns meses atrás eu sabia exatamente o que me faltava e o que desejava fazer. Ansiava por recuperar o que me fora tirado. E queria, sobretudo, que aqueles que me haviam prejudicado sofressem a dor do ciúme e da inveja, vendo-me triunfante e feliz. Porém...

Miguel continuava de pé, atento.

- Agora tudo o que me parecia essencial não tem mais sentido. Chego a ter medo do que vai ser minha vida de hoje em diante...

Miguel aproximou-se dela, com carinho paternal:

382 RENASCER DA ESPERANÇA

- Emilie, não tema nada. Ao longo de minha vida venho presenciando muitas transformações e testemunhando a experiência de inúmeros amigos que passaram por isso.

Tenho acompanhado também aqueles que jamais se perguntam o que estão fazendo da existência, se têm ou não uma tarefa a cumprir (certamente com receio da resposta).

E creia-me, embora os primeiros pareçam muitas vezes perdidos, sofrendo a angústia da dúvida, o temor do desconhecido, percebo que crescem dia a dia. E à medida

que se desenvolvem ficam mais felizes, mais úteis e mais firmes; diria que as ventanias naturais da vida de todos nós os fortalecem cada vez mais. Porta

nto, tranqüilize sua alma. Este é um grande momento em sua vida. Aproveite-o!

- Parece que participou da pequena reunião com Heloíse e Cíntia, esta noite.

- Como?

Emilie sorriu e tocou suavemente as mãos do amigo:

- Deixe para lá, Miguel.

Compreendendo imediatamente, ele disse a sorrir:

- Muito bem, já que todos estamos em sintonia, melhor mesmo é não duvidar e seguir confiante. Pronta?

Emilie se levantou decidida:

- Vamos, estou pronta.

Miguel abriu a porta gentilmente para a moça, que sem vacilar percorreu o corredor da clínica, diante dos olhares curiosos de funcionários e de outros internos.

Quando se aproximavam da porta principal, Emilie notou grande tumulto do lado de fora, que já se iniciava à porta da clínica, com a presença de muitos guardas. Instintivamente ela olhou para Miguel, que esclareceu:

- Os policiais são necessários, pois há imprensa, amigos seus e curiosos sem conta. Tomando a frente, ele segurou com força sua mão.

- Vamos.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 383

Emilie deixou que Miguel a conduzisse e passou pelos guardas, atingindo a porta principal. Assustou-se ao ver a multidão que ocupava a frente do prédio, mas sentiu novamente a mão firme de Miguel na sua e prosseguiu, com o corpo ereto e a cabeça erguida.

Emilie ouvia gritos no meio do povo:

- Você é que é a assassina! Nós sabemos!

- Não faça essa pose de santa, não! Você mereceu! Sem ligar às ofensas, e sem se deter, caminhou em meio ao cordão formado pelos policiais, procurando focar a atenção em Vicente, que os esperava com a porta da carruagem aberta.

Quando Emilie conseguiu alcançar o advogado, sorriu e, auxiliada por ele, subiu na carruagem. Ao entrar, a surpresa: Jairo a aguardava. Sentando-se a seu lado, abraçou-o como a um pai.

- Jairo, que faz aqui? Nem posso acreditar...

- Que mais poderia fazer? Acompanho de perto o caso, pois meu maior desejo era vê-la finalmente livre.

Emilie segurou suas mãos, enrugadas e desgastadas pelo tempo e pelas lutas da vida, e beijou-as carinhosamente, dizendo:

- Obrigada por tudo, meu querido amigo, meu irmão. Vicente e Miguel juntaram-se a eles e a carruagem seguiu depressa para a casa do último, onde eram esperados.

Emilie foi recebida por Sara e sua família, bem como por outros amigos que fizera na vila. A casa estava cheia e deram a ela uma grande festa de boas-vindas.

Emilie viveu com entusiasmo cada minuto daquele dia, ao lado das pessoas que aprendera a amar. De quando em quando pensava na filha, mas logo se distraía com alguém que requeria sua atenção.

Entretanto, mesmo em meio à enorme alegria daquela hora, as palavras de He-loise não se afastavam de sua mente. Ela não precisava mais de papel: trazia-as impressas no coração.

Capítulo

Quarenta e um

Na mansão o tumulto era absoluto. Tão logo soube que Fernando abandonara a Igreja, Isabel deduziu o que estava por vir. Preocupada em atenuar a tempestade que inevitavelmente se abateria sobre eles, tentou envenenar o marido contra o sobrinho, afirmando que por certo perdera o juízo.

Na mesma tarde, receberam o comunicado das denúncias em que ele comprometera a família. Filomena, chocada e apavorada com o que lhe poderia acontecer, imaginando seu segredo descoberto, trancou-se no quarto e lá ficou isolada e deprimida. Foi em vão que a mãe instou para que abrisse a porta. Profundamente abalada, ora chorava sem controle, ora permanecia fitando o nada. Ouvir a voz da mãe a fazia cair em pranto desesperado; quando Isabel se afastava ela soluçava baixinho, o corpo inteiro tremendo. Não queria comer nem falar com ninguém. Isabel, tomada pela raiva, tomou-se ainda mais agressiva. Não podia suportar o fato de o sobrinho a ter desafiado daquela maneira. Sem se conformar, pediu ao marido providências para evitar que Emilie fosse libertada. Gritava:

385

- Precisa fazer alguma coisa, Felipe. Vão soltar aquela desvairada, aquela mulher é perigosa!
- Acalme-se, Isabel. Não há muito a fazer diante do que Fernando apresentou à justiça.
- Ele está mentindo!
- Só que existem provas do que ele diz. Apresentou provas, entende?
- Que provas, Felipe, que provas?
- Não sei, não tive acesso a elas.
- Mas precisa ter. Você deve ter acesso a tudo! Afinal, é uma autoridade nes

ta cidade ou não é?

Dom Felipe, com severidade, respondeu:

- Isabel, você está sendo acusada de tentativa de assassinato, além de muitas outras coisas. Os fatos são bastante graves. Fui orientado pelos nossos advogados a ter muita cautela ao conduzir o processo, para não piorar ainda mais a situação.

- Não acredito que irá se dobrar a esses impertinentes! Na sua posição, Felipe! Somos donos de metade desta cidade, inclusive das pessoas. A maioria deve algum favor à nossa família e chegou a hora de cobrar. Faça valer a sua posição! Não admita que nos acusem. Faça algo! Seu sobrinho está doente, não vê? Qualquer pessoa que tem esse procedimento não passa de um doente. Não pode levá-lo a sério. Faça o que tem de ser feito!

- Estou fazendo o que é possível.

- Não quero ver aquela mulher solta! Não vou admitir isso, Felipe!

- Isabel, a polícia é quem controla o caso. Não tenho como dar ordens nesse nível!

- Ora, Felipe, não seja tolo. Quem está conduzindo o caso?

- O delegado Endo Garcia.

386 RENASCER DA ESPERANÇA

- E qual é o interesse desse homem? Aja rapidamente para que o caso seja abafado.

- Não é tão simples, Isabel. Garcia é um homem muito sério e competente. Os advogados já conversaram com ele, e está firme no propósito de esclarecer os fatos e descobrir toda a verdade.

Os gritos de Isabel se faziam ouvir por toda a mansão:

- Ele não é ninguém, Felipe! Ninguém! Você sabe quem está acima dele; portanto, faça o que tem de ser feito! Livrese dele! Não interessa como! O que não podemos é deixar que essa mulherzínha dementada desmoralize nossa família. É isso que está tentando, não percebe?

- Quem está tentando? Isabel, enfurecida, continuou:

- Essa moça. É evidente que assim que estiver livre vai querer nos prejudicar, dar o troco, se vingar. Virá retomar o que pensa que é seu de direito. Não vou admitir, Felipe, em hipótese alguma.

Dom Felipe se levantou, perturbado, e andou até a janela, observando a luz do entardecer que se espalhava pelos jardins da mansão. Depois de fundo suspiro, virou-se para a mulher e disse:

- Sei muito bem o que você fez, Isabel, mas não se preocupe, nada lhe acontecerá. Sei que odeia a moça e quis fazer tudo o que podia para proteger nossa família.

Isabel ergueu ainda mais a cabeça e respondeu, altiva:

- É bom que entenda meus motivos. Faço tudo para preservar e defender nossa família.

- É claro, Isabel, fique tranqüila. Entretanto, não poderemos impedir que a moça seja libertada.

- E por quê?

- Não há mais nada contra ela. Além das provas que incriminam Fernando, eles têm a sua confissão espontânea. Agora vá ver sua filha, e procure descansar um pouco.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 387

minam Fernando, eles têm a sua confissão espontânea. Agora vá ver sua filha, e procure descansar um pouco.

- Filomena está trancada no quarto. Não adianta bater e tentar falar com ela. E não estou cansada, Felipe. Quero solucionar o problema.

Dom Felipe segurou com toda a força o braço da esposa, e apertando-o disse :

- Desta vez, só desta vez, dona Isabel, deixe tudo comigo. E vá ver sua filha, estou ordenando! Ela não comeu nada o dia todo.

Isabel soltou-se das mãos do marido e reclamou:

- Está me machucando, meu marido! Sabe que faço tudo para o bem de nossa família.

- Estou falando sério, Isabel: não interfira mais. Seu excesso de zelo está destruindo nossa família, não compreende? Garanto que me empenharei ao máximo para que o caso seja abafado e resolvido. Mas por ora nada posso fazer para impedir o retomo de Emilie ao convívio da família. Ricardo está totalmente incontraível e quer que a esposa volte.

- Ricardo é um imbecil. Fez uma péssima escolha e pretende persistir no erro. Se ele teimar em receber aquela mulher, que saia desta casa e viva com os próprios recursos. Não admitirei que a louca ponha os pés aqui novamente. Se ele continuar nos desafiando com esse casamento, quero que você o deserde, Felipe. Já que acha que sabe o que faz, que viva às próprias custas. Não lhe dê mais nada. Nem dinheiro, nem trabalho. E não o ajude com sua influência. Ele que tente obter as coisas com seu esforço, para ver como tudo é mais difícil. Pensa que pode fazer o que quer, mas não é assim.

Exausto pela infrutífera discussão, dom Felipe comentou, em tom irônico:

- Como sempre, querida, você está sendo muito radical.

388 RENASCER DA ESPERANÇA

Se Ricardo quiser viver outra vez com Emilie, darei o suporte de que necessitar. Ele é meu filho e, apesar de não concordar em absoluto com sua escolha, não posso admitir que perambule por aí como um qualquer. Vou ocupá-lo em trabalho q

ue o afaste da cidade e de nós, porém me recuso a prejudicá-lo. O rapaz também já sofreu bastante.

Isabel, subindo as escadas, dizia em tom agressivo:

- Você me desaponta muito, Felipe! Meu pai jamais concordaria com suas atitudes! Ainda bem que ele não está aqui para testemunhar suas fraquezas.

Dom Felipe não respondeu. Virou-se para a imensa janela, que tinha as cortinas abertas. Isabel subiu as escadas pisando duro. Quando chegou ao topo encontrou Ricardo, que descia apressado. Ao cruzar com ela, gritou inconformado:

- Como pôde fazer aquilo? Como foi capaz de tal armação?

- É tudo mentira, Ricardo, seu primo está louco.

- Não acredito mais em você!

Isabel deu de ombros e saiu andando, a mostrar seu azedume:

- Não me importo mais. Acredite no que quiser. Afinal, seus julgamentos não são mesmo confiáveis.

Sem dar resposta, Ricardo desceu as escadas rapidamente. Isabel ainda perguntou:

- Aonde vai com tanta pressa?

- Buscar Cíntia. Não quero que Emilie encontre a filha num convento.

- Não ouse fazer isso, Ricardo. A menina precisa...

- A menina precisa da mãe, de mais ninguém.

- Não vão deixá-lo entrar no convento.

- Tenho a autorização de quem realmente manda nesta casa. Sem dizer mais nada, Ricardo partiu rápido em direção à pequena vila onde ficava o convento. A noite caía gelada sobre a cidade.

Isabel tomou a postar-se à porta do quarto de Filomena, insistindo para que a abrisse. A filha se recusava a conversar; estava apavorada. Isabel acabou por desistir.

No dia seguinte, tentaram novamente. Como a moça não respondia, Isabel deu ordem para arrombarem a porta. Encontraram Filomena sentada com os olhos arregalados, vermelhos de tanto chorar. A mãe a sacudiu com força, para obrigá-la a reagir. Não obteve resposta. Agitou-a mais rudemente, sem resultado; ela não dizia nada, em estado de choque. Isabel a sacudia mais e mais, sem dar atenção à situação lastimável da filha:

- Vamos, reaja! Filomena, reaja!

A moça continuava imóvel. Dom Felipe correu, atraído pela gritaria no quarto, e indignou-se com a cena chocante:

- Pare com isso, Isabel! Pare! Está machucando a menina!

- Ela tem de reagir, Felipe!

- Ela precisa de um médico, pelo amor de Deus, Isabel! Olhe o seu estado!

Enfurecida, Isabel não parava de gritar com a filha. Com a ajuda dos serviços, dom Felipe finalmente conseguiu afastar a esposa e, após atendimento médico, enviou a filha para uma clínica de repouso, onde pudesse ser tratada.

Na verdade, Filomena nunca mais se recuperaria do desequilíbrio que a acometera, permanecendo internada na clínica por muitos anos.

Embora dom Felipe tivesse relativo controle da situação, proibindo jornais e outros periódicos que estavam sob sua influência de publicarem sequer uma linha relativa ao desfecho do caso de Emilie, foi impotente para conter a lamentável repercussão e o desgosto que causara.

A notícia se espalhou pela cidade e todos comentavam o episódio. Não obstante Isabel negasse sistematicamente, sustentando que o sobrinho era vítima de alucinações

e manten-

390 RENASCER DA ESPERANÇA

do-se intocável em sua posição, o prestígio que usufruía em Barcelona foi a balado e muitos se afastaram dela.

A situação começara a fugir-lhe do controle e aos poucos desmoronava o domínio que a família exercera por décadas.

Fernando, sentado na beira da cama, via o luar pelas grades da pequena janela. Pensava em Emilie, que bem pouco tempo atrás estivera em condição precarizada com aquela.

Contudo, o momento complicado que vivia não lhe tirava a tranquilidade. Sabia que havia feito o que era correto e estava em paz consigo mesmo. Sua única preocupação

era o orfanato, praticamente abandonado. Pensava nas crianças e temia que a paróquia não assumisse o controle, como deveria; afinal, aquele havia sido um profundo

desejo seu, mas pouco apoiado pelo padre. Orava pelas crianças, pedindo que Deus as amparasse.

Algumas vezes pensava em Filomena e imaginava como ela o estaria odiando, àquela altura, por havê-los exposto tanto. Apesar do carinho que ainda nutria por ela, sabia que seria muito difícil se aproximarem outra vez.

Ele aguardava pacientemente o desenrolar dos fatos, e foi com extrema alegria que recebeu a informação de que Emilie fora finalmente libertada. A justiça prevalecera.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 391

Capítulo Quarenta e dois

Depois que todos se recolheram, Emilie permaneceu sentada no sofá da sala, quase sem acreditar que estava livre. Seu coração transbordava de contentamento. Não se cansava de lembrar o rosto alegre de Cíntia e sentia-se feliz por saber que se avizinhava o momento de revê-la. Aquilo que tanto desejara nos últimos meses estava

enfim acontecendo. Pensava em Lucrecia, em quanto ela a havia ajudado, e sentia o coração apertado de saudade da amiga e protetora.

Só após muito tempo sozinha na sala foi que subiu para o quarto. Enquanto atravessava o longo e escuro corredor, sentiu um medo estranho apoderar-se dela. Parecia que um grande perigo a esperava mais adiante. Parou, atenta, tentando captar qualquer ruído que houvesse na casa. Nada. O silêncio era absoluto. Ainda assim, seu coração batia descompassado, como a querer sair-lhe pela boca. Pensou e m chamar alguém, mas como explicar o medo que sentia? Caminhou devagar, e à medida que avançava mais medo sentia, até o pânico se apossar dela. Ao entrar no quarto verificou tudo: abriu armários e portas, agachou-se e olhou debaixo da cama, pensando que pudesse haver alguém

393

ali. Depois, foi até a janela e devagar abriu a cortina. Não havia ninguém. Quando se virou ouviu uma gargalhada ecoar em sua mente. Assustada, perguntou:

- Quem está aí?

Ela viu, então, as quatro entidades espirituais que a perseguiram. Um dos homens falou:

- Acha que se livrou de nós? Pensa que agora que se tomou boazinha vamos perdoar tudo o que nos fez? Nunca, está entendendo? O que você fez não tem perdão!

Emilie, apavorada, porém consciente de tudo o que ocorria, tentou conversar com eles:

- Sou inocente, por isso me libertaram.

- Você é uma assassina! E terá de pagar pelo que nos fez!

- Mas eu não...

De súbito imagens lhe vinham à mente, cenas se sucediam, e aqueles espíritos

os transfigurados apareciam vestindo outras roupas, em situação completamente diversa.

Emilie se esforçava por entender o sentido daquilo quando uma das mulheres, a que parecia mais jovem, lançou sobre ela toda a sua energia transformada em ódio e a empurrou até que caísse. Vendo-a no chão, aproximou-se com uma faca na mão e sentenciou:

- Você tem de pagar, vamos persegui-la onde quer que se encontre e acabaremos com sua alegria. Não importa quantas vezes se levante, nós a faremos cair outra vez.

Emilie, sem saber o que fazer, acuada no canto do chão do quarto, gritou em desespero. Em alguns segundos, surgiram Miguel e os que estavam mais perto daquele quarto.

Quando Miguel entrou, ela gemia de dor no antebraço direito.

- O que houve, Emilie?

- Graças a Deus vocês apareceram. Eles se foram, mas meu braço está machucado.

394 RENASCER DA ESPERANÇA

- Emilie, o que aconteceu? - perguntou Sara, ajudando a amiga a se sentar na cama.

- Entidades que há muito me perseguem se mostraram outra vez. Querem me destruir e fizeram ameaças terríveis. Machucaram-me com uma faca. Isso pode acontecer, Miguel, ou estou enlouquecendo?

- Creio que seja possível. Quando o sentimento (seja de ódio ou de amor) é muito intenso, atravessa a barreira vibratória e afeta o campo material. É raro, mas não impossível.

- Acho que nunca senti tanto medo em minha vida... Emilie chorava baixinho, ainda assustada. Miguel, Sara e outros amigos a envolveram em prolongada prece, buscando acalmar suas emoções e fortalecer sua fé. Sara se ofereceu para dormir com

a amiga, que agradeceu:

- Vou aceitar de bom grado, Sara. Gostaria muito que ficasse comigo esta noite.

Passado algum tempo o silêncio voltou à casa. Emilie, entretanto, não conseguia conciliar o sono; repetidamente revia as figuras aterradoras das entidades e remexia na memória buscando descobrir de onde conhecia aqueles rostos.

Na manhã seguinte, bem cedo, Emilie estava na sala quando Miguel desceu para o desjejum.

- Acordada tão cedo? Conseguiu descansar?

- Não muito, Miguel. Gostaria de conversar com você.

- Claro! Já tomou seu café? -Já, obrigada. Espero na sala.

Não demorou muito e Miguel retomou, atencioso.

- Como se sente, Emilie?

-Assustada. Feliz por estar finalmente livre, mas com medo do futuro; e depois do que houve ontem à noite, muitas dúvidas acorrem à minha mente. Estou confusa e angustiada. É como se tivesse a consciência de que sempre haverá alguma coisa a me infelicitar!

LUCIUS | SANDRA CARNEIRO 395

Miguel se levantou silencioso, foi até a sala de jantar, onde Sara terminara o desjejum, e pediu que ela o acompanhasse para uma conversa no jardim de inverno.

Acomodaram-se entre as folhagens fartas e, assumindo tom grave, Miguel começou:

- Emilie, precisa ter noção de algumas questões delicadas para tomar sua decisão.

- Continue, por favor.

- Você foi agraciada pela misericórdia divina com uma mediunidade muito ampla: clarividência, psicografia, clariaudiência... Analisando as dificuldades que enfrentou até agora, concluímos que provavelmente elas são provas pelas quais você precisava passar.

- Concordo com você, Miguel. Já pensei muito sobre isso.

- Pois bem. O que pretende fazer daqui para a frente? Perdoe-me por perguntar, mas é fundamental para que possamos conversar.

- Quero trabalhar por essa doutrina que tanto me beneficiou, Miguel. Somente pelo estudo dos princípios espíritas pude começar a compreender minha situação e o real motivo das perturbações que sofria. Sei que sou médium e que devo utilizar minha sensibilidade em favor dos necessitados de ajuda. Quero continuar a aprender e prosseguir no caminho que encontrei.

- Fico feliz por ouvir isso e desejo que persevere em sua decisão. No entanto, é preciso que saiba também que os médiuns, em sua grande maioria, são espíritos comprometidos com as leis divinas, que reencarnam com a responsabilidade de usar os dons que receberam como contribuição para o progresso da Humanidade. E quando conseguem fazê-lo com êxito, encontram o próprio progresso, resgatando dívidas e dando um passo adiante na jornada evolutiva.

Emilie ouvia com atenção. Sara permanecia calada. Miguel prosseguiu:

396 RENASCER DA ESPERANÇA

- O que aconteceu ontem, Emilie, e aquilo que através de nossa sensibilidade já havíamos percebido indicam que existem pesadas dívidas a serem resgatadas.

- Tentei recordar quem são aquelas entidades, de onde as conheço. Enquanto estavam diante de mim, muitas imagens me vieram à mente e sei que fazia parte delas.

Todavia, nada ficou suficientemente claro.

- Não faça esforço para se lembrar do passado, Emilie. Muitas vezes ele é doloroso demais para nós. Aproveitemos a bênção do esquecimento, conscientes de que somos imperfeitos, com pesados fardos sobre nossos ombros. Não gaste sua energia tentando recordar, use-a em serviço ao próximo.

Emilie balançou a cabeça, em sinal de que estava assimilando as ponderações do amigo. Ele continuou:

- Há muito trabalho a ser feito. Embora a consoladora Doutrina Espírita comece a se propagar pelo mundo, há muito a ser feito para que seus princípios se tomem efetivamente conhecidos. A oposição é ferrenha e as mentiras espalhadas também se avolumam. A divulgação dos verdadeiros preceitos espíritas carece ser intensificada em toda parte.

- Gostaria muito de contribuir, Miguel.

- E terá oportunidade de fazê-lo. Repito: há muito trabalho. Por exemplo, precisamos de alguém que colabore na tradução das revistas espíritas, bem como de outras obras, do francês para o espanhol. E isso tem de ser feito por alguém que conheça a língua e também os princípios doutrinários, de modo a se preservar a fidelidade do conteúdo. Além disso, os núcleos espíritas estão sendo procurados por número crescente de pessoas, o que implica a necessidade de mais trabalhadores conscientes e preparados, inclusive médiuns.

- Sinto-me preparada. Quero trabalhar, Miguel.

- Emilie, não creia que será fácil. Temos em nossa própria

Lucius / SANDRA CARNEIRO 397

experiência e na de muitos amigos a demonstração de que a dor é companheira daqueles que se propõem atuar nas fileiras espíritas.

- A dor?

- Não falo somente da dor física - aliás, a mais fácil de ser cuidada. Refiro

-me sobretudo à dor moral, às difíceis escolhas que têm de fazer os que querem servir a Deus com sinceridade e dedicação. Vivemos tempos em que se dá primazia ao prazer físico e ao bem-estar material. O homem busca a satisfação dos seus desejos e a dor não faz parte de seu repertório. Entretanto, é ela que nos faz crescer, sair da acomodação, galgar degraus na caminhada evolutiva. Infelizmente, a grande maioria de nós ainda precisa da dor para crescer - em particular os médiuns, que enfrentam inimigos do passado, além das resistências do presente, oriundas de suas próprias imperfeições.

Miguel fez uma pausa, dando tempo para que Emilie absorvesse as explicações. Ela se levantou e caminhou em silêncio até um dos vasos com farta folhagem. Tirou duas ou três folhas secas e depois se virou para Miguel, perguntando:

- Então é muito difícil ser médium?

- Realmente é, Emilie. Neste momento muitos estão encantados com a possibilidade de intermediar a comunicação entre os dois planos da vida. Achrom estimulante possuir essa capacidade, antes considerada sobrenatural. Contudo, boa parte deles rapidamente se perde e confunde em seu papel, agindo segundo hábitos e buscando nas atividades mediúnicas a satisfação dos próprios interesses, ainda que camuflados por intenções aparentemente nobres. Ser médium com Jesus é estar a serviço da Espiritualidade superior, sem vaidade, compreendendo que a submissão à vontade de Deus é que deve prevalecer sempre.

Emilie voltou para junto dos amigos e indagou:

- Acha que não vou conseguir, Miguel? Não terei força suficiente?

398 RENASCER DA ESPERANÇA

- Você pode triunfar em suas responsabilidades, Emilie. Deus não lhe confiaria os compromissos desta encarnação se não fosse capaz de dar conta deles.

- Então, o que devo fazer?

- Não existe uma fórmula. Todavia, se colocar os preceitos da Doutrina Espírita acima de seus interesses pessoais, se nunca a desvirtuar e, sobretudo, se e tentar sinceramente aplicar na prática de sua vida diária os ensinamentos de Jesus, especialmente a humildade e o amor, com certeza estará no caminho.

Emilie se calou. Contemplando o céu azul através das amplas vidraças do jardim de inverno, deixou que as lágrimas rolassem pelo seu rosto. Sara segurou-lhe as mãos e disse:

- Você não estará sozinha. Muitos são os que nos apoiam, tanto aqui como no plano espiritual.

- Eu sei, Sara. As últimas circunstâncias da minha vida são uma prova do auxílio constante que recebemos. Sei que temos proteção, não é isso que temo.

- Então o que é?

Emilie ergueu os olhos úmidos para Miguel e Sara e confessou:

- Temo a mim mesma.

Miguel tocou de leve suas mãos e disse:

- Esse é o desafio de todos nós, Emilie.

Durante todo o dia Emilie esteve amorosamente envolvida em carinho e atenção dos amigos. No final da tarde, recebeu o aviso de que Ricardo aguardava na entrada, pedindo para vê-la.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 399

Capítulo

Quarenta e três

Ao ouvir o nome do marido, Emilie ficou aturdida. Sentiu uma angústia ant

iga, sua velha conhecida. O medo apoderou-se dela.

- O que vou fazer? Não sei o que dizer. Esperei por este momento e agora não sei como agir. Antes queria que Ricardo sofresse dor igual à que amarguei, quando acreditei em mentiras a meu respeito. Estava magoada e ofendida por não me haver compreendido. Mas, diante de tudo o que aprendi, como continuar desejando a mesma coisa?

Miguel se levantou e estendeu-lhe o braço:

- Confie na Providência que tem guiado os seus passos até aqui e ponha em prática o que tem aprendido, Emilie. Você precisa enfrentar seu destino.

Emilie esboçou ligeiro sorriso, e ainda com passos inseguros acompanhou Miguel até o hall, onde Ricardo se encontrava a esperá-la. Assim que o viu ficou com as pernas bambas, e quase não continha a emoção. Queria abraçar o marido, beijá-lo, refugiar-se confortavelmente em seus braços, como costumava fazer no passado, mas sentia que algo indefinido os distanciava.

401

Ao vê-la, profundamente comovido, Ricardo antecipou-se e, abraçando-a com carinho, balbuciou:

- Emilie, Emilie...

Não pôde prosseguir: a emoção era tanta que embargava sua voz. Fazia o possível para conter as lágrimas. Emilie deixou-se envolver pelo terno abraço enquanto Miguel se afastou, deixando-os a sós.

Sem pensar, Emilie deixou o coração falar mais alto:

- Senti saudade.

- Eu nem posso contar o quanto sofria sua falta, Emilie. Contudo, sinto-me também envergonhado pelo que permiti que lhe fizessem, querida. Perdoe-me, por favor; fui injusto, confiando mais nos outros do que em você.

- Não vamos falar disso agora, Ricardo.

- Como posso calar sobre o que aconteceu? Desde que soube da verdade, tenho me torturado a cada segundo. Admiti que você fosse acusada, envolvida em uma trama sórdida.

Não percebi, querida, não percebi.

- Como poderia, Ricardo? Todas as evidências estavam contra mim...

- Mas eu deveria ter imaginado...

- Como? Minhas crises estavam cada vez mais frequentes. Você sabe que até eu tive dúvidas?

- Dúvidas?

- Sim, antes de ter compreensão total do que se passava comigo, do que significavam aquelas atitudes anormais, julgava estar perdendo o juízo e sem controle sobre

mim mesma. Como saber o que poderia ter feito em tais circunstâncias?

- Vamos esquecer, querida, por favor. Vamos recomeçar nossa vida. Cíntia a espera ansiosa.

Ao ouvir o nome da filha, o rosto de Emilie iluminou-se.

- Como ela está, Ricardo?

402 RENASCER DA ESPERANÇA

- Agora está bem. Depois que soube que em breve se encontraria com você, a alegria voltou ao seu coraçãozinho. Ela sofreu demais, Emilie, nem pode imaginar quanto.

Falava em você todos os dias e sei que o maior desejo dela era vê-la outra vez.

- Imagino como deve ter sido difícil para nossa pequenina ter de enfrentar uma situação tão amarga.

- Foi difícil e sei que ela amadureceu bastante nesse período; tanto que às vezes me surpreende com uma visão da vida muito além de sua idade.

- Ela sempre foi muito inteligente e sensível.
- É verdade, sempre nos surpreendeu com suas observações aguçadas da realidade.
- Quando poderei vê-la, Ricardo?
- Imediatamente. Ela nos aguarda no hotel.
- No hotel?

Segurando as mãos da esposa com firmeza, Ricardo pediu:

- Emilie, gostaria que viesse comigo já. Vamos nos instalar em um hotel, apenas por uns dias.
- Por que um hotel?
- Tenho vivido na casa de meus pais, desde que você foi levada. Nossa casa ficou fechada por alguns meses, depois decidi vendê-la. Ela me trazia muitas recordações e não pude continuar vivendo lá. Agora que tudo está esclarecido, quero comprar uma casa nova, para começarmos tudo outra vez.

Apertando as mãos da esposa entre as suas e levando-as aos lábios, ele acrescentou:

- Vamos esquecer todo o mal que nos aconteceu e partir para uma nova vida. Tínhamos tantos planos, tantos sonhos... Vamos recomeçar, só que longe da minha família.
- Você estava com a razão ao ter reservas em relação a eles. Devia tê-la escutado e ficado em Paris. Teríamos evitado todo esse sofrimento...

Lucius | SANDRA CARNEIRO 403

Emilie fitou o marido com olhar melancólico:

- Ricardo, Ricardo...
- O que foi? Não pode me perdoar? Por favor, perdoe-me e esqueçamos tudo. Quero você de volta, Emilie.

- Não é isso, Ricardo. No início fiquei muito triste com você, devo confessar. Mas depois de tudo o que vivi e aprendi, não posso guardar mágoa ou ressentimento, nem mesmo de sua mãe.

- Minha mãe agiu de maneira inaceitável. Ela não podia, não tinha o direito de manipular as pessoas para obter seus desejos. Isso é detestável. É inadmissível. Eu não posso perdoá-la!

- Concordo que a conduta de dona Isabel é absolutamente reprovável. E talvez tenha dificuldade em ficar frente a frente com ela; porém não devo e não vou odiá-la. A bem da verdade, no fundo, sua mãe me fez um grande favor.

- Agora você me assusta. Está estranha...

Ricardo se afastou um pouco e olhou-a detidamente. Emilie sorriu e disse:

- Mudei os cabelos, não percebeu?

- Percebi que estava muito diferente. Ficou bem com essa cor, e o corte também me agradou. - Ricardo sorriu, acariciando os cabelos de Emilie - No entanto, há algo mais em você que está diferente.

Emilie se levantou e caminhou em silêncio até a porta que dava para o jardim de inverno. Depois voltou-se para o marido:

- Muita coisa mudou desde que nos vimos pela última vez, Ricardo. Passei por experiências marcantes desde então.

- Eu sei, querida, foi tudo muito intenso.

- Intenso demais, Ricardo, muito além do que qualquer um pudesse suportar. Na verdade, os acontecimentos dos últimos meses transformaram minha vida e a maneira como enxergava. Eu mudei, Ricardo. Passei a entender melhor o que se pas-

sava comigo. Aprendi a perceber melhor as pessoas que estão minha volta e reconhecer-lhes as necessidades e os sentimentos. Não é mais possível, para mim, ignorar certas realidades.

- Do que está falando, Emilie?

Ela olhava o marido com ternura. Estava indecisa: continuava ou aguardava outro momento? Disse apenas:

_ Acho que devemos conversar um pouco mais antes de eu ir com você para o hotel. Precisa saber tudo o que se passou comigo...

Ricardo colocou o dedo em seus lábios, impedindo-a de prosseguir.

- Não importa o que tenha ocorrido com você, o quanto tenha mudado, suas experiências, nada me importa. Cíntia precisa de você, e quero que venha comigo agora mesmo.

Mais tarde conversaremos sobre o que quiser... ^ Depois, Emilie. Se você me perdoa, como disse, e se não guarda ressentimento de minha mãe - o que me surpreende, pois eu próprio sinto muita raiva pelo que ela nos fez sofrer -, tanto melhor. Vamos passar uma borracha no que aconteceu e recuperar o tempo perdido.

Emilie sorriu e tocou com suavidade o rosto de Ricardo:

- Também quero seguir com minha vida, mas não posso apagar o passado com o que você sugere. Na verdade, o passado me ensinou muito e terei de recordá-lo por muito tempo.

- Então relembre o aprendizado, não os fatos dolorosos.

Agora, Emilie, pegue suas coisas e vamos. Cíntia nos espera. Sobrepondo-se à indecisão, a expectativa de rever a filha a fazia esquecer de tudo o mais. Por fim, disse:

_ Ainda acho que deveríamos conversar um pouco mais antes...

Não quero ficar longe de você nem mais um minuto.

Emilie, por favor, pegue as suas coisas e vamos embora.

- Calma, Ricardo, preciso falar com Miguel e com outros amigos que vieram de longe para celebrar comigo a reconquista da liberdade. Não posso simplesmente deixá-los assim.

Ricardo calou-se, contrariado. Depois, esforçou-se para dizer, com meio sorriso nos lábios:

- De quanto tempo precisa? Dez minutos, trinta minutos? Estarei no carro.

Diante da insistência dele, Emilie aquiesceu, puxando-o pela mão:

- Não precisa esperar no carro. Quero que conheça Miguel, Sara e todos os meus amigos.

Um tanto constrangido, Ricardo deixou-se conduzir por Emilie, que o apresentou a Miguel e aos outros. Depois de curta conversa ele se despediu, dizendo à esposa que a aguardaria na carruagem.

Emilie despediu-se dos amigos com melancolia. Sentia-se dividida entre a família e os companheiros de ideal. Por fim, já à porta, confidenciou a Miguel:

- Vou com o coração apertado. Estou confusa, não sei como explicar... O fato é que sinto uma grande distância entre mim e Ricardo. Tenho medo, Miguel.

- Não tema, Emilie. Não pode se esconder da vida. Precisa desatar cada um dos nós que a amarram ao passado e seguir com intrepidez pelo caminho que a conduz ao futuro luminoso. Desate os nós, um a um, com paciência e perseverança. Estarei sempre aqui, para o que for necessário. Você é querida por todos nós. Vá com Deus, minha filha, e confie Nele.

Emilie sorriu, um pouco mais encorajada, beijou-o suavemente na face e disse:

- Obrigada por tudo, Miguel. Deus o abençoe pelo que tem feito por todos os que sofrem. Não sei o que seria de mim sem sua ajuda. Não sei o que teria sido de Lucrecia e Jairo sem

406 RENASCER DA ESPERANÇA

seu amparo. Obrigada, Miguel, obrigada...

Ela não pôde continuar. Miguel enxugou-lhe as lágrimas e afirmou:

- Não tem de me agradecer, Emilie. Estamos todos a serviço de nosso Mestre Jesus. E é a Ele que temos tudo a agradecer.

Emilie sorriu. Sabia que seria inútil insistir no agradecimento ao amigo e apenas disse:

- Que nosso Mestre, a quem você tanto ama, o abençoe. Desceu as escadas procurando conter o pranto e entrou na carruagem ao lado do marido. O carro partiu e ela ficou a observar a figura de Miguel, que aos poucos sumiu de sua visão. Ricardo a abraçou e beijou apaixonadamente. Entretanto, apesar da saudade e do carinho que nutria por ele, não conseguia retribuir-lhe na mesma intensidade.

Sentindo a esposa estranha, afastou-se e fitou-a, dizendo:

- Deve estar muito cansada, não, Emilie? Pobrezinha... tanto sofrimento... tanta luta... - e aconchegou-a ao peito - Venha, querida, descanse. Vou cuidar de você e encontrar um modo de compensá-la pelo que sofreu.

Emilie abrigou-se nos braços fortes de Ricardo. Entretanto, estava longe de sentir-se feliz como imaginara.

Enquanto a carruagem seguia, Emilie escutava o relato do marido acerca dos acontecimentos. Então pediu-lhe que falasse mais sobre a filha. Ricardo se empolgou falando de Cíntia e se emocionou ao mencionar os planos que tinha para o futuro da família. Omitiu o fato de a menina ter sido enviada ao convento, ressaltando apenas o quanto ela se sentira infeliz com a ausência da mãe.

Emilie procurava acalmar a angústia que lhe tinha na alma dedicando toda a atenção às informações sobre a filha.

Quando a carruagem parou em frente ao hotel, ela quase não podia respirar, tal sua ansiedade. Com o coração acele-

LUCIUS / SANDRA CARNEIRO 407

rado e sem poder disfarçar a emoção, tinha as mãos geladas e trêmulas. Ricardo a ajudou a descer e foi com esforço que conseguiram atravessar a multidão e chegar à porta de entrada. Muitos curiosos, repórteres e populares se aglomeravam diante do prédio.

Entre a gritaria e o assédio do povo, Emilie e Ricardo alcançaram o saguão. Emilie, com o número do quarto onde Cíntia a aguardava, no quinto andar, não se deteve um só minuto: entregou ao marido a valise que trazia e subiu as escadas correndo. Assim que chegou no corredor do quinto andar, apertou ainda mais o passo. Uma porta se abriu e Cíntia correu ao encontro da mãe. As duas se abraçaram e não controlaram as lágrimas:

- Eu sabia, mãe, eu sabia que você não tinha feito nada...

Emilie não tinha condição de responder. As lágrimas desciam-lhe pela face e, embora tentasse conter-se, a emoção a impedia de dizer à filha tudo o que pensara durante aqueles meses de exílio. Cíntia continuava:

- Senti tanto sua falta, mãe...

- Eu sei... Eu também senti - por fim Emilie balbuciou. Cíntia colocou as mãos no rosto da mãe e, limpando as lágrimas que caíam, disse:

- Você está diferente, mãe, está mais bonita do que antes... Seu cabelo ficou lindo, escuro e mais curto.

Apertando ainda mais o abraço, Emilie respondeu:

- Você gostou mesmo, filha?

- Muito!

- Então vou deixá-lo assim para sempre...

- Gosto de você de qualquer jeito, mãe - afirmou a menina, sorrindo.

Emilie e Cíntia permaneceram sentadas no chão do corredor, sob os olhares pasmados de outros hóspedes, até que Ricardo subiu e as levou para o quarto.

408 RENASCER DA ESPERANÇA

Os três passaram longo tempo em alegre e descontraída conversação. Cíntia queria saber tudo o que acontecera com a mãe e, a despeito de sentir desconforto com as minúcias das experiências vividas pela esposa, Ricardo sorria, esforçando-se e por encarar tudo com naturalidade.

Cíntia, por sua vez, também contou à mãe o que fizera em sua ausência, demonstrando carinho especial pelas tardes em que visitara o orfanato com Fernando. Emilie se interessou muito pelas atividades da filha no orfanato e lhe garantiu que iriam juntas ver as crianças, logo que tudo estivesse mais organizado em suas vidas.

Já era tarde da noite quando finalmente Cíntia adormeceu, vencida pelo cansaço. Emilie colocou-a na cama e a observava com ternura, quando Ricardo, puxando-a pelas mãos, pediu:

- Precisamos conversar, Emilie.

- Não podemos falar amanhã, Ricardo? Estou cansada...

- Acho melhor conversarmos enquanto Cíntia dorme. Emilie se sentou na poltrona e, sorrindo, deixou que ele começasse:

- Querida, compreendo que passou por experiências estranhas e muito impressionantes. Da mesma forma, entendo que queira dedicar tempo a Cíntia e fazer tudo por ela.

Sei quanto a ama. Porém há coisas que não são adequadas para nossa filha.

- Por exemplo...

- Por exemplo, falar desses fenômenos sobrenaturais que você viveu. É evidente que estava sob forte pressão emocional e tudo pode ter sido fruto desse estado.

Ele fez uma pausa e Emilie permaneceu calada, olhando séria para o marido, que prosseguiu:

- Outra coisa: não gostaria de ver as duas enfiadas no orfanato. Fernando está preso, e é uma fraude. Não as quero

Lucius / SANDRA CARNEIRO 409

envolvidas em nada que se relacione com ele. Esse homem prejudicou sua vida! Acho até que deveriam fechar esse orfanato e acabar de vez com essa iniciativa ridícula de um padre de mentira!

Emilie fitou o marido, profundamente entristecida. Ouvindo-o, percebia com nitidez o abismo que havia entre eles. Refletiu que Ricardo não poderia compreender-la nem aceitá-la. Agora pertenciam a mundos diferentes. Quando ele silenciou, ela perguntou:

- E o que é que as crianças órfãs têm a ver com os desencontros de Fernando, ou com os problemas que porventura ele tenha criado? Que culpa têm elas? Deveriam ser abandonadas por causa do erro de outrem?

Ligeiramente desconcertado, ele disse:

- Não, claro que não, acho que devem ser transferidas para outro orfanato, mais estruturado.

- Entendo.

Ele se ajoelhou aos pés da esposa e, segurando suas mãos, disse:

- Emilie, minha doce e querida Emilie, vamos apagar tudo o que vivemos nos meses últimos e terríveis meses, vamos esquecer tudo. Começemos de onde pa

ramos, antes de...

- Antes do que, Ricardo? A que ponto de nossa vida você gostaria de retroceder?

Ele se levantou, caminhou até a janela e, virando-se, falou:

- Quero ser feliz com você, Emilie. Fizemos tantos planos... Tivemos tantos sonhos juntos... Quero que eles se realizem, só isso.

Emilie insistiu:

- Diga-me, Ricardo, a que ponto gostaria de retomar?

- Quando nos conhecemos tudo prometia ser maravilhoso.

- E foi, Ricardo. Mas não podemos interromper a vida. Ela é dinâmica e se renova todos os dias. Hoje já não somos o

410 RENASCER DA ESPERANÇA

que fomos ontem e amanhã seremos diferentes. Tudo se transforma, muda - e enfim, progride. Não podemos impedir o progresso. É a lei da vida.

Ricardo estava sério e atento. Emilie continuou:

- As experiências que eu vivi transformaram minha vida, e não posso fingir que não aconteceram.

- Não peço isso. Sei que você amadureceu através delas.

- É muito mais do que isso, Ricardo, não percebe?

- Percebo que a amo, Emilie, que quero construir tudo aquilo que sonhamos e desejamos. Quero ter outros filhos com você, fortalecer nossa família...

- E a sua família?

O semblante de Ricardo se fechou, deixando transparecer a irritação que o rumo da conversa lhe causava.

- Esqueçamos minha família. Vou comprar uma casa para nós em outro lugar

qualquer que você prefira. Diga-me, onde quer morar? Qual casa deseja ter? Desta vez, vamos fazer tudo como você desejar. Admito que errei ao insistir que vivêssemos perto de meus familiares. Sei que eles não a aceitaram e isso a magoou muito, reconheço. Emilie, sei que errei, por isso peço que recomeçemos. Sei que não vai mais querer ver minha família...

- Não é propriamente isso que me preocupa.

- Então o que é?

Ela o fitou longamente, buscando as palavras para prosseguir:

- Não sei se você vai me querer como sou, ou melhor, como me reconheci depois de tudo o que houve. Eu mudei, Ricardo, descobri muitas coisas e fatos a meu respeito que dão novo significado e outra direção à minha vida. E não sei se você vai me aceitar como sou agora.

- Daremos um jeito, vamos encontrar a maneira...

- E concordará que eu vá com Cíntia ao orfanato?

Lucius I SANDRA CARNEIRO 411

- O que tem uma coisa a ver com a outra?

Dessa vez foi Emilie que se ergueu e suspirou fundo enquanto caminhava, dizendo:

- Vê como é difícil nos compreendermos? O que é importante para mim pode não ter interesse algum para você. Como vamos conviver assim?

- Encontraremos um modo; mas você não precisa ir ao orfanato...

- Não é só o orfanato, é tudo. Meus hábitos agora são diferentes, minhas aspirações também.

- Não quer mais ser minha esposa? Encontrou outra pessoa, apaixonou-se e não quer me contar, é isso? É esse tal Miguel? Vocês se envolveram?

- Não é nada disso, Ricardo. Claro que quero continuar a ser sua esposa, amo você. Quero minha família, com certeza, porém... Hoje existem outras coisas importantes para mim. Tão importantes quanto você e Cíntia.

Ricardo ameaçou responder, quando a menina apareceu na sala, pedindo:

- Vem dormir comigo, mãe? Faz tanto tempo que não dormimos juntas...

Abraçando-a com ternura, Emilie olhou para Ricardo e disse:

- Claro, querida. Seu pai e eu temos muito que conversar, mas faremos isso mais tarde; não é, Ricardo?

- Sem dúvida. Vão descansar. As duas merecem. Emilie sorriu agradecida e acompanhou a filha até a cama.

Aconchegando Cíntia em seu abraço, tentou conciliar o sono; no entanto, não conseguia. De quando em quando olhava o rosto tranqüilo da filha, dormindo ao seu lado, e então repetia baixinho:

- Obrigada, meu Deus, obrigada por ter outra vez minha filha ao meu lado...

412 RENASCER DA ESPERANÇA

Capítulo Quarenta e quatro

Os dias que se seguiram foram de alegria e prazer. Emilie desfrutava a companhia doce e amorosa de Cíntia, pela qual tanto ansiara. De Ricardo recebia cuidados constantes e mimos diários. Ele, que se sentia culpado e indiretamente responsável pelas dolorosas experiências vividas pela esposa, desdobrava-se em gentilezas. Nunca antes fora tão preocupado e dedicado para com a esposa. Encheu-a de presentes caros: roupas, jóias, livros, quadros e outros objetos de arte; embora Emilie insistisse que ele não lhe desse nada, intimamente apreciava o bem-estar e o estilo de vida que voltava a ter. Além do mais, ser o centro das atenções despertava

nela profunda

satisfação, da qual nem se dava conta. De tudo, o que mais apreciava eram as tardes frias, sentada defronte à lareira, em longas conversas com Cíntia.

Veza por outra, Emilie tentava falar com Ricardo sobre as questões que havia descoberto; entretanto, ao perceber que a conversa ia enveredar por temas espirituais,

o marido logo suscitava algum assunto interessante e agradável, atraindo a atenção da esposa para a casa que estavam prestes a comprar, os detalhes da decoração

que em breve começariam a escolher e outras amenidades.

413

Duas semanas já se haviam escoado desde que Emilie deixara a casa de Miguel. Este, sempre cortês, enviou pequena carta pedindo notícias da amiga, e junto a nova

edição da Revista Espírita, que acabara de chegar. Quando recebeu o bilhete, com cuidado o dobrou e colocou dentro da revista. Ricardo, ao ver a esposa lendo o

bilhete e depois folheando a revista, perguntou:

- Algum admirador?

- Claro que não. É de Miguel, que sempre se preocupa comigo.

Ricardo se aproximou e, tomando a revista das mãos da esposa, folheou-a indiferente. Ao devolvê-la, disse:

- Não passam de bobagens, tolices! Ninguém pode falar com os mortos. Os que se foram jamais poderão comunicar-se. Isso tudo é mentira...

Emilie fechou a revista e, apertando-a entre as mãos, interrompeu o marido:

- Ricardo, você realmente não me escuta! Já disse que nada disso é tolice. Eu sou a prova, pois senti na pele tudo o que ensina o Espiritismo. Aliás, graças aos

ensinamentos espíritas é que hoje estou aqui. E foi unicamente pela ajuda que recebi através de adeptos do Espiritismo que pude permanecer viva...

Foi a vez de Ricardo a interromper:

- Está bem, não vamos discutir. Não quero mais brigar com você. Se quiser continuar a ler essas coisas, não sou eu quem vai impedir. Com o tempo você vai perceber que tudo isso foi apenas fruto das experiências dolorosas que passou. Tudo psicológico, Emilie, tudo de sua cabeça. Mas vou deixar que faça o que for melhor para você.

Emilie olhava firme para o esposo, buscando identificar suas reais intenções. Aproximou-se, beijou-lhe suavemente a face e indagou:

414 RENASCER DA ESPERANÇA

- Então não se incomoda que eu vá até a casa de Miguel, de vez em quando?

- Com que finalidade?

- Ele tem um centro de estudos do Espiritismo e sei que posso ser útil durante essas reuniões.

- Emilie, veja bem o que está pedindo. Estamos iniciando vida nova. Você já sofreu tanto... Teve de se envolver nisso para poder sair de uma situação difícil em

que foi colocada. Agora está livre, pronta para recomeçar. Temos tudo a nosso favor. Convenci meu pai a deixar sob minha exclusiva responsabilidade e uma das empresas

e, assim, não mais precisaremos nos preocupar com o futuro; mesmo o contato com minha família ficará restrito a reuniões de negócios, até que todas as chagas cicatrizem.

Agora precisa me ajudar. Se voltar a se envolver com essa... essa... essa heresia, vai ser mais complicado! Considere que minha família é influente e, embora meu

pai concorde em nos deixar seguir nosso rumo, não posso afrontá-lo a toda hora. Temos de ser discretos, sóbrios e conscienciosos, até que toda a situação caia no

esquecimento; e daí poderemos, afinal, ocupar de novo o lugar que nos cabe na sociedade.

- Você realmente não compreende.

Ricardo pegou a mão esquerda da esposa e beijou o dedo onde estava a aliança, dizendo:

- Não está feliz? Vejo nos seus olhos a alegria que sente por estar em paz com nossa filha, com nossos planos para o futuro. Pode negar?

- Não, Ricardo, não vou mentir para você. Estou imensamente feliz por tudo o que vem acontecendo. Ter minha vida de volta era meu maior desejo, mas.. Não é suficiente.

Abraçando-a apertado, Ricardo encerrou o assunto:

- É claro que não é suficiente! Precisamos trazer alguns irmãos para Cíntia! É disso que você sente falta; mais crian-

Lucius / SANDRA CARNEIRO 415

ças nos trarão maior alegria e encherão nossa casa; e sua vida também!

Quando Emilie tentou esclarecer ao marido o que lhe ia na alma, Ricardo puxou-a para a ante-sala e depositou um molho de chaves em suas mãos:

- Aqui estão, querida: as chaves de nossa casa. Surpresa, Emilie abriu largo sorriso e perguntou:

- Você conseguiu mesmo aquela casa linda e agradável, fora da cidade?

Ajoelhando-se diante da esposa, ele gracejou:

- Claro! Seu desejo, por menor que seja, é uma ordem, senhora!

Sem coragem de retomar ao assunto que a incomodava, Emilie deixou-se invadir pela satisfação do momento.

Nas semanas que se seguiram, Ricardo manteve a esposa inteiramente ocupada com os preparativos para a mudança, e finalmente entraram os três na casa nova e confortável, decorada ao gosto de Emilie.

Contudo, na primeira noite que passariam na casa, ao se deitar Emilie sentiu um medo inesperado que tirou a alegria de seu coração. Ricardo notou que a esposa se

revirava na cama, sem poder dormir, e perguntou:

- Não está feliz, querida?

- Claro que estou, Ricardo.

- E qual é o problema? Por que não consegue dormir? A casa não ficou com o você queria?

- Tudo está perfeito. Você sabe que sempre desejei uma casa assim, num lugar mais tranquilo.

- Então o que a aflige? Foram as últimas notícias sobre o processo que a perturbaram? Pois direi ao nosso advogado que não venha mais discutir essas questões conosco.

Pedirei que vá à fábrica e resolverei tudo por lá. Sei que o assunto ainda

416 RENASCER DA ESPERANÇA

a aborrece; tudo é muito recente e deve causar-lhe incômodo; ainda assim, tente entender que meu pai vai inocentar a própria família.

Emilie permaneceu em silêncio. Ricardo prosseguiu:

- Não precisa se chatear. Foi você mesma quem afirmou que não queria vingar-se; que apesar de não poder conviver com eles, não desejava vingança.

- E não desejo. Que Deus faça a justiça conforme Ele quiser. Todos pagam pelos seus erros, Ricardo, cedo ou tarde, aqui ou na vida depois da morte, todos...

De repente ela parou e arregalou os olhos, em pânico.

- O que foi, Emilie, o que foi? - perguntou Ricardo, espantado.

- São eles.

- Eles quem? Meus pais?

- Não. Eles. Outra vez!

- Quem, Emilie? Do que está falando?

- Por favor, não!

- Emilie, o que está havendo?

Emilie encolheu-se na cama, apavorada, enquanto os inimigos espirituais que de há muito a perseguiam se aproximavam. O mais agressivo disse:

- Sábias palavras. Todos pagam pelos seus erros... E você não é melhor do que ninguém! Não pense que vai escapar.

Emilie baixou a cabeça e começou a orar, pedindo ajuda. Ricardo, assustado, não tinha a menor noção do que se passava. As entidades se achegavam mais e mais ao rosto de Emilie, uma delas empunhando um cutelo afiado. A moça, percebendo que cada vez estavam mais perto, não ousava erguer a cabeça e orava sem cessar. De súbito, deixou de sentir a presença dos espíritos. Abriu os olhos e viu que haviam desaparecido e que Cíntia estava de pé, na porta do quarto. Ainda amedrontada, perguntou à filha:

Lunus | SANDRA CARNEIRO 417

- O que faz aqui, querida?

- Vim ver se precisava de mim.

Emilie notou que da menina resplandecia suave luz. Ricardo olhava para a esposa muito assustado. Ao perceber que o marido não via a filha, ela compreendeu que Cíntia não estava ali fisicamente, e sim com seu corpo espiritual. Então disse:

- Estou bem, querida, pode voltar. Você já me ajudou, obrigada.

Cíntia retirou-se, obediente, enquanto Ricardo se sentou na beira da cama, aflito:

- Meu Deus, Emilie, o que é isso? Vai começar tudo de novo? Todas aquelas crises, aquelas atitudes anormais?

Ainda sob forte impressão, Emilie procurou acalmar-se e disse:

- Preciso ir às reuniões, Ricardo. Extremamente irritado, ele ergueu a voz:

- De forma alguma! Não vou permitir que faça parte desses grupos de feitiçaria! Não quero! Seu lugar é aqui, junto de mim e de Cíntia. Não admito que fique por aí!

Tem responsabilidades. Tenho feito o melhor que posso, mas parece que você quer sempre mais.

Emilie se calou. Ajeitou-se na cama e tentou dormir. Ricardo, sem saber o que fazer, levantou-se e andou pela casa remexendo papéis e caixas, quase até o amanhecer.

Nos dias que se seguiram Emilie passou a ter pensamentos sombrios e receios de todo tipo. Tinha medo por tudo. Temia que a filha saísse, que o marido sofresse algum acidente; temia até que a menina engasgasse quando se alimentava. Os medos iam surgindo do nada e logo tomavam conta da sua mente. Ricardo já se preocupava seriamente e pensava que talvez a esposa devesse voltar a consultar um médico. Quando lhe propôs isso, Emilie resistiu com vigor:

418 RENASCER DA ESPERANÇA

- Não quero nem que toque no assunto. Sei que meu problema não é médico.

- E o que é?

- É espiritual, já disse. Tenho de participar das reuniões na casa de Miguel, sei que elas me farão muito bem.

- Não, isso não se discute.

- Por quê? Estou certa de que me farão bem!

- Não, não quero você envolvida com isso outra vez. Já chega! Temos de pensar em algo, fazer alguma coisa. Você estava bem. Todo o tempo em que nos preparávamos para vir para esta casa, estive muito bem. O que aconteceu?

Ricardo refletia, caminhando de um lado a outro na sala. Enfim parou e diss

e:

- Já sei: vamos fazer uma viagem. As coisas na fábrica estão em ordem; tenho pessoas de minha confiança trabalhando ali. O seu depoimento no processo é só para daqui a dois meses. Portanto, podemos viajar. Mantendo a mente ocupada, sem dúvida você irá melhorar.

- E os estudos de Cíntia?

- Esperarão, Emilie. Nossa vida e nossa felicidade são mais importantes do que tudo.

- Ricardo, querido, você tem de me ouvir. Tenho tantas coisas a compartilhar com você!...

- E por que não fala?

- Todas estão vinculadas às experiências que vivi, ao Espiritismo...

- Não, esse assunto não.

- Está vendo? Você não quer me escutar...

- Eu a amo demais e estou feliz por ver Cíntia tão alegre outra vez. Contudo, não acredito nessas baboseiras e acho que são realmente do demônio. Não ateei fogo aos livros espíritas, mas apoio incondicionalmente o que foi feito. Esses espíritas

Lucius j SANDRA CARNEIRO 419

estão iludindo as pessoas.

- Meu Deus, não é nada disso! Levantando-se, determinado, ele disse:

- Vou tomar as providências necessárias para nossa viagem. Se tudo der certo, partiremos amanhã.

- Amanhã? E para onde?

- Qualquer lugar, Emilie, qualquer lugar interessante. Vamos às Américas,

o que acha? Uma longa viagem de navio!

- É muito distante, Ricardo.

- Então vamos à Índia! Um lugar exótico vai ser empolgante! Sem esperar resposta, beijou-a na testa e, colocando o pesado casaco, disse:

- Volto assim que resolver tudo.

Sentada no sofá, a jovem permaneceu muito tempo olhando pela vidraça que dava para o jardim de inverno. Observava Cíntia estudando com o professor contratado. A filha estava cada vez mais linda. Emilie admirou seu entusiasmo pela nova língua que aprendia. Estava absorta em seus pensamentos, quando ouviu voz áspera e conhecida atrás de si:

- Pensa que vai tê-la por muito tempo? Não vai, não! Muito em breve a tiraremos de você.

Emilie virou-se e viu novamente as quatro entidades, que iam em sua direção. A mais revoltada continuou:

- Nunca a deixaremos em paz, entendeu? Nunca! Jamais a perdoaremos pelo que fez.

- Eu não entendo...

- É claro que não! Não pode se lembrar da masmorra escura em que nos lançamos a todos, pois jamais foi até lá ver nossas condições. Deixou-nos na prisão, abandonados à dura sorte.

- Não é verdade!

- Como não, madre superiora? Superiora na maldade, na crueldade!

420 RENASCER DA ESPERANÇA

- Não sei do que vocês estão falando, eu não me lembro!

- Pois nós não esquecemos nem por um só instante! Abandonou-nos até apo

drecermos naquela cela. E por quê? Apenas porque minha mãe, minha santa mãezinha, era uma mulher hábil em manipular ervas e assim ajudava a muitos. Você acreditou e m falsas acusações e nos enviou para a morte. Agora vai pagar.

Acercavam-se dela cada vez mais. O homem que falara trazia o cutelo nas mãos.

- O que querem? Digam-me o que posso fazer!

Com gargalhada sarcástica e estridente, uma das mulheres disse:

- Queremos que sofra pela eternidade. Tiraremos tudo o que você ama, até que sua vida esteja destruída. Começando pela menina...

Desesperada, Emilie ajoelhou-se e em pranto implorou:

- Por favor, tenham piedade.

- Piedade? O que você sabe de piedade? Cale-se!

Lucius | SANDRA CARNEIRO 421

Capítulo
quarenta e cinco

Emilie chorava angustiada, sentindo o odor fétido que se espalhava pelo ar. Num lampejo, pensou que seria para sempre perseguida por aquelas criaturas. O mais hostil chegou bem perto e, alçando o cutelo, tencionava cravá-lo no coração da jovem. Subitamente a sala se encheu de luz e o ar inundou-se de suave perfume. Logo uma figura feminina apareceu, falando com voz doce e firme a um só tempo:

- Por que agasalhar tanto ódio no coração, meus filhos? As quatro entidades ficaram paralisadas diante do intenso brilho que daquela mulher emanava. Emilie, identificando a voz inesquecível da amiga e protetora, ergueu a cabeça e deparou com o semblante luminoso e amado de Lucrecia. Emocionada, desejava saudá-la, mas estava igualmente paralisada.

Lucrécia se aproximou da entidade que portava o cutelo e o retirou de suas mãos. Fazendo enorme esforço, o homem disse:

- O que quer aqui? Não temos nada com você. Deixe-nos ir embora! O que está fazendo conosco?

- Precisamos conversar, todos nós.

423

- Nada temos com você - insistia o espírito em tristes condições.

- Imagino que não me reconheçam, como também não os reconheci quando os encontrei, na pequena casa à beira-mar.

Emilie seguia o diálogo em silêncio.

- Entendo agora que, apesar de ligados por laços tão estreitos, era melhor não nos reconhecermos de imediato. Deus sempre sabe o que faz. No entanto, depois de já adaptada à nova vida pude lembrar o triste episódio do nosso passado, sem desequilíbrios para o presente, o que se faz imprescindível ao progresso de todos nós.

Esforçando-se para controlar a emoção, ela prosseguiu:

- Meus filhos, aproveitemos a oportunidade que o Divino Pai nos dá.

Uma das mulheres gritou desesperada:

- Solte-nos! Nada queremos com você!

Diante do olhar estarecido de Emilie e das quatro entidades, Lucrécia se transformou; à sua silhueta se sobrepôs outra, de velha e sofrida senhora com longos cabelos e roupas em farrapos. Aí perguntou:

- Será que assim sabem quem sou?

A entidade masculina até então muito agressiva se ajoelhou, gritando:

- Mãe!?! Não pode ser! Está havendo aqui algum truque!

- Não é truque. Gostariam que eu estivesse assim, em farrapos, como vocês?

- Mãe! Você desapareceu! De repente, não a vimos mais. Ficamos presos por tanto tempo naquela masmorra... Só muito depois descobrimos que já não fazíamos parte do mundo dos vivos. E você não estava mais lá. Para onde foi?

- Vaguei sem descanso no espaço, envolvida por dor e agonia. Queria reencontrar vocês, mas uma força desconhecida

424 RENASCER DA ESPERANÇA

nos mantinha afastados. Muito tempo transcorreu até que sinceramente pedi socorro a Deus e o recebi através de amorosos protetores que me acompanhavam de longa data, esperando meu despertar. Ajudaram-me a lembrar o passado distante e, compreendendo a imensa misericórdia do Pai, tive nova chance de colaborar na redenção das almas desviadas. Levaram-me até o abismo de dor onde se encontrava a madre superiora, que fora instrumento da justiça divina sobre nós.

Emilie acompanhava a narrativa como se assistisse a tudo, em uma grande tela mental, cena por cena. Reconhecia-se participando daquela história e sentia-se desmoronar internamente diante da consciência do passado. Lucrécia prosseguiu:

- Vendo o estado em que ela se encontrava, e aceitando de coração as lições dos instrutores espirituais que me socorreram, finalmente percebi que era indispensável perdoá-la. E como somente o bem pode vencer o mal, eu poderia auxiliá-la a encontrar o caminho de seu dever na próxima existência. E ela, por sua vez, repararia o mal praticado no passado através de trabalho árduo e contínuo em favor daqueles que prejudicara, e em benefício de todos. Seria uma existência dedicada a tarefas sublimes e redentoras. Amparada por amorosos trabalhadores da Luz, ela foi resgatada e aceitou trilhar o difícil caminho do bem, passo a passo. Instruiu-se e então, quando todos estávamos preparados, iniciamos a jornada terrena.

Olhando para Emilie com desvelada ternura, Lucrécia recomendou:

- Não desperdice essa oportunidade preparada com tanto cuidado. Não esmoreça. Assuma seu dever e cumpra-o fielmente. Trabalhe intensamente para ajudar a resgatar aqueles que um dia, pela sua ignorância, perderam a fé e a confiança em Deus. O serviço ao bem a aguarda, exigindo renúncia e sacrifício. Mas a paz do dever cumprido igualmente a espera. Não deixe escapar

Lucius / SANDRA CARNEIRO 425

a ocasião, entregando-se outra vez ao orgulho e à vaidade. Vença a si mesma e siga em frente. Lembre-se sempre de que tem responsabilidades assumidas antes de reencarnar, perante muitos companheiros que confiaram em você e dependem de sua tarefa começar para que possam realizar a que lhes compete. Tudo é encadeado e, se você falhar, outros terão de assumir o seu lugar, de improviso. Se isso acontecer, a perda maior será sua, Emilie. Estupefata, Emilie recordava fatos do passado entre lágrimas de angústia e de arrependimento. Lucrécia dirigiu-se às quatro entidades espirituais:

- E vocês, meus filhos, perdoem também. Tenho pedido a Deus, dia e noite, que suas almas endurecidas pelo ódio sejam tocadas por Seu amor infinito. Somente com humildade conseguirão perdoar. Se abrirem mão dessa vingança que tanto buscam, serão livres para crescer e seguir na caminhada em direção à luz. Quando compreenderem que tudo tem uma razão e que apenas o bem pode vencer o mal, poderemos estar outra vez unidos. E este é o maior desejo de minha alma: estarmos todos reunidos, continuando nossa marcha eterna. Não quero mais vê-los estacionados, dominados pela dor e pelo sofrimento, perdendo tempo precioso em que já poderiam estar muito mais felizes, fruindo paz e alegria.

- Como pode pedir isso? Como pode perdoar e ajudar essa mulher, essa assassina? Sabe que não só nossa família foi por ela destruída. Quantas outras?

- Foi ela quem contraiu esse débito e terá de arcar com as conseqüências d

e seus atos. Vocês não imaginam o pesado fardo que ela traz sobre os ombros. Não obstante, somos todos iguais perante Deus. E todos temos nossos fardos a carregar. Perdoe, meu filho, e sigamos em paz na bendita escalada.

-Jamais perdorei. Se você cometeu essa fraqueza, nada posso fazer...

426 RENASCER DA ESPERANÇA

Lucrécia parou a pequena distância das entidades sofredoras e conclamou:

- Aproveitem a oportunidade que estamos recebendo dos céus. Sempre é tempo de progresso e de crescimento. O Universo é a casa de Deus, onde todos nos aperfeiçoamos rumo ao Criador. Deixem para trás o que no passado ficou. Olhem para o futuro, para a nova esperança que desponta fulgurante, e marchem sem titubear.

- Não! Não suporto mais! - gritava a outra mulher, que parecia a mais jovem de todos e conservava as mãos sobre os olhos, protegendo-se da luz que Lucrécia emitia.

Mais uma vez ela olhou para todos com imenso carinho e disse, desaparecendo lentamente:

- Aproveitem a oportunidade, meus filhos, não a desperdicem.

Logo que a imagem de Lucrécia se desfez, as outras entidades sumiram também e Emilie por fim conseguiu se levantar e chegar ao sofá. Ainda estava ofegante quando Ricardo entrou com alguns papéis nas mãos. Vendo-a sem cor e banhada em lágrimas, apressou-se em socorrê-la:

- O que houve? Está bem? Outro mal-estar?
Com dificuldade, Emilie respondeu:

- Não posso mais adiar, Ricardo. A misericórdia de Deus me alcançou e não vou mais protelar.

- Não compreendo...

Sem deixá-lo continuar, ela disse:

- Infelizmente, Ricardo, não vou viajar. Vá com Cíntia, eu ficarei.
- Não tem sentido viajar sem você, Emilie. Afinal, é por sua causa que quero sair daqui.
- Mas é aqui que preciso estar, Ricardo. Tenho deveres a cumprir.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 427

- Do que está falando? Que deveres tem, além de estar comigo e com sua filha?
- Tenho tarefas espirituais a executar, e não vou mais adiá-las.
- Está me assustando. Do que é que você está falando?

Emilie silenciou, refletindo. Respirou fundo, ajeitou o corpo no sofá e, depois de manter a cabeça entre as mãos por instantes, fitou-o dizendo:

- Sei que será difícil para você aceitar, Ricardo, mas tenho de agir como manda meu coração. Preciso que compreenda e me ajude. Se realmente me ama, vai fazer isso.

Não posso simplesmente esquecer o que houve comigo nos últimos meses. Isso transformou minha vida, meu interior. É impossível fingir que nada aconteceu. Foram fatos que me colocaram diante do meu destino, das minhas responsabilidades, que agora preciso assumir definitivamente. Não será fácil para nenhum de nós..

- Afinal, Emilie, do que é que está falando? Será que pode ser mais clara?

Outra vez ela respirou fundo e mentalmente pediu a Deus que a sustentasse. Levantou-se e caminhou até a grande lareira. Depois foi até a vidraça e observou Cíntia, que estudava compenetrada. Ricardo aguardava em ansiosa expectativa. Emilie voltou a encará-lo e prosseguiu:

- Tenho compromisso espiritual a cumprir, e não posso mais fugir. Não posso mais ignorar minhas responsabilidades. Ou melhor, até poderia, só que jamais seria feliz.

Não renasci para desfrutar benefícios e prazeres, para viver uma vida de alegria ilusória e de satisfação do egoísmo e do orgulho. Estou aqui para trabalhar por aqueles que prejudiquei, e não posso mais me omitir.

- A quem você prejudicou, Emilie?

- Não sei os nomes, porém isso não importa. As tarefas espirituais me chamam.

428 RENASCER DA ESPERANÇA

Pálido, trêmulo e com a voz embargada, Ricardo perguntou:

- Vai se tomar freira?

Emilie sorriu e exclamou:

- Não, querido, não vou ser freira. Vou servir a Deus de outra forma. Ricardo, agora sou espírita, sou médium e tenho trabalho a executar dentro desse movimento

que começa a se expandir. Dentre minhas responsabilidades, devo colaborar para a difusão do Espiritismo na Terra, ajudando as almas angustiadas e sofredoras a encontrarem

a luz de Jesus, através da fé raciocinada que o Espiritismo proporciona. Não sei ainda a que tarefa específica me dedicarei; vou procurar Miguel hoje mesmo e me

oferecerei para o trabalho nas reuniões de estudo que ele promove.

- Está querendo me enganar, não é? Tem alguma coisa com esse Miguel, eu senti desde o primeiro dia. E vem dizendo que vai trabalhar... Logo depois de receber bilhete...

Você não me engana. Está com saudade dele, é isso! Não vou admitir, Emilie. Se quiser ir, que vá embora de uma vez. Não vou tolerar esse tipo de conduta.

- Não é nada disso, querido. Miguel é um amigo e um orientador espiritual mais experiente, só isso. Meu coração pertence a você; entretanto, acima de você e de tudo

o que temos em comum, está o meu espírito, que necessita de trabalho e evolução.

Sentando-se ao lado do marido, Emilie segurou suas mãos e pediu, quase sup

licante:

- Venha comigo, Ricardo, acompanhe-me às reuniões e verá que se trata apenas de estudo e trabalho. Assim, perceberá que não há motivo para desconfiar. Venha comigo, eu ficarei muito feliz!

- Está louca, Emilie? Delira? Pensa que irei frequentar essas reuniões do demônio? Nem pensar! Jamais passarei nem

LUCIUS | SANDRA CARNEIRO 429

mesmo pela porta da casa. E não vou admitir que minha esposa seja membro dessa seita maldita!

- Não entende, Ricardo? Eu preciso do trabalho! Ele é essencial para mim!

- Você está enlouquecendo, Emilie. Sempre foi problemática, e os últimos acontecimentos a fizeram adoecer de vez. Só pode ser isso.

Emilie, com os olhos rasos de lágrimas, manteve-se calada, sem saber o que fazer. Ricardo se levantou e desabafou:

-Já basta! Estou cansado de tudo isso. Tenho ido além de minhas forças para fazê-la feliz. Tenho feito de tudo, dado do bom e do melhor, esquecido por completo o passado e os problemas que já tivemos. Indispus-me com minha família, que e não vejo desde que você retomou. E o que ganho? Você quer me ridicularizar, me humilhar perante toda a sociedade, entregando-se a essas práticas satânicas; e quer que eu aprove, que eu concorde! Pois saiba de uma coisa, Emilie: se insistir nessa maluquice, deixarei de ser seu marido. Você terá de escolher. Ou esquece tudo e se dedica a mim e a Cíntia, ou sai desta casa, acaba com nosso casamento e não vê Cíntia outra vez.

- Não pode me impedir de ver minha filha!

- Posso e vou. Pense bem, Emilie, pense muito bem! Tem até amanhã para resolver. Comprei as passagens e tenho tudo acertado. O navio para a Índia parte depois de

amanhã à tarde e estarei nele com Cíntia. Se não nos acompanhar, considera rei que escolheu deixar-nos.

- Mas não sou eu quem está querendo deixar você, Ricardo; só quero ter a liberdade de realizar aquilo que é necessário.

- A decisão é sua: ou essa doutrina, ou sua família. Pense bem, pois não vou voltar atrás.

Sem dizer mais nada, Ricardo saiu.

Emilie ficou sentada no sofá, meditando, sem saber o que fazer. Com a cabeça entre as mãos, chorou copiosamente.

430 RENASCER. DA ESPERANÇA

Capítulo quarenta e seis

Emilie, angustiada, passou o resto da tarde com o pensamento distante. Foi o riso alegre de Cíntia se despedindo do professor na porta de entrada que a trouxe de volta à realidade. Após fechar suavemente a porta, a menina se sentou ao lado da mãe, segurou-lhe as mãos e disse:

- Mãezinha, sabe que a amo muito, não sabe? Emilie a abraçou e respondeu:

- Seu amor é o bem mais precioso que possuo, filha.

- E vou amá-la sempre, mãe, aconteça o que acontecer. Emilie, enxugando as lágrimas, perguntou:

- Do que está falando?

- Não sei, mãe, mas pensando em tudo o que você contou sobre suas experiências, sinto muito carinho por Lucrecia, mesmo sem conhecê-la. Acredito que ela ficaria

feliz se você também fizesse algo em favor dos outros. Estou falando no orfanato do tio Fernando. Sempre lembro das crianças, mãe, e sei que precisamos de ajuda. Acho que poderíamos fazer alguma coisa por elas.

- Por que pensa isso, Cíntia?

431

- Não é certo que temos de ajudar aqueles que precisam? Pois sei que aquelas crianças precisam muito. Com o tio Fernando preso, quem vai cuidar delas? Ele se importava, sabe? Importava-se de verdade. Ele gosta daquelas crianças. Não sei direito o que foi que ele fez - vocês não me contam, vivem escondendo as coisas de mim -, mas imagino que tenha prejudicado você de alguma maneira; só que para mim ele sempre foi bom, mãe. E também era muito, muito bom para as crianças do orfanato. Agora estão sozinhas, sem ninguém que de fato se preocupe com elas.

- Você não devia se inquietar tanto assim com essas questões, é muito pequena...

Estendendo os braços e acariciando com suavidade o rosto da mãe, Cíntia respondeu:

- Sinto coisas que não sei explicar, mãe.

Sem saber exatamente o que se passava, apenas supondo que a menina também tivesse sensibilidade, Emilie abraçou-a outra vez. Depois de curto silêncio, Cíntia disse, soltando-se da mãe:

- Faça o que deve fazer, mãe.

- Você não entende, Cíntia. Seu pai não quer... Ele não admite...

- Quem sabe um dia ele compreenda, mãe? Ajude-o com seu exemplo.

Emilie buscava captar o que estava além das palavras, que naquele momento eram pobres para traduzir as profundas emoções compartilhadas por ambas. Enfim, disse:

- Sei que terei de enfrentar inúmeros sacrifícios e já me sinto preparada. Contudo, não consigo aceitar a idéia de me afastar de você. Não posso aceitar!

- Encontraremos um jeito de evitar que isso aconteça.
Emilie olhava para a menina de doze anos à sua frente e

432 RENASCER DA ESPERANÇA

surpreendia-se com a força da filha. Percebia que ela sabia do seu drama interior, e procurava auxiliá-la, mesmo sem compreender integralmente a situação.

Quando Ricardo chegou, bem mais tarde, encontrou Cíntia na sala, tocando piano. Pendurou o sobretudo e o chapéu, depois aproximou-se e perguntou, beijando a filha:

- Onde está sua mãe?

- Foi ao grupo de estudos espíritas na casa de Miguel.

- O quê? Ela teve essa ousadia?

- Deixe-a fazer o que precisa, pai. Ela já sofreu bastante, não a faça sofrer ainda mais.

- Você não sabe o que está dizendo, Cíntia; é uma criança e não conhece os problemas dos adultos.

- O que sei é que ela ama você, pai, e que você a ama também. Por que um deveria fazer o outro sofrer?

Sem ter o que responder, Ricardo se calou, pensativo. Não esperou pela esposa. Jantou com a filha e informou à menina que viajariam; e que ela deveria estar preparada para ir sem a mãe, caso fosse necessário.

No centro em casa de Miguel a noite foi de proveitoso aprendizado. Diversos espíritos sofredores se comunicaram, recebendo ajuda e orientação. Benfeitores espirituais portadores de intensa luz também se fizeram presentes e muitas orientações foram transmitidas. Emilie, que ao chegar se sentia enfraquecida, ao final das atividades estava refeita e revigorada. Por sua mediunidade muitos irmãos desencarnados que sofriam se manifestaram e foram atendidos. Depois que todos saíram, Miguel se acomodou

em uma cadeira e disse:

- E então? Estou aqui para ouvi-la.

-Já me sinto incrivelmente melhor, Miguel. Antes parecia que estava há tempos sem me alimentar. Agora, tendo participado das tarefas e do estudo tão construtivo, sinto-me com nova energia.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 433

Emilie silenciou, lembrando-se dos problemas que ainda teria de enfrentar. Miguel manteve-se sereno e quieto, aguardando que ela prosseguisse.

- Não sei bem o que dizer, Miguel. Tenho tantas coisas passando pela minha mente ao mesmo tempo... Estou confusa. Sinto-me feliz ao lado de Ricardo e Cíntia, porém isso já não me basta. Sinto que tenho de fazer mais, e não sei por onde devo começar.

Miguel, de olhar distante, como se escutasse alguém que não ela, pôs-se a falar:

- Posso imaginar o conflito que se estabeleceu dentro de você, Emilie, agora que conhece o motivo de suas crises. Ser médium é um presente de Deus, que implica também grandes responsabilidades. É compreensível que, consciente dessas responsabilidades, você não se sinta confortável em simplesmente ignorá-las. Só que ao mesmo tempo tem sua vida, seus desejos, seus entes queridos, e ainda suas necessidades pessoais, não é assim? Como lidar com tudo isso?

Emilie concordou com a cabeça e emendou:

- É precisamente esse o meu conflito. Miguel continuou:

- No entanto, Emilie, é preciso lembrar que todo fenômeno mediúnico tem um objetivo. O magnífico trabalho de pesquisa e organização das informações e mensagens espíritas desenvolvido por Allan Kardec tem deixado isso muito claro. Em suas obras, nos textos que tem publicado, vê-se que o objetivo maior do fenômeno mediúnico é nos fazer

compreender que a morte não existe, bem como explicitar que o modo como nos conduzimos na curta jornada terrena irá influenciar nosso estado na vida espiritual -
que é a verdadeira. A consciência de que a vida continua e tudo o que nos acontece tem uma causa, nunca sendo mero fruto do acaso, nos faz meditar que a finalidade da existência

434 RENASCER DA ESPERANÇA

cia é aprimorar nosso espírito, pela aquisição de valores morais que farão de nós aliados do bem. Assim, Emílio, a mediunidade é ferramenta fundamental de conscientização e transformação, quando exercida segundo os valores eternos que Jesus veio nos ensinar. É preciso renovar nossa mente à luz dos princípios do Evangelho. É por essa razão que o Espiritismo assusta tanto e a tantos. Através das informações que os espíritos nos revelam, sob a orientação do Mestre Jesus, somos convidados a reviver o Cristianismo primitivo, que foi esquecido e sufocado em sua essência por sistemas religiosos que no fundo defendiam seus interesses materialistas.

Emílio ouvia atenta a seqüência dos esclarecimentos de Miguel:

- Não é fácil renovar nossa mente, domar nossos pensamentos. Sem perceber, o homem é prisioneiro de crenças e valores que controlam e dominam sua vida. Só que tais crenças e valores cada vez mais são impostos ao homem por uma civilização materialista e cética, que no fundo não quer a verdade, apenas fingem buscá-la. O contato conosco mesmos e a honestidade em relação ao que encontramos em nosso íntimo tomam muito trabalhosa a renovação tão necessária. Por isso você luta tanto. É difícil libertar-se daquilo que acreditava ser bom para você. Mas não desista.

- E como poderia, Miguel? Vejo os espíritos à minha volta o tempo todo. Agora ainda mais do que antes. Se primeiro sentia a influência deles sobre mim, sem saber do que se tratava, hoje posso vê-los assim como vejo você. E eles me torturam. Meu passado é delituoso, Miguel, pude vislumbrá-lo de relance e ele me assusta.

-Todos temos um passado manchado pelos erros, Emilie, ou não estaríamos mais na Terra e sim usufruindo a beleza e a felicidade em mundos mais elevados. Todos nós temos de re-

LUCIUS / SANDRA CARNEIRO 435

parar enganar de outros tempos. Não se julgue sozinha nessa empreitada. Ao contrário: sintase amparada e abençoada pela oportunidade sagrada da vida que recebeu, quando, alcançada pela Nova Revelação, poderá permitir que a luz do conhecimento e da consciência abra espaço nos rançosos pensamentos sedimentados há séculos em seu interior. A princípio a luz nos ofusca e assusta, porém à medida que a prendemos a conviver com ela já não conseguimos ignorar o bem que nos traz. Séculos de escuridão foram impostos aos homens pelos interesses dos detentores do poder. O Cristianismo, luz soberana trazida por Jesus Cristo, poderia ter há muito resgatado a Humanidade da dor e do sofrimento. Ao invés disso, os cristãos, sofridos e torturados, cederam às pressões do poder material e acabaram por ele vencidos. No entanto, aquele que arquitetou o Planeta, e depois a ele desceu para ensinar diretamente aos homens o caminho para Deus, jamais nos desampara. Pacientemente e continua a nos orientar e esperar. E agora nossos olhos gratos observam o nascer de uma nova esperança para os homens - ao menos para aqueles que tiverem a mente e o coração preparados para reconhecê-la. É o Consolador Prometido que chega, em nossos dias, para dar nova oportunidade a todos. É por isto, Emilie, que amo profundamente o Espiritismo: porque compreendo que ele vem resgatar o Cristianismo em sua essência, não através da crença cega, porém à luz da razão e da ciência. É maravilhoso poder participar de alguma forma deste momento de renovação.

Miguel calou-se, emocionado.

Emilie o ouvia reverente. Longo silêncio se seguiu. Por fim, erguendo-se, ela disse:

- Mais uma vez obrigada, meu amigo. Agora preciso ir. Miguel também se le

vantou, sorrindo:

- Você nem conseguiu dizer nada...

436 RENASCER DA ESPERANÇA

- Mas esteja certo de que ouvi o que precisava, Miguel. Não há mais dúvida sobre o que devo fazer.

- A decisão está em suas mãos.

- Sim, o livre arbítrio.

- É isso mesmo.

Miguel acompanhou Emilie até a porta e, retirando o casaco do cabideiro, disse:

- Vou levá-la até sua casa. Não é bom ficar pelas ruas à noite.

- Obrigada, não há necessidade, Miguel. Tenho um carro com condutor me esperando.

- Tem certeza?

- Claro.

- Aguardo notícias.

- Quando é a próxima reunião de estudos?

- Depois de amanhã.

- Estarei aqui.

Miguel despediu-se carinhosamente. Antes de sair, Emilie perguntou:

- Tem notícias de Jairo?

- Ele pretende ficar uns tempos em Marrocos. Recebeu notícias das filhas de Lucrecia e quer verificar pessoalmente como estão, se precisam de algo.

Emilie exibiu um sorriso triste e comentou:

- Gostaria muito de vê-lo antes da viagem.

- Ele ficará aqui alguns dias antes de partir; poderão encontrar-se.

Emilie se acomodou no banco da carruagem e disse a Miguel, enquanto ele fechava a porta:

- Lucrécia está muito bem.

- Recebeu alguma mensagem?

- Na verdade eu a vi hoje, em minha casa. É um espírito

LUCIUS / SANDRA CARNEIRO 437

de força e valor incríveis! Nunca imaginei que alguém fosse capaz de tamanha renúncia.

Sem poder demorar-se mais, Emilie pediu que o condutor partisse. Miguel sorriu satisfeito, notando que ela estava fortalecida, e ali ficou observando até a carruagem desaparecer, ao dobrar a esquina.

Quando Emilie chegou em casa, Ricardo já se recolhera. Depois da longa e lucidativa conversa que tivera com Miguel, ela estava decidida. Enfiou-se silenciosamente na cama, tentando não acordar o marido.

Na manhã seguinte, quando ele se sentou para o café da manhã, foi informado pela criada de que a esposa já havia saído. Contrafeito e irritado, levantou-se e saiu também.

438 RENASCER DA ESPERANÇA

Capítulo
quarenta e sete

Aos primeiros raios de sol, Emilie já estava na cadeia, aguardando para conversar com Fernando. Quando lhe anunciaram a inesperada visita, o preso sentiu ao mesmo tempo medo e inquietação. Sabia que seria difícil encarar Emilie depois de tudo que lhe fizera; ainda assim, teria certo alívio em poder pedir-lhe perdã o diretamente.

Logo que a viu entrar, surpreendeu-se com a mudança em sua aparência. Emilie estendeu-lhe a mão:

- Como vai, Fernando?

Hesitante, ele retribuiu o aperto de mão e replicou:

- Creio que recebendo o que mereço.

Emilie olhou-o por alguns instantes, depois não se conteve:

- Por quê?

Fernando respondeu, emocionado:

- Achava que estava protegendo a Igreja, minha família, não sei... Emilie, perdoe-me, por favor. Sei que talvez seja pedir demais, mas me arrependo tanto do que fiz... Pensava estar agindo corretamente; só que com o passar do tempo as coisas se aclararam aos poucos, e então comecei a compreender que estava errado em muitas questões. Especialmente em relação à

439

forma como encarava a Igreja. Sei que o que fiz está feito, não posso voltar atrás; todavia, daqui em diante me conduzirei conforme realmente acreditar, obedecendo à minha consciência, doa a quem doer.

- Você foi e está sendo corajoso, Fernando.

- Eu? Não, eu fui covarde.

- Pode ter sido, mas agora está sendo muito corajoso. Vejo em seus olhos absoluta sinceridade e está procurando agir segundo pensa, mesmo que isso lhe traga tristes conseqüências. Isso é coragem.

- É o mínimo que posso fazer, depois das atitudes criminosas que tive. Por favor, perdoe-me.

Emilie puxou a cadeira e sentou-se.

- Você tem a minha compreensão, Fernando, e acaba de conquistar o meu respeito. Não há nada para perdoar.

- Eu a prejudiquei, Emilie.

- Aparentemente, sim; na verdade, você me ajudou muito.

- Como? Não entendo.

- Essa situação que vocês armaram me levou a grandes sofrimentos, porém através deles, pela misericórdia de Deus, pude encontrar respostas que há muito buscava.

Hoje, depois de tudo o que aconteceu, sei quem sou, sei que sou responsável pelo meu destino, e sei que eu mesma semeei toda a dor que colhi - não nesta vida e sim

numa existência anterior. Sabe que todos vivemos muitas vidas?

- Você se tomou espírita?

- Sim, e também descobri que sou médium. Por isso os comportamentos estranhos e as sensações perturbadoras que me acometem desde a adolescência.

- Médium? Então pode falar com os espíritos?

- Eles falam comigo e algumas vezes posso vê-los. Longa conversa se seguiu, em que Fernando e Emilie tro-

440 RENASCER. DA ESPERANÇA

caram experiências. Ele narrou em pormenores o que sentira ao ler O Livro dos Espíritos e como, após finalizar a leitura, percebera que um universo se havia descortinado para seu limitado entendimento. Ao final da longa conversa, profundamente impressionada, Emilie perguntou:

- O que pretende fazer quando sair daqui, Fernando?

- Se eu sair, você quer dizer. Minha tia certamente me odeia e fará tudo para me manter preso. Por ora, minha maior preocupação é com as crianças do orfanato. Sei que a paróquia tem dado alguma assistência, mas aquele orfanato é minha re-

sponsabilidade; eu o montei com meus próprios recursos. Gostaria de estar lá, pessoalmente.

- Cíntia também está preocupada com as crianças.

- É mesmo? E como ela está?

- Está bem, muito bem.

- Ela me ajudou muito com as crianças. Aliás, acho que Cíntia também pode falar com os espíritos.

Emilie sorriu, dizendo:

- Também suponho que sim.

- Foi por isso que a enviaram para o convento, para tentar silenciá-la. Eles sabem, Emilie; sabem que é possível essa comunicação.

- Cíntia esteve no convento?

- Então não sabia?

- Nem suspeitava. Ela e Ricardo não me disseram nada. Meu Deus! Ainda bem que voltei a tempo de resgatar minha filha.

Seguiu-se longo silêncio em que Emilie, surpresa, avaliava os perigos que a filha correria em sua ausência.

- Agora preciso ir, Fernando.

- É uma pena!

- O guarda já veio aqui umas três vezes. Antes de ir quero que saiba que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para

Lucius I SANDRA CARNEIRO 441

ajudar você a sair daqui. E acho que posso auxiliá-lo mesmo enquanto estiver preso. A partir de hoje, vou cuidar das crianças no orfanato. Onde fica?

Fernando se levantou trêmulo e, segurando-lhe as mãos, disse:

- Vai fazer isso por elas?

Saiba, Emilie, seremos eternamente gratos a você.

- Não tem o que agradecer, Fernando. Preciso contribuir de alguma forma

; quando compreendemos a grandeza de Deus e de Seu amor para conosco, e por outro lado enxergamos nossas imperfeições e quanto temos a aprender, ficamos maravilhados com o carinho e a paciência que nos dedicam os amigos espirituais, mensageiros divinos a nos auxiliar. Diante da proteção que nos ofertam, o mínimo que podemos fazer, como atitude de reconhecimento, é nos colocarmos à disposição deles para sermos úteis de alguma forma, nesse trabalho de iluminação e regeneração da Humanidade em que eles igualmente contribuem com o Criador. Considerando o muito que recebemos, o que mais podemos fazer senão nos alistarmos também para o trabalho?

Fernando não pôde dizer mais nada. Abraçou Emilie, que retribuiu e despediu-se, deixando-o perplexo, mas muito feliz.

Ela foi diretamente para o orfanato e logo ao chegar percebeu a desordem do local: sujeira por toda parte, crianças chorando e algumas machucadas. Foi informada de que restara apenas uma ajudante, que, não conseguindo abandonar completamente as crianças, dedicava a elas meio período.

Assim que se inteirou das condições do orfanato, Emilie vestiu um avental e disse à jovem:

- De hoje em diante, estarei aqui todos os dias. Vamos ao trabalho! Temos muito que fazer para pôr este lugar em ordem!

442 RENASCER DA ESPERANÇA

Impressionada com aquela mulher rica e linda, que colocava a mão em todo tipo de sujeira, a auxiliar ficou animada e se empenhou ainda mais por toda a manhã. Quando se despediu, disse:

- Fico feliz que tenha vindo. Pedi muito a Deus que me ajudasse; já não podia dar conta do trabalho e começava a faltar até alimento para as crianças. Estava trazendo alguma coisa de casa, mas meus pais logo iriam notar e talvez me impedissem até de vir.

- Fique tranqüila. Fernando tem os recursos para manter o orfanato, e enqu

anto não consegue movimentá-los vou procurar colaboração em outra parte. Não faltará o necessário, pode estar certa.

- Agora estou certa, dona Emilie.

- Por favor, me chame apenas de Emilie.

Ao final do dia, depois de localizar uma amiga de Miguel que passaria a noite e com as crianças, ela foi para casa. Embora temesse a reação do marido, trazia tal alegria tal alma que se sentia com disposição para enfrentar tudo o que estivesse por vir.

Ricardo a esperava ansioso. Apesar do recado que ela lhe enviara sobre a visita ao orfanato, não esperava que se demorasse tanto. Quando a esposa chegou, quis conversar; Emilie pediu:

- Vamos jantar primeiro, depois conversamos. Ricardo permaneceu calado durante o jantar. Emilie contou à filha sobre o orfanato e as crianças, ocultando de ambos a visita a Fernando. Cíntia reclamou com a mãe por não a ter levado, ao que Emilie respondeu:

- Não se preocupe, terá muitas oportunidades de vir comigo, filha. Estarei lá todos os dias e de quando em quando poderá me ajudar.

- Vai trabalhar no orfanato, mãe?

- Vou, querida.

Ricardo, que ouvira toda a conversa, jogou o guardanapo com força sobre a mesa e se levantou, irritado:

Lucius | SANDRA CARNEIRO 443

- Isso é o que você pensa! Mas vamos ao que interessa: amanhã Cíntia e eu viajamos para a Índia. Vai conosco?

Emilie suspirou fundo, buscando as palavras:

- Não, Ricardo. Quero que vá com ela; eu preciso ficar.
- Você quer ficar, isso sim.
- É difícil para você entender?
- Não quero entender, Emilie.
- Por isso é difícil, Ricardo. Quanto tempo vão ficar viajando?
- Cerca de trinta dias.
- Vai ser bom para nós dois. Tudo aconteceu muito depressa e mal tivemos tempo para refletir. Agora é um bom momento.
- Pois então aproveite e pense bem. É sua última chance
- Disse isso olhando para Cíntia -, quando voltarmos decidiremos nossa situação de uma vez por todas.

Emilie assentiu com a cabeça e Ricardo, perguntou energicamente à filha:

- Suas coisas estão prontas, mocinha?
- Pai...
- Estão prontas?
- Quase. Esperava minha mãe para terminar.

Emilie se levantou num movimento vigoroso e, demonstrando alegria e entusiasmo, disse:

- Pois então o que esperamos? Vamos já terminar de arrumar suas coisas. E dormir logo, para amanhã estar bem disposta.

444 RENASCER DA ESPERANÇA

Capítulo
quarenta e oito

Ao se despedir do marido e da filha, Emilie notou no olhar de Ricardo, a des

peito da frieza com que fazia questão de tratá-la, certa hesitação escondida que lhe deu um lampejo de esperança. Ricardo ameaçou a esposa mais uma vez; mesmo assim ela se desdobrou em carinho e ternura, pedindo-lhe que mandasse notícias.

Tão logo os dois partiram, Emilie seguiu para o orfanato, onde, entregue aos cuidados constantes que as crianças requisitavam, esqueceu-se de si própria e de seus problemas pessoais.

Os dias correram. Emilie dividia seu tempo entre o trabalho árduo no orfanato e a participação ativa nas reuniões de estudos espíritas na casa de Miguel, onde sua colaboração se fazia cada vez mais abrangente: recebia mensagens de espíritos sofredores, assim como transmitia instruções e palavras esclarecedoras de espíritos evoluídos, que vinham para guiar aqueles que procuravam colocar em prática os sublimes ensinamentos de Jesus, elucidados pelos preceitos da Doutrina Espírita, que mais e mais se espalhavam pela Espanha. Na verdade, desde a queima de livros, o Espiritismo crescia velozmente na

445

Península Ibérica. As reuniões públicas aumentavam. Muitos chegavam e partiam, movidos unicamente pela curiosidade que os fatos notórios despertavam; outros, entretanto, ao tomar contato com os conhecimentos trazidos pelos espíritos, compreendiam a sua profundidade e tomavam-se trabalhadores e defensores do movimento. Os centros de estudos espíritas também se multiplicavam rapidamente.

À medida que novos colaboradores surgiam, mais se sentia a necessidade de multiplicar as matérias de estudo disponíveis, e Miguel sabia que era imprescindível agilizar a tradução de obras espíritas para o espanhol; se houvesse maior quantidade de livros de estudo, muitos outros se beneficiariam.

Miguel se correspondia regularmente com a Sociedade Espírita de Paris, mantendo-a atualizada sobre o que ocorria com o movimento em Barcelona. Em uma de suas cartas

informou que despontava uma nova colaboradora que talvez pudesse contribuir na tradução das obras, acelerando o trabalho. Recebeu uma resposta que o entusiasmou:

aconselharam que a pessoa citada fosse a Paris, para trabalhar junto deles, de modo a eliminar dúvidas que poderiam surgir quanto às questões mais complexas, no decorrer do trabalho de tradução.

Naquela noite, ao final dos estudos, Miguel comunicou a todos sua preocupação quanto à necessidade de mais publicações espíritas traduzidas para o espanhol. Assegurou que seu desejo era ver a doutrina disseminada, esclarecendo e consolando, orientando e iluminando aqueles que estivessem prontos. Afirmou ainda a certeza de que, de alguma forma, os espíritos providenciariam a pessoa apropriada para ajudar na tarefa e que já tinha as orientações para a empreitada quando essa pessoa se apresentasse: deveria ir a Paris para trabalhar ao lado dos companheiros iniciadores do Espiritismo.

Depois que quase todos saíram, Miguel se manteve calado,

446 RENASCER DA ESPERANÇA

sentado à mesa. Emilie, que conversava alegremente com Jairo, em seus últimos dias em Barcelona antes de retomar temporariamente a Marrocos, observou que o amigo parecia bastante preocupado. Aproximou-se dele e perguntou:

- O que foi, Miguel?

- Não podemos prescindir dos livros e outros materiais que nos ajudariam e que não temos como utilizar em francês. Sei que as forças contrárias ao nosso ideal não sossegam um só instante, porém ao mesmo tempo sei que a solução virá.

Emilie olhou-o demoradamente e de repente disse:

- Você acha que poderia cuidar das crianças do orfanato para mim?

- O quê?

- Se eu tivesse de me ausentar por uns meses, cuidaria delas? Miguel sorriu, contente em perceber que Emilie enxergava a oportunidade que ele realmente acreditava destinada a ela.

- Se fosse necessário, daríamos um jeito. O trabalho que você tem feito é respeitado e já tem diversos apoiadores em nosso meio.

- E é somente através desse apoio que tem sido possível manter o orfanato aberto.

- E recebendo novas crianças...

- É verdade, Miguel, elas não param de chegar! Emilie calou-se um instante, depois prosseguiu:

- Poderia cuidar delas, então?

- Se fosse preciso, sim, mas por que pergunta? Pretende viajar, Emilie?

- Se cuidar das crianças para mim, viajo a Paris. Como sabe, o francês é minha língua mãe; e pelos anos que vivo neste país, além da facilidade que tive em assimilar o idioma, domino igualmente o espanhol. Há tempo espero fazer algo para colaborar com a expansão dessa doutrina de luz que me deu tanto consolo,

LUCIUS / SANDRA CARNEIRO 447

tanto amparo, que me fez renascer, enfim. Não posso deixar de oferecer-me. Se você acha que eu posso de alguma forma contribuir, eu me coloco à disposição. Vou para Paris, Miguel.

- E sua família? Seu marido, Cíntia?

- Ainda estão viajando; chegam em duas semanas. Conversarei com Ricardo. Talvez o convença a me acompanhar. Não sei, Miguel... De qualquer maneira, gostaria de contribuir.

Miguel sorriu jubiloso e disse:

- Não sabe como me sinto feliz por ouvir isso, Emilie. De fato, essa tarefa l

he pertence, embora eu não tivesse direito de lhe pedir tal sacrifício. Conheço bem as dificuldades que tem enfrentado, sei que está temerosa pelo futuro, pela decisão de Ricardo, e jamais poderia pedir que se sacrificasse. Contudo, sempre senti que em suas mãos a missão seria bem executada.

- Pois então está decidido. Temos duas semanas para tomar todas as providências. Quando Ricardo chegar, preciso ter tudo definido: lugar para ficar em Paris, estrutura, suporte para as crianças - enfim, tudo tem de estar pronto.

- Está mesmo disposta a se dedicar a essa empreitada, Emilie? Tenho acompanhado seu trabalho e vejo que progride a cada dia. Tem certeza de que é momento para mais esse esforço pessoal?

Emilie o fitou com os olhos cheios de lágrimas e, sob forte emoção, disse:

- De fato não tem sido fácil, Miguel. E só de pensar em me separar outra vez de minha filha, por qualquer motivo que seja, fico apavorada. Por outro lado, nada se compara à paz e ao bem-estar que sinto a cada dia, quando cumpro o meu dever. Além do mais, estou muito mais equilibrada depois que comecei a dedicar-me novamente ao trabalho. Preciso trabalhar; só assim poderei viver em paz. Compreendo a importância dos livros e sei que muitos serão beneficiados pelas traduções. Se

448 RENASCER DA ESPERANÇA

tivéssemos mais material de leitura, aqueles que vêm até nós cheios de dúvidas e incertezas teriam mais recursos para acelerar o conhecimento e a aprendizagem. Não posso pensar no sacrifício, Miguel; devo pensar naqueles que serão favorecidos com o resultados de nossos esforços. Miguel abraçou a amiga ternamente:

- Pois então prepararemos tudo. Quero que se concentre no seu trabalho junto às crianças e em selecionar os voluntários que vou encaminhar a você. Quanto à viagem e a suas condições de hospedagem e sobrevivência em Paris, deixe por minha

a conta.

Após saborear suave chá em companhia de Miguel, Jairo e alguns outros amigos íntimos, Emilie regressou pensativa. Perguntava-se, pelo caminho, se de fato estaria fazendo a coisa certa.

Ao chegar em casa, uma surpresa a esperava. Assim que entrou, a governanta encontrou-a na porta e disse baixinho:

- Eu disse que a senhora iria demorar, mas ela insistiu e me ameaçou; não tive escolha. Ela me fez acender a lareira e servi-la, depois deu ordens como se fosse a dona da casa. Eu não sabia o que fazer...

Emilie viu Isabel sentada na poltrona da sala e disse, tocando o ombro da jovem governanta:

- Não se preocupe, está tudo bem. Deixe que cuida disso sozinha.

- A senhora tem certeza de que não devo procurar ajuda?

- Apenas fique atenta. Se precisar de alguma coisa, eu chamo.

A governanta se afastou e Emilie, com passos firmes, entrou na sala. Isabel, que permanecia sentada, limitou-se a erguer os olhos e atacou:

- Até que enfim! Somente uma mulher sem responsa-

LUCIUS / SANDRA CARNEIRO 449

bilidade como você poderia chegar em casa, na ausência do marido, a uma hora dessas.

Emilie aproximou-se e disse:

- Vamos direto ao assunto, dona Isabel. Qual o motivo de sua visita?

- Vim avisar-lhe que não vou desistir de provar que você não é a pessoa certa para viver com meu filho nem para cuidar da minha neta. Assim que Ricardo voltar, tomarei providências para que ele decida certo desta vez. Eu vinha esperando ansi

osamente uma oportunidade, que você me entregou de bandeja, com toalha branca e prata de
lei! A sua ridícula insistência em prosseguir com as idéias demoníacas que a dominaram por completo facilitou tudo. Meu filho está de novo fragilizado, em dúvida,
indeciso; e assim você, estupidamente, o devolveu a mim. Ricardo, que não falava mais comigo, uma semana depois de partir enviou-me uma carta desabafando sua tristeza.
Percebi que está arrependido de lhe ter dado outra oportunidade. Ele deveria ter aproveitado os fatos a que fui forçada para mostrar-lhe quem você é na realidade
e ...

Nessa altura Emilie interrompeu a sogra, dizendo:

- E quem eu sou, Isabel? Por que me odeia tanto? Já pensou nisso?
- Você me causa repugnância!
- E já pensou no porquê? Diga-me, Isabel, por quê?
- Ora, não me obrigue a ser direta...
- Estou pedindo que seja. Quero que me diga por que eu a incomodo tanto.
- Ora, não tenho de lhe dar satisfações sobre meus sentimentos.
- Não consegue explicar, não é? De fato você não entende por que tem tanto ressentimento por mim, não consegue explicar essa repugnância. Você não sabe, Isabel, não? Pois eu

450 RENASCER DA ESPERANÇA

sei e vou lhe dizer: nós duas já estivemos do mesmo lado. Já vivemos juntas em outras vidas, agindo de maneira equivocada em relação à religião que abraçamos.

- Cale-se, sua maluca! Não creio nessas coisas!
- Não acredita? Então por que o que estou dizendo mexe com você? Não pode explicar a origem desses sentimentos, mas eu sei que de alguma forma se

sente traída por mim. Traída porque já não comungo com você das mesmas crenças e dos mesmos anseios. Sente como se eu fosse uma desertora. Não sou mais sua parceira em desatinos de toda sorte contra aqueles que, mais fracos, não podem defender-se.

Isabel se levantou, visivelmente transtomada. Não conseguia compreender por que o que Emilie dizia a tocava tão profundamente. Irrada, gritou:

- Cale-se! Não quero ouvir nem mais uma palavra! Vou fazer tudo para afastar você de meu filho e para tomar sua vida insuportável, está me ouvindo? Vou perseguir você, não pense que estará livre de mim!

- Acalme-se, Isabel - pediu Emilie, estendendo a mão para o braço da sogra.

- Não ouse me tocar! Você não merece encostar em mim.

- Por quê? O que lhe fiz? Diga-me, o que foi que fiz a você que a deixa tão enfurecida? - dessa vez, segurou o braço de Isabel com força surpreendente

- Solte-me! - Insistia ela.

- Somente quando me explicar por que tem essa raiva incontrolável de mim. Diga-me o que fiz a você, olhando dentro dos meus olhos.

Agora prendendo Isabel com as duas mãos, Emilie tinha os olhos fixos nos seus e ela, subitamente fragilizada, buscava soltar-se, dizendo:

- Não sei, não sei. Deixe-me! Você me assusta!

Lucius / SANDRA CARNEIRO 451

- Por que, Isabel?

- Eu não sei!

- Não percebe? Sem dúvida não é a primeira vez que nos encontramos, e certamente já caminhamos lado a lado em outra existência.

- Isso não existe! É mentira!

- Não, Isabel, é verdade! Já vivemos outras vidas, e trazemos marcas profundas daquilo que fizemos em encarnações passadas. Somos hoje o resultado daquilo que fizemos aos outros e a nós mesmos. Seu ódio sem explicação é um claro sinal. Tudo isso é verdade, Isabel, não podemos mais negar.

- Você é louca! Está dominada!

- Se estou possuída, como explicar que esteja tão serena, tranqüila e agindo de forma construtiva? Antes de conhecer e compreender essas verdades sobre a vida depois da morte, sobre a possibilidade do contato entre os dois mundos, minha vida estava confusa e vazia. Não sabia ao certo quem eu era nem tinha um sentido para minha existência. Desejava apenas ser feliz, desfrutar o maior prazer que pudesse e realizar cada um de meus desejos e caprichos. No entanto, descobri algo muito maior e mais belo: descobri a origem de meu desequilíbrio e compreendi que tudo o que sofria era resultado daquilo que fizera com minha vida, em outra encarnação. Hoje estou no controle do meu destino e quero acertar. Quero servir a Deus, ser vindo antes de tudo aos meus semelhantes. Não sei quanto tempo vou levar para reparar os erros que cometi no passado, mas vou dedicar minha vida ao Bem, ao Amor e a Deus, para que possa aproveitar a oportunidade que tenho, aqui e agora. E foi você quem me ajudou, Isabel; apesar de todo o mal que pensa me ter feito, você me ajudou a me encontrar. Se me teme, é porque também está perto de descobrir a verdade. Não relute mais.

452 RENASCER DA ESPERANÇA

Isabel ouvia em silêncio. Estava alterada e visivelmente abatida. Todavia, quando Emilie se calou e soltou seus braços, ela disse com voz trêmula:

- Você não vai me envolver em sua teia. Está sob influência maligna e não quero saber de nada que vem de você!

Sem falar mais, pegou o casaco e saiu depressa, deixando a porta aberta. Em

ilie só pôde dizer em voz alta, enquanto ela se dirigia quase correndo para a carruagem:

- Pense bem, Isabel. Não tem explicação para esses sentimentos!

Isabel entrou rápido na carruagem, que imediatamente desapareceu rua afora. Emilie, intrigada, fechou a porta e voltou-se devagar. A governanta, pálida, a aguardava:

- A senhora está bem, dona Emilie? Essa mulher é muito perigosa!

Acomodando-se no sofá, Emilie respondeu:

- Eu estou bem. Talvez neste momento dona Isabel esteja mais assustada do que nós, Ismênia.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 453

Capítulo
quarenta e nove

Fazia vinte dias que Ricardo e Cíntia estavam fora; em breve regressariam. Desde a partida de ambos, Emilie dedicava seu tempo ao orfanato, ao estudo e a longos períodos de meditação e prece, onde buscava em Deus a força e a orientação de que precisava. Sabia que em alguns dias teria de tomar uma decisão muito difícil. Não desejava de forma alguma se afastar da filha, tampouco de Ricardo. Seu amor por eles era imenso. Contudo, sabia que não poderia mais se deter. Estava com medo e se sentia angustiada, sem conseguir ver uma solução. Ricardo se mostrava irredutível nas poucas cartas que enviara. A visita de Isabel poderia significar um agravamento na situação. Se ela decidisse interferir, as coisas se complicariam ainda mais. E Emilie buscava na oração a energia de que necessitava. Nessas horas de recolhimento, subia ao seu quarto e, de portas fechadas, sentava-se na beira da cama e punha-se a falar com Deus, deixando que as emoções, os medos, as angústias todas fluíssem de seu íntimo:

- Meu Deus, sei que pode me ajudar. Tudo Lhe pertence, são Seus o poder e

toda a bondade. Oriente-me para que saiba

455

agir de maneira correta, conforme é Seu desejo, meu Pai. Não quero prejudicar meu lar, minha família, que são também sagrados, Senhor. Mas sinto que devo dedicar minha vida aos meus semelhantes, através do trabalho incessante no Bem, amparando os que necessitam, bem como contribuindo, ainda que minimamente, para a divulgação dessa doutrina iluminada que vem reviver os princípios puros e verdadeiros do Cristianismo. O que devo fazer, Senhor? Meu marido não aceita meus deveres. Como agir, então? Não sei, meu Pai, porém creio em Sua infinita sabedoria e sei que vê com toda a clareza aquilo que eu nem imagino que possa existir.

Em atitude interior de humildade e submissão, Emilie se emocionava intensamente. Ao final desses momentos a sós com Deus, sentia paz e consolo inraduzíveis. Seu coração se acalmava e ela saía do quarto revigorada, confiante que da infinita sabedoria de Deus viria a orientação no momento oportuno.

Enquanto aguardava o retomo daqueles que tanto amava, entregava-se diariamente a esses períodos de oração e meditação.

Afinal, aproximava-se o dia em que estariam de volta. Emilie não percebera, mas a dedicação amorosa às crianças, o contato freqüente com benfeitores espirituais de esferas elevadas e a oração constante conferiam-lhe uma beleza diferente. Estava envolvida em uma aura de suavidade e ternura, que dela emanava sem que se desse conta.

Ricardo silenciara. Havia duas semanas que não recebia nenhuma carta dele e por isso temia o pior. Olhava pela vidraça da sala de estar a cada ruído que escutava, até as cortinas ficarem amassadas e desarrumadas. Estimara a hora em que chegariam e esperava ansiosa. Os segundos se arrastavam, e já estavam atrasados.

Pedira para a governanta preparar o almoço mais especial que conhecia, ao gosto de Ricardo, em cada detalhe. Inquieta, num entra-e-sai pela cozinha, e

la perguntava:

456 RENASCER DA

- Está tudo pronto mesmo? Tem certeza?

A governanta, achando graça da ansiedade da patroa, sorriu:

- É claro que está, dona Emilie, e já faz tempo. Vamos, fique tranqüila.

Esfregando as mãos, Emilie sorriu sem graça:

- Estou com muita saudade...

- Eu posso imaginar. Mas tenha calma. A senhora está linda, ele ficará feliz em vê-la. Além do mais, por que se preocupa tanto, se o que tem feito é somente o bem?

Quando agimos certo, podemos estar em paz. Quando temos a consciência culpada, nos cobrando algo, é que ficamos feios e entristecidos. A senhora, não!

Emilie sentiu-se intrigada com o que Ismênia lhe dizia. Nunca havia conversado mais intimamente com a governanta e ela parecia compreender seus pensamentos. Foi então arrancada de suas reflexões pelo barulho da porta de entrada se abrindo e correu para a sala. Era o carregador com as malas. Logo atrás vinha Cíntia, alegre, buscando a mãe. Emilie correu ao seu encontro e abraçou-a:

- Estava com tanta saudade, filha!

- Eu também, mamãe. Foi uma viagem linda, precisava ver os lugares que visitamos!

- É mesmo?

Ainda estava abraçada à filha quando Ricardo, formal e sério, entrou. Emilie se levantou limpando as lágrimas e estendeu os braços para ele, à espera do desejado abraço. Ricardo olhou-a por um instante e depois, num impulso incontrolável, abraçou-a fortemente. Emilie chorava no ombro do marido, entre feliz e temerosa. Por

fim, perguntou:

- Foi tudo bem, querido?

- Foi uma linda viagem, pena não ter nos acompanhado. Mas vejo que está muito bem.

Lucius / SANDRA CARNEIRO 457

- É verdade, mãe. O que aconteceu com você? Está linda!

Emilie sorriu feliz ao dizer:

- Não tenho feito outra coisa a não ser trabalhar no orfanato e estudar, trabalhar e estudar. E, é claro, pensar em vocês dois. Senti muita saudade.

Ricardo não respondeu. Assim que descansaram um pouco, sentaram-se para o almoço. Ele ficou surpreso com o delicado esmero da mesa, da comida.

Emilie nunca fora

tão atenciosa como naquele momento. Almoçaram. Cíntia falava sem parar, contando tudo que havia visto e vivido. Ricardo sorria, mas falava pouco

. Quando terminaram,

Emilie disse:

- Agora é bom que descansem pelo resto da tarde. A viagem foi longa.

- Cíntia precisa mesmo descansar - respondeu Ricardo -, e eu preciso ir até a fábrica, ver como andam as coisas. Tenho me mantido informado, mas preciso ver como

estão os negócios. Volto no final da tarde e então vamos resolver nossa situação, Emilie.

Ricardo saiu e ela se deitou junto com a filha. Cíntia adormeceu no ombro da mãe, que, segurando firme suas mãos, refletia longamente sobre o que teria de enfrentar.

Ao final da tarde, Emilie aguardava o marido enquanto tocava piano com a filha. Ricardo entrou e sorriu ligeiramente ao ver as duas ao piano. Sentou-se na sala,

observando-as por alguns instantes, depois disse:

- Muito bem, Cíntia, agora eu e sua mãe vamos sair. Temos muito que conversar

rsar. Vá para seu quarto e descanse.

- Tenho uma idéia melhor, Ricardo. Combinei com alguns amigos para levarem Cíntia ao orfanato hoje. Ela quer muito rever as crianças. Assim, poderemos conversar com tranqüilidade.

458 RENASCER DA ESPERANÇA

- Já disse um milhão de vezes que não quero Cíntia naquele lugar! Não quero! O que tem para fazer lá?

- Ela gosta de estar com as crianças, de ajudar, de lhes dar atenção. Qual é o problema que vê nisso?

E tomando-se muito séria, acrescentou:

- Ao menos estou incentivando-a a fazer aquilo de que gosta. Não admitiria jamais que nossa filha ficasse num convento, contra sua vontade, distante de tudo e de todos! Isso, sim, iria prejudicá-la! E você, que diz querer o melhor para ela, inclusive afastando-a de mim, permitiu que isso acontecesse!

Ricardo ficou pálido. Não tinha idéia de que a esposa soubesse do ocorrido com a filha. Cíntia, que combinara com o pai não contar o fato à mãe, olhou para ele e disse:

- Eu não falei nada, pai, juro! Nós combinamos...

- Não foi ela quem me contou, Ricardo.

Subitamente Emilie começou a narrar quase sem controle todo o drama que a filha vivera. Mencionou cada detalhe: como havia sido arrastada pelo bispo e depois pelas freiras; o horror que sentira ao ver a mansão desaparecendo de sua visão; como fora abandonada no convento, em uma cela escura, quase sem comida; as inúmeras vezes que chorara, suplicando a Deus que a tirasse daquele lugar. O relato era tão vivo que Ricardo ficou alucinado. Nunca pensara em profundidade no que a filha havia passado. Sabia que fora uma experiência difícil, mas jamais imaginara o qu

anto ela sofrerá. Enquanto Emilie narrava, era como se Ricardo vivesse todas aquelas emoções, cada uma delas em toda a sua intensidade. Quando finalmente, exausta, Emilie se calou, Ricardo chorava baixinho e dizia:

- Eu não queria, mas não consegui evitar, não tive forças... Emilie, surpresa com a própria narrativa, ficou quieta por algum tempo. Não sabia o que dizer. Estava igualmente chocada

Lucius / SANDRA CARNEIRO 459

com o que a filha vivera. Cíntia, olhando os dois, aproximou-se do pai e disse:

- Pai, não fique triste assim, sei que não quis que nada de ruim me acontecesse. Agora tudo passou. Estamos bem, juntos, não vamos mais permitir que coisa alguma atrapalhe nossa felicidade.

E puxando a mãe, colocou as mãos dela sobre as do pai. Continuou:

- Não é por não pensar de forma igual que temos de viver separados. Foi por isso que minha avó fez o que fez comigo: porque não suporta que eu seja diferente, como não suporta que minha mãe seja diferente. Mas na realidade somos todos diferentes, e não podemos deixar que isso nos afaste uns dos outros. Somos uma família, não somos? Por favor, pai, não mande minha mãe embora, por favor! Precisamos dela! Você não percebe, pai?

Sem conseguir controlar-se, Ricardo abraçou a filha e chorou sentido. Quando se acalmou, olhou Cíntia e disse:

- Você tem razão, filha.

Então fitou Emilie, esperando por algum apoio. Ela o abraçou e disse:

- Deveríamos ao menos tentar, e nos esforçar de verdade! Ricardo balançou a cabeça, concordando. Cíntia agarrou-se ainda mais aos dois.

460 RENASCER DA ESPERANÇA

Capítulo cinquenta

Alguns dias depois, abraçada à filha, Emilie contemplava o movimento do mar. Começava o verão e uma brisa morna bafejava suavemente seu rosto.

Cíntia, de quando em quando, observava a mãe e sorria. Ao perceber que lágrimas desciam pela sua face ela as enxugou, pedindo:

- Por favor, mãe, não chore. Abraçando a menina com força, Emilie respondeu:

- Não se preocupe, filha. Minhas lágrimas são de gratidão. E olhando carinhosamente a casinha onde tanto aprendera, sorriu dizendo:

- Sou muito grata por tudo o que aprendi aqui. Devo muito aos amigos que me ensinaram o verdadeiro significado da palavra amor.

Cíntia ouvia atenta e satisfeita as palavras da mãe. Estava orgulhosa e feliz por vê-la transformada e em paz. Sem dizer nada, apertou as mãos de Emilie e sorriu.

As duas continuaram observando o mar quase até o sol se pôr. Emilie queria passar naquele recanto iluminado seus

461

últimos momentos na Espanha. Quando o sol se escondeu, ela fechou as janelas da pequena casa. Nunca imaginara que teria tanto carinho por aquele recanto de paz.

Quando partiam, viu Lucrécia vindo em sua direção. Estava envolta em intensa luz e sorria. Emilie, feliz, escutou suas doces palavras:

- Que Deus a acompanhe e abençoe. Há muito trabalho a ser feito. Siga aprendendo e ensinando o Evangelho de Jesus, à luz da doutrina que os espíritos esclarecidos nos legaram. O caminho é íngreme e árido. Mesmo assim, não tenha medo; muitos não a compreenderão nem a apoiarão, mas siga sempre confiante, pois igualmente somos

muitos deste outro lado, e estaremos com você. Fé, paciência e amor, que a luta está apenas começando.

Quando Lucrecia fez curta pausa, Emilie disse:

- Querida Lucrecia, quanto devo a você! Obrigada por todo o carinho que me dedicou. Sua renúncia me inspira e foi o seu amor que me ensinou a confiar no amor de Deus. Que o Pai a ilumine ainda mais, querida protetora!

Lucrecia aproximou-se de Cíntia e, envolvendo-a com ternura, disse:

- Desejei muito abraçá-la, pequenina.

Emilie observava Lucrecia, ignorando que Cíntia podia vê-la, e se surpreendeu quando a menina respondeu:

- E eu queria muito abraçar você. Obrigada por cuidar de minha mãe. Que Jesus a abençoe.

Surpresa, Emilie interpelou-a:

- Pode vê-la, Cíntia?

- Perfeitamente. Sorrindo, Lucrecia se despediu:

- Preciso ir e vocês também. Não devem perder o trem que parte de Barcelona para Paris. Lembre-se, Emilie: a luta

462 RENASCER DA ESPERANÇA

está apenas começando, mas se permanecer firme no bem, triunfará.

Mãe e filha sorriram olhando Lucrecia, cuja imagem se afastara e se dissipava pouco a pouco no horizonte, sobre o mar. Resoluta, Emilie fitou carinhosamente a filha, com os olhos a brilhar muito, e disse:

- Você ouviu nossa benfeitora. Vamos, querida, temos muito a fazer.

Sem dizer nada, Cíntia seguiu a mãe. Alcançaram Ricardo, que as esperava na carruagem. Prosseguiram em direção à vila, percorrendo o mesmo camin

ho que Emilie fizera na noite em que tentara pôr fim à própria vida. Ela sentia o coração feliz e agradecido a Deus pela oportunidade de uma nova vida que Ele lhe dera.

À medida que se distanciava do penhasco, pensava nas responsabilidades que assumira e imaginava as dificuldades mencionadas por Miguel e Lucrecia. Não obstante, estava comprometida com a expansão dos conhecimentos espíritas que a haviam auxiliado e libertado, e que levariam esperança à Humanidade.

Finalmente o penhasco ficou para trás e Emilie, confiante, como se tivesse renascido, seguia para a nova etapa de lutas e intenso trabalho.

Testemunhar a transformação interior que nela se processava foi penoso e em muitos momentos. As entidades espirituais que a odiavam a acompanharam por toda parte durante longo tempo, impingindo-lhe dor, angústia e medo em inúmeras ocasiões. Emilie esteve diversas vezes a ponto de desistir de suas tarefas na divulgação dos libertadores princípios espíritas. Mas sempre que se sentia fatigada ou desmotivada recebia novo

Lucius / SANDRA CARNEIRO 463

alento da Espiritualidade, na figura carinhosa da avó Heloise e também na de Lucrecia, que por vários anos trabalhou, já com a ajuda consciente de Emilie, na recuperação das entidades que a perseguiram.

Entre momentos de dificuldade, dor e renúncia, Emilie prosseguia.

Naquela noite, especialmente, sentia enorme cansaço. Depois de quase dois anos colaborando na tradução de livros e artigos, estava exausta. Os trabalhos no orfanato exigiam cada vez mais dela, que permanecia menos tempo com a família. Além dos problemas com Ricardo, que continuavam, e do assédio constante de entidades desencarnadas, tinha de livrar-se dos ataques diretos da Igreja e de Isabel, que se faziam mais ásperos e freqüentes. Ela não desfrutava um só minuto de tranqüilidade.

Enquanto se dirigia à casa de Miguel, para os estudos da noite, pensava em como encontraria forças para prosseguir; indagava-se por que às vezes tudo

lhe parecia
tão difícil e penoso. Mesmo lembrando a revelação dolorosa que Lucrecia
fizera quanto ao seu passado, sentia que às vezes as dificuldades excediam
os problemas
pessoais, como se algo maior do que suas mazelas particulares estivesse em
questão.

Demonstrava abatimento e cansaço quando encontrou Miguel. Ele, entretanto,
estava radiante. Recebeu-a à porta e disse:

- Que bom que chegou, Emilie. Esta noite será especial!

- O que houve, Miguel? - Perguntou, tentando animar-se. Olhando-a nos olhos,
ele disse:

- Parece cansada... Emilie sorriu e disse:

- São as pedras do caminho, Miguel.

- Também me sinto cansado, às vezes. Mas hoje temos motivo mais do que justo
para nos alegrar, para revigorar nossas energias e renovar nossas esperanças.

464 RENASCER DA ESPERANÇA

- O que houve?

Ele passou às mãos de Emilie um pacote semi-aberto:

- Chegou hoje da Sociedade Espírita de Paris. Trata-se do mais novo livro de
e Allan Kardec.

Emilie abriu o pacote e leu na capa o título: Imitação do Evangelho 1. Folheou
o livro e, ao ler pequenos trechos, ergueu para o amigo os olhos rasos de
água, dizendo:

- Que coisa maravilhosa, Miguel!

- Esta mensagem, que está contida na obra, veio em separado. Vamos lê-la na
reunião de hoje. Creio que irá ajudar a todos nós.

Naquela noite os estudos se realizaram com notável leveza no ambiente. Ao

final, trechos do livro recém-chegado foram lidos. No semblante dos participantes, nova luz parecia se acender, como se sutil energia os acalentasse. Depois, Miguel passou às mãos de Emilie a mensagem que viera destacada e pediu, sorrindo:

- Por favor, Emilie, leia para todos nós.

Em pé, colocando-se em profunda reverência, ela começou a ler:

"Erasto, Paris, 1863

Não percebeis desde já a formação da tempestade que deve assolar o Velho Mundo, e reduzir a nada a soma das iniquidades terrenas? Ah, bendirei o Senhor, vós que tendes fé na sua soberana justiça, e que, novos apóstolos da crença revelada pelas vós proféticas superiores, ides pregar o dogma novo da reencarnação e da elevação dos Espíritos, segundo o bom ou mau desempenho de suas missões e a maneira por que suportaram as suas provas terrenas.

1 Título dado ao livro O Evangelho Segundo o Espiritismo em sua primeira edição. (Obras Póstumas - Tradução de João Teixeira de Paula, Lake, p.151)

Lucius / SANDRA CARNEIRO 465

Deixai de temores! As línguas de fogo estão sobre vossas cabeças. Oh, verdadeiros adeptos do Espiritismo: vós sois os eleitos de Deus! Ide e pregai a palavra divina.

E chegada a hora em que deveis sacrificar os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas utilidades, à sua propagação. Ide e pregai: os Espíritos elevados estão

convosco. Falareis, certamente, a pessoas que não quererão escutar a palavra de Deus, porque essa palavra os convida incessantemente ao sacrifício.

Pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos e aos déspotas: palavras perdidas, bem sei, mas que importa!

É necessário regar com o vosso suor o terreno em que deveis semear, porque ele não frutificará, não produzirá, senão sob os esforços incessantes da enxada e da charrua

evangélicas. Ide e pregai!

Sim, vós todos, homens de boa-fé, que tendes consciência de vossa inferioridade, ao contemplar no infinito os mundos espadais, parti em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e aniquilai o culto do bezerro de ouro, que dia a dia mais se expande. Ide, que Deus vos conduzi Homens simples e ignorantes, vossas línguas se soltarão, e falareis como nenhum orador sabe falar. Ide e pregai, que as populações atentas receberão com alegria as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz..."

Emilie não pôde continuar. Envolvida pelas energias vibrantes e renovadoras das palavras que lia, não conseguiu conter a emoção e se entregou a copioso pranto reparador que não era de dor, e sim de profunda gratidão àqueles espíritos sábios e amorosos, que faziam chegar na hora certa tudo aquilo de que necessitavam. Ela se sentia constrangida diante do amor, do carinho e do cuidado com que os benfeitores espirituais cercavam a todos eles. Precisou de algum tempo para se recompor e só então terminou a leitura da mensagem.

Fora da casa de Miguel, a vida noturna em Barcelona prosseguia pulsante. Naquela mesma hora, inúmeros agrupamentos de artistas e intelectuais discutiam idéias revolucionárias e novos conceitos para o progresso da sociedade.

466 RENASCER DA ESPERANÇA

Do grupo reunido na casa de Miguel emanavam raios luminosos que envolviam o ambiente e se expandiam por toda a cidade, estendendo-se ao infinito

Nascia uma nova era de conhecimento, luz e esperança para a Humanidade.

LUCIUS / SANDRA CARNEIRO

467

Belém "A Casa do Pão

Entre, Descanse,

e siga em paz

O Grupo Cristão Assistência! Casa do Pão XXXI é uma entidade sem fins lucrativos, situada no bairro do Maracanã, região carente da periferia da cidade de Atibaia.

Desde 1998, temos como missão atuar na base da formação da criança e adolescente ajudando-os a descobrir e desenvolver seu potencial. Para isso buscamos auxiliar as crianças e suas famílias através da distribuição gratuita de alimentação, roupas e xaropes fitoterápicos, além do atendimento odontológico. Para contribuir com o desenvolvimento do potencial das crianças, implantamos na Casa do Pão o projeto Centro da Juventude Anália Franco, que oferece apoio psicológico e educacional através das atividades de diversas oficinas, como: marcenaria, padaria, apoio escolar, entre outras.

Atualmente são cerca de 110 famílias atendidas e o projeto Centro da Juventude trabalha com mais de 40 crianças.

Venha fazer parte desta família. Trabalhemos, que o céu nos ajudará! Unamos e nada poderá suplantar a nossa força! E amemo-nos para que Jesus possa se expressar através de nós. Somente assim estaremos realmente cooperando para que a caridade suavemente caminhe estabelecendo o amor na face da Terra. Seja um apoiador da Casa do Pão ou tome-se um voluntário.

Venha nos visitar.

Rua Alberto de Almeida Brandão, 187 - Maracanã - Atibaia - SP. Fone: (11)4415 1500

"Faça por um dia ou por semana um horário de serviço gratuito em auxílio aos companheiros da Humanidade"

Emmanuel

Digitalizado e corrigido na Biblioteca Braille "José Álvares de Azevedo"
Goiânia Goiás - Brasil
Junho de 2008